

SÉRIE LUTADORES

A ATRAÇÃO PODE ATRAPALHAR O
DESEJO DE VINGANÇA?



GISLAINE SOUZA



FÊNIX

A ATRAÇÃO PODE ATRAPALHAR O
DESEJO DE VINGANÇA?

Copyright © 2017 by Gislaine Sousa

Título: Fênix

Capa: Gislaine Sousa

Diagramação: IM Diagramação

Todos os direitos desta obra reservados à Gislaine Sousa.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Índice

[Índice](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Epílogo](#)

[Cena Extra 1](#)

[Cena Extra 2](#)

[Cena Extra 3](#)

[Agradecimento](#)

[Playlist](#)

[Próximo Livro](#)



PREFÁCIO

Clandestina:

O termo "Clandestinidade" designa a situação em que uma pessoa vive quando se encontra fora da legalidade. Geralmente, refere-se a alguém que reside num país que não é o seu, ou que terá saído do seu próprio país pelos mais diversos motivos. Pode também referir-se a alguém que comete crimes e que se encontra em fuga às autoridades.

Em regimes ditatoriais, a clandestinidade é uma das poucas formas de se conseguir exercer oposição às políticas impostas pelo partido no poder, exigindo na maior parte das vezes uma situação bastante precária, não havendo direito a documentos e identificação oficiais, ignorando assim a existência do indivíduo perante o estado. Diz-se que, o que é clandestino, normalmente se faz às escondidas, evitando cair no conhecimento público.

É frequente se ler nos jornais referências a organizações clandestinas ou destilarias clandestinas, entre muitas outras, mas também se classifica como relações clandestinas aquelas que duas pessoas mantêm de forma oculta, à margem de seus matrimônios estáveis.

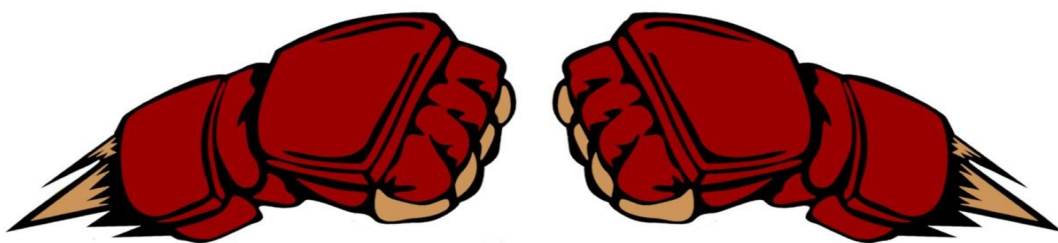
Lutas:

Luta (em inglês: wrestling) é uma arte marcial que utiliza técnicas de agarramento como a luta em clinch, arremessos e derrubadas, chaves, pinos e outros golpes do grappling. Uma luta é uma competição física entre dois (às vezes mais) competidores ou parceiros de sparring, que tentam ganhar e manter uma posição superior.

Há uma grande variedade de estilos, com diferentes regras tanto nos estilos tradicionais históricos, quanto nos estilos modernos. Técnicas de luta foram incorporadas por outras artes marciais, bem como por sistemas militares de combate corpo à corpo.

Máfia:

Máfia são organizações criminosas cujas atividades estão submetidas a direção de membros que sempre ocorre de forma oculta e que repousa numa estratégia de infiltração da sociedade civil e das instituições. Os membros são chamados de mafiosos (no singular: mafioso).



PRÓLOGO

*Pela graça do fogo e das chamas
Você é o rosto do futuro
O sangue em minhas veias
O sangue em minhas veias
Mas eles nunca se afogaram,
Viveram pra sempre
Vazando e fluindo, inibidos, limitados
Até que romperam e a chuva caiu*

Imagine Dragons – Believer

Dominic

Março de 2009...

Hoje tenho uma luta. Estou ansioso para o momento chegar. Faz quase três dias que estou me preparando, a grana é muito boa e com ela vou conseguir comprar o presente de aniversário da minha irmã. Ela está prestes fazer dezoito anos, e a data não pode passar em branco assim como aconteceu nos anos anteriores. Após sair do banho com algumas gotas escorrendo pelo meu tórax, vou em direção ao meu quarto e dou alguns socos no ar.

O meu apartamento está localizado no bairro de Watts, no subúrbio de Los Angeles. Pelo mais surreal que pareça, é um bairro muito tranquilo durante o dia, mas durante a noite as ruas são perigosas. Moro junto com minha irmã caçula, Penélope, cuido dela desde que minha mãe resolveu entrar no mundo das drogas e meu pai foi preso. Tento dar do bom e do melhor na medida em que posso para minha irmã, sempre tento agradá-la, mas ela tem que fazer por merecer.

Sempre cobro que estude, tenha boas notas na escola, seja uma boa aluna e não se envolva em nenhuma encrenca. O apartamento onde moramos está literalmente caindo aos pedaços, tem rachaduras *pra* tudo quanto é lado, infiltração e poucos móveis. A grana que consigo com as lutas, eu guardo para que no futuro possamos morar em um apartamento melhor, mas hoje em dia está difícil. As dívidas vêm aumentando, os problemas crescendo e tenho que colocar comida na mesa.

— Dom, seus amigos estão aqui. — Ouço minha irmã gritar.

Olho no relógio na parede mofada e vejo que já são onze horas da noite. A luta começa daqui meia hora e para minha sorte o lugar onde acontecem as lutas fica no estabelecimento na esquina da rua da minha casa. Visto a roupa que eu estou acostumado a lutar e saio do quarto.

Caminho pelo pequeno corredor até chegar à sala de estar e vejo dois dos meus amigos. Oliver e Jensen sentados no sofá surrado de cor marrom. Cumprimento cada um e paro ao lado da minha irmã. Ela está sentada no chão pintando as unhas dos pés e em seus cabelos tem diversos negócios redondos.

— Já está tarde para você ainda estar acordada, Penélope.

— Estou terminando de pintar minhas unhas, Dom.

— Você podia ter feito isso mais cedo ou amanhã.

— Amanhã é meu aniversário e eu vou sair com uma nova amiga.

— Nova amiga? — Questiono intrigado.

— Sim, ela se chama Emily.

O meu cenho se franze ao escutar esse nome, mas resolvo deixar quieto por enquanto. Dou um tapa na cabeça do Oliver por ele estar olhando para as pernas da minha irmã e ele bufa com um sorriso idiota nos lábios. Tenho quatro amigos e a regra é clara; *todos são proibidos de tocar um dedo na minha irmã ou tentar algo com ela.*

Despeço-me de Penélope, ela me deseja boa sorte e me pede para voltar para casa logo. Saio do meu apartamento com meus amigos, e logo chegamos à rua.

Silenciosas, escura e sombria.

— A grana de hoje é muito boa. — Jensen comenta.

— Muito boa e eu não posso perder de jeito nenhum.

— Não vai perder, o cara com quem vai lutar é um merda. — Oliver debocha.

— Não importa quem seja, vou lutar até o último segundo.

— E voltar inteiro. — Jensen reforça o pedido da minha irmã.

Todos os meus amigos estão cientes que, se acontecer algo comigo eles terão a responsabilidade com minha irmã, ela tem somente a mim, mesmo que nossa mãe tente nos visitar quando quer. Chegamos em frente ao *Fight*, cumprimos os seguranças que ficam na porta e descemos uma pequena escada.

O ambiente em que acontecem as lutas é horrível. Os espetadores ficam nas arquibancadas ao redor do *ringue*, os investidores ficam nas cabines acima, a uns dez metros de altura do chão e torcem pelos seus lutadores.

O chão de cimento tem alguns vestígios de sangue seco e me lembro que já cai nesse chão, poucas vezes. No início, eu perdia sempre, mas comecei a me dedicar praticamente todas as horas que eu estive livre e me tornei um dos melhores lutadores. Os outros lutadores, considerados os melhores, são meus amigos: Jensen, Oliver, Noah e Leon.

— Espero que ganhe Turner, as apostas foram muitas, e altas. — Anthony comenta chegando perto de mim.

Anthony é um cara de mais de cinquenta anos, é dono do *Fight* e um grande investidor. Ele é empresário de alguns lutadores profissionais e diversos deles saíram daqui. Eu amo lutar, mas amo ainda mais o dinheiro que ganho.

Apenas concordo com a cabeça, ando em direção ao corredor que dá acesso a algumas salas e entro na primeira porta. Aqui é uma sala especial, somente eu e meus amigos entram aqui. Temos sofás de boa qualidade, uma mesa cheia de comida e um banheiro bem equipado para atender qualquer incidente da luta.

Ele está equipado com diversos primeiros socorros, ainda bem que nunca precisamos usar para algo muito grave. Sento-me no sofá de cor escura, retiro a

camiseta cinza que estou usando e a deixo jogada no sofá. Oliver já está atacando a mesa de comida e Jensen o pequeno frigobar.

Oliver já passou por coisas parecidas com as minhas, seus pais não são dos melhores, mas pelo menos não estão presos ou envolvidos com drogas. Jensen e Leon são irmãos, e filhos de pais ricos, mas gostam de lutar e deixar os pais loucos. Eles trabalham com o pai, estão tentando seguir no mesmo rumo e estão conseguindo. Estão aprendendo a serem excelentes empresários do ramo aéreo e Jensen conseguiu colocar Oliver no mesmo ramo, ele está como seu assistente.

— Não vai comer? — Oliver me pergunta e nego com um aceno de cabeça.

Estalo meus dedos e prendo minha atenção na porta quando ouço dois toques. Ela se abre em seguida e Anthony entra junto com um rapaz. Levanto de onde estou sentado e cruzo meus braços em frente ao corpo. Jensen e Oliver ficam ao meu lado, e encaramos Anthony.

— Rapazes, esse daqui é Eduard Lewis. O pai dele, James Lewis, é um grande investidor e o mandou vir assistir a luta de vocês. — Anthony informa.

— É um prazer conhecer vocês, já ouvi falar muito bem de todos. — Eduard nos cumprimenta com um aperto de mão e coloca as mãos dentro do seu jeans caro. — Qual de vocês é o Turner, mais conhecido como *Fênix*?

— Sou eu.

— Então é você que irá lutar hoje?!

— É o que parece.

— Pode ficar à vontade senhor Lewis. Daqui a pouco venho chamá-los. — Anthony avisa antes de se retirar.

Sento-me novamente onde eu estava, Eduard se senta no sofá á minha frente e olha ao redor. O que será que esse *almofadinha* está querendo por aqui?

— Veio assistir e ver como está sendo investido seu dinheiro, senhor Lewis? — Jensen pergunta debochado se sentando ao meu lado.

— Só Eduard, por favor. — Lewis pede. — Vim por isso e porque também gosto de luta.

— Gosta? — Oliver pergunta intrigado. — Não parece.

— Mas é verdade. Luto há três anos mais ou menos e recentemente descobri o *Figth*. — Eduard comenta.

Essa é boa. Eu jamais imaginaria que esse *almofadinha* gostasse de lutar, adoraria levar ele para o meio da galera e lutar na frente de todos.

Melhor parar de pensar em bobagens e me concentrar para a luta daqui a pouco.

Não sei o nome, e nem quem é meu adversário essa noite. Oliver disse que ele é um *merda*, isso quer dizer que irei ganhar fácil a luta. Estalo meu pescoço, faço a mesma coisa com os meus pulsos e me levanto do sofá.

Ando de um lado para o outro balançando os meus braços, me *libertando* de qualquer coisa ruim. O silêncio se instalou entre nós e isso é bom. Os meninos sabem que eu gosto do silêncio enquanto me preparo. Meus pensamentos viajam até Penélope. Não gosto de deixá-la sozinha, mas também não gosto de trazê-la para cá. Aqui não é ambiente para uma adolescente.

— Dom... — Ouço a voz do Oliver e o encaro. — Está quase na hora.

— *Uh-uh*. — Murmuro.

— Está pronto? — A pergunta vem de Jensen e eu apenas concordo com a cabeça. — Está pronto Dominic?

— Sempre. — Respondo o que ele quer ouvir o fazendo sorri diabolicamente.

— Me fala mais sobre os investimentos do seu pai aqui nesse lugar... O *Fight*. — Jensen pergunta encarando Eduard.

— Meu pai pretende aumentar esse lugar, ele quer reformar e legalizar as lutas. — Eduard explica.

— Legalizando o dinheiro diminuiria. — Oliver comenta.

— Muito pelo contrário, as apostas aumentariam assim como o dinheiro que vocês irão receber. — Eduard informa.

Paro de andar de um lado para o outro e o encaro. Duvido que aumente, os caras só vão querer benefícios para si mesmos e os lutadores que se fodam.

— Aumentaria para ambos os lados?

— Sim. Meu pai irá virar dono do *Fight* e o valor da aposta mínima para cada lutador seria de dez mil dólares. Metade do dinheiro da aposta iria para o lutador vencedor. — Eduard informa me encarando de volta.

Está tudo muito confuso, muito mal explicado. Balanço a cabeça de forma negativa, ando em direção ao saco de pancadas pendurado e dou alguns socos após colocar as ataduras em minhas mãos com a ajuda de Oliver. Sinto meus músculos se contraírem a cada soco, dou alguns pulos e volto dando uma grande sequência de socos.

O barulho da porta se abrindo chama minha atenção, eu olho para trás e meus olhos se fixam na garota parada na porta. O seu olhar cruza com o meu, ela sorri sem jeito e Eduard entra em meu campo de visão indo até a garota.

— Eu pedi para você me esperar onde eu te deixei. — Eduard murmura.

— Eu sei, mas quis vir conhecer os maiores de perto. — A garota fala encarando Eduard e passa por ele em seguida parando no meio da sala. — Olá garotos, eu sou Emily Lewis.

— Prazer, senhorita Lewis. — Oliver se aproxima da garota e beija o dorso de sua mão.

Emily não dá muita atenção ao Oliver parado em sua frente porque seus

olhos estão fixos em mim. Aproximo-me dela, beijo o dorso de sua mão e olho no fundo dos seus olhos. Ela é *linda!* Cabelos cor de mel, olhos claros, corpo alto e esguio.

Ela está vestindo uma calça jeans justa em suas longas pernas, uma bota preta de salto em seus pés e uma camiseta branca acompanhada de um blazer preto. Solto sua mão devagar e dou um passo para trás me afastando. Seus olhos tem um imã me fazendo olhar diretamente para eles e não consigo desviar nem por um segundo.

Ela já está conseguindo tirar o meu juízo.

[...]

Ontem ganhei uma bolada de dinheiro, um dinheiro que vai ser gasto rapidamente, mas uma pequena parte dele foi usada com o presente da minha irmã. Saí de casa após ela ir para o colégio e fui até o shopping mais perto. Eu sabia exatamente o que comprar, um par de salto alto da *Louis Vuitton* que acompanha uma bolsa. Ambos são pretos e eu espero que ela goste.

Tive que deixar de pagar mais uma conta de luz para comprar esse presente, já são três contas atrasadas e eu estou com medo da companhia cortar a energia. Coloco o presente em cima da mesa, ao lado do bolo que comprei e aguardo ansiosamente pela chegada da minha irmã. Durante a tarde ela saiu com algumas amigas e até agora não chegou. Olho no relógio mais uma vez e suspiro. Já são quase oito horas da noite e nada. Tenho medo de ter acontecido alguma coisa com ela.

— Elas estão chegando, a Lola acabou de me avisar. — Leon avisa.

Todos os meus amigos estão aqui: Jensen, Oliver, Noah e Leon. Lola é amiga da minha irmã e namorada do Leon há alguns meses. Jensen apaga a luz, ficamos perto da mesa do bolo e a porta é aberta em seguida. Mais de quatro vozes femininas preenche o ambiente, a luz é acesa e a Penélope leva a mão à boca quando vê a surpresa que preparei. É simples, mas é de coração.

— Eu não acredito, Dom. — Penélope corre em minha direção, abro meus braços e ela se joga entre eles. Beijo o topo de sua cabeça e recebo um soco no meu ombro. — Você sabe que não precisava, eu não faço questão de ter essas frescuras.

— Para de ser chata e aceite a surpresa que o seu irmão te fez. — Lauren, amiga da minha irmã fala.

Algo puxa meu olhar para a porta e eu *a* vejo olhando diretamente para mim. *Emily Lewis*. Ela está sorridente, mas seus olhos estão fixos nos meus.

O que ela faz aqui?

Um estalo me faz lembrar que *minha* Emily é a mesma Emily, a nova amiga da minha irmã.

Minha Emily? De onde surgiu isso?

Lola e Lauren me cumprimentam com dois beijos no rosto, e vão em direção os outros. Penélope segura na minha mão e me puxa em direção à Emily. O mundo é tão grande, mas tão pequeno ao mesmo tempo.

— Dom, essa é Emily, Em, este é meu irmão, Dominic. — Penélope nos apresenta.

— Nós já nos conhecemos. — Informo.

— Já? — Penélope questiona intrigada.

— Sim, nos conhecemos na noite anterior, no *Fight*. — Emily informa.

— Que mundo pequeno. — Penélope comenta num sussurro e sorri logo em seguida. — Vamos cortar o bolo!?

— Claro. — Emily e eu falamos juntos.

Penélope vai em direção à mesa saltitante, encara a caixa e me direciona um sorriso aberto. Faço um aceno de cabeça para ela abrir a caixa, ela a pega e abre o embrulho dourado devagar. Lola puxa Emily levando-a para perto da mesa do bolo e eu encosto-me à pilastra que divide a sala da cozinha.

Penélope solta um grito quando vê o presente, pula diversas vezes e corre na minha direção. Suas pernas rodeiam minha cintura, seus braços o meu pescoço e recebo diversos beijos em meu rosto como agradecimento. Coloca-a de volta no chão, ela volta para a mesa e todos cantam parabéns.

Percebo os olhos da Emily em mim diversas vezes durante a música e algo dentro de mim, me pede para ficar longe dessa garota. Mas tem algo nela que me atrai fortemente. Penélope corta o pequeno bolo, serve cada convidado com um pedaço e uma pequena garrafa de cerveja. Sento-me na janela da sala de estar, deixo o bolo em cima da velha televisão e levo a garrafa à minha boca.

— Não sabia que elas se conheciam. — Jensen comenta parando ao meu lado.

— Eu também não.

— Isso não é bom, Dom. — Ele alerta me fazendo encara-lo. — Classes diferentes.

— Somos de classes diferentes também e somos melhores amigos.

— Elas são mulheres, Emily deve ser mais velha do que a sua irmã e tem tudo que quer. A sua irmã, não. Você dá seu sangue para conseguir dar uma *boa* vida para ela.

— Jensen...

— Como você comprou aquele presente caro para a sua irmã? — Ele questiona.

— Eu não paguei algumas contas, mas foi por um bom motivo. — Murmuro.

— Você acha que a Lewis precisa fazer isso para comprar a mesma coisa?

— Lógico que não. — Resmungo.

Que pergunta idiota! Claro que Emily não precisa se sacrificar para conseguir o que quer. Bebo um grande gole da minha cerveja, Jensen percebe minha irritação e se afasta. *Que droga!* Não gosto que fiquem jogando nada na minha cara. Eu sei que tenho as minhas limitações assim como minha irmã.

Somos diferentes da Lewis, mas minha irmã não liga para essas coisas. Ela se importa somente com uma amizade verdadeira. Tenho que saber onde e como elas se conheceram. Tenho que estar sempre vigiando minha irmã, não quero que nada de ruim aconteça com ela.

— Foi muito bem na luta ontem. — Uma voz suave atrapalha meus pensamentos e eu olho para o lado. Os meus olhos se conectam com os de Emily. — Sabia que você era bom, mas não imaginei que era *tão* bom.

Ela ri. É um riso leve e me faz sorrir.

— O meu adversário era fraco.

— Não achei isso. Aliás, eu até fiquei um pouco em dúvida de quem ganharia.

— Ele era fraco. — Retorno a dizer a fazendo revirar os olhos. — Então, você é apreciadora de lutas?

— Sim. Meu irmão e eu gostamos de lutar, mas minha mãe é um pouco contra. — Emily comenta chateada.

— Penélope gosta de lutar, mas eu não deixo. Não acho que seja algo apropriado, ainda mais para a idade dela.

— Não seja apropriado para uma mulher fazer? — Emily questiona.

— Não, mas não estou sendo machista. Só acho um pouco violento.

— Isso é machismo! — Ela exclama. — Quase tudo é violento quando praticado de forma errada. Eu uso a luta como um hobby e para me defender, caso precise.

— Eu ensinei poucas coisas para Penélope, ela sabe se defender, mas não precisa praticar a luta.

— Entendo. — Emily murmura num tom baixo e leva sua garrafa a boca.

Meus olhos seguem seus pequenos gestos, sua língua umedece seus lábios e isso surge efeito diretamente no meu pau. *Opa! Esqueça isso Dom!* Emily é uma linda garota, mas não é para o meu bico. Desde o momento em que a vi ontem, meu cérebro fez questão de criar imagens pecaminosas com ela. Algo que eu tentei não pensar, mas é muito difícil. Ainda mais ela fazendo gestos tão simples, mas excitantes ao mesmo tempo.

Desvio o olhar, encaro as ruas desertas á essa hora da noite e depois encaro a lua. Desde que nasci, minha vida nunca foi fácil. Meus pais eram pessoas do crime e das drogas, eles nunca quiseram sair desse mundo, mas eu nunca quis viver nesse meio. Quando comecei a entender as coisas, decidi que jamais me envolveria com drogas ou com o crime. Conheci o *Fight* quando tinha apenas doze anos e Penélope nove.

Na mesma época meu pai foi preso por roubar uma loja e matar o dono, minha mãe entrou em depressão e foi morar nas ruas por conta das drogas. Comecei a ganhar uma grana limpando o chão onde aconteciam as lutas e com o passar dos anos comecei a treinar com a autorização de Anthony. Aos meus dezesseis anos, eu comecei a lutar pra valer e a juntar dinheiro. Continuei morando no apartamento onde sempre morei, mas quero me mudar daqui muito em breve.

— Você não comeu o bolo, Dom. — Penélope fala chamando minha atenção.

— Você sabe que eu não gosto muito de bolo. — Puxo-a para os meus braços e beijo o topo de sua cabeça. — Onde você conheceu a senhorita Lewis?

— Apenas Emily, por favor. — Emily pede.

— Nos conhecemos no colégio... — *Emily tem quantos anos?* Pergunto para mim mesmo assustado e volto a prestar atenção no que minha irmã está contando. — Ela e a mãe dela foram dar uma palestra, eu fui conversar com a Em e ficamos amigas.

— Amigas de repente?

— Ai Dom. Você sabe que eu faço amizades muito rápido.

— Eu sei, Pen. Fiquei curioso para saber como se conheceram.

— Dom é muito cuidadoso comigo, Em. Sempre está de olho nas pessoas que ficam perto de mim, falam comigo. Muito protetor. — Penélope comenta.

— Meu irmão tenta ser, mas falha drasticamente. — Emily comenta divertida.

Penélope pede licença e se afasta de nós quando Lauren a chama. Emily continua parada perto de mim, mas conversa com Lola. Oliver me avisa que já está indo porque vai encontrar uma garota, o levo até a porta e ele se vai. Vou para a cozinha, coloco os pratos sujos dentro da pequena pia de aço e me assusto quando sinto uma mão tocando meu braço. Largo o que estou fazendo, olho para o lado e vejo que é *ela*.

— Você pode me mostrar onde é o banheiro? — Emily me pede.

Apenas concordo com a cabeça e sigo pelo pequeno corredor indo em direção à porta velha no final do mesmo. Indico a porta para Emily, volto para a sala de estar e Penélope corre em minha direção com cara de pedinte.

Oh, não!

Cruzo os meus braços em frente ao meu corpo e a encaro.

— Dom, as meninas podem dormir aqui?

— Pen...

— Por favor. No meu quarto cabem todas. A Lauren dorme na mesma cama que eu, e a Emily pode dormir no colchão com a Lola.

— Emily também? — Engulo em seco.

— Sim, por quê? — Penélope questiona.

— Por nada. — Dou de ombros. Sei que minha irmã não vai cansar de pedir até que eu deixe as meninas ficarem aqui. — Elas podem, mas eu não quero bagunça.

Penélope dá um beijo em minha bochecha e eu apenas sorrio. Os únicos dois quartos que tem aqui em casa não são grandes, mas não é tão pequeno também. No quarto da Penélope cabem todas as suas bagunças, sempre teve espaço suficiente para as amigas se acomodarem e hoje cabe a Emily também. O nome da minha irmã é falado por uma voz suave, Pen sai das minhas vistas e eu encaro o chão.

Eu nunca me importei que as amigas da minha irmã ficassem aqui em casa, mas agora é diferente. Emily está junto, está se aproximando das meninas e tenho muito receio dessa amizade. Mas é bom que minha irmã esteja com as amigas hoje, tenho certeza que ela tinha esperanças que nossa mãe viesse vê-la e até mesmo dizer que tinha se livrado do vício.

Percebi que Jensen não ficou nenhum pouco contente com essa aproximação entre elas, mas ele não tem o direito de opinar nada. Olho o relógio em meu pulso, vejo que já são nove horas da noite. Hoje à noite não irei ao *Fight*, não há nenhuma luta para mim. Leon e Noah surgem na minha frente afastando meus pensamentos.

— Fala para a Lola que ela não pode dormir aqui, Dominic. — Leon me pede.

— Por quê? — Questiono.

— Apenas faça isso. — Leon resmunga irritado.

— Eu já autorizei e a Pen já deve estar organizando tudo.

— Caralho, Dominic.

Leon sai pisando duro em direção à sala de estar, Noah gargalha e eu o acompanho. Não entendi muito bem o que o Leon queria, mas uma possibilidade se passou pela minha mente. Noah e Leon se despendem de todos, eu os acompanho até a porta e as meninas vão para o quarto da Pen. Sento-me no sofá oposto a Jensen, ele me encara com a expressão séria e eu arqueio uma sobrancelha.

— Você vai se arrepender de estar deixando essa garota se aproximar. — Jensen avisa num tom baixo.

— Para de loucura, Jensen.

— Não é loucura e você vai ver que eu estou certo.

— Eu só estou tentando deixar minha irmã feliz, cara. Ela quer a nova amiga por perto, fazendo coisas de garotas.

Jensen abre a boca para argumentar, mas a fecha em seguida. É melhor mesmo! Estalo meus dedos e pescoço. Jogo minha cabeça para trás e respiro fundo. Ontem a luta foi boa, estou sem hematomas, sem nenhum arranhão, mas não posso dizer o mesmo do meu adversário.

Sorrio sozinho lembrando a cena dele caído no chão com o rosto todo machucado. Olho para o pequeno corredor quando ouço alguém correndo em direção à sala de estar e logo minha irmã entra na sala. Seu cabelo está amarrado no alto, no seu corpo tem um short solto na cor branca e uma regata rosa.

— Dom, você vai para o *Fight*?

— Não, por quê?

— Você... Vai ficar aqui em casa, então?

— Onde mais eu ficaria? — Questiono a fazendo bufar.

— Chato! Era só uma pergunta. — Penélope murmura e some no corredor novamente.

[...]

Duas horas mais tarde...

Continuo sentado no mesmo lugar, mas agora estou sozinho. Faz alguns minutos que Jensen foi embora e as meninas continuam no quarto da Pen. Estou entediado, não estou acostumado a ficar em casa a essa hora da noite e muito menos *sozinho*. Me espreguiço, levanto do sofá e caminho em direção ao meu quarto. Amanhã cedo dou um jeito na cozinha, ou deixo para minha irmã fazer.

Antes mesmo que eu possa entrar no meu quarto, a porta do quarto da Pen se abre e Emily aparece na minha frente. Meus olhos passeiam pelo seu corpo até fixarem nos seus olhos claros. Ela está usando uma roupa parecida com a que minha irmã estava usando quando falou comigo, mas a da Emily é da cor preta e com certeza cara.

— Precisa de alguma coisa?

— Talvez. — Emily morde o lábio inferior e sorri. — Estava indo dormir?

— Não.

— Posso conversar um pouco com você? — A sua pergunta me deixa

surpreso.

— Conversar comigo? — Questiono.

— Sim. — Emily afirma olhando fixamente para mim.

Estou um pouco intrigado com esse pedido, mas apenas concordo com um aceno de cabeça. Entro no quarto dando passagem para ela que sorri e passa por mim. Eu sou uma pessoa organizada, ao contrário da minha irmã. Meu quarto não é chique como a Emily deve estar acostumada. As paredes com algumas rachaduras, a cama velha de casal fica no meio do quarto e o guarda roupa caindo aos pedaços é da cor marrom.

O chão não tem piso e nem nada parecido, é apenas de cimento pintado de cor marrom. A janela velha de madeira nem abre mais, tem um buraco no vidro que está tampado com um pedaço de papelão. Emily se senta igual índio na minha cama e eu me sento também, mas afastado dela.

— Foi uma boa luta ontem.

— Obrigado, o adversário era fraco, mas teve momentos que ele esteve forte.

Ficamos conversando sobre as lutas e nossas opiniões sobre as outras que tiveram também, até que Emily toca no assunto da compra do *Fight*.

— Eu fiquei sabendo que meu irmão não soube explicar como vai funcionar caso meu pai compre o *Fight*. — Emily me encara ao falar e em seguida morde o lábio inferior.

— Fiquei sem entender a *explicação* dele.

— É o seguinte, meu pai vai comprar o *Fight*, vai legalizar as lutas e os números de lutas irão aumentar um pouco. Haverá investidores para cada tipo de lutador, os melhores terão mais de um investidor. As apostas vão aumentar e o dinheiro será dividido entre meu pai, os lutadores e os apostadores.

— O dinheiro será pouco.

— Muito pelo contrário. As apostas serão acima de dez mil dólares por apostador.

— Não tenho o direito de opinar muito sobre isso, sou apenas um dos lutadores.

— Um dos melhores. — Emily comenta sorridente.

Passamos boa parte da noite conversando sobre as mudanças que haverá no *Fight* e confesso que por uma parte será muita boa, mas por outra nem tanto. Ao passar dos minutos eu percebi que Emily não é igual aquelas meninas nojentas, cheias de frescuras e mimadas.

Emily é *gente como a gente*, temos gostos em comum, pensamentos em comum e vontades em comum. Ela me contou um pouco sobre a sua vida e eu mantive a minha em segredo. Não quero ficar comentando sobre as coisas

erradas que meus pais fizeram e continuam a fazer.

Emily me contou que sua mãe é apenas uma mulher que vive para a família, não trabalha e não se envolve com os negócios do marido. Surpreendi-me quando soube que Emily disse que é apenas um ano mais nova que eu e é irmã gêmea de Eduard.

Ela gosta de lutar já faz uns três anos e conheceu o *Fight* através do irmão. Disse que gostaria de ter uma oportunidade de lutar lá, mas somente quando o pai dela fizer as reformas necessárias e legalizar.

[...]

Já se passaram alguns dias e posso dizer que estamos íntimos um do outro. Ela sempre vem aqui em casa, sempre nos vemos no *Fight* e sempre estamos conversando. Jensen está odiando essa aproximação, ele sempre fala que isso nunca vai acabar bem. Hoje é sábado, quase seis horas da tarde e estou na cozinha pensando o que vou cozinhar.

Sou muito bom na cozinha, é praticamente o meu hobby estar cozinhando, mas nem sempre eu posso estar fazendo isso. Jensen está jogado no sofá da minha sala de estar bebendo cerveja e assistindo um jogo de *rugby*. O barulho da porta velha se abrindo chama minha atenção, eu olho para a entrada e vejo minha irmã entrando um pouco desanimada.

— O que foi, Pen? — Questiono preocupado.

— Eu sei das nossas limitações, mas às vezes isso me atrapalha um pouco.

— Do que você está falando?

Jogo levemente o pano de prato em cima da velha mesa de madeira, me aproximo da minha irmã e acaricio os seus cabelos negros.

— Hoje... As meninas combinaram de ir numa festa no centro... Mas eu não posso ir. — Penélope confessa de cabeça baixa.

— Pen, você tem apenas dezoito anos.

— Esse não é o problema, Dom e você sabe.

— Classes diferentes. — Jensen fala chamando nossa atenção.

— Você também é de classe diferente e ninguém fica falando nada *pra* você. — O tom de voz da minha irmã sai rude e ela está apontando um dedo para o meu amigo.

— Não falei por mal. — Jensen levanta as mãos em sinal de rendição.

Penélope não fala mais nada, passa por mim pisando duro e em seguida ouço a porta do seu quarto bater. Penélope sempre foi de criar amizades fáceis e nunca se importou se a pessoa é classe inferior ou superior, mas ela está numa idade que as coisas começam a diferentes surgem efeitos em sua vida.

Por exemplo, quando ela era mais nova não era chamada para as festas que visavam de qual status a pessoa é ou se precisa mostrar que tem dinheiro ou não. Festas em boates do outro lado da cidade. Não temos dinheiro para sair ou ir nessas festas. Encosto na pilastra e encaro meu amigo. Caralho! Ele não precisava jogar a verdade na cara da minha irmã.

— Jensen, ela nunca se importou com essa merda de classes diferentes.

— Alguém tem que começar a falar a verdade para a Penélope, a fazer abrir os olhos. — Jensen murmura.

— Ela sabe da verdade, só não quer vivê-la.

— Dom, sua irmã só vai ficar mal cada vez que isso acontecer.

— A deixe ter as amizades que quiser, ela sabe das possíveis consequências.

— Tudo bem, Dom. Não está mais aqui quem falou, simples assim.

Jensen deixa a garrafa de cerveja no chão, pega o casaco em cima do sofá e sai batendo a porta. Suspiro frustrado, volto para a cozinha e olho os armários. Estão quase vazios e não tenho muitas opções para cozinhar. Quer saber, vou sair para comprar alguma coisa.

Pego minha carteira em cima do armário da cozinha, vejo que tenho apenas cinquenta dólares. Nesses últimos dias participei de algumas lutas e consegui pagar as contas que estavam atrasadas, mas não consegui fazer compras. Ando em direção à porta, seguro na maçaneta e a giro abrindo a velha porta. Surpreendo-me ao ver Emily, ela sorri e mostra duas sacolas que está em suas mãos.

— Estava por perto e resolvi vim aqui. Talvez possamos jantar juntos. — Emily dá de ombros.

— Eu estava saindo para comprar alguma coisa agora.

— Então não precisa mais ir comprar.

— Em...

Emily dá um beijo na minha bochecha e entra chamando minha irmã. Ela coloca as sacolas em cima da mesa da cozinha, vai até a porta do quarto da minha irmã e bate na porta. Volta para a cozinha saltitante, abre as sacolas e retira de lá três potes médios. Leio o nome rapidamente e sorrio ao saber que é comida mexicana. Penélope aparece na cozinha com os olhos vermelhos de choro, abraça a amiga e se senta.

— Por que está tristonha? — Emily pergunta a minha irmã.

— Bobagem. — Pen resmunga.

Emily revira os olhos, nos sentamos à mesa e começamos a comer. O clima não está nada agradável por causa da Penélope e eu prefiro ficar na minha. O jantar passou rapidamente, Pen avisa que iria voltar para o quarto para estudar para uma prova na segunda feira. Emily e eu sentamos no mesmo sofá da sala de

estar. Bebo mais um gole da minha cerveja e coloco a garrafa no chão.

— Não vai ir lutar hoje?

— Vou mais tarde só.

— Quem é o seu adversário?

— Eu nunca sei, isso sempre é um pedido meu.

— Entendo. — Emily morde o lábio inferior. — Sabe... Eu não sou nenhuma criança e quando eu quero uma coisa. Eu consigo.

— Do que você está falando? — Pergunto confuso.

Emily coloca sua garrafa de cerveja no chão, senta no meu colo e sua boca ataca a minha. Não estou surpreso com isso, confesso que até queria isso já tem um tempo. Passo os meus braços pela sua cintura, ela segura o meu rosto entre suas mãos e as nossas línguas se encontram.

Eu aperto os meus braços em volta da sua cintura, Emily rebola em meu colo e geme contra a minha boca. Minha adrenalina está lá em cima e a temperatura do meu corpo subiu assim como o ambiente onde estamos. Parece que o mundo ao nosso redor parou deixando-nos aproveitar esse momento único. Sim, é único. Não acho que isso volte a acontecer tão cedo.

— Dom... — A voz da Penélope me faz desgrudar a boca da Emily. — Desculpa. Eu não imaginei que... Vocês estariam...

— Pen...

Tento explicar, mas ela levanta a mão me impedindo de explicar alguma coisa. Emily sai do meu colo, ajeita a roupa e deixa os braços atrás do corpo. O rosto da minha irmã não expressa nenhuma reação, a não ser, o pequeno sorriso nos lábios.

— Não precisam se explicar e nem nada parecido. Eu não me importo se vocês estão transando. Eu só peço para não presenciar nada impróprio aqui na sala de estar. — Penélope dá de ombros e volta para o seu quarto.

Olho para Emily esperando alguma palavra, mas nada sai de sua boca. Ela olha para mim, sorrir e dá de ombros.

— Ouviu o que a sua irmã disse? Não podemos fazer nada impróprio aqui. — Emily se aproxima de mim em passos lentos.

— E o que você quer dizer com isso?

Espero que seja o que eu estou pensando.

— Que devemos ir para o seu quarto.

Não espero mais nenhuma palavra, levanto de onde estou sentado e jogo Emily em meus ombros. Ela solta um grito de surpresa seguida de um riso contagiante e dá um tapa na minha bunda.

Ousada.

Adentro no meu quarto, fecho a porta com o pé e jogo Emily na cama. No

seu rosto tem um sorriso triunfante, vitorioso e eu balanço a cabeça de forma negativa. Essa garota ainda não viu nada. Aproximo-me a encarando nos olhos, me ajoelho entre as suas pernas, Emily pega em minhas mãos tentando leva-las para o seu corpo, mas eu não deixo.

— Apressada. — Sussurro.

Ela revira os olhos e deixa os braços esticados para os lados. Passos as minhas mãos nas lindas e sedosas pernas de Emily, ela se arrepia com meu toque e sorri ainda mais de olhos fechados. Eu tenho certeza que ela sonhou com esse momento, assim como eu. Eu via como ela me *comia* com os olhos sempre que me via e eu gostava disso, não vou mentir, mas nunca quis acreditar que algum dia poderia acontecer algo.

— Esperei por isso desde o dia que eu coloquei os meus olhos em você no *Fight*, agora que eu estou quase conseguindo você fica demorando.

Gargalho da sua confissão e colo os nossos lábios. Minha língua explora sua boca de forma sensual e habilidosa. As mãos de Emily vão até minha cabeça, retira meu boné e o joga longe. Aperto sua coxa, ela arqueia o corpo e puxa o meu lábio inferior entre os dentes. As mãos dela passam pelo meu braço indo em direção a barra da minha camiseta e a retira.

Desgrudo as nossas bocas, desço pelo seu pescoço mordendo e lambendo. Deslizo a fina alça da regata que Emily está usando, beijo seu ombro nu e sorrio contra a sua pele quando sinto a mão da Emily apertar a minha ereção por cima da calça jeans surrada. Ela está mostrando o que quer e está tentando tomar o controle da situação, mas não vou deixar isso acontecer.

Desço a minha boca pelo seu colo nu, chego à parte do seu seio esquerdo e respiro fundo tendo total ciência do que estou fazendo. Consigo ver seus mamilos rígidos através da sua regata. Raspo os meus dentes no seu mamilo esquerdo por cima da peça de roupa e um suspiro de excitação escapa da sua boca me dando mais liberdade ainda. Desço minha mão direita pela lateral do seu corpo, vou até o cós de sua calça jeans e adentro na mesma à procura de sua intimidade, mas paro quando Emily se mexe inquieta embaixo de mim.

— Fica quieta. — Peço.

Retiro minha mão de dentro de sua calça, seguro na barra de sua camiseta e a puxo para cima deixando Emily com os seios nus na minha frente. Médios e empinados com mamilos rosados. Abro o botão de sua calça, saio da cama e ela me ajuda a tirar a peça do seu corpo. Sua calcinha branca atrai o meu olhar, umedeço os meus lábios com a língua e fico parado observando seus movimentos.

Ela se senta na cama, abre o botão da minha calça e desce a mesma pelas minhas pernas. A calça embola em meus pés, saio delas dando um passo para

trás e vou para cima dela. Minha boca vai direto para um dos seus seios, enquanto uma de minhas mãos passeia pelo seu corpo até entrar em sua calcinha.

Encontro a sua intimidade úmida, pronta e sedenta para mim. Dois dos meus dedos entram em seu canal convidativo, mordo levemente o seu mamilo e levo a minha boca para o outro. As mãos da Emily vão para a minha cabeça, me empurra para baixo, ou melhor, tenta, pois não me movo nem um centímetro.

— Te quero logo. — Emily confessa com a voz manhosa. — Desce mais.

O seu pedido sai num sussurro fazendo meu pau se contrair dentro da minha cueca. Atendo seu pedido e vou descendo bem devagar a minha boca pelo seu corpo. Chego ao elástico de sua calcinha, a puxo para baixo passando pelas suas lindas pernas e Emily a deixa abertas para mim.

Emily é gostosa apenas só de olhar, imagina provando. Aproximo minha boca de sua intimidade, sugo o seu clitóris logo de cara e um pequeno gemido sai de sua boca. Deixo a minha mão direita em sua coxa esquerda mantendo a sua perna aberta e uso a outra mão para auxiliar minha boca em sua intimidade. Passo a língua *pra lá e pra cá*, enquanto mexo dois dedos dentro dela.

Sua umidade escorre pelos meus dedos, sinto o seu interior se contrair e acelero os meus movimentos com a língua em seu clitóris inchado. Gemidos mais altos e constantes começam a sair descontroladamente da boca de Emily me deixando louco. Ela tenta fechar as pernas, mas eu as abro ainda mais e, em segundos a sinto se desfazer em minha boca e dedos.

Sento-me na cama, olho diretamente para seu rosto e mordo meu lábio inferior. Ela está com a respiração lenta, olhos fechados e boca levemente aberta. Seus olhos se abrem, cruzam com o meu e ela sorrir maliciosa.

— Foi nocauteada? — Pergunto divertido.

— Ainda não, mas quero ser. — Emily responde com a voz baixa e sedutora.

Não espero mais nenhuma palavra sair de sua boca, posiciono meu membro no meio de suas pernas e entro de uma vez só, sem desviar o meu olhar do dela. Meus movimentos são lentos, profundos e é uma sensação maravilhosa estar dentro dela. Sem eu esperar, as pernas da Emily envolvem a minha cintura me fazendo ir mais fundo e eu acelero um pouco meu ritmo fazendo com que ela se mexa junto comigo.

[...]

Chego ao *Fight* num estado de espírito totalmente diferente do que já cheguei em qualquer outro dia aqui. Cumprimento os dois seguranças que ficam

na porta, desço a pequena escada e logo passo pelo amplo local das lutas. Sigo em direção à sala de sempre sem ser incomodado, entro na mesma e me surpreendo ao ver Anthony conversando com Jensen. Aproximo-me deles, Jensen me encara e eu cumprimento Anthony com um aperto de mão. Sento-me no sofá livre e penso em Emily.

Eita! Menina fogosa.

A deixei em casa com minha irmã e vim para cá. Antes de sair Emily me avisou que viria para cá somente na hora da minha luta. Anthony deseja boa sorte para nós, sai da sala e Jensen se senta no sofá a minha frente. Seu olhar avaliativo me examina, cruzo meus braços em frente ao corpo e o encaro.

— Eu não quero que você ou a Pen fiquem chateados comigo pelo o que eu falei, mas eu não falei aquilo por mal. — Jensen murmura.

— Penélope sabe da verdade, mas ela prefere não viver essa diferença de classes, Jensen. Ela ficou chateada por não poder ir à festa e você foi e falou aquilo. Caralho, ela ficou com raiva.

— Eu somente quis abrir os olhos dela.

— De um jeito errado.

O assunto se encerra quando a porta da sala se abre, Oliver entra sorridente e vai direto para a mesa de comida. Ele pega um pedaço de pão, dá uma mordida e se senta ao lado do Jensen. Ele tem uma luta hoje, se eu não me engano é antes da minha e o adversário é forte. Se Oliver bobear um segundo se quer, pode ser a sua perdição.

O observo detalhadamente e percebo que ele está um pouco tenso. Enfrentar um grande adversário não é nada legal estando tenso, ainda mais sabendo que a grana é boa e que ele precisa desse dinheiro.

Levanto de onde estou sentado, vou até a mesa e pego uma maçã. Estou bem tranquilo em relação à luta de hoje, mas a grana não é tão boa como tem sido ultimamente. Como a maçã rapidamente, jogo o resto no lixo e limpo as mãos no pano de prato que está perto de mim. A porta da sala se abre, observo Eduard entrar e olhar diretamente para mim.

— Turner, minha irmã está no seu apartamento? — Ele questiona sem rodeios.

— Estava até o momento que eu saí de lá.

— Brown, Anthony pediu para você ir ao escritório dele. — Eduard avisa Jensen e eles saem da sala.

Volto a me sentar, Oliver me encara e sorri debochado.

— Ela não sai mais de lá, não é mesmo?

— Quem?

— A Lewis. — Oliver responde como se fosse óbvio.

— Ela e Pen estão muito próximas. — Dou de ombros.

— Creio que não sejam somente elas. — Ele arqueia uma sobrancelha e se inclina em minha direção. — Vocês... Hã... Aconteceu algo!?

Não sei se é uma afirmação ou questionamento, mas finjo que não escuto e agradeço por ser salvo quando a porta se abre novamente. Leon, irmão de Jensen entra junto com a namorada e levanta as mãos para cima.

— Ainda bem que estão vestidos.

— Para de ser babaca. — Oliver resmunga encarando nosso amigo. — Seu irmão saiu.

— Foi aonde? — Leon questiona.

— Na sala do Anthony.

— Coisa boa não é. — Leon murmura e prende sua atenção a mim. — Vou deixar a Lola no seu apartamento, tá bom?

— Tudo bem. Penélope está lá com a Emily.

— Sua irmã ficou chateada durante a tarde, não foi? — Lola me pergunta e eu apenas balanço a cabeça de forma positiva. — Tentei conversar com ela sobre o assunto, mas ela não quis. Eu entendo que ela queira sair com as amigas do colégio, mas infelizmente não dava por causa da idade dela.

— O problema não foi apenas a idade, Lola.

— Eu sei, mas eu me ofereci para pagar e ela não quis.

— Penélope não gosta de ser um peso para ninguém e pior ainda, não aceita que alguém pague algo para ela, sabendo que ela não pode ir por conta da dificuldade financeira.

— Ainda vai ter muitas festas e ela vai.

— Mas fica tranquila sobre isso, Penélope sabe o que pode e o que não pode.

Lola se despede de nós com um aceno e sai da sala junto com o namorado. Vejo que já está na hora da luta do Oliver, o aviso e vamos em direção ao centro do *Fight*. Já há várias pessoas ao redor do grande círculo onde as lutas acontecem, olho para a cabine e vejo o pai da Emily junto com uma mulher.

Não é a mãe dela. Eu sei disso, pois Emily já me mostrou uma foto de sua mãe. Bato o meu punho no do Oliver, Jensen para ao meu lado junto com Noah e incentivamos Oliver com poucas palavras. Observo o adversário do Oliver e vejo que ele é um pouco mais forte do que meu amigo, mas isso não significa nada.

Quem lutar melhor é quem irá vencer. Oliver se posiciona, cumprimenta o seu adversário e aguardam a liberação do Anthony. Um rápido sinal de forma rude preenche o ambiente e a luta começa. Oliver começa se esquivando dos socos e chutes do seu adversário.

— Ele tem que atacar. — Noah resmunga ao meu lado.

— Ele está cansando o adversário.

— Mas assim ele perde tempo e o cara não parece que irá cansar tão rápido.
— Jensen comenta.

O punho de Oliver passa de raspão na mandíbula do adversário que se esquivava e acerta um soco na costela do meu amigo. Sinto uma mão pequena segurar meu braço esquerdo, olho para o lado e vejo Emily. Ela sorri, faz um gesto para eu me abaixar um pouco e a sua boca se aproxima do meu ouvido. Em meio à gritaria e confusão que está ao nosso redor, consigo ouvir sua respiração contra o meu ouvido.

— Será que teremos segundo *round*?

A sua pergunta me faz sorri, levanto meu olhar para a cabine e vejo o pai da Emily olhar diretamente para nós junto com seu irmão. Volto minha atenção para ela e coloco uma mecha do seu cabelo atrás de sua orelha.

— Quem sabe?

Dou de ombros, ela pisca para mim e se vai em direção à escada que leva até as cabines. Percebo que Jensen está me encarando com a expressão séria, eu o ignoro e volto a prestar atenção na luta de Oliver. No canto de sua boca e uma de suas sobrancelhas já escorre sangue, no seu adversário tem apenas uma marca vermelha na maçã de seu rosto. Oliver tem que reagir e é rápido, se não irá perder.

[....]

Dois mil dólares foi o que eu ganhei nessa noite, apenas isso, mas já dá para fazer compras no mercado. A minha luta foi à última e acabou há mais ou menos meia hora. Os meninos já foram embora, Emily voltou para o meu apartamento e eu ainda estou no *Fight*.

Anthony pediu para que eu esperasse um pouco, pois o senhor Lewis quer conversar comigo. Estou encostado na parede ao lado da porta do escritório de Anthony e levo minha mão até a pequena elevação que está em cima de uma das minhas sobrancelhas.

Levei um *jeb* do meu adversário quando me distrair ao ouvir Emily gritar meu nome, mas esse foi o único golpe que levei. Não nocauteei o meu adversário, apenas o fiz pedir *arrego*. Ouço o clique da porta ao meu lado se abrindo, olho em sua direção e vejo Anthony me chamar com o sinal discreto e eu entro na sala atrás dele.

Vejo o senhor Lewis sentado atrás de uma mesa de madeira com aparência de nova e Eduard está em pé ao lado do pai. Lewis se levanta da onde está sentado, ele estica a mão para mim e nos cumprimentamos com um rápido

aperto de mãos. O senhor Lewis é um homem maduro, creio que tenha mais de quarenta anos já. Cabelo preto penteado perfeitamente, barba aparada e os olhos são escuros como as noites sóbrias desse bairro.

— Senhor Turner, é um prazer conhece-lo.

— Senhor Lewis. — Faço um simples aceno de cabeça.

— Pode se sentar. — Ele me indica a cadeira preta a minha frente e eu nego com a cabeça. — Enfim, não tivemos muito tempo para conversar e nem nos conhecer desde quando comecei a frequentar aqui. Mas, antes de falarmos do *Fight*, fiquei sabendo que você e minha menina estão próximos.

Olho rapidamente para Eduard e vejo que ele tem um sorriso cínico nos lábios. Volto meu olhar para Lewis, ele está me encarando atentamente esperando por algum pronunciamento da minha parte. Cruzo meus braços em frente ao corpo e encaro o homem a minha frente.

— Ela e a minha irmã são próximas, eu apenas falo com a senhorita Lewis por educação.

— Apenas por educação? — Ele questiona.

— Sim, porque mais seria?

— Vamos ser sinceros, Emily é uma bela mulher e chama atenção por onde passa.

— A sua filha é linda, mas eu sei que não é para o meu bico.

Como eu sou cara de pau. Por dentro eu estou rindo dessa situação, mas por fora estou agindo como se nada acontecesse. Se Lewis imaginasse o que eu e a *menina* dele fizemos durante a tarde, ah eu estaria estirado nesse chão com duas balas no peito.

— Espero que você mantenha seu pau longe da *minha menina*.

Ah, se ele soubesse...

Concordo com um simples aceno e ele coça a garganta antes de começar a falar sobre o *Fight*. Ele me explica sobre a legalização das lutas, as apostas e o dinheiro que iremos ganhar. Fiquei sabendo que diversos patrocinadores estão curiosos para conhecer meus amigos e eu.

Sorrio satisfeito com isso.

É bom saber que sou conhecido porque sou bom e ainda mais, saber que já tem patrocinadores querendo conversar conosco. Lewis comenta que mostrou alguns vídeos das minhas lutas, para alguns patrocinadores e está havendo uma pequena disputa entre eles por mim causa.

Fico um pouco mais de meia hora conversando, me despeço de cada um com aperto de mão e saio da sala. Coloco o capuz da minha camiseta, saio pelos fundos do *Fight* e sigo em direção à rua. Antes mesmo que eu possa sair do beco escuro, vejo uma silhueta conhecida me esperando perto do poste e acelero os

meus passos. Paro a sua frente e analiso sua aparência.

— Dom... — Sua voz sai baixa e carregada de saudade.

— Oi mãe.

— Estava com muita saudade de você. — Vejo um pequeno sorriso banhar os seus lábios e seus dentes amarelados ficam à vista. — Queria ver a Pen.

— Você não foi no dia do aniversário dela e ela teve esperanças que você pudesse aparecer.

— Eu sei, filho, mas eu não estava bem.

— Estava drogada e bêbada como sempre.

— Me desculpe, Dom. — Minha mãe abaixa a cabeça e começa a chorar.

— Eu queria poder parar com isso, mas eu não posso. O seu pai... Eu não consigo sem ter ele aqui.

— Eu e minha irmã não somos o suficiente para você parar com essa merda? — Questiono entre dentes e minha mãe fica em silêncio. — Você acabou de me dar a sua resposta.

Passo por ela pisando duro e ouço ela me chamar, mas não olho para trás. Não posso deixar minha mãe se aproximar da minha irmã estando naquele estado, sem eu ter chegado muito perto dela eu senti seu cheiro de cachaça e de maconha vindo dela. Ela usa diversos tipos de drogas e bebe tudo o que oferecem para ela.

Sinto uma mão segurar em meu punho esquerdo, olho assustado e encaro minha mãe. Seus olhos estão marejados e agora eu consigo perfeitamente ver o estado que está a sua aparência. Cabelos embolados, sujos e fedidos. Rosto sujo, boca rachada e pálida.

— Dom, eu sei que eu deveria parar, mas eu queria te pedir uma coisa.

— O que?

— Estou precisando de dinheiro.

— Não vou te dar merda nenhuma. Você vai ir comprar drogas e bebidas.

— Eu juro que não vou.

— Eu não acredito em você.

Puxo meu braço bruscamente e sigo em direção ao meu apartamento. No fundo, eu queria dar o dinheiro que minha mãe pediu, mesmo sem saber o valor, mas não posso contribuir com o seu vício. Jamais farei isso. Nunca soube realmente quem era a mulher que eu chamo de mãe, desde quando nasci minha mãe usa seus vícios como uma máscara e meu pai fazia a mesma coisa.

Nunca vi minha mãe como uma mulher adulta, seria e madura. Via e ainda vejo apenas como uma viciada. Quando Penélope era pequena, ela não entendia muito, sempre perguntava por que a nossa mãe era daquele jeito e porque não era igual às outras mães que buscavam os seus filhos na escola. Eu nunca conseguia

arrumar uma boa explicação e falava sempre à primeira coisa que vinha em minha mente.

Melhor não pensar nisso e sim fazer uma lista mental do que tenho que comprar amanhã. O dinheiro que ganhei hoje no *Fight* eu irei usar para fazer compras, pagar o aluguel e o que sobrar eu vou colocar com o restante do dinheiro que está guardado. Ainda não desisti de sair daquele apartamento e nunca vou, até conseguir sair de lá. Do nada me lembro de que esqueci minhas ataduras no *Fight*.

Dou um pequeno giro nos meus calcanhares e ando em direção ao *Fight*. Só estou indo buscar, pois elas são novas e Jensen disse que pagou um preço razoável. Assim que chego em frente ao meu destino, vejo que os seguranças não estão mais na porta e eu resolvo entrar pelos fundos. Ando em passos largos a porta, puxo-a em minha direção e entro. Está tudo silencioso e escuro, mas eu consigo andar em direção à sala. Entro, acendo a luz e vou até onde minhas ataduras estão.

Às pego em cima do sofá, coloco dentro do bolso da minha bermuda e vou até a mesa de comida. Estou com a garganta seca, sempre que vejo minha mãe fico assim. Retiro a faca de cabo branco de cima dos copos, pego a garrafa de vidro e coloco um pouco de água dentro do copo. Bebo tudo num gole só, coloco o copo de volta na mesa e saio da sala. Saio rapidamente pelos fundos e ando em passos largos em direção ao prédio onde moro.

Assim que entro no meu apartamento sou recebido com braços e pernas em volta do meu corpo. Emily parece àquelas plantas trepadeiras, agarrada em mim. Recebo um beijo estalado em minha bochecha, a coloco no chão e olho ao redor a procura da minha irmã. Não sei se vou contar sobre ter encontrado nossa mãe, faz tempo que elas não se veem e eu sei que Pen sente falta dela. Falta somente de vê-la. Penélope nunca falou nada do nosso pai, eu também não falo e prefiro que seja assim. Volto meu olhar para Emily e vejo que ela está me encarando.

— Cadê minha irmã?

— Está no banho.

— Essa hora? — Olho no relógio e vejo que já são quase uma hora da manhã. — Ela deveria estar dormindo.

— Pen estava esperando você chegar, mas você demorou.

— Seu pai quis conversar comigo.

Vejo Emily franzir o cenho, ela segura em meu pulso e me puxa em direção ao sofá.

— Conversar o que?

— Sobre a compra do *Fight*, patrocinadores e sobre você.

— Eu? — Em questiona.

— Sim. Ele disse para eu manter o meu pau longe de sua *menina*. — Rio debochado e Emily sorri com as bochechas coradas. — Mal sabe ele o que fizemos durante a tarde.

Inclino-me em sua direção, beijo o seu ombro e faço um caminho até o lóbulo de sua orelha. Emily geme manhosa, apalpa meu tórax e leva sua mão até o cóis da minha bermuda, mas para quando passos no corredor chamam nossa atenção. Penélope aparece na sala sorridente, anda na minha direção e se joga em meus braços. Dou um beijo no topo de sua cabeça e afago seus cabelos.

— Não gosto quando você se machuca. — Penélope resmunga e toca no meu hematoma acima da minha sobrancelha. — Está doendo?

— Um pouco, mas nada sério.

— Tem que cuidar disso.

Pen avisa e vai buscar os primeiros socorros. Emily segura meu rosto entre suas mãos e analisa o machucado em meu rosto. Resmungo que estou bem, ela revira os olhos e se afasta novamente quando Penélope retorna para sala com uma pequena caixa em suas mãos.

Minha irmã se senta no braço do sofá ao meu lado e passa um algodão molhado em meu machucado o fazendo arder. Droga, isso dói. Rosno de dor, Penélope segura em um dos ombros e continua a pressionar o algodão em meu hematoma. Após passar o algodão molhado diversas vezes coloca um pequeno curativo e suspira satisfeita ao finalizar o seu trabalho.

— Agora, vá dormir, Pen. Está tarde.

— Porque você demorou? — Minha irmã pergunta me encarando.

— Estava conversando com o pai da Emily.

— *Hum...* — Ela resmunga cabisbaixa. — Por um segundo pensei que você pudesse ter encontrado a mamãe.

— Esqueça-a, Pen. É melhor.

Penélope bufa e sai pisando duro em direção ao seu quarto. É melhor ela ficar com raiva de mim por algumas horas, do que ver o estado lastimável da nossa mãe. Respiro fundo, retiro o capuz da minha cabeça e deito a mesma para trás. Quero manter Pen longe de coisas ruins e infelizmente nossos pais fazem parte. Sinto a mão da Emily na minha perna, levanto a minha cabeça e a encaro.

— Você nunca me contou sobre seus pais, Pen não gosta de falar e uma vez me disse que você a proibiu de falar sobre seus pais para outras pessoas.

— Vamos conversar sobre isso outro dia, Em.

O seu olhar desvia do meu e eu acaricio seu cabelo. Não gosto de falar da minha mãe, ainda mais para alguém que eu conheço há pouco tempo. Seguro em sua mão, levanto-me do sofá e a levo junto. Seguimos em direção ao meu quarto, entramos e eu fecho a porta. Emily deita em minha cama, apoia as pernas na

cabeceira e fecha os olhos. Retiro minha camiseta, jogo num canto qualquer e vou para cama. Antes mesmo que eu possa beijar alguma parte do seu corpo, o seu celular toca e ela o pega em seu bolso. Lê rapidamente uma mensagem e pula para fora da cama.

— Tenho que ir. — Emily avisa.

— Está tarde e é perigoso o bairro.

— Meu irmão está lá em baixo me esperando. — Ela avisa, se inclina em minha direção e dá um beijo casto em meus lábios. — Nos vemos amanhã?

— Creio que sim.

Levanto da minha cama, a abraço pela cintura e saímos do meu quarto. Estou estranhando que Eduard veio buscar Emily a essa hora da madrugada, ainda mais sabendo que ela passaria a noite aqui. Emily se despede de mim com um beijo demorado e em seguida se vai. Fecho a porta, passo as três trancas e volto para o meu quarto. Assim que entro no mesmo, abro o meu guardar roupa e abro um pequeno compartimento.

Aqui tem um envelope amarelo com dinheiro e eu o pego antes de sentar na minha cama. Retiro o dinheiro de dentro, conto nota por nota e suspiro quando termino de contar. Têm apenas quinze mil dólares, isso não dá para alugar um novo apartamento e comprar novos móveis. Guardo o dinheiro dentro do envelope, coloco-o dentro do compartimento e me deito novamente.

[...]

Ouçõ a velha campainha tocar descontroladamente e resmungo um palavrão antes de levantar da cama. Assim que abro a porta do meu quarto, vejo Penélope caminhar em direção à porta e fico parado no meio do corredor. Minha irmã abre a porta e eu vejo três policiais parados na porta e me retraio. Espero que não seja nenhuma notícia ruim.

— Gostaríamos de falar com Dominic Turner, ele se encontra? — Uns dos policiais perguntam.

— Sou eu. — Ando em direção à porta, Penélope me encara com os olhos marejados e eu passo as mãos em seu cabelo. — Aconteceu algo?

— Senhor Turner, precisamos que nos acompanhe até a delegacia.

Olho para minha irmã que está desesperada. Não sei o que aconteceu, mas preciso ir até a delegacia para esclarecer qualquer mal-entendido que tenha acontecido. Os policiais aguardam minha saída do apartamento para que eu vá em direção à saída, Pen tenta me segurar, mas os policiais a detém.

Peço para que Penélope fique calma e tente falar com Jensen. Dou um beijo em sua testa antes de seguir os policiais. Tento questionar o motivo de estar

sendo preso, mas eles me avisam que na delegacia irão esclarecer minhas dúvidas. Não sei o que está acontecendo, mas sei que há algo de errado em toda esta situação.

Pouco mais de dez minutos já sou arrastado para dentro da delegacia que fica no mesmo bairro onde moro, um dos policiais me leva para a sala do delegado e eu o vejo sentado em sua cadeira.

— Aqui está, senhor. — O policial informa.

— Não estou entendendo o que está acontecendo.

— Senhor Dominic Turner, você está aqui, pois é suspeito pelo assassinato de Margareth Lewis, esposa do senhor Lewis.

— Eu não fiz isso, nem a conheço, merda.

— Olha o linguajar, senhor Turner. — O delegado me repreende.

O delegado manda me sentar, faço a contra gosto e fico encarando-o. Não fiz merda nenhuma, *Caralho!* A minha vontade é socar a cara de alguém, mas não posso. Encaro minhas mãos e lembro da expressão da minha irmã. Não quero que minha irmã pense que fiz algo de errado, assim como meu pai. Ela só tem a mim e precisa de mim. Pouco mais de dez minutos a porta da sala se abre e vejo Jensen entrar com um homem. Deve ser algum advogado.

— Delegado, sou Austin Green e sou o representante do senhor Turner, quero saber quais acusações meu cliente está respondendo — O homem de terno ao lado do meu amigo informa.

— E quem é o senhor? — Delegado pergunta encarando meu amigo.

— Ele é meu assistente. — Austin responde, e percebo a mentira.

— Sente-se para que possamos tomar as providências a respeito do caso. — O delegado informa.

Austin se senta ao meu lado, Jensen fica parado logo atrás de nós e eu olho atentamente para a tela do computador. Logo um vídeo do circuito de segurança do *Fight* aparece na tela, vejo a imagem de uma moça entrando pelos fundos e logo em seguida é a imagem que eu entro. Eu lembro muito bem que, quando voltei para pegar as ataduras não tinha ninguém a não ser eu. Poucos minutos depois eu saio do *Fight*, o vídeo termina e eu encaro o delegado sentado a minha frente.

— Isso não prova que o meu cliente efetivamente matou a senhora Lewis. — Austin fala.

— Como se vê nas imagens, o lugar estava vazio quando a senhora Lewis entrou, em seguida Turner entra. Às seis horas da manhã de hoje, Anthony nos ligou avisando que tinha um corpo no círculo das lutas. — O delegado informa.

— Isso continua não provando nada. — Austin retorna a dizer.

— A senhora Lewis foi morta por uma faca fincada no coração e as digitais

batem com as digitais do senhor Turner.

— Eu não matei ninguém!

— Não é isso que as provas dizem, senhor Turner.

— Eu não matei ninguém, eu juro. Eu toquei na faca, pois ela fica na mesa de uma sala onde sempre fico antes das lutas.

— Senhor Green, o seu cliente ficará preso até que possamos colher provas, depoimentos, depois o chamaremos para que preste depoimento, e depois resolveremos se ele ficará preso até o julgamento. — O delegado avisa olhando para o meu advogado.

Sinto as lágrimas pinicarem meus olhos, abaixo a cabeça e a balanço a cabeça de forma negativa. Não posso ser preso, ainda mais por algo que eu não fiz. Sinto Jensen tocar meu ombro, levanto a cabeça e olho para o meu amigo. Ele sussurra que tudo ficará bem, mas eu sei que não vai.

Austin pede para conversar a sós comigo, o delegado pede para o policial nos levar para outra sala e em seguida me encaminhar até a cela que possui na delegacia. Assim que entramos numa sala vazia, sento-me na cadeira que fica sozinha num lado da mesa, abaixo a cabeça até encostar a minha testa na mesa gelada e deixo as lágrimas escorrer pelo meu rosto. Eu não matei ninguém. Eu jamais seria capaz disso.

— Dom... — Jensen chama minha atenção eu olho para ele sentado a minha frente. — Eu sei que você jamais mataria alguém, vamos conseguir tirar você daqui o mais rápido possível.

— Eu juro, eu não matei ninguém. — Retorno dizer.

— Por que você voltou ao *Fight* depois que ele estava vazio? — Austin me pergunta.

— Esqueci minhas ataduras e voltei para pega-las. Entrei no *Fight*, estava vazio, silencioso e escuro. Assim que peguei o que era meu, fui embora para o meu apartamento.

— Você tocou na faca que matou a Lewis.

— Me lembro de ter pegando-a, mas eu a deixei em cima da mesa onde estava.

— Você precisa manter a calma, e não falar nada quando eu não estiver presente, vou conversar com o delegado.

— Me tira daqui. — Peço o fazendo concordar com um aceno de cabeça e olho para o meu amigo. — Cuida da Pen para mim, ela não pode ficar desamparada e a minha mãe não pode se aproximar dela.

— Eu vou cuidar da Pen, não se preocupe. — Jensen garante.

— Obrigado.

Respiro fundo e olho para a porta quando ela se abre. O policial avisa que

precisa me levar para a cela, me levanto da onde estou e ando na direção do policial. Espero que Austin consiga me tirar daqui ainda hoje. Atravesso um grande corredor sendo segurado pelo policial, passamos pela sala do delegado e meus olhos se encontram com os de Emily.

Ela está entrando na delegacia junto com o pai. Seus olhos estão vermelhos, cabelos bagunçados e uma expressão que eu jamais tinha visto em sua face. Ódio. Ela anda na minha direção com *sangue nos olhos* e chateação. Não é possível que ela acredite que eu matei a sua mãe.

— Eu não consigo acreditar que você está sendo acusado por matar minha mãe, Dominic. — Sua voz sai baixa e carregada de tristeza. — Como você teve coragem de fazer isso Dom... — Seu desespero é nítido.

— Eu jamais faria isso Emily, você sabe.

— Emily...

O pai dela a chama, segura em seu pulso e a leva em direção a sala do delegado. Meu olhar fica preso no dela até que ela adentra na sala do delegado, e eu volto a ser levado para a cela. O policial abre, entro e o observo fechar a mesma.

Percebo que tem um cara sentado no chão, bem no canto e ele está me encarando. Sento-me no chão, encosto nas grades e encaro o chão de cimento. Precisam achar o verdadeiro culpado desse assassinato. Eu não vou levar a culpa por algo desse tipo. Eu nem sei quem é a mãe da Emily, nunca vi essa mulher na minha frente, a não ser por uma única foto.

— O que você fez? — Uma voz rouca pergunta chamando a minha atenção.

— Eu não fiz nada. — Levanto a minha cabeça e o encaro. — Estou sendo acusado de algo que não fiz.

— Nunca ninguém faz nada. — Uma risada debochada sai de sua boca e eu cerro meus punhos.

— Eu sou inocente. — Falo entre os dentes.

— Todos são.

O tom do seu deboche me faz ficar com raiva e ele percebe. O silêncio reina entre nós e eu agradeço mentalmente. Já não basta estar sendo acusado de um assassinato e ainda tenho que aguentar esse *mala*. Estou tentando entender o que aconteceu na noite passada, mas nada faz sentindo.

Lembro-me muito bem que não tinha ninguém no *Fight* quando fui lá, não tinha um mísero barulho se quer. Eu não posso levar essa culpa em minhas costas, não posso deixar minha irmã pensar que faço coisas erradas como os nossos pais. Eu não tenho nenhuma testemunha ao meu favor e será impossível arrumar alguma... Espere um pouco.

O intervalo entre a minha primeira saída do *Fight* e até a minha volta foi

mais ou menos quinze minutos ou menos. Nesse tempo eu não vi os Lewis e nem Anthony saírem do *Fight* pela porta principal, pois eu estava próxima a ela. Eles terão que testemunhar sobre a noite passada e o delegado vai perceber que tem algo de errado. As horas se arrastam até eu ver outro policial vir em direção à sala. Ele me encara debochado, fico em pé e ele abre a cela.

— O delegado quer conversar com você novamente.

Apenas aceno com a cabeça de forma positiva, espero que ele coloque minhas algemas e ando em direção à sala do delegado. Assim que entramos na sala, vejo os Lewis sentados na lateral da mesa e eu me sento em frente ao delegado. Estou nervoso para resolver isso e ir embora. Estou muito preocupado com minha irmã. A porta se abre chamando minha atenção, Austin entra com a expressão fechada e encara o delegado.

— Querendo falar com o meu cliente fora da minha presença, delegado? — Austin questiona.

— Não era necessária a sua presença, doutor Green. — O delegado murmura e se vira para mim. — Senhor Turner, preciso colher seu depoimento, são só algumas perguntas.

— Pode fazê-las, mas eu quero ser liberado ainda hoje.

— Isso será muito difícil. — Ele coça a garganta antes de começar a perguntar. — Por favor, me relate seus passos de ontem, o dia inteiro.

— Passei o dia e a tarde em casa, não sai para nada. À noite fui para o *Fighth*, lutei como de costume e no final do funcionamento fui conversar com o senhor Lewis. Ele me explicou como será a legalização do *Fight* e perguntou sobre a aproximação da sua filha comigo...

— Vocês tem algo? — Ele pergunta curioso.

— Isso não te diz respeito. — Emily fala ríspida antes que eu consiga abrir a boca. — O assunto aqui é sobre o assassinato da minha mãe.

— Enfim, depois de sua conversa com o senhor Lewis? — O delegado volta a prender a sua atenção em mim.

— Eu saí do *Fight* pelos fundos, encontrei minha mãe em frente ao mesmo e conversei um pouco com ela.

— Os senhores Lewis afirmaram que viram você conversando com uma mulher. — Ele avisa e se inclina levemente na minha direção. — Por que voltou ao *Fight*?

— Eu tinha esquecido as minhas ataduras e tive que voltar para buscar.

— Eram apenas ataduras. — O delegado debocha, balança a cabeça de forma negativa, encara a tela do seu computador e procura de algo.

— Sem deboche, por favor. — Austin pede.

Viro a cabeça para o lado dos Lewis, os meus olhos se encontram com os da

Emily e eu a vejo quase chorando. Ouço um resmungo baixo e percebo que foi Eduard. Ele me encara friamente e eu o encaro de volta. Não tenho medo deste *almofadinha*, ele não é nem um por cento do lutador que eu sou. Volto minha atenção para o delegado, ele retira os olhos do computador e volta a me encarar.

— Infelizmente, a arma do crime tinha suas digitais e a câmera de segurança confirmar que tinha apenas você e a senhora Lewis no *Fight*.

— Mas não prova que ele a matou, não tem prova no local onde o corpo estava. E só por isso vocês acham meu que cliente é culpado? — Austin questiona.

— Isso prova o suficiente para deixarmos ele preso a espera do julgamento.

— Vou entrar com um pedido de habeas corpus. — Austin avisa.

— Creio que será difícil algum juiz conceder esse pedido. — O delegado avisa e volta seu olhar para mim. — Dominic Turner, você está preso suspeito pelo assassinato de Margareth Lewis.

Eu não posso ficar preso, não posso. Quero gritar com todos, mas me contenho. Eu não posso deixar a minha irmã desamparada, ela precisa de mim. Ouço Emily chamar por mim quando um policial já está me levando para fora da sala, mas prefiro não olhar para ela.

Porque tem que ser assim?

Porque eu tenho que ser acusado por provas fracas?

Quero dizer, aquilo não significa muito para mim, mas para os outros... Eu preciso sair daqui o mais rápido possível. Sou inocente. Mas se for para ser condenado por um crime que não cometi e ter que pegar a pena por algo isso, eu pagarei, mas quando eu estiver livre vou atrás da justiça.



CAPÍTULO 1

*Eu e meu coração, nós
vamos conseguir superar
Se a felicidade é ela, eu
estou feliz por você
Demi Lovato - Stone Cold*

Emily

Abril de 2017...

Encaro friamente o rapaz a minha frente, suas mãos estão atadas para trás e seus pés amarrados aos pés frontais da cadeira. Escorre sangue do seu nariz, sobrelanceira e do canto de sua boca. A culpada por isso sou eu, ou melhor, ele mesmo. Ninguém o mandou querer roubar as drogas que estavam a caminho do depósito. O ranger da porta chama minha atenção, olho para trás e vejo meu irmão entrando com uma barra de ferro em mãos. Volto minha atenção para o *ladrão de merda* à minha frente e me aproximo novamente o fazendo ficar tenso.

— Vou perguntar pela última vez. Quem é o seu chefe?

Passo a minha mão entre os fios do seu cabelo, seguro em alguns e puxo a sua cabeça para trás. Não dói tanto como eu queria, mas estou cansada e o que eu mais quero é cair na minha cama. Observo o rapaz ranger os dentes quando meu irmão bate com a barra de ferro em sua barriga e ele tosse.

— Vai se ferrar, vadia. — Ele rosna.

Acerto um soco em seu nariz, ele geme de dor e eu me afasto. Eduard me acompanha, encosto-me a parede e cruzo os braços em frente ao corpo. Passei a madrugada inteira nessa sala tentando arrancar informações do idiota, mas ele é duro na queda e eu não gosto disso. Não quero usar táticas pesadas, pois vamos usá-lo como isca para pegar o seu chefe. Esse tal *chefe* vem tentando derrubar os negócios do meu pai e estamos atrás dele há muito tempo.

— Quero ir embora, pois hoje será um longo dia.

— Podemos deixá-lo amarrado na barra de ferro e um vigia fica aqui. — Eduard sugere.

— Faz o que achar melhor. Estou indo agora, estou cansada.

Sigo para fora da sala, passo pelo pequeno lobby e aceno para os três seguranças sentados diante de uma mesa redonda. Abro a porta, desço uma pequena escada até chegar à rua e logo entro no meu carro. Hoje é sexta-feira e amanhã será um dia de lembranças ruins. Faz exatamente oito anos e um mês que minha mãe foi assassinada e o verdadeiro culpado está livre.

Eu nunca acreditei que Dominic a tivesse matado, mas ele cumpriu a pena durante quase oito anos, e faz alguns dias que ganhou a liberdade. Eu ainda não o vi e não sei se estou preparada para revê-lo. Sofri muito quando ele foi preso, e ele jamais permitiu que eu fosse liberada para visitá-lo.

Eu fazia isso escondida do meu pai, pois eu queria vê-lo Dom e avisá-lo que eu acreditava nele. Quando Dominic foi preso, eu saí da delegacia e fui até o seu apartamento. Eu sabia que a irmã dele ficaria desamparada e quis ajudá-la, mas

quando eu cheguei ao seu apartamento me arrependi.

— A culpada pela prisão do Dom é a Emily. Eu avisei para vocês ficarem longe dela. — Uma voz masculina fala.

Encosto-me no batente da porta de entrada que esta semiaberta e presto atenção nas vozes.

— Por que ela é culpada? — Ouço Penélope questionar.

— Ela não moveu um dedo se quer e nem falou nada para tentar inocentar o seu irmão. Ela também o queria na cadeia, Pen. Abra os seus olhos e veja que aquela garota só está brincando com vocês. — O homem exclama nervoso.

— Eu pensei que a Emily fosse diferente. — Penélope resmunga chorosa.

— Ela não é. Ela quis ver o seu irmão dentro da cadeia. As imagens da câmara de segurança são falsas e os Lewis sabem disso. O que aconteceu foi armação para manter o Dom longe daquela patricinha. — Ele comenta.

Aquelas imagens não são montagens, não tem como. Ou tem? Desequilibro-me, bato na porta e acabo entrando. Os olhos da Penélope encontram os meus, vejo que a voz masculina é do amigo do Dom que sempre está aqui e os encaro.

A raiva domina os olhos da Pen, me aproximo lentamente e me surpreendo quando ela se jogar em cima de mim. Penélope desfere socos e chutes em minha direção, consigo me defender de todos, mas acabo sendo atingida por um chute na minha costela.

— Eu te odeio, sua vaca, meu irmão foi preso por sua culpa."

Não fui à culpada por aquilo, eu tentei descobrir a verdade, mas não consegui. Passei dias sondando meu pai e irmão, mas nada. Encosto a cabeça no volante, respiro fundo e pego o meu celular no banco do passageiro. Tem uma ligação perdida do meu pai e uma nova mensagem dele.

Droga, eu esqueci que tenho que ir até o seu gabinete. Meu pai é governador da Califórnia, eu e meu irmão ficamos à frente de alguns negócios do meu pai, não recebemos por isso e nem nada parecido. Cuidamos de entrevistas, das empresas e dos negócios que ele tem.

Meu pai tem os seus assessores para resolver os termos da política e tal. Faz poucos meses que meu pai assumiu o cargo, e ganhou com uma vantagem satisfatória. É o principal governador do estado e aclamado pela população.

Encaro meu reflexo no visor do celular e bocejo. Passei a madrugada fazendo uma pequena tortura com aquele verme que tentou roubar meu pai, e me esqueci de que á uma hora da tarde terei que acompanhar meu pai numa entrevista. Tenho que ir até Sacramento, onde é o seu gabinete. Pelo menos não terei que dirigir até lá, irei no jatinho particular do meu pai. Escolhi não morar lá e continuar aqui em Los Angeles. Ajeito minha postura, prendo o cinto e dirijo

em direção a minha casa. Moro junto com meu irmão e madrasta.

Eduard tem a mania de vigiar com quem estou, quem entra no meu quarto ou com quem saio. Eu nunca fui de ter amigas, pois a maioria das meninas que se aproximavam de mim eram interesseiras ou queria apenas uma chance com meu irmão.

Mas eu tive amigas verdadeiras durante poucos dias, infelizmente as perdi quando Dominic foi preso. Algo que me abalou e abala até hoje, só que finjo que não me importo e nunca me importei com aquilo que aconteceu.

Dom, Penélope, Oliver e Lauren eram de classe inferior à minha, mas eu nunca me importei com esse tipo de coisa, assim como eles nunca se importaram. Noah, Leon e Lola eram de classes parecidas com a minha, assim como Jensen, mas ele nunca gostou muito de mim.

Desde quando nos conhecemos eu via a reprovação no seu olhar, eu percebia que ele não gostava da minha aproximação e isso piorou quando Dom foi acusado de matar minha mãe. Pouco mais de quinze minutos passo pelos grandes portões da minha casa, estaciono o carro em qualquer lugar e aceno para um dos seguranças.

Somos rodeados por seguranças, independentemente do lugar que vamos eles sempre estão por perto, mas eu sempre consigo sair sem que eles vejam. Alguns dizem que moro numa mansão, mas não concordo. Minha casa é de dois andares, ao redor tem uma grande área verde, nos fundos uma grande piscina e um pouco mais afastada uma quadra de tênis. No primeiro andar tem uma grande sala de jantar, cozinha, sala de estar, dois escritórios e a área dos empregados. No segundo andar tem mais uma sala de estar e cinco suítes.

— Senhorita Lewis, seu pai ligou a procura da senhorita. — Lisa, uma das empregadas me avisa assim que me vê entrando em casa.

— Eu vou tomar banho e em seguida já vou para o aeroporto.

— A senhorita irá tomar o seu desjejum?

— Sim, leve até meu quarto, por favor.

Subo a escada apressada, passo pelo amplo corredor indo em direção ao meu quarto. Lisa é uma das empregadas que mais confio, é uma senhora de quase cinquenta anos e é um amor de pessoa. Entro no meu quarto, ouço meu nome ser chamado e olho para trás. Vejo a namorada do meu pai, Quinn, vindo em minha direção se equilibrando em cima do seu salto quinze e sorri amplamente ao encostar-se ao batente da porta do meu quarto.

Quinn é *somente* nove anos mais velha que eu, namora com meu pai há quase sete anos e eu não confio nela. Ela é muito arredia em certos assuntos, principalmente quando o nome da minha mãe é falado.

— Onde estava?

— Trabalhando. — Sorrio falsamente a fazendo revirar os olhos.

— Eu vou com você para Sacramento.

— Eu vou sair daqui a pouco, então esteja pronta logo.

Fecho a porta do meu quarto em sua cara, retiro a bota preta sem salto que usava e vou até o meu closet. Pego uma calça jeans, uma camisa branca e um blazer bege com preto. Não farei parte da entrevista que meu pai irá participar, somente ele que irá falar, mas teremos que fazer uma foto de família. Algo que eu não queria. Deixo a roupa em cima da minha cama, ouço o celular tocar dentro da minha bolsa e eu o pego. O nome do meu pai está brilhando no visor.

— Oi pai.

— *Cancele a sua vinda para Sacramento, estou a caminho de casa.* — Meu pai avisa me fazendo estranhar.

— E a entrevista? — Pergunto confusa.

— *Iremos fazer aí em casa.*

— Por que mudou?

— *Sem perguntas, Emily. Faça tudo que for necessário para a entrevista acontecer na sala de estar.* — Ele avisa e encerra a ligação em seguida.

Ordens e mais ordens. Meu pai sabe somente fazer isso. Jogo meu celular em cima da cama e vou para o banheiro. Retiro minha roupa, jogo no chão e entro no box. Espero que a entrevista aconteça rapidamente. Não quero muito *lenga-lenga* e nem perguntas pessoais, ainda mais sobre o assassinato da minha mãe.

Eu sei que Dom não foi o culpado, falei diversas vezes para o meu pai e nessas vezes, eu acabei contando do meu pequeno envolvimento com Dom. Meu pai ficou furioso, parecia um dragão soltando fogo pelas ventas. Foi uma grande briga até levei uma *bela* surra, ficamos sem nos falar por semanas e quando voltamos era somente o básico. Nesses anos que se passaram os negócios do meu pai aumentaram e eu acabei me envolvendo junto com meu irmão.

Cuidamos da ilegalidade dos produtos recebidos que são drogas e armas. Quando meu pai viu a oportunidade de se candidatar a governador, lutou com unhas e dentes. Conquistou diversos eleitores e admiradores. Entre eles diversos aliados, policiais, deputados, empresários, traficantes e delegados.

Meu pai não precisa mover um dedo sequer para conseguir algo, só basta fazer uma rápida ligação. Termino meu banho, seco meu corpo e visto o roupão. Saio do banheiro, vejo Lisa parada ao lado da minha cama e meu desjejum está em cima da mesma.

— A senhorita viu o jornal hoje? — Lisa pergunta receosa.

— Não, Lisa. Por quê? — Questiono.

Pego o copo de suco e bebo um pequeno gole enquanto espero a sua

resposta.

— Aquele rapaz... — Levanto meu olhar e a encaro. — Saiu da cadeia.

Enfim ele está *livre*! Conseguiu provar sua inocência e eu estou feliz por isso. Foco em comer tentando não transparecer que me importo com ele. Mas isso é mentira, a mentira mais falsa deste mundo. Peço para Lisa mandar as outras empregadas arrumarem a sala de estar e prepararem um lanche para a jornalista que virá.

Lisa avisa que vai inspecionar tudo, sai do meu quarto e deixa a porta aberta para a minha madrastra entrar. Quinn desfila em minha direção exibindo um dos seus mais novos vestidos e eu me seguro para não revirar os olhos. Ela está usando um vestido preto que é um pouco justo as poucas curvas do seu corpo, seu cabelo preto está para um lado só e a maquiagem leve, mas bem feita.

— Seu pai já te avisou?

— Já, Quinn.

— Ele te explicou o porquê? — Ela brinca com um anel de brilhantes em seu dedo.

— Não.

Quinn gira em seus calcanhares e marcha para fora do meu quarto. Termino de comer, me visto rapidamente e passo apenas um batom vinho nos lábios. Estou ansiosa pela entrevista, ainda mais por quem eu irei ver. Penélope, irmã de Dominic se formou em jornalismo e virá junto com a repórter que entrevistará meu pai. A última vez que nos falamos, não foi nada agradável e nem civilizado.

As palavras da Penélope ainda estão marcadas em mim, eu as carrego dia a dia. Saio do meu quarto, ando em direção à sala de estar do segundo andar e sento no sofá de frente para a grande porta. Daqui consigo ver o gramado dos fundos da casa, a piscina e a quadra de tênis. Uma pequena movimentação chama minha atenção, fixo meus olhos no meu irmão e o observo se jogar na piscina.

Pensei que ele demoraria mais um pouco para chegar, mas me enganei. Giro meu celular entre os dedos, encaro a tela preta e desbloqueio a mesma. Vou até a galeria, entro nas fotos antigas e abro a qual eu mais desejo. A imagem de Dominic enche a tela do meu celular e eu suspiro. *Porque teve que ser daquele jeito?* Essa pergunta jamais saiu da minha mente.

— Senhorita Lewis... — Ouço Lisa me chamar, bloqueio à tela do celular e olho para trás. — A sala de estar está pronta, trouxe seu MacBook, pois a jornalista irá chegar em breve e a senhorita ainda não selecionou quais perguntas poderão ser feitas.

— Obrigada, Lisa.

Agradeço pegando o MacBook de suas mãos e o coloco em meu colo. Não

estou com cabeça para selecionar nenhuma pergunta, ainda mais depois de saber que Dominic está livre e Penélope virá aqui hoje. Abro meu e-mail, acho o nome de Candice e leio as perguntas. Tem em média vinte perguntas e a maioria é relacionada à eleição do meu pai. Vejo que duas é sobre a nossa família e apenas uma é sobre a saída de Dominic da cadeia.

Não sei se essa será aceita. Não quero envolvimento do Dom a minha família novamente. Sinto um corpo atrás de mim, viro a cabeça rapidamente para trás e vejo meu irmão me encarando. Tem uma toalha jogada ao redor dos seus ombros, consigo ver poucas gotas escorrer pelo seu tórax nu e seu cabelo está molhado.

— Já selecionou as perguntas? — Eduard me pergunta.

— Sim, somente uma que eu não sei se poderá ou não. — Mordo meu dedo indicador e volto a olhar para a tela do MacBook. — É sobre a liberdade do Turner.

— Não! — Meu irmão exclama nervoso. — O nome desse maldito não é para ser dito aqui dentro.

Calo-me e volto a pensar na pergunta sobre Dom... Dominic. Meu pai e meu irmão não gostam que Dominic seja citado aqui em casa ou em qualquer lugar. Respiro fundo, bato meus dedos e penso numa ótima solução para isso. Digito um rápido e-mail para Candice e fecho meu MacBook após enviar a resposta.

Percebo que estou sozinha novamente, pego meu celular e procuro um número específico em meus contatos. Lola Roberts. Ainda mantenho contato com ela desde aquela época que nos conhecemos, mas é pouco o contato que temos. Digito o seu número e fico aguardando.

— Alô? — Lola atende no quarto toque.

— Oi Lola.

— *Hum... Oi.*

— Preciso conversar com você pessoalmente.

— *Então, agora eu estou indo acompanhar duas amigas numa entrevista.*

— Você está vindo para cá também? — Questiono.

— *Sim.*

— Teremos que dar um jeito para conversamos. — Lola concorda e encerramos a ligação.

Ninguém além de nós duas sabe que ainda conversamos e é bem melhor que isso continue. Acompanhei um pouco da vida da Penélope nesses últimos anos por intermédio da Lola e soube um pouco mais sobre Dominic. Sei que Penélope fez faculdade de jornalismo, mudou de apartamento e arrumou um emprego para se virar sozinha. Sei onde ela está morando, Lola me passou o

endereço e eu fui ver onde é.

Sobre Dom, soube por Lola e pelos advogados do meu pai. Ele ficou preso durante esses anos esperando o julgamento desejando vingança de quem o colocou lá dentro e que foi inocentado pelo júri. Ninguém da minha família foi no julgamento, a não ser um dos advogados. Confesso que gostaria de ver Dominic, conversar com ele, pelo menos para explicar sobre o que eu penso sobre a acusação.

[...]

— Obrigada por nos receber, senhor Lewis. — Ouço uma voz feminina agradecer perto de mim.

Levanto-me do sofá e viro de frente a jornalista. Meu olhar se cruza com a de Penélope, eu sorrio e ela finge não ver. Cumprimento Candice e Lola. Elas se sentam no sofá de cor creme, meu pai se senta na poltrona posicionada propositalmente em frente à lareira e Quinn fica parada ao seu lado. Eu me sento no sofá livre junto com meu irmão e ficamos monitorando a entrevista. Algumas vezes o meu olhar se cruza com o de Pen e ela continua me evitando.

— Antes de tudo, quero agradecer por nos receberem e concederem a entrevista. — Candice sorri gentilmente para cada um de nós e volta seu olhar para meu pai. — Podemos começar?

— Sim. — Meu pai afirma.

Candice posiciona a câmera antes de ligá-la para iniciar a entrevista, Lola começa a desenhar numa folha e Penélope digita em seu celular. Não presto atenção em nenhuma das perguntas, pois sei que Candice seguirá cada uma das exigências que fiz. Eduard encara fixamente Penélope, olha para mim com o cenho franzido e eu o encaro.

Ele não pode querer estragar a entrevista só porque a irmã de Dominic está aqui, não é justo. Ela está á trabalho e os problemas do passado devem ficar fora desta casa. A cada pergunta ou curiosidade de Candice é respondida em perfeitas palavras por meu pai. Se eu não conhecesse seu lado obscuro, acreditaria nessa pose de governador honesto.

Mentiroso safado.

Eu sei que, o que o meu pai faz é errado, ainda mais eu ajudá-lo, mas foi isso que eu escolhi depois de tudo que aconteceu em minha vida. Perder a minha mãe não foi nada fácil, perder as amigas também não e perder Dom... Balanço minha cabeça para os lados afastando qualquer pensamento que me leve até ele, mas acabo prendendo meu olhar em Penélope que está a poucos metros de mim.

— O senhor conquistou muitos eleitores do dia para noite praticamente e

isso foi muito bom, senhor Lewis. Fazia muito tempo que a população não via um governador honesto como o senhor. — Candice elogia meu pai.

— Quero conquistar cada um deles um pouco mais ao passar dos dias. Irei mostrar que eles souberam votar. — Meu pai sorri vitorioso.

— É isso que a população espera. — Candice se vira para mim e pisca. No e-mail que a enviei, disse que a pergunta sobre Dominic não seria respondida. — O que resta é fazer uma foto em família.

Lola pega uma pequena câmera dentro de sua bolsa preta, me posiciono ao lado do meu pai e meu irmão ao meu lado. Sorrio amplamente em direção à câmera e em segundos a foto é tirada. Um dos pedidos do meu pai foi não vir nenhum fotógrafo ou alguém além das duas jornalistas e uma desenhista. Candice deu a ideia de Lola fazer um pequeno desenho realista do meu pai para compor a entrevista e ele gostou bastante da ideia.

Ele não quer que a nossa casa seja fotografada por dentro e nem que estranhos a visite. Meu pai avisa que terá que ir para um compromisso importante, se despede de todos e se vai com meu irmão. Eles devem estar indo para o local onde mantivermos o *verme* preso. Candice avisa que irá para o jardim fazer uma rápida entrevista com Quinn, Penélope vai junto e Lola consegue arrumar uma desculpa para não ir.

— O que quer conversar comigo? — Lola questiona assim que nos encontramos sozinhas.

— Eu quero... Saber do... Dominic. — Sussurro.

— Creio que você já saiba que ele saiu da cadeia.

— Sim, eu sei. Quero mais informações sobre ele.

— Ele está um pouco mudado, bem mais fechado, centrado e maduro. A cadeia o fez refletir na vida e nas escolhas que ele estava fazendo.

Com certeza ele pensou sobre a gente, assim como eu pensei muito.

— E fisicamente? — Mordo o interior da minha bochecha ao esperar a resposta. Lola me encara fixamente por alguns segundos, suspira e se inclina em minha direção. — Lola...

— Ele mais tatuado, seu corpo mais musculoso e o rosto de macho que te arranca suspiros ao imaginar coisas... — Lola ri. — Ai se Leon me escuta.

— Não é errado falar isso. — Reviro os olhos.

Lola e Leon estão praticamente noivos, mas ainda não ouve a oficialização do rótulo. Sim, eu trato esse tipo de coisas como um rótulo. Pelo o que eu sei do Leon, ele conseguiu seguir na mesma carreira que o pai e o irmão. Empresários do ramo aéreo. Abaixo a cabeça encarando as mãos entrelaçadas em meu colo e tento pensar em como Dom está. Lindo, com certeza. Ele já era antes de ir para a cadeia. Eu sinto que Lola não queria me contar sobre Dominic, mas todos

precisam entender que eu não fiz nada de errado e nem fui culpada.

Suspiro exausta, eu passo as mãos em meu cabelo e o prendo num rabo de cavalo. Lola está com os olhos fixos no papel em seu colo e continua a dar retoques no desenho do meu pai. Pergunto sobre Leon, ela me diz que ele está bem e irá lutar hoje à noite. Desde que meu pai comprou o *Fight*, nunca mais fui lá em horário de lutas. Vi como ficou a reforma, o ajudei na legalização do local e nas escolhas dos frequentadores. Soube que os amigos do Dom continuaram a lutar, mas nem todos vão frequentemente lá, como iam antigamente.

Dom era o *líder* de sua *gangue*, e com a prisão dele os meninos se afastaram. Eu não tinha mais motivos para ir lá, não queria ir para ficar pensando nele. Eu sei que Dom tem raiva de mim, assim como sua irmã, e com certeza eles não querem me ver nem pintada de ouro. Não queria esse sentimento vindo de pessoas que foram importantes em minha vida. Apesar do pouco convívio e amizade eles eram importantes para mim.

— Lola... — A voz da Penélope chama minha atenção e eu olho para trás e ela fica séria me encarando. — Já podemos ir, Candice está se despedindo da senhora Evan.

— Claro, vamos.

Lola afirma guardando seu material dentro de sua mochila, eu me levanto do sofá e vou para perto de Penélope que me encara friamente. Ah, minha querida, se você soubesse o que eu faço você não faria isso, pois eu não me intimido.

— Fiquei sabendo que o Dom... Dominic está livre. Fiquei contente.

— Será? — Penélope questiona debochada. — Duvido muito, ainda mais do que eu soube ao seu respeito, Lewis.

— Eu não tive culpa de nada, eu fiquei mal ao saber que ele estava sendo acusado de matar minha mãe.

— Para de mentir, Emily! — Ela exclama nervosa. — Você sabe muito bem que o seu pai não queria envolvimento entre vocês dois, ele sabia sobre vocês e vocês negavam que tinham algo. A ideia que sua família teve quase acabou com a vida do meu irmão, ele quase foi sentenciando a morte ou prisão perpetua. Mas felizmente ele foi inocentado, as provas que tinham eram fracas.

— Eu jamais quis que Dominic fosse preso, eu jamais desejei o mal para vocês. Eu queria somente o bem, eu me preocupava com vocês, vocês eram importantes para mim. — Um nó se forma em minha garganta e lágrimas embaçam a minha vista. — Entenda que eu nunca fui culpada.

— O seu pai e irmão são os culpados, todos sabem disso e você... — Ela sorri friamente e arqueia uma sobrancelha. — Segue a sua vida longe do meu irmão, você não é boa para ele e nunca vai ser.

Penélope me encara por mais alguns segundos, gira em seus calcanhares e sai pisando duro em direção à porta. Lola se despede de mim com um rápido aceno, avisa que vai conversar com a amiga e sai da minha casa. Subo para o meu quarto, entro no meu closet e respiro fundo. A raiva está correndo pelas minhas veias, a culpa se instalou em meu peito e eu preciso me libertar disso.

Visto uma calça *legging*, um espartilho preto e coloco uma bota em meus pés. Olho para a janela do meu quarto e vejo que o céu está limpo, mas venta. Pego uma jaqueta de couro, a visto e saio do meu quarto após pegar minha bolsa. Eu suporto qualquer coisa que venha dos meus inimigos, mas não suporto coisas ruins vindo de pessoas importantes.

Se o que Penélope disse for verdade, meu pai e Eduard terão que me dar uma ótima explicação. Assim que entro no meu carro, coloco minha bolsa no banco ao meu lado e dirijo em direção ao galpão onde o *verme* está. Irei descontar minha raiva nele e já tenho maravilhosas ideias para isso.

[...]

— Pode machucar o quanto você quiser, eu não vou dizer nada. — Ele rosna entre dentes enquanto faço roleta russa com minha *Taurus 92B*. Seus olhos estão fixos em minha pistola, vejo o temor dominar o ambiente e sorrio triunfante. — Pode me matar.

— E acabar com a minha brincadeirinha? — Rio friamente e me inclino em sua direção. — Não, meu amor. Eu vou te fazer sofrer e vou te usar como isca.

— Isca? — Ele questiona intrigado.

— Sim, aqui na Califórnia tem muitos tubarões.

Vejo os pelos dos seus braços se arrepiarem e ouço uma baixa gargalhada atrás de mim. Viro-me rapidamente e vejo meu irmão. Se ele me provocar, eu o colocarei nessa cadeira e o torturarei até ele falar a verdade do caso de Dom. Coloco minha arma no cós da calça, me afasto do *verme* e ando na direção do meu irmão.

Seguro na gola de sua camiseta polo e bato as suas costas na parede o fazendo franzir o cenho. Ele me empurra, arruma a sua camisa e anda na direção da mesa onde ficam algumas armas e apetrechos. Observo Eduard pegar uma venda, se aproxima do rapaz e coloca em seus olhos.

Em seguida coloca um fone tampando os ouvidos do rapaz e se aproxima de mim rapidamente. Em fração de segundos sou arremessada contra a parede, gemo de dor e caio sentada no chão. Eduard me puxa pelas pernas, sobe em cima de mim e segura em meu cabelo.

— Ficou louca, Emily? — Eduard questiona nervoso.

— Você é igualzinho ao nosso pai. Dois idiotas que pensam somente em si mesmos. Eu não duvido nada que você e o nosso pai fizeram suas tramoias para prender Dominic.

— Eu não fiz nada, sua louca.

Eduard solta meu cabelo saindo de cima de mim, consigo me levantar rapidamente e consigo chutar suas costas o fazendo cair em cima da mesa de equipamentos. A mesa de aço vai ao chão levando junto tudo que estava em cima dela e Eduard cai por cima de tudo. Ele se levanta rapidamente, me encara com *sangue nos olhos* e passa a mão na coxa.

Percebo que uma faca entrou em sua perna e me retraio ao ver a faca ser retirada. O barulho da porta se abrindo chama minha atenção, mas eu não ousa retirar os meus olhos do meu irmão. Ele está me encarando fixamente, a faca está apontada em minha direção e sua respiração está pesada.

— Parem. — Ouço a ordem do meu pai, mas não me mexo e nem Eduard. — Agora!

— Emily veio me atacando assim que eu entrei aqui. — Eduard fala abaixando a faca.

— Como sempre. — Meu pai resmunga.

— É bom os dois estarem aqui... — Cruzo meus braços em frente ao corpo e encaro meu pai. — Quero saber se vocês são os culpados pela prisão de Dominic.

— Era só o que me faltava. — Meu pai se aproxima de mim e segura forte em meu cabelo. — É melhor você esquecer esse meliante, ele matou sua mãe.

— Não matou, ele foi inocentado e ele jamais mataria alguém.

— Tem certeza? Eu pensava que você jamais mataria alguém, mas você já matou três caras.

— Para te proteger! — Exclamo entre dentes e o empurro fazendo-o puxar mais ainda o meu cabelo. — Me solta.

— Vá para casa.

Meu pai solta meu cabelo e saio da sala batendo a porta. Passo pelos seguranças e saio do galpão. Entro no carro, coloco o cinto de segurança e saio dirigindo em alta velocidade. Já estou acostumada com as agressões vindo dos dois, mais precisamente de meu pai.

Diminuo a velocidade do meu carro, paro no sinal vermelho e pego o meu celular em cima do painel. Quero muito ir ver uma pessoa, mas não sei se é o momento certo e nem se ele irá me receber. Não espero nada diferente do jeito da Penélope, muito menos uma boa atitude. Digito uma rápida mensagem para Lola e fico aguardando a resposta.

"Penélope ainda está trabalhando?"

Em segundos a resposta chega, meu coração acelera e eu leio a mensagem.

"Sim."

Era essa a resposta que eu esperava. O sinal fica verde, acelero o carro e dirijo em direção ao bairro de Glendale. Penélope resolveu sair do bairro onde eles moravam, por causa da criminalidade e conseguiu alugar o apartamento no novo bairro. É bem mais seguro, tranquilo e movimentado.

A ansiedade domina meu corpo e mente. O desejo e a saudade predominam em meu interior junto. Ah, e o receio... Está acompanhando cada um desses sentimentos. Eu não quero ser humilhada e muito menos rejeitada. Assim que estaciono meu carro em frente ao pequeno prédio, digito uma nova mensagem para Lola.

"Qual o apartamento da Penélope?"

Espero que Lola me fale sem questionar. Não quero dar explicações e muito menos saber da opinião de terceiros.

"Primeiro andar, apartamento dez."

Nem me dou o trabalho de agradecer, desço do carro e aciono o alarme. Passo pelas portas marrons do prédio, ando em direção ao elevador e vejo a placa de manutenção. Mudo a direção dos meus passos, abro a porta vermelha que dá acesso às escadas e começo a subir de dois em dois degraus. Espero que Dom esteja em casa, quero poder esclarecer as coisas.

Assim que termino de subir os dois lances de escada, empurro a porta vermelha e fico estática. Daqui consigo ver um casal conversando em frente à porta de um dos apartamentos. Eles me parecem familiar. Vejo a moça jogar seus cabelos para os lados e acaricia o braço do rapaz.

— É sério, Dominic. — A moça ri.

— Tá, Lauren. — Ele concorda.

Eu não acredito. É Dom e Lauren, a amiga da Penélope. Saio da porta das escadas, entro no corredor lateral e fico espiando eles por entre um vaso de flores verdes. Lauren joga os braços a redor do pescoço do Dominic, ele a abraça pela cintura as bocas se aproximam.

Não pode ser!

Lauren e Dominic não podem estar juntos. Respiro fundo de olhos fechados, ouço ela se despedir de Dom e eu fico de costas para a porta das escadas fingindo que arrumo a minha bota. Ouço a porta ser aberta, em seguida se fecha e eu me levanto. Olho novamente para aonde eles estavam e não vejo

ninguém. Agora já não tenho mais certeza se tenho que ir lá ou não.

Confesso que fiquei mexida ao ver os dois juntos. Lola não me contou nada sobre isso. Balanço a cabeça, ando em passos firmes em direção e apartamento do Dom e antes que eu possa tocar a campainha uma mão segura em meu braço. Solto meu braço da mão desconhecida, viro de frente para a pessoa e suspiro aliviada.

— O que você faz aqui? — Oliver me questiona.

— Eu... *Hã...* Vim conversar com Dominic. — Mordo o interior da minha bochecha.

— Não acho que isso seja uma boa ideia. — Ele murmura.

Além da Lola, Oliver também não ficou com raiva de mim ou algo parecido. Nesses anos que se passaram eu o encontrei diversas vezes. Oliver faz um sinal me chamando para entrar no seu apartamento, apenas concordo e passo por ele. Já vim aqui algumas vezes e já sou praticamente *de casa*. Sento-me no sofá cinza, ele se senta no outro e me encara.

— O que foi? Acha que eu fiz uma loucura, vindo até aqui? — Questiono irritada.

— Eu tenho absoluta certeza. — Ele ri me provocando. — Dom não vai querer conversar com você, por enquanto.

— Mas eu preciso. Eu sei que ele pensa que eu tive culpa de algo.

— Isso eu já não posso te afirmar. — Oliver balança a cabeça de forma negativa e sorri fraco. — Vocês vão conversar mais cedo ou mais tarde, só que agora não é o momento.

— Talvez esse momento nunca chegue. — Resmungo. — Não sabia que ele estava junto com a Lauren.

— Ninguém sabe, além de mim e dos meninos. A Pen nem pode sonhar com isso...

— A Penélope não sabe? — Sorrio diabolicamente.

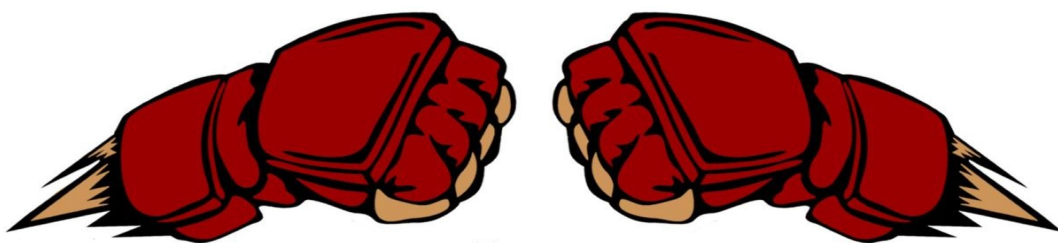
— Emily, nem pense em fazer isso!

— Eu não pensei em nada.

Ou melhor, não precisei pensar muito para ter uma ótima ideia. Finjo que recebo uma mensagem importante, aviso para Oliver que preciso ir embora e ele me acompanha até a porta vermelha no final do corredor. Desço as escadas de emergência rapidamente, logo entro no meu carro e antes que eu possa sair da frente do prédio vejo Penélope entrando com uma sacola de comida em suas mãos.

Imagina quando ela souber que a melhor amiga está ficando com o irmãozinho querido dela... Penélope irá surtar. Vou providenciar que ela fique sabendo logo e vou querer assistir tudo de camarote. Não vou fazer isso com a

intenção de ter algo com Dom e sim pela consideração que ainda tenho pela Pen. Ela não merece ser enganada pela própria amiga.



CAPÍTULO 2

*Você a vê quando
fecha os olhos
Talvez um dia você
entenda porquê
Tudo o que você toca
certamente morre
Mas, você só precisa da luz
quando está escurecendo.
Passenger — Let Her Go*

Dominic

Faz quase duas semanas que saí da cadeia e ainda estou me adaptando novamente à sociedade. Quando eu soube que estava livre me senti aliviado, mas nem por isso me esqueci da vingança que jurei fazer e que pretendo concretizá-la em breve. Jensen está me ajudando nisso, aliás, ele vem me ajudando nisso desde que fui preso. Nas diversas visitas que me fez quando estive preso, ele me disse que estava sabendo que James Lewis não era tão bom para a cidade como todos pensavam e isso veio se afirmando ao passar dos anos.

Algumas pessoas próximas a Jensen afirmaram as nossas suspeitas, mas ainda não temos provas. James Lewis, o novo governador do Estado da Califórnia é um mafioso. Trafica armas, drogas e pessoas. Sim, por incrível que pareça ele vende pessoas para diversos lugares do mundo.

— Dom... — Ouço a voz de Penélope e a encontro parada na divisão entre a sala e a cozinha. — Estou indo na entrevista dos Lewis com a minha chefe.

— Tenha cuidado, Pen. Aquele homem não é bom.

— Eu sei, Dom. Já sou grandinha. — Minha irmã revira os olhos e some das minhas vistas indo em direção ao fogão.

Reviro os olhos da sua provocação. Antes de ser preso inocentemente Pen tinha apenas dezoito anos, ela era uma menina, mas hoje em dia não é mais. Ela já tem vinte e seis anos, e já sabe o que faz da própria vida. Alguns dias depois que fui preso a Penélope tomou grandes decisões em sua vida. Conseguiu arrumar um emprego, vendeu o nosso apartamento com tudo que tinha dentro e alugou esse apartamento em outro bairro.

No início Jensen a ajudou a pagar os alugueis, Pen entrou na faculdade de jornalismo e se formou mesmo diante da pouca dificuldade que passava. Jensen, Noah, Oliver, Lauren, Lola e Leon se mantiveram ao lado da minha irmã e sempre que podiam estavam a ajudando. Sou muito grato a todos por tudo que fizeram pela minha irmã.

Jensen não a deixou ter nenhum contato com nossos pais, ainda mais com a nossa mãe e ela nunca foi me visitar na cadeia. Não queria que minha irmã entrasse naquele lugar horrível, pedi para Jensen conversar com ela sobre isso e ela entendeu. Em todas as visitas de Jensen eu recebi cartas dela ou mandava algumas para ela e via fotos dela através do Jensen. Eu nunca contei sobre ter encontrado nossa mãe naquela noite antes de ser preso.

— Pen, que horas você vai voltar?

— Não sei, mas não vai ser tarde. — Penélope avisa e em seguida aparece na minha frente. — Quando eu voltar, trago nosso jantar.

— Tá bom.

Ela me manda um beijo, pega sua bolsa e sai de casa. Penélope se tornou uma linda mulher, por dentro e por fora. Ela é uma guerreira, linda. Fico deitado no sofá assistindo futebol e bebendo. A campainha toca chamando minha atenção, fico um pouco intrigado e vou até a mesma. Não pode ser a Penélope, pois ela tem sua chave. Abro a porta e um pequeno sorriso surge em meus lábios.

Lauren se joga em meus braços, dá um beijo casto em meus lábios e entra. Estamos nos relacionado há alguns dias, Penélope não sabe e eu prefiro que seja assim por enquanto. Comecei a me relacionar com Lauren de repente, quando eu vi já estávamos muito próximos. Não é nada sério ou muito íntimo.

— Eu vim, pois soube que a Pen saiu. — Lauren morde o lábio inferior.

— Se ela descobrir que você veio aqui por minha causa...

— Eu sei, eu sei... Ela ficaria chateada contigo e minha amizade com ela acabaria. — Ela revira os olhos e faz um bico. — Também sei que ela não gosta que suas amigas tenham envolvimento com você.

A não ser, Emily... Mas isso já faz anos e foi algo de momento. Prefiro nem lembrar daquilo, foi algo muito bom, mas acabou me ferrando e muito. Por culpa de Emily, seu pai conseguiu me colocar atrás das grades por anos. Fecho a porta, me aproximo da Lauren e a abraço pela cintura.

— Eu sei, Lauren, mas não é certo ficar enganando minha irmã, e ainda por cima sua amiga.

— Não estamos enganando, apenas omitindo algo que não existe diante de seus olhos.

Lauren fica nas pontas dos pés, dá um beijo rápido nos meus lábios e me puxa em direção ao sofá. Sento-me, Lauren fica em meu colo de frente para mim e brinca com uma mexa do seu cabelo. Jensen, Noah, Leon e Oliver sabem do meu envolvimento com Lauren, mas sabem que não podem comentar nada sobre isso. Quando contei sobre Lauren, eles me disseram que ela gosta de mim há muito tempo, mas nunca falou nada por causa da minha irmã.

Eu não ligo que Lauren já tenha *passado na mão* de alguns conhecidos, ela ficou com quem ela quis e agora quis ficar comigo. Não acho que ela seja vagabunda, puta ou qualquer outra coisa por ter ficado com todos. Penélope é muito ciumenta, muito controladora e briguenta. Soube que Pen anda praticando luta numa academia, mas não é nada sério.

— Pensei que iria junto com a Pen e a chefe de vocês. — Comento fazendo Lauren soltar a mexa do seu cabelo.

— Pedi para não as acompanhar. Não quero proximidade com aquela família.

— Mas é o trabalho de vocês.

— Eu sei, mas não quero proximidade com os Lewis.

— Ninguém quer.

Ouço-a sussurrar um *ainda bem* e logo cola nossas bocas. Nossas línguas se encontram, dançam se forma sensual e calma. Passo minhas mãos pelas suas costas, desço até sua bunda e a aperto. Lauren geme contra minha boca, apalpa os músculos dos meus braços e morde o meu lábio inferior. Ela desgruda as nossas bocas, segura na barra da minha camiseta e a puxa para cima. Observo seus olhos passearem pelo meu tórax, ela morde seu lábio inferior e sorri maliciosa.

Antes que eu possa ter alguma reação, ela retira sua camiseta ficando apenas de sutiã diante dos meus olhos. Deito seu corpo no sofá, fico entre suas pernas e beijo seu pescoço. Lauren é uma bela mulher, mexe com minha imaginação e é gostosa. Aperto um dos seus seios com a mão cheia de desejo, ataco sua boca e a sinto sorri no meio do beijo.

— Oh, não! — Lauren reclama quando a campainha toca.

Saio de cima do seu corpo, ajeito minha ereção por cima da calça jeans a abro a porta. Jensen entra sem minha autorização, cumprimenta Lauren e se senta no outro sofá. Lauren veste sua camiseta de volta, me sento no sofá e encaro meu amigo.

— Não tinha a intenção de atrapalhar. — Jensen informa debochado segurando o riso. — Não imaginei que vocês estariam transando, ou melhor, iriam transar.

— E eu não imaginei que você viria aqui. — Lauren resmunga.

— Qual é, Lau? Eu vim conversar com Dom. — Jensen comenta.

— Não poderia ser um pouco mais tarde? — Lauren questiona irritada o fazendo ri.

— Você deveria estar trabalhando a essa hora, Lau. — Jensen comenta.

— Enfim, o que você veio fazer aqui? — Pergunto mudando de assunto.

— Vim te contar algumas coisas que descobrir.

— Vou embora para vocês conversarem. — Lauren avisa, se levanta do sofá e eu a acompanho até a porta. — Nos vemos mais tarde?

— Não sei, Lau.

— Vá para meu apartamento, lá é seguro para nós. — Ela sorri convincente e eu semicerro meus olhos. — É sério, Dominic.

— Tá Lauren.

Ela joga os braços ao redor do meu pescoço e eu aproximo os nossos lábios. Dou um beijo simples, mas demorado nela e logo Lauren se vai pelas escadas de emergência. Volto para o meu apartamento e vejo Jensen digitando no celular com o cenho franzido e fico batendo o meu pé no chão enquanto espero. Quero saber se ele conseguiu alguma prova concreta das pilantragens que James Lewis

faz, mas sei que está complicado. Ele guarda o celular no bolso, passa à mão no rosto e apoia as mesmas em seus joelhos.

— Na madrugada passada, um cara tentou roubar as drogas que estavam indo para o galpão do Lewis e foi pego. Um dos seguranças deles que é meu amigo me disse que Emily passou a madrugada torturando o rapaz tentando saber quem é o chefe dele. Tem um cara maior do que todos tentando derrubar o Lewis.

A única coisa que me surpreendeu foi "*Emily passou a madrugada torturando...*" Eu quero acabar com os esquemas do James, mas isso não quer dizer que eu quero que Emily vá para a cadeia. Eu não me importo com ela, mas a cadeia não é lugar para ela... Na verdade... Vou ser sincero, não quero ver Emily presa, mesmo depois do que aconteceu comigo. Quero apenas me vingar do seu pai, somente James Lewis é o meu alvo.

— A Emily torturou o rapaz?

— Qual é Turner, você ouviu apenas essa parte? — Jensen questiona irritado.

Levanto-me do sofá e ando de um lado para o outro. Eu me lembro que ela gostava de lutar, mas para torturar alguém... Ela treinou para isso?! Ela está ajudando a proteger os negócios do seu pai e está preparada para qualquer tipo de coisa. É bom saber disso. Assim podemos ficar ainda mais em alerta.

— Porque você não pede para esse segurança tirar foto do que ele vê por lá?

— Porque os seguranças não podem estar com os celulares enquanto trabalham. Eles usam apenas rádios comunicadores.

— Se conseguíssemos algumas fotos ou até mesmo vídeos seria muito bom.

— Isso é bem complicado. Não podem desconfiar do meu informante lá e temos que provar a sua inocência cem por cento. — Jensen coça o queixo pensando em algo e sorri. — Podemos pedir para usar uma câmera minúscula em alguma parte do corpo.

— Boa ideia, mas temos que ver isso direito.

James quase acabou com a minha vida, somente para que eu me afastasse de Emily e por causa disso eu parei de fazer o que mais amava. *Lutar!* Não sei se consigo um bom lugar para voltar a lutar e nem sei se o dono me receberia por causa dos meus antecedentes.

Pretendo colocar Lewis atrás das grades, assim como ele fez comigo. Mas tenho certeza que ele não irá conseguir uma fiança ou ser inocentado facilmente. Jensen coça a garganta chamando minha atenção, volto a me sentar no sofá e cruzo meus braços.

— Mudando de assunto... Você já contou para Pen?

— O que? — Franzo o cenho.
— Sobre você e Lauren.
— Não. — Nego de imediato. — Pen iria ficar irada com isso e além do mais, ela sempre avisou as amigas para ficarem longe de mim.
— Com uma ela não fez isso. — Ele resmunga.

Emily Lewis... *Eita menina fogosa*. Ainda me lembro do dia que transamos, mas foi algo... Banal. Algo normal e sem importância alguma. Quando fui preso, soube que ela tentou me visitar, mas eu não a queria por perto. Eu estava sendo acusado de matar sua mãe, nós dois estávamos com sentimentos confusos um pelo o outro e nada disso era bom. O melhor foi nos afastarmos e cada um viver a sua vida. Creio que se a encontrasse na rua, não a reconheceria e nem iria fazer questão disso.

[...]

— Aonde você vai? — Penélope questiona pela milésima vez.
— Sair com Jensen. — Minto pela milésima vez.
— Dominic... — Minha irmã resmunga emburrada.

Ela voltou para casa era quase sete horas da noite, trouxe nosso jantar e contou o que aconteceu na entrevista. Quando tocou no nome da Emily, Jensen ficou revoltado, meu amigo nunca gostou dos Lewis, todos sempre souberam e viam isso. Confesso que fiquei surpreso com as palavras que Emily disse para minha irmã, mas fingi que estava indiferente com aquilo.

Jensen foi embora logo em seguida, me deixando a sós com minha irmã e com o assunto da Emily. Penélope queria falar mal da Em, mas eu cortei o assunto e vi minha irmã ficar brava. Arrumo a gola da minha camisa polo, coloco meu boné e viro para minha irmã. Ela continua encostada na porta do meu quarto observando meus movimentos.

— Volto mais tarde, não sei que horas. Qualquer coisa chama o Oliver do outro lado do corredor.

— Eu quero saber aonde você vai. — Penélope fala entre dentes.
— Sair. — Dou um beijo na testa da minha irmã e sigo para fora do meu apartamento. Mas antes que eu possa sair, me viro para Penélope e sorrio. — Vou voltar logo, Pen.

— Assim espero, Dom. Não quero que nada daquilo aconteça novamente.

Vejo seus olhos se encherem de lágrimas, volto e a abraço. Não quero fazê-la passar por tudo aquilo novamente. Pen foi forçada a crescer mais rápido e isso foi bom, mas foi ruim ao mesmo tempo. Pen se tornou uma mulher arisca, não confia em ninguém *novo* e está atenta a qualquer tipo de coisa. Despeço-me dela

e saio do apartamento, passo pelo portão do prédio e sinto meu celular vibrar em meu bolso. O pego e vejo que é uma nova mensagem da Lauren.

"Vou ter que sair para cobrir um furo de reportagem. Marcamos de nos encontrar depois."

Se for assim, irei para o apartamento de Jensen. Sei que os meninos vão estar lá, eles combinaram de assistir jogo de rúgbi. Guardo meu celular no bolso, levanto meu olhar e vejo quem eu jamais imaginei encontrar hoje e muito menos reconhecer.

— Cadê seu guarda costas? — Emily pergunta com deboche.

Coloco as mãos dentro do bolso da calça jeans, me aproximo dela em passos lentos e vejo um sorriso debochado em seus lábios. A reconheço de imediato, ouvindo sua voz e por causa do seu olhar marcante. Dou uma rápida olhada avaliativa em Emily e sorrio internamente. Ela continua linda, está mais madura.

— A patricinha está perdida por aqui? — Questiono.

— Eu, perdida? — Emily ri. — Vim conversar com você.

— Eu não tenho nada para conversar com você, Lewis.

— Lewis? Antes me chamava de Em e até palavras mais baixas. — Ela murmura maliciosamente me encarando.

— As coisas mudaram, eu mudei e você... — Avalio seu corpo. — Também.

Meu cérebro faz questão de lembrar a vez que transei com Emily. Ela gemendo debaixo de mim, arranhando minhas costas, apertando cada músculo do meu corpo... Lembro-me do seu corpo nu, dos seus seios, da sua barriga... Balanço a cabeça para os lados e volto a encará-la.

Não tenho a menor ideia do que ela possa querer conversar comigo, mas não quero aproximação com ela, ainda mais quando estou querendo acabar com seu pai.

— Vamos conversar. Você não vai morrer por fazer isso. — Emily insiste.

— Da última vez que eu me aproximei de você, fui preso inocentemente.

— É sobre isso que quero falar.

Não sei se devo dar essa oportunidade para ela, me aproximar dela neste momento não seria uma atitude correta. Ainda sinto paixão por ela, mesmo que esteja guardado a sete chaves e que eu jamais irei libertar. Emily está me encarando parecendo o gato de botas, escondo um sorriso e balanço a cabeça de forma positiva. Caminhamos em direção à pequena cafeteria do outro lado da rua, nos sentamos numa mesa num canto muito reservado e Emily joga o capuz

da blusa de frio em sua cabeça.

Ela pode ser reconhecida em qualquer momento, ainda mais falando com o *assassino* de sua mãe. Entrelaço minhas mãos em cima da mesa, meus olhos se fixam nos dela por alguns segundos e logo encaro a mesa. Seus olhos magnéticos conseguem prender os meus e isso fica bem complicado.

— Seja breve, por favor. — Peço.

— Eu quero que você entenda que, eu nunca acreditei sobre a acusação. Eu sempre soube que você era inocente, mas nunca entendi aquelas provas.

— Não importa o que você acreditava ou não. Fui acusado de um crime a qual eu não cometi. — Encaro-a.

— Eu sei que não, tentei te ajudar de alguma forma, mas não conseguia. Tentei te visitar, mas você nunca permitiu...

— Iria me visitar para que? Zombar ou ter pena? — Questiono irritado. — Não quero nada que venha de você.

— Dom...

— Não quero nenhuma aproximação, pois sei que vou acabar me ferrando novamente. — Suspiro e lembro-me da minha irmã. — Eu reforço o que minha irmã falou. Fica longe de mim e dela. Segue sua vida e nos esqueça.

— Não tem como me esquecer de alguém que vive no meu coração. — Emily sussurra me surpreendendo. — Você acha que foi mais um em minha vida ou eu mais uma que passou pela sua? Está enganado. Eu sou Emily Lewis. Inesquecível. Apaixonante. Viciante e...

— Sedutora.

Levanto da mesa onde estamos e sigo em direção à saída sem dar a ela nenhuma chance de resposta. Preciso ficar longe de Emily, não quero acabar com meu plano por uma paixonite por aquela... Mulher. Emily é perigosa e tenho consciência disso. Se ela treinou para manter a máscara do pai a salva, também é capaz de fazer algo para atrair alguém e acabar com essa pessoa em seguida.

Ando em passos largos pela calçada da cafeteria, ouço um pequeno barulho atrás de mim e olho rapidamente para trás. Têm dois caras cercando Emily, ela tenta sair, mas eles não deixam. Penso mil vezes em uma decisão correta e acabo dando meia volta. Aproximo-me deles, ela fica levemente surpresa e fica colada ao meu lado.

Não consigo ver o rosto de nenhum deles, eles usam capuz e a iluminação da rua á essa hora não é nada boa. Observo Emily retirar uma pequena barra de ferro de uma de suas mangas da jaqueta de couro e assim que todas as digitais entram em contato com a barra, ela se abre.

— Queremos o nosso amigo de volta. — O rapaz de capuz azul exige.

— Ele vai virar isca de tubarão se não contar quem é o chefe de vocês. —

Emily sorri diabolicamente.

— Nosso chefe está mais perto do que você imagina. — O de capuz vermelho confessa.

— Se vocês querem o seu amigo de volta, inteiro, sã e salvo preciso do nome do chefe. Vocês têm até ao meio dia de amanhã para me contarem.

— Quem disse que vamos contar?

O questionamento surge antes de uma risada fria. O de capuz vermelho vai para cima de Emily no mesmo segundo que o de capuz azul vem para cima de mim. Dou um soco no maxilar dele, levo um chute na lateral do meu joelho e rango os dentes. *Filho da puta!* Desvio dos diversos socos direcionados ao meu rosto, acerto um soco na costela esquerda e um chute em seu abdômen. Olho para o lado e dou um passo para trás quando vejo Emily apontar duas armas para os caras. O homem que atacou Emily está caído no chão com o braço quebrado.

— Se afastem de nós, não me importo em matar vocês dois nesse momento.

— Emily ameaça. — Vão embora e deem o recado para o chefe de vocês. Se mantenham longe dos negócios do meu pai.

— Você vai se ferrar por estar protegendo seu pai. — O de capuz vermelho murmura entre dentes e Emily atira em seu joelho. — Vadia. — Ele grita de dor.

O de capuz verde dá um passo para trás com as mãos para cima, abre a porta do carro preto atrás dele e ajuda o comparsa a entrar no carro. Assim que o carro sai em disparada pela rua, me viro para Emily que está com a mão na barriga. A preocupação toma conta de mim, coloco minha mão em cima da mão da Emily e sinto algo molha-la. Levo minha mão na altura dos meus olhos e vejo sangue.

— Eles te machucaram.

— É somente um corte na barriga e na perna. — Emily dá de ombros. — Você não deveria ter vindo me ajudar, você pode se prejudicar.

— Eram dois caras contra você, Em... Emily. — Resmungo. Preciso ajudá-la com esse corte, ela não pode dirigir para casa sangrando. — Vou te ajudar com esse corte.

— Me ajudar? — Ela questiona surpresa.

— Sim. No meu apartamento tem primeiros socorros.

— Não! — Ela exclama e rir sem humor. — É capaz da sua irmã me dar outra facada.

— Para de bobagem.

Passo meu braço pela sua cintura, ela se apoia em mim e atravessamos a rua. Sinto a arma de Emily em sua cintura contra minha perna e fico incomodado. Nunca gostei desse tipo de coisa, ainda mais vindo de alguém como Emily. Assim que chegamos à frente das escadas de emergência, pego

Emily em meus braços e começo a subir os degraus. Emily está segurando forte em meus músculos e seu olhar cruza com o meu, mas logo desvio.

— O que eu falei antes... — Emily suspira. — Não quero ir para o seu apartamento, sua irmã me odeia.

— Você está ferida e precisa de ajuda.

— Podemos ir para o apartamento do Oliver? — Emily pede, franzo o cenho e a encaro. — Não me olhe assim. Eu sei que o Oliver mora em frente ao seu apartamento e eu já vim aqui várias vezes.

Fico em silêncio e subo as escadas rapidamente. Não sabia que Oliver e Emily eram próximos, muito próximos na verdade. Emily consegue empurrar a porta vermelha da escada com uma das pernas, ando em direção ao meu apartamento mesmo ouvindo protestos.

A coloco no chão, seguro em sua cintura e entramos no meu apartamento. Vejo Penélope deitada no sofá com as pernas para cima, sinto Emily ficar tensa e suspiro chamando a atenção da Pen. Minha irmã olha em nossa direção e pula para fora do sofá quando nos vê.

— O que ela faz aqui, Dom? — Penélope questiona.

— Eu disse que não deveríamos ter vindo para cá. — Emily murmura.

— Parem as duas. — Ordeno. — Emily está machucada, precisa da nossa ajuda.

Penélope semicerra os olhos em nossa direção e em seguida vai rumo ao banheiro. Fecho a porta de casa, ajudo Emily a se sentar no sofá e me agacho em sua frente. Tem um grande corte na lateral do seu joelho, sangra, mas não é muito e nem profundo. Levanto sua camiseta cinza machada de sangue e vejo que o corte em sua barriga foi um pouco mais profundo.

É preciso de alguns pontos. Emily retira sua jaqueta, joga no chão e levanta a camiseta até a altura dos seios. Respiro fundo afastando novamente as lembranças que tenho do seu corpo e encaro o chão. Penélope se agacha ao meu lado, segurando a caixa de primeiros socorros e revira os olhos.

— Temos que limpar o corte na lateral do seu joelho e você precisa retirar a calça. — Penélope informa sem olhar para Emily.

Ajudo-a ficar de pé, ela desabotoa a calça e a empurra para baixo. Mesmo que eu *não queira mais nada* com Emily, ela é mulher e consegue mexer comigo. Suas pernas firmes, brancas e sedosas chamam minha atenção. Subo meu olhar e vejo uma calcinha preta cobrindo uma parte importante do seu corpo. Ela volta a se sentar no sofá, estica a perna e a apoia na mesa de centro. Cuido do seu corte na perna enquanto Penélope limpa o corte em sua barriga.

— Quem diria que isso iria acontecer. — Emily debocha.

— Fala mais alguma coisa que eu paro de *ajudar* você. — Minha irmã

direciona um olhar frio para Emily e volta sua atenção para o corte. — Você vai precisar levar pontos.

— É melhor ir para um hospital. — Aconselho.

— Não quero ter que dar explicações quando chegar lá. — Emily murmura e eu a encaro. — Obrigada por me ajudar. Eu imagino que seja complicado, mas...

Ela dá de ombros e fica em silêncio. Para mim não está sendo tão complicado assim, mas para minha irmã... Ah, está sendo uma tortura. Soube que Emily veio conversar com ela no dia que eu fui preso, mas Pen a culpou e ainda quis bater nela. Ainda bem que Jensen não deixou apesar dele querer que aquilo tivesse acontecido.

Termino de limpar o corte, coloco um curativo e me afasto. Continuo não querendo aproximação e não vou querer tão cedo, mas a vida nos prega peças. Olha só o que aconteceu. Observo minha irmã terminar de limpar o corte na barriga de Emily e coloca um curativo. Em seguida Penélope sai me deixando a sós com Emily e os nossos olhares se cruzam.

— Você deveria ter mais cuidado, não pode ficar enfrentando pessoas desconhecidas...

— É o que eu sempre fiz Dom. Já estou acostumada com esse tipo de coisa, ainda mais em levar alguns pontos. — Emily fala sem muita importância e encara a camiseta com sangue. — Obrigada novamente por me ajudar. — Ela se levanta do sofá e veste a calça novamente. — Tenho que ir, eu espero poder conversar com você em breve.

— Você não pode ir... — Falo de repente e ela me encara surpresa. — Você não vai conseguir dobrar o joelho para descer as escadas e nem dirigir.

— Eu me viro. — Ela dá de ombros. — Eu sei que vocês não me querem aqui, eu não sou bem-vinda.

— Eu não disse nada disso. — Balanço a cabeça de forma negativa. — Fique até a dor passar.

— Não é preciso...

— Eu insisto.

Emily e eu ficamos nos encarando por quase um minuto sem nenhuma palavra ser dita. Estamos presos um nos olhos do outro e isso me faz lembrar quando vi Emily pela primeira vez. Ela era uma menina doce, decidida e forte.

Hoje em dia ela continua assim, mas é uma mulher fria quando o perigo surge. Às vezes a dúvida toma conta de mim. Será que Emily protege o lado obscuro do pai porque quer ou porque é obrigada? Não posso perguntar isso para ela e muito menos vou conseguir saber sozinho.

— Emily, você pode tomar banho e usar alguma roupa minha. — A voz de

Penélope quebra nosso contato visual e encaro minha irmã. — Isso não quer dizer que eu te aceite aqui, mas hoje é apenas uma exceção.

— Obrigada, Penélope. Eu vou querer sim, não quero chegar em casa com a roupa desse jeito.

Penélope gira em seus calcanhares e volta para o quarto. Emily volta a olhar para mim e nossos olhares se prendem um no outro novamente. Não é certa essa atração palpável que existe entre nós, não quero uma nova aproximação. Tenho que estar repetindo isso a cada segundo, pois sei que sou capaz de ficar de quatro por ela.

Aproximo-me de Emily, estico a mão para ela e a ajudo a se levantar. Guio-a em direção ao quarto da minha irmã, a mesma nos encara e suspira. Minha irmã também percebe a atração que existe entre nós. Muitas vezes depois que fui preso, Jensen sempre jogou na minha cara sobre ele ter avisado, que me aconselhou a ficar longe de Em. Emily vai para o banheiro com uma pequena dificuldade, pois não consegue dobrar o joelho esquerdo e eu fico a sós com minha irmã. Penélope segura em meu braço e andamos para fora do quarto e encosto na parede.

— Eu entendo que ela precisava de ajuda, mas é apenas isso. Não quero você próximo, novamente. — Penélope suspira ao cruzar os braços em frente ao corpo. — Ela não é boa para você.

— Pen...

— Eu sei que vocês já se envolveram, mas foi no passado. Ela pode ter sido boa para você naquele momento ou em momentos de excitação, mas eu sei o que eu estou falando.

— Eu entendo a sua preocupação, Pen. — Afago os seus cabelos.

— Se por acaso você ainda sentir algo pela Lewis, eu até deixaria você... Se envolver com alguma amiga minha. Somente para esqueça-la.

Lembro-me de Lauren. Tenho que contar para minha irmã sobre o meu pequeno envolvimento com sua amiga, não quero esperar isso evoluir ou que ela fique sabendo por outras pessoas se não por mim. Mas isso também me faz refletir sobre suas palavras. Será que ela pensa que eu possa querer algo novamente com Emily? Com certeza sim, pois para minha irmã dizer que me deixaria envolver com alguma de suas amigas... Isso soou meio que um desespero.

— Pen, eu preciso te contar uma coisa.

Penélope me pede um *minuto* com o dedo e vai rumo à sala de estar com o celular em mãos. Talvez seja o trabalho. Minha atenção se prende toda na porta quando a ouço se abrindo, Emily aparece no meu campo de visão e mal olha para mim. Ela está usando uma calça jeans e uma regata preta que são da minha

irmã.

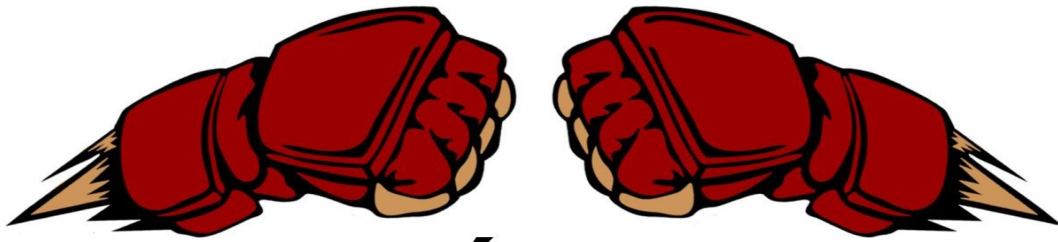
Ela agradece por tudo e vai rumo à sala de estar andando ainda com dificuldade. Sigo-a, paro entre a sala e a cozinha. Emily agradece minha irmã, pega uma sacola preta em cima do sofá e guarda suas roupas dentro. Em se vira novamente para mim, se aproxima sem expressar nada em seu rosto e para a centímetros do meu corpo.

— Mais uma vez obrigada. — Emily agradece.

Observo Emily ficar presa em seus pensamentos por alguns segundos olhando diretamente em meus olhos e respira fundo. Ela gira em seus calcanhares e vai para a porta onde minha irmã já a aguarda. Nenhuma das duas diz alguma palavra, Emily se vai e minha irmã encosta na porta em seguida.

É complicado para eu ter Emily por perto, mas para minha irmã também é. As duas eram amigas e a amizade foi forçada a se acabar com minha prisão. Penélope passa por mim indo em direção ao seu quarto, ouço a porta se bater em seguida e eu sigo para a cozinha. Pego uma garrafa de cerveja, bebo um grande gole e vou até a janela da sala de estar.

Daqui consigo ver onde o carro de Emily está estacionado e logo ela entra no meu campo de visão. Ela olha ao redor antes de entrar no carro e fica parada com ele por quase cinco minutos. Eu não sei como explicar o porquê de eu ter voltado e ajudado Emily com aqueles dois caras. Eu sabia que ela daria conta de cada um deles sozinha, mas eu queria mostrar que eu estaria ao lado dela naquele momento.



CAPÍTULO 3

*Então, querido me acenda e
Talvez eu deixe você por cima
Um pouco de perigo, mas
querido, é assim que eu quero
Menos conversa e um pouco
mais de toques ao meu corpo
Pois estou muito a fim de você,
a fim de você, a fim de você
Ariana Grande – Into You*

Emily

Quando vi Dominic parando ao meu lado e enfrentando aqueles dois caras comigo, me senti mais segura. Sempre me sinto confiante independentemente da situação, mas naquela hora, com ele ao meu lado, foi uma sensação um pouco confusa e difícil de explicar. Eu queria tê-lo ao meu lado, mesmo que não fosse preciso. Durante o início da noite, quando saí do apartamento do Oliver, estava decidida a me intrometer entre Dominic, Lauren e Penélope.

Queria contar para Pen sobre o caso do irmão com a amiga, mas vi que isso era muito infantil. Fui para casa, fiquei enfiada no meu quarto pensando em trilhões de coisas até tomar a decisão de ir atrás de Dominic. Eu só me irei sentir livre quando tirar o peso que está em minhas costas há oito anos. Por sorte, Oliver me contou à hora que Dominic iria sair e eu fiquei aguardando em frente ao prédio.

Confesso que as palavras que Dom disse quando estávamos na cafeteria, foi como um soco na boca do estômago. Senti tudo se revirar dentro de mim, a mágoa tomar conta, mas me controlei ao máximo. Ele disse que me quer longe e que sou um perigo para ele, basicamente essas foram as suas palavras, mas não acreditei em nenhuma delas.

— Senhorita Lewis... — A voz da Lisa dispersa meus pensamentos. — Seu pai pediu para avisar que está indo até Sacramento e volta somente no meio da semana.

— Ele vai sozinho?

— A senhora Evan vai junto.

— Obrigada por me avisar, Lisa. — Agradeço e volto a encarar a tela do MacBook a minha frente e suspiro.

Apesar de esconder o lado obscuro do meu pai, ainda tenho que trabalhar como empresária do mundo da luta, mas ultimamente não venho exercendo essa profissão. A entrevista de ontem foi enviada para mim e eu estou analisando-a para autorizar a publicação.

Não vejo meu irmão desde ontem, mas Lisa me contou que ele levou alguns pontos na perna por causa da nossa briga. Quero que ele se foda gostoso. Ninguém o mandou me atacar. Tudo bem, eu o ataquei primeiro, mas tive meus motivos.

— A senhorita deseja algo? — Lisa pergunta chamando minha atenção.

— Não, Lisa. — Nego. Lembro-me que irei sair daqui a pouco para o galpão, mas à noite eu irei sair. Preciso me distrair um pouco. — Aliás, Lisa... Arrume uma roupa para sair à noite.

— Para qual ocasião exatamente?

— Balada. Mas não quero vestido, saia ou algo assim. — Aviso.

Prefiro usar calça, pois assim consigo esconder facas e minha barra. Não posso sair desprotegida, mesmo que eu esteja indo apenas para uma boate eu ainda tenho chances de ter algum *imprevisto*. Não contei para ninguém sobre o que aconteceu ontem, pois se comentasse, teria que falar que tive ajuda de Dominic.

Em pensar nele, ontem senti meu coração palpitar diversas vezes, principalmente quando nossos olhares ficaram presos um no outro. Sobre ele ter me chamado de sedutora, eu senti as suas palavras pesarem, mas não sei decifrar qual era o sentimento. O ruim foi que não conversamos sobre tudo o que eu queria.

— A roupa que a senhorita usava ontem, eu já lavei e passei. — Lisa avisa.

— As coloquem numa sacola, irei devolver para a dona.

O comentário de Lisa deu-me uma ideia, pois devolver as roupas de Pen é uma ótima oportunidade para tentar conversar com Dominic novamente. Irei até a sua casa com a desculpa que vou devolver as roupas e assim nós conversamos. Respondo o e-mail de Candice dando autorização para a publicação da entrevista e fecho a tela logo em seguida. Viro-me de frente para Lisa e ela me encara intrigada antes de sair do quarto.

Vou encontrar Dominic novamente!

Ufa! Nunca imaginei que ficaria ansiosa desse jeito. Não fomos feitos um para o outro, mas em nossos interiores não é isso que sentimos. Eu ainda sou apaixonada por Dom, sinto uma atração forte, que me faz pensar nele, sentir seu toque, sua respiração em meu pescoço. Lembro-me de nossos momentos juntos.

É um sentimento um tanto confuso que nasceu anos atrás em nossos corações, mas insistiu em permanecer até os dias de hoje. É ruim? Muito, mas fazer o que. Lisa volta para o meu quarto com o meu pedido em mãos, levanto da cadeira onde estou sentada e agradeço sorridente.

— Está muito animada para quem vai somente devolver algumas peças de roupas. — Lisa comenta divertida.

— Além de ir devolver a roupa, vou colocar algumas coisas nos eixos.

Pego minha bolsa, coloco o meu salto alto e saio do quarto após pegar a sacola prata das mãos da Lisa. Vamos ser sinceros, não estou tão confiante sobre Dominic aceitar conversar comigo, ainda mais sobre um assunto que todos querem esquecer, mas eu somente irei esquecer quando tirar o peso que existe em cima de mim.

O pouco que falei ontem não foi o suficiente e eu vi que será difícil convencer Dom de que eu não sou a culpada de nada. Assim que termino de

descer a escada encontro meu irmão entrando em casa e nossos olhares se cruzam.

— Quero conversar com você Emily.

— Estou saindo.

— É rápido.

Reviro os olhos e o sigo indo em direção à sala de estar. A maioria dos seguranças que trabalham para o meu pai estão circulando pelo ambiente, cumprimento com um aceno o motorista e logo me sento no sofá. Para estar essa movimentação toda aqui em casa é porque meu pai ainda não saiu para ir a Sacramento. Ainda bem que não terei que ir, pois apenas quero descansar e curtir nesse final de semana. Quem sabe eu consiga uma companhia para passar a noite.

— É bom os dois estarem aqui... — Ouço a voz do meu pai e logo ele entra no meu campo de visão. — Emily, eu fiquei sabendo que você foi atacada na noite anterior...

— Eu consegui resolver e mandar um recado para o chefe deles.

— Isso não me importa Emily. Você correu perigo.

— Eu estou bem, só tive dois cortes. — Dou de ombros. — Era somente isso? Eu preciso sair.

— Não quero você e o seu irmão brigando novamente, o que eu presenciei não foi bom.

Rio internamente, mas continuo mantendo minha postura indiferente à situação. Isso já aconteceu outros milhares de vezes e sempre nós dois saímos machucados, mas dessa vez foi diferente. Muito diferente.

Eu queria bater nele, eu queria machuca-lo e faze-lo sentir a dor que eu senti quando vi Dominic sendo preso injustamente. Levanto-me, mas meu pai me impede, pedindo para que eu voltasse a sentar e eu reviro os olhos. Quero gritar que preciso sair, mas me contenho.

— O rapaz que vocês estavam *torturando* disse que não conhece o chefe e que foi apenas contratado para roubar aquela carga. — Meu pai informa.

— Como não conhece? O filho da puta está mentindo! — Exclamo nervosa.

— Isso não importa mais... — Meu pai suspira e encara meu irmão. — O seu irmão me disse que tem alguém tentando conseguir provas contra mim e eu preciso que vocês descubram quem é e logo.

— Mesmo que ele consiga provas, você é aliado à maioria dos delegados dessa cidade. — Meu irmão comenta.

— Mesmo que eu seja aliado com a maioria, quem está tentando isso não pode continuar. — Meu pai avisa.

[...]

Ando em direção ao apartamento de número dez calmamente, exalando tranquilidade, mas por dentro não é isso o que acontece. Meu pulso está acelerado, respiração rápida e mordo descontroladamente o interior da minha bochecha. Paro em frente à porta, toco a campainha e logo ouço passos apressados vindo em minha direção.

Se for Penélope, espero que ela não me empurre escada abaixo ou ameace me jogar da janela no final do corredor. A porta se abre, eu sorrio um pouco e espero um convite para entrar no apartamento.

— O que você está fazendo aqui? — Dominic, sem camisa pergunta sem rodeios.

Ele está mais musculoso e tem mais tatuagens do que antigamente. Resumindo. Ele está gostoso.

— Vim devolver as roupas da sua irmã. — Mostro a sacola em minhas mãos.

— *Hum...* Tá bom.

Dominic tenta pegar a sacola das minhas mãos, mas eu não deixo. Nem vai me convidar para entrar? *Mal-educado!* Uma possibilidade se passa por minha mente. Será que Penélope saiu e Lauren está aqui? Se for isso, Dominic é um safado. Ele fica mentindo para a irmã, que o matem em cima de um *altar*.

— Você já foi mais receptivo.

— Quer entrar, Emily? — Dominic pergunta e eu sorrio. Sabia que iria conseguir. Quando abro a boca para responder, ele me interrompe. — Não. Obrigado.

— Você está louco? — Questiono irritada.

— Emily, a minha irmã não está aqui e não é uma boa você entrar.

— Por que não? Tem medo de mim?

— Não, muito pelo contrário. — Dominic ri.

— Para de graça e me deixe entrar.

Passo por de baixo do seu braço e adentro no apartamento. Dou uma olhada ao redor para verificar que não tem ninguém mesmo, ouço a porta por onde entrei se fechar e me viro para ele. Dominic cruza os braços em frente ao corpo, meu olhar avaliativo passeia por cada parte dos seus músculos e *eu tenho a absoluta certeza...*

Dom está *muito mais gostoso*. Umedeço os lábios, Dominic finge uma tosse chamando minha atenção e eu reviro os olhos. Ele sabe perfeitamente que eu estava o comendo com os olhos e gostou disso. Todo homem gosta, ainda mais uma mulher como eu.

— Diz logo o que você quer Emily. — Dom resmunga.

— Conversar.

Dou de ombros, coloco a sacola em cima da mesa de centro e me sento no sofá. Observo Dominic suspirar, pensar em uma boa desculpa, mas logo ele se senta no sofá. É bom ver que ele está *tranquilo* com o que eu disse. Sabemos que esse tipo de conversa não é nenhum pouco fácil, mas quero saber como foi esses últimos oito anos. Quero saber o que ele pensa sobre mim e sobre quem o acusou injustamente.

— Já conversamos na noite passada, Emily. Não temos mais nenhum assunto pendente. — Dominic murmura.

— Temos sim e são muitos. — Encaro-o. — Eu quero retirar o peso de cima de mim, o peso que carreguei nesses últimos anos.

— Se quer conversar vamos logo, mas sem enrolação. — O seu tom de voz é suave e eu me sinto confiante em perguntas qualquer coisa. — Mas seja breve.

— Como foram esses últimos anos? Imagino que deve ter sido difícil.

— Difícil? — Dominic questiona dando a impressão que disse algum absurdo. — Você nem tem ideia do que é passar anos dentro daquele lugar.

— Eu... — Encaro as minhas mãos em meu colo. — Fico até sem saber o que falar, deve ter sido extremamente ruim, eu jamais queria que você passasse por aquilo. Eu fiquei mal por dias só de imaginar você naquele lugar, se eu pudesse jamais deixaria você passar por aquilo novamente.

— Emily, você não foi culpada. O seu pai foi, mas você não acredita em mim. — Observo Dominic dar de ombros e franzo o cenho. — Apenas vou esquecer esses oito anos que se passaram, foi ruim, mas já é passado.

— Esquecer tudo? — Questiono.

Isso me incomoda, pois faço parte desse passado. Mordo o interior da minha bochecha esperando a sua resposta, mas nada sai de sua boca. Seus olhos estão fixos nos meus, sua boca numa linha reta e os braços apoiados em seus joelhos.

— Sim. As coisas ruins não vão acrescentar nada em minha vida. — Sua voz sai de uma forma que eu não consigo explicar, mas deu certo alívio em meu coração. — Nesses anos que fiquei preso, não recebi visitas da minha irmã, porque não quis. Não era um bom lugar para ela.

— Ela se tornou uma bela mulher e forte com a sua ausência.

— Muito, mas pelo menos teve os meus amigos por perto.

— No dia que você foi preso... — Suspiro. — Eu vim conversar com ela, mas aquele seu amigo, o Jensen, disse algumas coisas que eram mentira e Penélope me atacou verbalmente e fisicamente.

— O Jensen... — Dominic balança a cabeça de forma negativa. — Ele faz

algumas coisas pensando em proteger, mas nem sempre são certas.

— Ele nunca gostou de mim.

Vejo Dom ficar sem palavras e engolir em seco o nó em sua garganta. O silêncio se insta-la entre nós por alguns segundos, é um silêncio constrangedor e perturbador. É ruim essa nuvem negra em cima de nós por causa de Jensen. O vibrar de um celular em cima da mesa de centro chama a nossa atenção, vejo o nome da Lauren e Dominic se apressa em pegar o celular.

Espero que não seja ela avisando que está na porta, ou melhor, espero que seja. Assim ela vê que eu estou por aqui e talvez se afaste de Dominic. Não estou sendo possessiva. Só estou afastando *caças da minha presa*. Dom devolve o celular em cima da mesa de centro, estala o pescoço e volta a sua atenção para mim.

— Então... — Ele arqueia uma de suas sobrancelhas.

— Você pretende voltar a lutar?

— Estou pensando seriamente sobre isso. Quero me tornar profissional, mas tenho receio de não conseguir por causa da prisão.

— Você consegue sim, isso não será impedimento. — Comento o fazendo ficar com uma expressão questionadora. — Volte para o *Figth*.

— Pra lá eu não volto! — Seu tom de voz é firme me fazendo ficar irritada.

— Você... — Penso em questionar, mas me calo. Ele sabe o que é melhor para ele, mas isso não quer dizer que não se deve voltar para o *Figth*. — Pode me dar um pouco de água?

Dominic se levanta, vai em direção à cozinha e eu o sigo. Não estou com sede, mas foi à única desculpa que arranjei para desfazer a *pré-confusão* que estava prestes a surgir. Pego o copo de vidro das mãos do Dominic e bebo a água tudo num gole só. Devolvo o copo, ele deixa o copo em cima da pia e encosta na mesma. Os nossos corpos estão próximos, a distância é pequena e algo forte existe entre nós.

— Eu... Quero que você me perdoe se eu te fiz algo de errado. Eu jamais vou querer o seu mal ou da sua irmã.

— Não se preocupe, Em. — Dom fala sem muita importância. Sorrio amplamente ao ouvir dizer o meu apelido, Dominic se dá conta do que disse e resmunga o meu nome. — Acho que nosso assunto já encerrou.

— *Hum...* Certo. — Mordo o interior da minha bochecha e giro em meus calcanhares com a intenção de voltar para a sala de estar. Quero poder saber se ele sente algo por mim. Viro-me rapidamente de frente para ele e dou de cara com um muro de músculos. Ele segura em meus ombros me mantendo firme no lugar e eu olho seus olhos claros. — Eu tenho mais uma pergunta...

— Qual? — Dom questiona curioso.

— Você sente raiva ou arrependimento em relação à minha pessoa?

— Se eu sinto algo por você, não é nada equivalente à ruim.

Penso em perguntar o que é, mas me calo e nos separo quando ouço a porta se abrir. Viro-me de frente para a porta, vejo Penélope entrando e logo atrás dela Lauren. Os olhos delas se fixam em nós e o clima fica tenso. Vou para perto delas, Dom abraça a irmã e logo depois a Lauren.

— O que faz aqui, Emily? — Penélope questiona sem rodeios.

— Vim devolver a sua roupa.

— Não era preciso, mas obrigada.

— Você emprestou a sua roupa para ela? — Lauren questiona a amiga como se fosse uma tragédia mundial.

— Lauren, não se envolve nesse assunto. — Penélope resmunga e se vira novamente para mim. — Agradeço a preocupação de devolver Emily.

— Não tem de que. — Sorrio contido e me viro para o Dom. — Vou indo, tenho outros compromissos.

— Eu te acompanho. — Dominic avisa me surpreendendo.

Aceno para Penélope, ela não faz de retribuir e eu reviro os olhos. Saio do apartamento sendo seguida por Dominic, andamos em direção à porta das escadas de emergência em silêncio e eu me viro para ele. Duvido muito que iremos nos encontrar ou conversar daqui pouco tempo, Dominic vai fazer questão de ficar longe de mim, assim como ele me disse. Observo sua boca se abrir e antes mesmo que fale alguma palavra, sinto mãos na minha cintura e viro bruscamente para trás dando de cara com o Oliver.

— Você por aqui. — Oliver dá um beijo na minha bochecha e cumprimenta o amigo com um aperto de mão. — Dom, depois eu quero falar com você.

Dominic apenas concorda com um aceno de cabeça, Oliver vai em direção ao seu apartamento e eu volto a minha atenção para Dom que não fala nada.

— Então... Tchau.

Viro-me em direção à escada, passo pela porta e começo a descer os degraus. Confesso que tive a esperança dele falar algo que me aquecesse ou até mesmo ter uma reação. O tipo de reação que eu espero, mas que está guardada a sete chaves dentro de mim.

Assim que meus pés tocam a calçada uma chuva densa cai sobre mim, corro para o meu carro e me acomodo no banco de couro. *Porque tem que ser tão confuso assim?* Se eu pudesse voltar no tempo... Teria me envolvido com Dominic muito antes.

Já é a segunda vez que me falam que meu pai teve alguma coisa a ver com a prisão do Dom. Meu pai não faria... Ou melhor, ele faria sim. Eu o conheço perfeitamente. Ele seria muito capaz de prender alguém como Dominic para

afasta-lo de mim.

[...]

São exatamente meia noite e meia e faz quase uma hora que cheguei à boate, vim para cá depois que tentei arrancar mais um pouco de informações do verme, mas não estava com cabeça para aquilo. Bebo o último gole do meu *Dry Martini* e vou para a pista de dança. Ninguém irá me reconhecer nessa noite, pois estou usando uma peruca loira. Posso dançar o quanto eu puder e pegar quem eu quiser.

Sinto-me livre, leve e extremamente solta após duas taças do meu drink. Meu corpo balança ao ritmo de Ariana Grande sem me importar com o amanhã e com as pessoas ao meu redor. É como se a música corresse em minhas veias, fosse o ar que eu respiro e como se fosse o meu coração. Sou energizada por cada batida, por cada frase e pelo ritmo. Mãos seguram em minha cintura, sou puxada em direção a um corpo alto e forte. Sinto o seu corpo mexer no mesmo ritmo que o meu, colo-me mais ainda em seu corpo e sorrio satisfeita.

Não quero saber quem é, não quero saber o nome e nem nada. Apenas quero curtir, beijar e quem sabe transar. A mão forte do rapaz passa na lateral da minha cintura, vem para frente do meu corpo e para em cima do botão da minha calça jeans de cor escura. O ritmo da música fica mais rápido me fazendo mexer o corpo na mesma batida e sinto o rapaz ficar excitado.

— Gostosa. — Ele sussurra em meu ouvido e eu congelo.

Eu conheço essa voz perfeitamente e nem preciso pensar muito para saber de quem é. *Dominic Turner*. Uma parte de mim quer afastar Dom, mas a outra parte... Ah, essa é fraca. Quer Dominic nu em cima ou embaixo de mim. Se eu falar uma palavra se quer, Dominic irá me reconhecer e talvez não supra o meu desejo mais profundo. Sou guiada para um canto vazio e pouco iluminado da boate. Dominic se senta parcialmente numa pequena elevação ondular da pilastra, me puxa para o meio de suas pernas e cola as nossas bocas de forma urgente.

Suas mãos apertam a minha bunda me levando em direção ao seu corpo ainda mais, sinto o pacote no meio de suas pernas e gemo contra a sua boca. Sinto Dominic sorri antes de aprofundar o beijo. Isso é a minha perdição. *Ele* é a minha perdição. Aperto cada um dos seus músculos, arranho devagar a sua nuca o fazendo morder o meu lábio inferior. Uma pequena luz nos ilumina discretamente, o nosso beijo se encerra e os nossos olhares se cruzam. Vejo Dominic ficar surpreso e eu me retraio.

— Emily? — Dominic questiona.

— Está surpreso? — Sorrio triunfante.

— Merda. — Ele xinga baixinho e tenta sair se perto de mim, mas eu não deixo. — Isso foi totalmente errado.

— Errado? — Rio falsamente e aproximo a minha boca do seu ouvido. — Jamais foi um erro e você sabe. — Beijo a sua nuca o fazendo se arrepiar. — Você acendeu algo em mim e agora eu quero tudo de você.

— Em... — A voz do Dominic falha quando eu coloco a mão no pacote entre as suas pernas e ele segura a minha mão. — Emily.

— Negando fogo? Então, vou procurar outro para me satisfazer.

Afasto-me do seu corpo, mas antes que eu possa sair de perto dele sinto a mão de Dominic segurar em meu pulso. Viro-me de frente para ele, vejo a hesitação passar pelos seus olhos e ele suspira. É oito ou oitenta comigo. Meio termo não rola.

Eu sei que Dominic me quer, assim como eu o quero, mas é muito incerto isso. Seguimos para fora da boate de mãos dadas, Dominic acena para alguém e eu vejo que é Jensen. Ódio é o que eu sinto por ele. Passamos pelas portas da boate, sigo em direção ao meu carro levando Dominic junto comigo.

— Me da à chave? — Ele pede me surpreendendo.

Pego a chave do meu carro no bolso da minha calça, coloco na mão de Dom e entramos no meu carro. Eu me sento no lado do passageiro, deixo minha bolsa no banco e me viro para ele. Não sei para onde vamos, só sei que eu o quero, mesmo que seja a última vez. Dom me direciona um olhar malicioso, liga o meu carro e dirige para algum lugar. Sua mão aperta a minha coxa e eu coloco a minha mão sobre a sua.

— Vamos para onde?

— Está com medo de ser sequestrada? — Ele pergunta divertido e eu o encaro. — Para o meu apartamento.

Penso em perguntar sobre Penélope, mas fico quieta. O carro para o sinal vermelho, eu sento-me no colo do Dominic e colo as nossas bocas. Posso estar fazendo isso por impulso, talvez seja apenas um desejo passageiro e que após isso nós esqueceremos isso tudo. Dom afasta as nossas bocas quando algumas buzinas soam atrás do meu carro e ele acelera com o mesmo.

Durante o caminho fico acariciando o cabelo ralo do Dom, ele sorri de forma doce e contida. É tão confuso para ambos, o que aconteceu, acontece e irá acontecer entre a gente. Poucos minutos já estamos em frente ao prédio onde ele mora, desço do carro pela porta do motorista e ele vem atrás de mim.

Subimos os degraus rapidamente, logo estamos em frente à porta do seu apartamento e Dominic abre a porta. Olho ao redor à procura de alguém, mas não encontro. Ainda bem. Ouço a porta ser fechada atrás de mim, o corpo do

Dominic se aproxima do meu e eu me viro de frente para ele.

— Estamos sozinhos? — Mordo o interior da minha bochecha esperando a resposta, mas não vem. — A sua irmã...

— Estamos sozinhos. Deixe de ser medrosa. — Dominic resmunga me fazendo bufar.

Sem pensar em mais nada, pulo em seu colo e ele me segura pela bunda. Beijo e mordo o seu pescoço. Dominic rosna em meu ouvido, sorrio vitoriosa e em seguida sinto o meu corpo ser deitado numa cama macia. O corpo do Dom fica entre as minhas pernas, as mãos dele passeiam pelo meu corpo explorando cada mínimo centímetro e isso me leva a loucura.

Quando o assunto é sexo e Dominic eu não sou capaz de resistir. Seguro o rosto de Dominic entre as minhas mãos e colo as nossas bocas. Nossas línguas se exploram de forma rude e sexual. Apalpo cada músculo dos seus braços, desço para a barra da sua camiseta e puxo para cima. Assim que consigo retirar do seu corpo, jogo no chão do quarto e analiso o seu tórax tão perto de mim.

Os dedos da sua mão esquerda adentram nos fios da minha peruca, a retira e joga no chão. Eu não queria ser reconhecida enquanto estivesse na boate, mas Dom me reconheceu apenas pelo meu olhar. A boca do Dominic desce pela minha clavícula e chega até o pequeno decote da minha camiseta preta. Estar deixando isso acontecer novamente entre a gente é algo especial, não por estar sendo com Dominic.

Por isso também, mas é por estar acontecendo depois de oito anos. Ele foi preso injustamente, sua irmã me odeia e eles me queriam distante. O certo era a gente ficar longe um do outro, mas não é isso o que os nossos corpos querem. O que acontece entre a gente não pode ser longo e nem ir muito longe. Não quero atrapalhar sua vida novamente. Percebo Dominic me encarando pensativo, acaricio o seu rosto e reprimo um sorriso.

— O que foi?

— Você sabe que isso não é certo. — Dominic fala num tom baixo.

— Eu sei que não, mas eu quero tanto, tanto que chega a doer, sei que é uma coisa de momento e nós sabemos perfeitamente as consequências, somos grandes o suficiente para encararmos tudo depois.

Ele concorda de mau gosto e eu o puxo para um beijo profundo. Mordo o seu lábio inferior, Dominic aperta a minha cintura me fazendo gemer de dor. Doeu, mas eu não irei reclamar. Beijo algumas partes do seu tórax e colo. Ajudo o Dom retirar a minha camiseta, ela voa para um canto qualquer e logo em seguida o sutiã se junta a ela.

Observo os olhos famintos de Dominic fixos nos meus seios, umedeço os lábios e abro o botão da calça jeans dele. Quero-o dentro de mim o mais rápido

possível, quero relembrar a sensação deliciosa que é. Nossos olhos estão presos um no outro e é possível ver o reflexo de desejo e luxúria em ambos, ele sai da cama e retira sua calça.

Aproveito também para retirar a minha e fico deitada na cama apenas de calcinha o esperando. Ele vem para cima de mim, abraço a sua cintura com as minhas pernas e sinto sua ereção contida por sua cueca em minha intimidade. A boca de Dom paira sobre a minha barriga, anseio pelos seus beijos e ele percebe isso. Sinto os seus dentes rasparem a pele ao redor do meu umbigo e desce até o elástico da minha calcinha.

Ele deposita um rápido beijo na única peça em meu corpo, a retira e fico exposta diante dos seus olhos. Não sinto medo, vergonha e nem algo parecido. A única coisa que me domina é o desejo de tê-lo. Em seguida Dom retira a sua cueca, fica entre as minhas pernas e eu libero todo ar que estava preso nos meus pulmões quando sinto ser preenchida por completo. Aquela sensação gostosa que eu senti há oito anos é a mesma que eu estou sentindo agora, mas dessa vez será milhares de vezes mais prazerosa, como se fosse possível.

Sinto-o ir bem fundo dentro de mim, mexo a minha cintura indo a seu encontro e gememos juntos. Minhas mãos vão para as suas costas, arranho a sua pele e finco as minhas unhas nela quando sinto a boca do Dominic se fecharem ao redor do meu mamilo direito. Sua boca se afasta do meu seio, seu braço direito passa pela minha cintura e ele gira os nossos corpos.

Fico montada em seu colo, sorriso satisfeita e apoio as minhas mãos no peito do Dom antes de começar a me mexer. As mãos dele vão para os meus seios e ficam os massageando. Acho que não existe mais nada prazeroso no mundo do que transar com Dominic Turner.

Acelero o meu ritmo, no mesmo segundo a cintura do Dom começa a se mexer de encontro a minha e o único som que preenche o ambiente são os barulhos dos nossos corpos misturados com os gemidos que saem de nossas bocas. Sonho com este momento há oito anos e estar acontecendo de verdade, é maravilhoso. Deito o meu dorso sobre o corpo do Dom e puxo o seu lábio inferior entre os meus dentes.

[...]

Observo Dominic voltar para o quarto usando apenas uma bermuda preta, ele deixa a porta encostada e se senta na borda da cama. Não quero levantar daqui, dessa cama, da cama do Dom. Sinto sua mão acariciar a minha perna, apoio minha cabeça em uma das mãos e olho fixamente para ele. Não tenho a menor ideia de que horas são. Penélope ainda não chegou e isso é ótimo. Não

quero que ela me veja aqui, não quero brigar com ela, e muito menos fazer o seu ódio por mim crescer. Olhar fixamente para Dom me lembra a conversa que tive com meu pai e irmão.

— Confrontei meu pai e irmão sobre a sua prisão. — Comento num tom baixo.

— Por que fez isso? — Dominic questiona.

— Eu nunca acreditei que você era o verdadeiro culpado e você não foi o primeiro a me dizer que eles eram os culpados pelo que aconteceu. Naquela noite quando conversamos fiquei pensando muito sobre isso.

— Quando você os confrontou, eles negaram.

Não é uma pergunta, e sim uma afirmação. Apenas balanço a cabeça de forma positiva e sinto o clima pesar sobre nós. Não quero isso entre a gente, pelo menos não hoje. Sento-me na cama segurando o edredom contra o meu corpo, me aproximo do Dom e dou um simples beijo nos seus lábios.

— Eu vou descobrir a verdade. Se foram eles... — Balanço a cabeça de forma negativa e a abaixo. — Eu conheço os dois, principalmente meu pai...

— E ele seria capaz de inventar aquela história para que eu ficasse longe de você. — Ele completa após me interromper.

Fico sem saber o que falar, pois é verdade o que Dominic disse. Ele balança a cabeça de forma negativa diversas vezes seguida, volta a focar seus olhos em mim e acaricia o meu rosto. Antes que ele possa falar qualquer coisa um barulho no apartamento chama a nossa atenção, Dominic vai até a porta e a fecha rapidamente após olhar para o corredor.

Ele pega a minha peruca no chão, pede para eu coloca-la e fingir que eu estou dormindo. Arrumo o edredom no meu corpo, deito de lado e coloco uma das mãos no meu rosto. Dominic levanta da cama quando dois toques na porta é o único barulho no ambiente e em seguida ouço a mesma se abrir. Fico atenta a qualquer mínima palavra que possa ser dita.

— Oi Pen. — Dominic fala num tom baixo.

— *Hum...* Oi. Quem está com você? — Penélope pergunta curiosa.

— É uma moça que eu encontrei na boate. — Nenhum resquício de nervoso é percebido na voz do Dom. — Ela está dormindo, mas irá embora antes de amanhecer.

— Certo. — Penélope coça a garganta. — Eu conversei com a Lauren e fiquei sabendo de algo.

— O que? — Dominic questiona.

— Que vocês estão ficando, você deveria ter me contado. — Percebo o desapontamento na voz da Penélope e torço para ela dizer que não quer o irmão junto com a amiga. — Eu fiquei chateada, mas se for para você esquecer a

Emily, eu apoio o seu romance com a Lauren.

O que? Tenho vontade de gritar e levantar dessa cama, mas me contenho.

— Pen, amanhã nós conversamos sobre isso. — Dominic avisa antes de suspirar. — Boa noite.

— Boa noite, Dom.

Ouçõ a porta se fechar, sinto a cama se afundar ao meu lado e eu me sento. Retiro a peruca da minha cabeça, saio da cama e começo a me vestir. O que eu ouvi de Penélope foi ruim, eu jamais imaginaria que ela poderia falar algo do tipo. Ela nunca deixou nenhuma de suas amigas se aproximarem do Dom - a não ser eu - *e agora fala que o deixaria ter um romance com a Lauren somente para me esquecer?*

Isso me deixa irada. Assim que termino de colocar minha bota de volta nos pés, paro em frente ao pequeno espelho na parede e coloco a peruca loira de volta na minha cabeça. Sinto a proximidade do Dominic, me viro de frente para ele e quase bato de cara no seu tórax.

— O que a Penélope disse...

— Não me importa. Eu não quero nenhuma explicação. — Saio de perto do seu corpo, ando até a porta do quarto e me viro para o Dominic após abrir a porta. — Você pode abrir a porta de saída para mim ou não? — Questiono irritada. Vejo a confusão passar por seus olhos, saio do seu quarto e ele vem logo atrás de mim. Passamos pela sala de estar, pela cozinha e Dominic abre a porta para que eu saia. — Espero que você seja feliz com a Lauren.

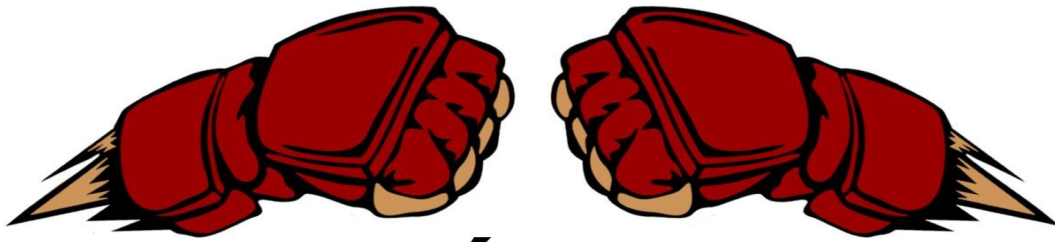
Saio andando batendo os pés, eu puxo a porta das escadas de emergência e começo desce. Aquelas palavras não deveriam ter me abalado desse jeito. Jamais isso deveria acontecer. Eu sempre soube que Dominic e eu não fomos feitos um para o outro, mas ficamos insistindo contra a vontade do destino. Mordo descontroladamente o interior da minha bochecha e logo sinto o gosto metálico de sangue. Odeio me sentir assim. Frágil, venerável, dependente e apaixonada. Sim, eu nunca deixei de ser apaixonada por Dominic.

Não quero mais isso em minha vida. Hoje foi a última vez que eu me vi refém dos seus toques, beijos e olhares. Eu nunca mais vou ter algo íntimo com Dominic, nunca mais vou relembrar nossos momentos juntos, o seu toque e jamais vou pensar em querer reviver esses momentos.

Assim que meus pés tocam a calçada sinto uma única lágrima escorrer pelo meu rosto e eu retiro a peruca da minha cabeça. Pouco me importo ser reconhecida ou algum inimigo do meu pai tentar me atacar. Eu apenas quero bater em alguém para retirar esses sentimentos de mim.

— Emily... — Olho para o meu lado esquerdo e vejo Oliver vindo em minha direção.

Oh, não!



CAPÍTULO 4

*Vem fácil, vai fácil
É assim que você vive
Oh leva, leva, leva tudo,
mas você nunca dá
Deveria saber que você era
"encrenca" pelo primeiro beijo
Bruno Mars – Grenade*

Dominc

A tristeza que era transmitida através dos olhos de Emily era algo palpável no ambiente e não consegui esquecer desde o momento que ela foi embora durante a madrugada. Sei que as palavras da Penélope magoaram Emily, mesmo que ela não quisesse deixar transparecer, mas isso não foi o suficiente para mim. Confesso que senti algo estranho quando Emily me desejou felicidade com a Lauren, mas sei que não foram verdadeiras.

— Dom... — Penélope chama minha atenção. — Estava longe.

Dou de ombros e bebo mais um gole de café. Minha irmã percebeu que acordei estranho, essa manhã, mas não quis questionar. Meus pensamentos estão fixos em Emily. Eu sei que não nos veremos e muito menos conversaremos tão cedo. Fiquei extremamente surpreso quando ela me contou sobre ter confrontado o pai e o irmão, jamais imaginei que ela poderia fazer isso. Ouço a campainha tocar e Penélope vai atender enquanto termino o meu café da manhã.

Combinei de ir ao *Fight* com Jensen, não queria voltar naquele lugar, mas ele me convenceu. Disse que Anthony tem perguntado por mim desde que soube que eu estava em liberdade e pediu para que eu fosse até lá. Sei que James Lewis ainda é o dono de lá e espero não encontra-lo tão cedo. Penélope volta a sentar-se à mesa com algumas correspondências nas mãos e ler o que é cada uma.

— Contas?

— Sim. — Ela afirma.

— Vou tentar voltar a lutar, assim consigo uma grana para nos mantermos aqui. — Aviso a fazendo me olhar com ternura.

— Eu estou fazendo isso muito bem.

— Eu sei que sim, mas quero ajudar, Pen.

Minha irmã concorda, deixa as correspondências de lado e prende sua atenção em mim. Sei que ela vai querer conversar sobre Lauren, mas acho muito banal ter esse tipo de conversa logo pela manhã.

— Eu não me esqueci da madrugada...

— Pen, eu acho desnecessária essa conversa. Eu sei muito bem o que escolher para a minha vida e o que fazer com ela.

— Eu sei, Dominic. — O tom da minha irmã é rude e ela suspira antes de voltar a falar. — Se você está com a Lauren, porque trouxe uma garota para cá ontem?

— Por que... Sim. — Dou de ombros.

— Quem era ela? — Penélope questiona me encarando.

— Uma moça que conheci na balada que fui ontem com Jensen.

— Mentira! — Minha irmã exclama. — Eu a vi saindo daqui, Dom. Eu ouvi o que vocês falaram, eu reconheceria aquela voz a metros de distância.

— Pen...

— Era Emily... Novamente. — Ela sussurra a última parte e apoia o rosto entre as mãos. — Ela não, Dom, é para o seu bem.

— Foi somente uma noite Pen, mais nada. Não vai se repetir, ainda mais depois dela ter ouvido o que você disse.

— Foi proposital. Eu queria que ela escutasse. — Minha irmã suspira e seus olhos me transmitem tristeza. — Ela pode acabar com a sua vida novamente. Esqueça-a! Vamos seguir as nossas vidas sem ela no meio.

Abro minha boca para falar, mas a fecho quando a campainha toca novamente e Penélope vai abrir a porta. Logo Jensen entra na cozinha, observo minha irmã se encostar a pia e volta sua atenção para as contas que chegaram. Já tenho vinte e oito anos, sei o que faço e com quem fico ou passo uma noite, mas sei o motivo da preocupação da minha irmã, ela não quer que eu passe por aquele tormento novamente.

Eu também não quero, e sei que estar envolvido com Emily novamente é perigoso. Jensen não pode nem imaginar sobre Emily, quando eu a conheci, Jensen me perturbou muito avisando que não ia dar certo e que eu ia me ferrar. Dito e feito. Acabei sendo preso e ele fez questão de jogar na minha cara sempre que teve oportunidade.

— Amo o seu café, Pen. — Jensen comenta fazendo minha irmã sorrir. — Vamos, Dom.

— Aonde vocês vão? — Penélope questiona.

— No *Fight*.

— Você está de brincadeira com a minha cara?! — Minha irmã resmunga antes de marchar até seu quarto.

Jensen fica me encarando sem entender nada, me levanto da mesa e o chamo para irmos logo. O caminho daqui até o *Fight* é um pouco longe e não será confortável, já que Emily está fixa em minha mente.

É errado!

Eu posso gritar isso aos quatro ventos, mas ela não sai dos meus pensamentos. Logo entramos no carro, coloco o cinto e cruzo meus braços em frente ao corpo.

— Porque Penélope estava tão braba? — Jensen pergunta enquanto manobra para sair de frente do prédio.

— Ela sabe de mim e Lauren... — Respondo vagamente.

— Como ela ficou sabendo?

— A Lauren contou com certeza.
— E como ela reagiu a tudo isso?
— Ficou muito chateada, você sabe que ela não gosta que eu me envolva com suas amigas, então ela meio que ficou possessa...
— Imagino. — Jensen murmura. — Quem era a garota com quem você saiu da boate ontem?

— *Hum...* Não lembro o nome dela.
Jensen dá de ombros e murmura que é normal isso. Continuamos nosso trajeto em silêncio e somente a música que toca nos altos falantes é que domina o ambiente. Confesso que estou apreensivo com essa visita ao *Fight*, não sei qual será o resultado, mas tenho ideia do que pode acontecer.

O pouco que Jensen me disse é que, Anthony quer que eu volte a lutar e ele irá me patrocinar. Não estou muito seguro sobre isso, ainda mais que Lewis continua sendo o dono de lá. Jensen não sabe muito como anda o funcionamento, ele parou de lutar poucos meses depois que fui preso. Apesar de continuar a frequentar o *Fight*, se manteve focado em trabalhar na agência e nunca se arrependeu em deixar as lutas de lado.

Pouco mais de meia hora e já estamos chegando, o bairro está diferente desde a última vez que vim aqui, as ruas mais movimentadas, famílias sorridentes andando de um lado para o outro sem medo algum. Desço do carro assim que paramos em frente ao *Fight*, analiso a fachada e assovio. Fizeram uma grande reforma por aqui. Não tem mais a pequena escada para adentrar no local, agora tem duas portas grandes em cor preta e no meio um símbolo.

Chego perto para analisar e vejo que são mãos de lutador envolvidas por ataduras. O nome *Fight* está de um tamanho considerável na fachada e na cor dourada. Reconheço o único segurança que está na porta, nos cumprimentamos com um aperto de mão e adentro no ambiente com Jensen. *Caraca!* Este lugar está muito melhor. Há um ringue no centro do ambiente, cadeiras próximas ao ringue para as equipes e arquibancadas ao redor. Um pouco mais de dez metros de altura há cinco cabines onde ficam os *maiores*.

— Que bom que veio, Dominic.
Ouço alguém falar chamando minha atenção e viro minha cabeça para o pequeno corredor ao meu lado.
— Anthony. — O cumprimento com um aceno de cabeça.
— Pensei que teria que pedir para te sequestrar e te trazerem aqui. — Ele comenta divertido.
— Vou ser sincero, não tinha a mínima vontade de vir aqui.
— Eu imagino. — Anthony comenta num tom baixo. — Vamos até minha sala?

— Claro. — Concordo.

Anthony se vira e vai em direção a sua sala, respiro fundo e o sigo com Jensen ao meu lado. Estar aqui novamente me traz diversas lembranças, umas boas outras ruins, mas as boas se sobressaem. Foi aqui que aprendi a lutar, onde tive o meu primeiro adversário, a primeira derrota, a primeira vitória, a primeira grana...

Mas aqui também é o local onde a mãe da Emily foi assassinada. Balanço a cabeça dispersando esses pensamentos e continuo a seguir Anthony. Observo o mesmo corredor de anos atrás, ocorreu apenas uma pequena reforma e logo entramos pela porta de madeira do corredor. Anthony nos indica as cadeiras em frente a sua mesa, me sento ao lado de Jensen e observo ao redor.

As paredes são da cor cinza escuro, tem dois quadros na parede e percebo que é Anthony com sua família. Três filhos homens e sua esposa grávida. Bela família. Sua mesa é plana de cor escura, apenas um MacBook em cima dela e uma caderneta de capa preta.

— Como você está Dominic? Imagino que esses últimos anos tenham sido difíceis... — Anthony comenta.

— E foram... Mas consegui ser inocentado e estou livre.

— Achei muito injusta sua prisão.

— Todos acharam, mas alguém fez questão em dar um jeito para me deixar preso.

— Acredito nisso também, mas é difícil descobrir quem fez isso. — Anthony comenta coçando seu maxilar.

— Nem tanto. — Jensen comenta num murmuro ao meu lado fazendo Anthony encara-lo. — Temos nossa desconfiança.

— Certo. — Anthony coça a garganta e prende sua atenção em mim. — Tenho uma proposta para você, Dom e serei bem insistente.

— Tenho ideia do que seja. — Cruzo meus braços em frente ao corpo.

— Vou ser direto ao ponto... Quero que você volte a lutar aqui.

— Não. — Nego de imediato.

Eu amo lutar, mas lutar novamente aqui *não!* Não quero qualquer ligação com o *Fight*.

— Dominic, eu sei que você não quer voltar para cá por causa da família Lewis, mas eu sou um dos donos daqui. Tenho cinquenta por cento da administração e te quero aqui novamente.

— Anthony... — Tento argumentar, mas Anthony levanta sua mão e pede para que eu o escute.

— Seus amigos se afastaram quando você foi preso, perdi os cinco melhores e sua saída foi a que mais fez os negócios diminuírem. — Anthony

suspira. — Você não se envolverá com os Lewis, fará parte dos meus lutadores e terá um ótimo patrocínio.

— Não sei não, Antony... É difícil tomar uma decisão agora.

Voltar a lutar aqui... *Eu não sei*. De verdade, não sei. Aqui é um ótimo local, Anthony é um ótimo patrão, mas os Lewis não são bons. Observo Anthony me entregar um envelope. Olho de canto e percebo que Jensen está me encarando, suspiro e encaro o envelope em minhas mãos.

Sei muito bem o que consta aqui dentro. Informações de lutas, patrocinadores e o possível salário. Eu sei que será muito difícil conseguir algum lugar para lutar por causa dos meus antecedentes criminais. Aperto minhas mãos na borda do envelope.

— Retorno a dizer, analise os papéis e me dê uma resposta na segunda feira. Sei que você irá precisar de um tempo. — Antony fala.

— Vou analisar e te darei a resposta assim que decidir.

Eu e Jensen nos levantamos, quando vou me despedir de Antony com um aperto de mão ele fica a segurando. Franzo o cenho com sua atitude e percebo que ele vai falar algo.

— James Lewis não é mais o dono majoritário daqui ele passou a maior porcentagem para os filhos. — Anthony avisa. — Emily tem vinte e cinco por cento e Eduard tem os outros vinte e cinco.

— Obrigado por avisar.

Saio da sala sendo seguido pelo Jensen, respiro fundo a volto a apertar as bordas do envelope. Eu sei que Anthony jogou um valor alto dentro desse envelope, eu tenho que pensar nas possíveis consequências e não no dinheiro. Eu sei que o dinheiro é ótimo, mas não fica a cima de tudo.

Não mais, hoje em dia outras coisas são mais importantes que grana.

Assim que saímos do *Fight* observo Jensen entrando em seu carro, ele não irá falar nada neste momento, ele me conhece e sabe que essa decisão é difícil. Vou ter que ler esses papéis com calma, prestar atenção em cada mínimo detalhe e tomar uma importante decisão. Por um lado, fiquei aliviado por saber que James Lewis não é mais o dono majoritário e sim os seus filhos, mas quero ficar longe de Emily. Ela é o perigo em pessoa.

— Dom, você sabe que o Anthony vai fazer de tudo para te trazer de volta.

— Eu sei. — Suspiro. — Eu amo lutar, mas essa decisão não é fácil.

— Se fosse... — Jensen deixa a palavra no ar e dá de ombros. — Se você voltar, todos vão querer voltar.

— Vocês e os outros não deveriam ter saído depois que fui preso, vocês amam lutar, porque desistiram?

— Como iríamos continuar no *Fight* sendo que você estava preso

injustamente e o dono era o Lewis? — Meu amigo questiona. — Não tinha como.

Eu sei que se eu voltar a lutar meus amigos irão vir comigo também. Bom, irei analisar os papéis e depois irei conversar com os rapazes. Eu sei que cada um está com a sua vida montada, decisões tomadas e carreiras novas. Somente Noah que continuou a lutar regularmente, mas era apenas por causa da grana e não era mais um lutador fixo no *Fight*.

Tento pensar em algo, talvez uma boa solução, mas nada vem a minha mente. Terei que conversar com minha irmã também, ela pode opinar sobre, mas não tomar uma decisão por mim. Enquanto o carro passa pelas ruas do meu antigo bairro observo tudo em volta à procura de uma pessoa.

Minha mãe.

Quero saber como ela está, se está bem ou até mesmo se ainda está viva.

— Jensen... — Chamo a atenção do meu amigo e ele me encara por alguns segundos. — Você teve alguma notícia da minha mãe nesses últimos anos?

— Faz mais de três meses que eu a vi. Foi quando teve o último maior evento no *Fight* e ela estava na frente do clube a sua procura... — Jensen faz uma pausa, balança a cabeça de forma negativa e olha mais uma vez para mim. — Penélope estava comigo, mas ela não viu sua mãe.

— Você falou com ela?

— Não. — Jensen nega de imediato.

Talvez eu devesse contar para a Pen sobre meu último encontro com nossa mãe, minha irmã já é madura e sabe se deve ou não procurar nossa mãe. Eu sempre tive a preocupação de proteger minha irmã dos nossos pais, nunca quis que ela presenciasse o lado lastimável da nossa mãe e muito menos fosse visitar nosso pai na cadeia.

Faz muitos anos que não tenho notícias do meu pai e nem quero, infelizmente essa é a verdade. Não quero que minha irmã conviva com eles, mas a decisão é dela. Mesmo que eu sempre tentei priva-la disso, hoje em dia é ela que escolhe.

[...]

— Como foi no *Fight*? — Ouço minha irmã perguntar.

Fecho a porta de casa, ando até minha irmã e dou um beijo em sua testa. Sento-me ao seu lado, estico minhas pernas na mesa de centro e balanço o envelope em minhas mãos. Penélope fecha o MacBook que está em seu colo e prende a sua atenção em mim. Jensen não quis subir, ele achou melhor eu tomar a decisão sozinho e conversar com minha irmã.

— O Anthony quer que eu volte a lutar. — Informo fazendo Penélope ficar tensa e preocupada. — Ele me pediu para analisar a proposta que está dentro desse envelope.

— E você vai aceitar?

— Eu não sei, Pen. Preciso pensar sobre isso e analisar tudo.

Não vou pensar somente em mim, vou pensar nos meus amigos também. Sobre eles, terei que conversar com Anthony e tentar fazer um acordo para os meus amigos voltarem também.

Observo minha irmã pensativa sobre o assunto e o silêncio se instala entre nós. Encaro o envelope em minhas mãos, respiro fundo e o abro. Pego as poucas folhas que há dentro do mesmo e começo a analisar os documentos.

[...]

Já é a terceira vez que eu estou lendo esses papéis e não consegui tomar nenhuma decisão. É complicado, mas tenho vontade de voltar. Anthony fez questão de deixar bem claro sobre a questão do meu patrocínio, lutas por semana, que no caso é apenas duas vezes e o possível salário.

Se caso eu aceite a voltar terei dois patrocinadores, um treinador exclusivo. Serão as lutas principais e a quantia apostada é de vinte e cinco mil dólares e eu irei ganhar uma porcentagem do valor final.

Encaro pela milésima vez o local específico para a minha assinatura, guardo os papéis dentro do envelope e vou atrás da minha irmã. A encontro deitada em sua cama mexendo no celular. Ela percebe a minha presença, se vira para mim e se senta na cama.

— Tomou uma decisão?

— Não. — Respondo num sussurro. — Se eu aceitar, será bom para os rapazes também.

— Por quê? — Penélope questiona curiosa.

— Eles saíram após eu ser preso, Anthony perdeu muito com isso e eu conheço os meus amigos. Sei que eles ainda amam lutar, assim como eu.

— Converse com eles... *Hum...* Sobre vocês voltarem a lutar. — Minha irmã aconselha.

— Vou fazer isso, mas... — Me sento em sua cama e ela franze o cenho. — Eu queria saber a sua opinião sobre isso.

— Eu te apoio em qualquer decisão que você achar melhor. — Ela sorri me passando segurança. — Volte a lutar, você ama isso.

— No *Fight*? — Questiono.

— Anthony vai te ajudar a voltar para esse mundo e quem sabe você

consiga ir para um local maior, e até mesmo começar a lutar profissionalmente.

Minha irmã é uma ótima pessoa para influenciar os outros. Ela é animada, divertida, confiante e cheia de atitude quando assunto é vida profissional. Dou um beijo em sua testa, ela sorri e me puxa para um abraço. Como eu senti falta da minha irmã durante todos esses anos, é impossível explicar o tamanho.

No dia que saí do presídio minha irmã estava em frente ao portão me esperando de braços abertos. Eu simplesmente a abracei e não sentia vontade de soltá-la nunca mais. O celular da Pen toca em algum canto do quarto quebrando o nosso contato, ela pega o celular e franze o cenho.

— O que foi? — Questiono preocupado.

— Nada demais. — Penélope balança a cabeça de forma negativa. — Vá conversar com os seus amigos e voltem a lutar.

[..]

O relógio na parede está marcando quinze para dez e os rapazes estão a caminho daqui. Minha irmã saiu com suas amigas durante o final da tarde e ainda não voltaram. Não voltamos a conversar sobre meu envolvimento com Lauren, mas vou ser sincero, eu sei muito bem que esse nosso *caso* não vai longe.

Lauren não é a certa, eu sei disso por que... Simplesmente sei, *eu sinto isso*. Bebo mais um gole da minha cerveja e encaro a televisão onde passa um filme de ação. Estou a quase meia hora esperando eles aparecerem e já estou ficando agoniado. Não tomei nenhuma decisão ainda e não quero fazer isso sozinho.

A campainha toca chamando a minha atenção, deixo minha garrafa de cerveja em cima da mesa de centro e vou até a porta. Minhas mãos estão levemente suadas, pulsação acelerada, mas as palavras estão em perfeita ordem em minha mente. Abro a porta e meus amigos entram conversando alto. Todos se acomodam nos sofás e eu fico em pé em frente à televisão.

— Todos vocês já sabem que o Anthony quis conversar comigo sobre minha volta para o *Fight* e eu não quis tomar a decisão sozinho.

— Você quer a nossa opinião? — Oliver questiona intrigado.

— Na verdade, eu tive uma ideia. — Coço minha garganta e encaro cada um dos meus amigos. — Sempre fomos os cinco melhores, ou 5M como todos nos chamavam e eu sei que vocês saíram do *Fight* após a minha prisão...

— Eu já entendi aonde você quer chegar. — Jensen fala me interrompendo.

— Eu não. — Leon resmunga.

— Todos nós amamos lutar e eu não acho justo somente eu voltar a lutar, por isso quero que todos voltem comigo.

O silêncio reina entre nós por alguns minutos e isso me incomoda muito. Ando de um lado para o outro impaciente com a demora dos meus amigos. Odeio esperar algo. Eu sei que os peguei de surpresa e sei que não é fácil dar uma resposta rapidamente. Observo cada uma das suas expressões. Jensen está sério, Oliver com um pequeno sorriso nos lábios. Noah pensativo. Leon com o cenho franzido.

— Eu luto lá algumas vezes por mês e isso não seria nenhum problema para mim. — Noah informa.

— Por mim... — Oliver chama a minha atenção e eu o encaro. — Tudo bem.

— Jensen e Leon?

Um olha para o outro conversando somente com o olhar e eu fico receoso com o que pode vir. Apesar de eles serem irmãos, são extremamente diferentes, mas muito iguais em certos assuntos. Pensam muito em cada proposta que surgem no dia a dia.

— Você tem certeza que quer voltar para lá depois de tudo? — Jensen questiona me encarando.

— Não é só uma questão de querer Jensen, eu *preciso*. Não irei conseguir nenhum lugar para trabalhar e muito menos para lutar. Anthony está me dando uma oportunidade.

— Eu não acho que tenha algum problema em nós voltarmos, mas eu penso assim, ou todos voltam ou ninguém. — Leon fala pensativo e se levanta do sofá. — Esse é o certo a se fazer.

— Leon está certo. — Noah se pronuncia.

— Jensen, falta somente a sua decisão. — Leon fala encarando o irmão.

Jensen suspira, se levanta do sofá e anda de um lado para o outro tomando a sua decisão. Não entendo o porquê está sendo tão difícil para Jensen tomar essa decisão, pra mim que está sendo difícil, mas eu decidi rapidamente. Observo meu amigo me encarar por longos segundos antes de começar a fala.

— Se é assim... Todos nós voltamos. — Jensen informa.

[...]

Passamos boa parte da noite conversando sobre como será a nossa volta. Ainda preciso acertar tudo com Anthony, que ficará radiante ao saber que os 5M estão voltando. Às duas horas todos foram embora e minha irmã chegou. Conversei rapidamente com ela sobre a nossa decisão e ela desejou boa sorte.

Foi para o seu quarto, eu fui para a cozinha e peguei outra garrafa de cerveja. Agora, prestes a dar cinco horas da manhã me encontro deitado em

minha cama pensando na noite anterior. Sim, ainda penso na noite que tive com Emily. É impossível esquecer aquela mulher... Ela é um... *Furacão*.

Gemo frustrado por causa desses pensamentos, deito em diversas posições até pular para fora de cama e decidir ir para o *Fight*. Está cedo, mas o caminho até lá é longo. Tomo um banho rápido, visto uma calça jeans e uma blusa escura com capuz e um boné. Assim que saio do meu quarto dou de cara com minha irmã saindo do seu.

— Bom dia, está indo aonde?

— Vou ao *Fight*. — Respondo após dar um beijo em sua testa. — E você?

— Daqui a pouco vou sair para trabalhar. Tenho que ir fazer uma reportagem.

Minha irmã aparece às vezes em alguns jornais, apenas para cobrir o repórter que faltou no momento. Ainda não tive a oportunidade de vê-la em algum jornal, mas tenho certeza que verei em breve e com certeza ela logo será uma repórter fixa de algum programa.

Nunca vi Lauren também, ela aparece nos jornais da madrugada quase sempre, mas não irei ficar parado em frente à televisão para ficar esperando ela aparecer. Despeço-me da minha irmã, pego meu celular junto com a carteira e saio do apartamento.

Eu poderia ir perfeitamente à noite ao *Fight*, mas tenho a esperança de ser apresentado para todos ainda hoje e *pisar* na cara de James Lewis mostrando que eu voltei com força total.

[...]

Ainda não estou acostumado a pisar aqui dentro, me trás uma sensação de felicidade e medo ao mesmo tempo. Ando em direção ao escritório de Anthony, bato na porta e a abro em seguida. Vejo Anthony sentado em sua cadeira, tem um rapaz em frente a sua mesa com as mãos apoiadas na mesma e percebo o clima bem tenso. Anthony sorri quando me vê e se levanta da onde está sentado.

— Fico muito contente que tenha vindo Dominic.

— Ainda temos alguns detalhes a acertar. — Informo o fazendo assentir.

O rapaz se vira de frente para mim e ficamos um encarando o outro. Eduard Lewis não está muito diferente de oito anos atrás, a única mudança são os músculos em seu corpo. Ele anda em minha direção, para a menos de um metro do meu corpo e ficamos nos encarando ainda mais.

— Jamais imaginei que você voltaria ao local aonde matou a minha mãe. — Eduard rosna entre os dentes.

— Eu nunca matei ninguém.

— Eu não acredito em você, Turner.

— Problema seu. Eu fui inocentando e vou provar diante de quem ainda duvidar que eu sou inocente.

— Vai inventar provas? — Eduard questiona debochado acompanhado de um sorriso.

— Não vou fazer igual a vocês.

— Pense o que você quiser, mas fique longe da minha família, principalmente da minha irmã. — Eduard ordena.

— Você deveria dizer isso para a sua irmã, e não para mim.

— Eu não preciso dizer isso para ela. Ela não quer mais nada com você.

— Não foi isso que eu ouvi da boca dela na madrugada de domingo.

O seu sorriso morre dando lugar a uma expressão seria. Anthony afasta Eduard de mim, pede para ele se retirar e o mesmo faz após trombar seu ombro no meu. A porta é fechada num baque, me sento numa das cadeiras em frente à mesa do Anthony e ele volta a sentar em sua cadeira. Eduard continua o mesmo babaca de sempre, mas o seu pedestal vai cair em breve. Se eu tiver uma oportunidade de lutar contra ele, não vou pensar duas vezes.

— Espero que tenha vindo trazer uma ótima notícia, Dom. — Anthony fala me observando.

— É uma ótima notícia. — Encosto-me a cadeira e cruzo meus braços em frente ao corpo. — É uma boa proposta, na verdade.

— Estou curioso em saber.

— Eu vou voltar... — Anthony sorri triunfante. — Mas eu volto apenas se os meus amigos voltarem.

— Os 5M? Eu vou trazer os 5M de volta? — Questiona extremamente surpreso. — Caralho, Dominic! Nem precisa fazer uma proposta, perguntar ou algo do tipo. Eu quero vocês trabalhando para mim. Serão os meus lutadores.

— Você tem que acertar o contrato com eles. — Informo.

— E vou, mas hoje eu tenho outros planos.

— Quais? — Questiono curioso.

— Te apresentar novamente para o mundo das lutas.

[...]

Penélope está segurando em meu braço esquerdo, seus olhos atentos a toda a movimentação ao nosso redor e com um belo sorriso nos lábios. Ela está extremamente contente por mim e eu estou um pouco mais aliviado.

Chegamos há pouco mais de meia hora e estamos em uma das cabines há alguns metros do chão. Diversos patrocinadores já vieram me cumprimentar,

assim como alguns lutadores conhecidos e desconhecidos por mim.

Todos os meus amigos estão aqui comigo, assim como Lauren. Não vi nenhum dos Lewis, e fico grato por isso. Vi que Eduard não ficou muito contente com a minha volta quando ele soube mais cedo.

— Está nervoso? — Lauren pergunta parando ao meu lado.

— Não. — Respondo olhando para o ringue através do vidro da onde estamos.

— Anthony vai nos anunciar. — Ouço Oliver comentar.

Observo Anthony subir ao ringue, todos ficam em silêncio e prestando atenção nele. Pen segura mais ainda em meu braço, eu acaricio o seu cabelo e ela dá um sorriso fraco. Apesar de ela estar contente por mim, mas está com receio que os Lewis ainda são os donos daqui.

— Agora é um momento muito esperado por todos. Há oito anos perdemos um dos melhores lutadores do *Fight*, mas é com grande felicidade eu digo que, Dominic Turner, mais conhecido como Fênix está de volta! — Anthony grita ao final da frase.

— *Fênix! Fênix! Fênix!*... — Os espectadores começam a gritar sem parar o meu apelido.

— Calma galera. — Anthony pede rindo. — Mas ele não é o único a voltar... — O silêncio volta a reinar e Anthony levanta a cabeça para olhar a cabine que estamos. — Além de Fênix estar de volta, os seus amigos também estão. Os 5M estão de volta. Dominic, Jensen, Oliver, Noah e Leon desçam aqui. — Assovios e aplausos preenchem o ambiente.

Beijo o topo da cabeça da minha irmã, Lauren dá um beijo no canto da minha boca e saio com os meus amigos da cabine onde estamos. Passamos pelo extenso corredor de cor creme até chegarmos à grande escada. Passamos por um corredor de pessoas que nos ovacionam, cumprimento alguns com acenos e logo subo ao ringue seguido por meus amigos.

Anthony nos cumprimenta com um aperto de mão, espera o pessoal ficar em silêncio e me surpreendo ao ver Eduard subir no ringue também. Anthony entrega o microfone para ele que direciona um olhar frio em nossa direção e coloca um sorriso falso nos lábios quando se vira para o público.

— Certo, galera. Percebo que a volta dos 5M era muito aguardada por todos, mas vamos ver aos poucos se eles *continuam* os *cinco melhores* mesmo. — Eduard debocha.

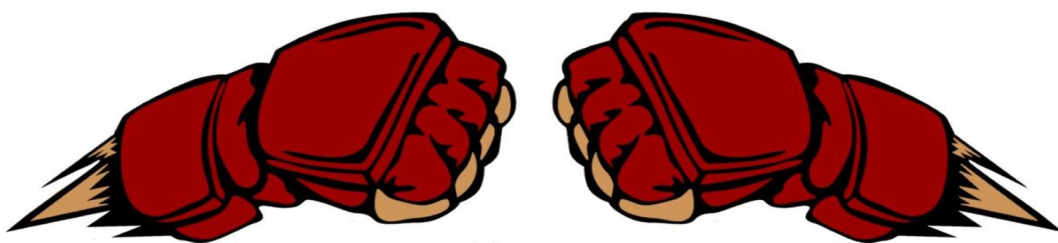
— Luta com cada um de nós, então. — Falo chamando a sua atenção.

— É só marcar, Turner. Eu vou adorar arrebentar a sua cara.

— Será ao contrário, Lewis.

— *Briga! Briga! Briga!*... — O público começa a gritar e Oliver gargalha

ao meu lado.



CAPÍTULO 5

*Ah, e querido eu estou
Lutando com o fogo
Só para chegar perto de você
Podemos queimar um
pouco, amor?*

[...]

*Isso que me faz sentir assim
Me deixa cheia de hematomas
mas transa tão bem
E eu não me canso*

[...]

*Não importa o que eu faço
Eu não sou boa sem você
E eu não me canso*

Rihanna - Love On The Brain

Emily

Cruzo os meus braços em frente ao corpo, Oliver para na minha frente e me encara com uma expressão preocupada. Não queria dar satisfação a ninguém, não queria conversar com ninguém, mas não é isso o que vai acontecer.

Sou próxima a Oliver, o considero como um irmão mais velho, mas não quero contar que o melhor amigo dele me quebrou por dentro e me deixou frágil, algo que eu odeio ser. Oliver não fala nada, me puxa para os seus braços e me abraça.

Demoro pouco mais de cinco segundos até decidir retribuir. Aconteceu uma coisa que eu jamais imaginei. Dominic quebrou o resto que tinha de menina doce dentro de mim e só fez a minha frieza aumentar.

— Quer conversar? — Oliver pergunta contra o meu cabelo.

— Não sei.

O seu corpo se afasta levemente do meu, segura na minha mão e sentamos na pequena escada em frente ao prédio. Nem sei o que falar, como falar e até mesmo como começar. É uma situação ruim para mim. Novamente as palavras da Penélope me deixaram mal, novamente ela me quis ver destruída, novamente ela me quer longe.

É isso que eu vou fazer, não quero aproximação, mesmo que isso me deixe mal, mas vai passar. Oliver chuta uma pequena pedra em frente ao seu pé, a observo rolar e parar perto da roda do meu carro.

— Hoje eu fiz uma bobagem... — Oliver fala chamando minha atenção e eu o encaro. — Beije uma pessoa que não podia.

— Quem? — Questiono curiosa.

— Penélope. — Ele responde olhando nos meus olhos.

— Oliver...

— Eu não vi que era ela. — Ele ri. — Estávamos numa festa de uma amiga em comum, vi uma moça dançando de costas para mim e do jeito que ela estava dançando... Cara... Me deixou louco por ela.

— E? — Estou curiosa para saber mais.

— A festa era a fantasia, ela usava uma máscara e uma roupa muito sexy... — Somente agora reparo na máscara preta em suas mãos. — Nos beijamos e poucos minutos depois disso, ela tirou a máscara e eu fiquei sem chão no momento.

— Ela viu que era você?

— Viu. Não estávamos perto quando tiramos a máscara no mesmo segundo, mas ela olhou diretamente para mim. — Ele ri sem humor e encara o chão. —

Dominic vai me matar se souber.

— Vocês são amigos. Conversem e se entendam.

— Algo muito difícil, menina perigosa. — Sorrio ao ouvir o apelido bobo que ele inventou há alguns meses. — Mas me conta o que aconteceu.

Balanço a cabeça de forma negativa, respiro fundo e encaro o chão. Tenho que contar, o Oliver se abriu para mim.

— Eu estava na balada usando essa peruca para ficar disfarçada, o Dom chegou e nos beijamos. Ele percebeu que era eu, tentou se afastar, mas acabamos aqui no apartamento dele. Transamos, conversamos e a Pen chegou.

— Ela viu vocês?

— Não, mas disse que quer o irmão com a Lauren, pois assim ele vai se esquecer de mim e que é o certo a se fazer.

— Ela...

— Eu não sei se ela sabia que era eu, mas ela falou aquilo para deixar a *menina* que estava com o Dom, no caso eu, avisada sobre a opinião dela.

— É isso que você vai fazer? — Oliver questiona.

— Me afastar. — Confesso fazendo o Oliver franzi o cenho. — É o certo, Oli. Dom não me merece e nem eu mereço ele.

— Seja feliz independente de qualquer coisa. — Oliver deseja acariciando meu cabelo.

[...]

A claridade invade o meu quarto, gemo frustrada e viro para o outro lado da cama. Cheguei em casa era um pouco mais de seis horas da manhã, fiquei um bom tempo conversando com Oliver e só decidi vir para casa quando o sol estava prestes a nascer. O que aconteceu ontem, entre mim e Dominic já foi esquecido, pelo menos uma parte.

Mais claridade invade o meu quarto e eu me sento em minha cama nervosa. Observo a Lisa terminar de abrir a última cortina, passo as mãos em meu rosto e bocejo. Estou com tanto sono que seria bem capaz de hibernar.

— Boa tarde, senhorita Lewis. — Lisa sorrir amplamente me observando.

— Boa tarde? — Pergunto.

— Sim, senhorita. Já são quase três horas.

Fico surpresa ao saber que horas já, levanto da minha cama e vou para o banheiro. Irei para o galpão hoje, tenho que verificar algumas coisas e decidir o que vou fazer com aquele *verme*. Retiro a camisola que uso, eu entro debaixo da água morna e retiro o restante do Dominic que ainda tem em mim.

Confesso que chorei por causa do Dom, mas foi apenas isso. Ninguém além

de Oliver, Penélope e Dominic podem sonhar que fui naquele prédio, ainda mais que transei como Dom. Algo que foi maravilhoso, assim como da primeira vez, mas...

Porque diabos eu estou pensando nisso?

Isso tem que ser guardado a sete chaves dentro de mim e não ser lembrado nunca mais. Ele será feliz com a Lauren, eu irei arrumar uma pessoa e nunca mais as nossas vidas irão se cruzar. Pelo menos é isso que eu espero.

[...]

Chego ao galpão, um dos cinco seguranças me acompanha pelo extenso local e logo chegamos onde estão as armas. Pego o papel de suas mãos, conto cada uma das armas e vejo se são as mesmas descritas pelo meu pai.

Após ver que está tudo certo contabilizo o tanto de drogas que chegou, vejo no papel e assino afirmando que está tudo certo. Devolvo o papel para o segurança que me segue, abro a porta de ferro e vejo o *verme* pendurado numa barra de ferro.

Ele veste apenas uma bermuda, seu corpo está molhado e o ar condicionado está numa temperatura baixa. Fecho a porta, ando em sua direção com um sorriso diabólico nos lábios e ele fica com a expressão de temor.

— Olá, querido.

— Vadia. — Ele me xinga e eu me finjo de ofendida. — Me mata logo.

— Já disse que não vou te matar. Te torturar alivia a raiva que eu estou sentindo.

— Raiva? — Ele ri. — Foi rejeitada por um macho?

— Cala a sua boca! — Ordeno dando um chute em sua costela.

— Senhorita Lewis? — Ouço o segurança me chamar e eu o encaro. — Deseja algo?

— Paz.

O vejo ficar confuso, se afasta de mim e fica parado na porta da sala onde estamos. Ando até a mesa de equipamentos, passo meus dedos nas barras de ferro e seguro o chicote em minhas mãos. Isso aqui é ótimo!

Eu não quero fazer nenhuma pergunta para o *verme*, quero apenas bater em alguém para relaxar. Aproximo-me novamente do verme, ele dá um passo limitado para trás por causa das suas mãos presas na barra de ferro acima de sua cabeça.

— Você não vai me chicotear, não é? — Ele pergunta com temor.

— Por que não? Eu amo fazer isso.

— Isso não, por favor. — Ele súplica. — Eu conto quem é o meu chefe.

— Eu não quero saber. Eu apenas quero machucar alguém.

— Por favor, senhorita Lewis. Por favor.

Reviro os olhos com os seus pedidos, puxo a cadeira de madeira para perto de mim e me sento. Vejo o verme suspirar aliviado e fica me encarando. É querido, estou fazendo algo o que eu nunca fiz. O que meu pai disse é verdade. Eu já matei pessoas e não me orgulho disso, mas fiz apenas para proteger o meu pai.

Quando fiz isso, foi quando apontaram a arma para o meu pai e ameaçaram mata-lo. Eu não podia deixar, não mesmo. Mas se eu descobrir que meu pai mandou prender Dominic... Ah, não o defenderei nunca mais.

— Fale logo. — Ordeno.

— Eu apenas sei que o nome do chefe é Turner.

— Turner? — Me levanto bruscamente da cadeira onde estou sentada e a mesma cai para trás. — Qual é o nome completo?

— Jimmy Turner.

— Pai do Dominic. — Ouço o segurança falar e me viro para ele. — Desculpe pela intromissão, senhorita.

— Quem é esse homem? — Questiono andando na direção do segurança.

— Jimmy Turner é pai do Dominic e Penélope Turner.

— Como você sabe disse?

— Eu conheço o Dom e seus amigos.

— Temos que conversar.

Saio da sala pisando duro e ouço seus passos atrás de mim. Eu quero saber detalhe por detalhe e deixar rodar às dúvidas esclarecidas. Passo pelos mesmos outros seguranças de quando eu cheguei aqui e entro no escritório do meu pai. O segurança entra, fecha a porta e mantém a sua postura firme. Coloco meu chicote em cima da mesa, cruzo os meus braços em frente ao corpo e o encaro.

— Senhorita... — Ele coça a garganta. — Eu conheço Dominic e seus amigos já tem algum tempo.

— E o pai do Dom?

— Eu já ouvi falar sobre ele, mas não sei muita coisa não.

— O que você sabe?

— Que Jimmy está preso desde quando os filhos eram pequenos, a mãe deles é uma viciada e nada mais.

Eu terei que perguntar para o Oliver sobre isso. Se Jimmy está preso porque ele está mandando interferir no trabalho do meu pai? Será que é ele que esta investigando o meu pai? Não! Ele não teria como... Ou melhor, alguém pode estar fazendo isso para ele. É, eu tenho que descobrir essas coisas.

Não quero nem imaginar que a pessoa que está investigando o meu pai seja

a Penélope ou o Dominic. Isso eu jamais aceitarei e até mesmo, não consigo acreditar que sejam eles. Eu espero de qualquer pessoa, menos eles. Volto a minha atenção para o segurança na minha frente e o encaro novamente.

— Como é mesmo o seu nome?

— Dylan Allen.

Apenas balanço a cabeça, saio do escritório e sigo para fora do galpão. Preciso saber mais sobre o pai do Dominic, mas ele não vai me contar nada. Talvez Oliver saiba de algo e possa me contar. Entro no meu carro, coloco o cinto e dirijo em direção ao prédio onde o Oliver mora.

Espero saber de algo, *preciso* saber de algo, senão, terei que investigar e creio que não vai ser algo tão fácil. No tempo que fiquei com Dominic e Penélope nunca soube de nada sobre os pais deles, uma vez até perguntei e o Dom desviou a conversa.

Lembro-me bem que no dia da prisão dele, o ouvi dizer que tinha encontrado a mãe. Com certeza a Penélope nunca soube disso. Agradeço pelo trajeto ser rápido e já avisto o prédio. Nem liguei para o Oli perguntando se eu podia vir aqui ou se ele estava em casa. Pego o meu celular dentro da bolsa ao banco ao meu lado, digito uma rápida mensagem para o Oliver.

"Está no seu apartamento? Quero conversar com você."

Espero que ele esteja em casa. Suspiro aliviada ao ver a sua resposta.

"Estou. Pode vim, menina perigosa."

Pego minha bolsa, saio do carro e aciono o alarme. Puxo a barra do meu vestido para baixo e observo o meu reflexo no vidro do carro. Hoje optei por um vestido preto com alguns pequenos brilhos, uma meia fina escura e salto alto.

Sempre saio bem vestida de casa, ainda mais agora que meu pai é governador. Passo pela pequena portaria do prédio, eu vejo que o elevador voltou a funcionar e entro no mesmo. Aperto o botão do primeiro andar e fico aguardando.

Estou um pouco tensa para saber mais sobre o pai do Dom, é algo que está me incomodando muito. Preciso saber o que ele quer interferindo nos negócios do meu pai. Saio do elevador assim que as portas se abrem, ando em direção ao apartamento do Oliver e olho rapidamente para o apartamento do Dominic.

Não! Não posso ficar fazendo isso, pensando nele e nem nada parecido. Toco a campainha do apartamento do Oli, em seguida a porta se abre e eu entro após beijar a sua bochecha. Sento-me no sofá, coloco a bolsa em meu colo e o

Oliver se senta no outro sofá.

— O que quer conversar, é sobre o Dom? — Oliver pergunta preocupado.

— Não necessariamente. É sobre o pai dele.

— Jimmy? — Oliver questiona assustado.

— Eu queria saber mais dele.

— Pra que?

— Me conte o que você sabe, por favor.

Vejo o Oliver hesitar e me encarar fixamente. Eu não sei se o Oliver sabe do lado obscuro do meu pai e sabe que eu trabalho o protegendo. Ou melhor, ele sabe um pouco sobre os negócios do meu pai.

— Eu não sei quase nada. Jimmy foi preso por roubo quando os filhos eram pequenos, a mãe do Dom se afundou no mundo do vício e continuam assim até hoje.

— Ele ainda está preso? — Questiono.

— Sim, a pena é perpétua. — Oliver suspira. — A Pen não se lembra do pai, o Dom não quer que ela tenha contato com os pais e ela obedece à decisão do irmão.

— Nenhum deles tem contato com o pai, então?

— Não e nem querem, principalmente o Dom.

A conversa sobre os pais dos Turner se estende por pouco tempo e a minha curiosidade só aumenta. Tudo o que sei é muito pouco, não irei contar para o meu pai que o Jimmy é pai do Dom. O ódio só aumentaria e eu não quero isso.

Terei que saber de mais coisas sozinha sobre o Jimmy, é preciso disso para ontem. Não posso o deixar tentar interferir em nada, nem mesmo ordenar que alguém faça algo para ele. Ele era ladrão antes de ser preso, mas não consigo entender o que ele quer.

Se fosse possível, uma fumaça branca estaria saindo da minha cabeça nesse exato momento. Resolvo acabar com esse assunto de uma vez para não surgir nenhum questionamento do Oliver em minha direção.

— Está melhor sobre ontem?

— Sim, eu acho. — Oliver dá de ombros. — É um pouco cômica a situação.

— Por quê? — Questiono curiosa.

— Penélope sempre mexeu comigo, mesmo sem perceber e ontem fizemos aquela loucura.

— Você já a viu ou o Dominic? — Pergunto de repente mudando de assunto.

— Ainda não, mas daqui a pouco farei isso. Dom quer conversar com todos os amigos sobre algo importante.

Fico curiosa diante da sua informação e me seguro para não perguntar o que é. Dominic querendo conversar com todos os amigos... Algo muito importante deve ser. Observo Oliver contar sobre a festa de ontem, mas não cita mais sobre a Pen. Eu imagino o medo que ele deve estar sentindo em relação ao Dominic descobrir que eles fizeram. Com certeza a Penélope também teme por isso.

[...]

Em fração de segundos o meu corpo é jogado em cima da mesa de centro da sala de estar e eu gemo de dor. Encaro o meu irmão assustada com a sua agressão, passos apressados veem para perto de nós e vejo alguns seguranças pararem ao nosso redor.

Eduard faz um aceno com mão para eles não se aproximarem, mas eles ficam por perto. Um deles é Dylan. Sou puxada de cima da mesa, minhas costas batem no chão e Eduard segura em meu cabelo após sentar em cima de mim.

Eu não estou entendendo essa agressão. Eu não fiz nada. Ontem voltei para casa um pouco antes das dez da noite, fui direto para o meu quarto e sai do mesmo agora a pouco quando decidi vir para a sala de estar.

— Você está brincando com o perigo e com a minha cara, Emily. — Eduard rosna próximo ao meu rosto.

— O que eu fiz? — Questiono num filete de voz.

— Transou com o Turner.

Fico paralisada no mesmo lugar, meu irmão me encara por alguns segundos antes de sair de cima de mim. Dylan me ajudar a levantar, agradeço e vou para perto do meu irmão. Eu não tenho a menor ideia de como ele ficou sabendo disso, mas preciso fingir que é mentira.

— Quem contou essa mentira?

— Mentirosa é você, Emily. O Turner falou bem na minha cara que vocês estavam juntos na madrugada de domingo. Imagina o quão puto eu fiquei com isso? — Ele questiona segurando no meu cabelo novamente. — Eu te quero longe daquele infeliz, eu ordeno isso e você terá consequências se não me obedecer.

— Para. — Ordeno empurrando-o para longe de mim, mas ele me puxa pelo cabelo. — Eu transei com o Dominic sim, e você não tem nada a ver com isso.

— Eu te quero longe dele. — Meu irmão ordena.

— Você não manda em mim.

Sinto o meu rosto arder e percebo que o meu irmão me deu um tapa. Lágrimas escorrem pelo meu rosto por causa da dor que eu sinto, os três

seguranças se colocam entre nós e o Eduard os ordenam sair da frente.

Coloco a minha mão no lugar atingido, respiro fundo e tento controlar o choro. Eduard nunca foi assim. Sempre brigamos, mas ele nunca me bateu tão forte desse jeito. Dylan se vira para mim e me pergunta se eu estou bem, mas eu não consigo responder.

A raiva está me consumindo, junto com a dor e tristeza. Passo pelos seguranças, eu fico cara a cara com o meu irmão e enxugo a minha última lágrima. Vejo o arrependimento tomar conta dos seus olhos e seguro a vontade de socar a sua cara.

— Em...

— Nunca mais encoste a sua mão em mim. Nunca mais faça isso novamente.

O empurro e subo a escada correndo. Entro no meu quarto batendo a porta atrás de mim e me jogo na cama. Eu não o reconheço mais. O meu irmão, Eduard Lewis jamais faria aquilo. Ele jamais me bateria, mas aquele Eduard...

Ouço a porta de o meu quarto ser aberta, a Lisa me chama, mas eu não me movo e nem olho para ela. Todos viram o que aconteceu, ninguém se quer quis ajudar, a não serem os três seguranças e principalmente Dylan.

A Lisa me entrega um comprimido com um copo de água, agradeço e bebo. A observo sair do meu quarto, pego o meu celular dentro da minha bolsa quando o ouço tocar e sorrio ao ver o nome do Oliver. Estou tão quebrada que só ele seria capaz de me fazer sorrir.

— *Ei, menina perigosa já está sabendo da novidade?* — Oliver me pergunta empolgado assim que eu atendo a ligação.

— Qual?

— *Os 5M está de volta ao Fight.*

— Fico feliz por você. — Dou ênfase na última palavra e o ouço suspirar.
— Vão se apresentar hoje?

— *Sim. Você vai estar lá, não é?* — Ele questiona esperançoso.

— Não, Oli. Aconteceu uma coisa aqui em casa e não vai dar para eu ir *ao Fight*.

— *O que aconteceu? A sua voz está estranha. É por causa do Dom?* — Ele pergunta preocupado.

— Não. Eu briguei com o meu irmão e... — Suspiro. — Enfim, mas estou feliz por você, Oli.

— *Certo, certo. Já percebi que não vai contar.*

Não mesmo. Não quero ninguém se envolvendo na minha briga com o meu irmão. O que ele fez hoje, ele irá pagar e será bem caro. Bater-me foi a pior decisão e atitude que ele já tomou. Ele não tinha aquele direito, muito menos o

porquê de fazer aquilo. Se eu transei com o Dominic foi por minha escolha e eu sei muito bem o que fazer ou não. Eu o queria, ele me queria e transamos, simples assim.

[...]

Passei a tarde e boa parte da noite dentro do meu quarto, não queria ver e nem conversar com ninguém. A vergonha, chateação e raiva ainda me consumiam por dentro. Estou planejando algo para o meu querido irmão, ele vai pagar cada milésimo de segundo da dor que eu senti.

Termino de descer a escada, sigo para a sala de jantar e respiro aliviada ao não ver meu irmão. Ele deve estar no *Fight* apresentando os meninos novamente. Estou feliz por todos, mesmo que eu não tenha confessado isso para o Oliver, sei que eles estão contentes por estarem de volta ao mundo das lutas.

— Seu irmão saiu senhorita Lewis. — Lisa me avisa.

Apenas assinto com a cabeça, ela serve o meu jantar e o suco. Estar sozinha em casa é um enorme alívio, principalmente sem a Quinn, minha *querida* madrastra. Nunca gostei dela, e nunca irei gostar. Disso eu tenho certeza. Vejo Dylan entrar na sala de jantar após pedir licença, limpo minha boca e prendo a minha atenção nele.

— O senhor Lewis já está ciente do ocorrido mais cedo e pediu para eu ficar vinte e quatro horas com a senhora. — Dylan avisa.

— Não é preciso.

— Me desculpe me intrometer, senhorita, mas o seu pai está certo em pedir ao senhor Allen ficar com a senhorita. O seu irmão fez algo muito ruim e o seu rosto ainda está marcado. — Lisa fala receosa.

— Meu irmão ficou fora de si por motivo pequeno.

— A senhorita dormiu com o Turner e ele não gostou.

— Eu faço o que eu quero da minha vida Lisa e ele sabe muito bem disso. Meu pai e irmão odeiam o Turner, mas eu... Não o odeio.

O assunto se dar por encerrado após eu avisar a Dylan que iremos sair em dez minutos. Eu o deixarei comigo por enquanto, mas será por pouquíssimo tempo. Eu sei que meu pai ficará muito bravo ao saber que dormir com o Dominic, e pode fazer pior que o meu irmão, mas eu não me importo.

Já aconteceu, foi maravilhoso e eu já estou *esquecendo* a minha noite com o Turner. Termino de comer o meu jantar rapidamente, passo minha mão no local dolorido em meu rosto e vou em direção à garagem. Dylan já me aguarda dentro do carro, me sento no banco do passageiro ao seu lado e ele estranha. Eu sei que deveria sentar atrás, mas não gosto dessas frescuras.

— Para aonde vamos? — Dylan questiona.
— *Fight*.

[...]

Assim que meus pés tocam o chão do *Fight* ouço os espectadores gritarem "*Briga! Briga! Briga!*" e fico em alerta. Dylan está ao meu lado atento á tudo ao nosso redor e eu sigo em direção ao ringue. Subo no mesmo surpreendendo todos, sorrio para eles e encaro o meu irmão friamente.

Viro-me para os melhores e eles me encaram fixamente. A expressão do Oliver está muito fechada e os seus olhos fixos no meu irmão. Eu sei que meu rosto ainda está marcado e ele já percebeu o que aconteceu.

Cumprimento Anthony com um rápido abraço e paro ao seu lado. Meu irmão direciona um olhar preocupado para mim, olha friamente para o Dominic e volta a sua atenção para o público.

— Logo todos verão o que anseiam. Vou lutar com cada um deles, e vou ganhar. — Eduard garante fazendo a maioria vaiar.

— Arruma a frase: Vou perder de cada um deles. — Ouço Dominic falar e seguro o riso.

É a verdade, meu irmão vai perder feio para cada um deles. Sinto que estou sendo observada, olho para o lado e vejo Jensen me encarando. Eu sei que você não gosta de mim, *querido*.

Seguro a vontade de mostrar o dedo para ele, olho ao redor e vejo que está lotado hoje, apesar de ser apenas segunda feira. Anthony fala algumas palavras, logo todos nós descemos do ringue e Oliver me auxilia.

Dylan vem para perto de mim e cumprimenta os meninos com um aceno de cabeça. Observo Dominic ir em direção à escada que dá acesso as salas reservadas e os amigos vão atrás dele, menos Oliver.

— O que aconteceu com o seu rosto?

— Uma briga. — Dou de ombros.

— O seu irmão te bateu... — Não sei se é uma pergunta ou afirmação que sai da boca do Oliver, mas finjo não ouvir. — Vamos subir, daqui a pouco tem uma luta.

Concordo com um aceno, seguro no braço do Oliver e andamos em direção à escada sendo seguidos por Allen. Percebo que Anthony está há alguns metros a nossa frente, se vira para nós e nos chama para ir até uma sala com ele.

Respiro fundo o vendo entrar na sala onde Dominic estar e o Oliver ri pelo meu nervosismo. Entramos na sala, solto o braço do Oliver e paro ao lado do Anthony. Penélope me encara friamente e eu não sei se é por causa do irmão

dela ou porque eu estava com o Oliver.

Depois irei perguntar para o meu amigo como está à situação deles depois do beijo. Percebo Lauren me encara com raiva, vai para perto do Dom e o abraça. Se ela está tentando me fazer sentir ciúmes, está fazendo errado.

Eu não sinto ciúmes do Dom, mas confesso que me sinto levemente incomodada com essa aproximação deles. Observo o braço do Dom na cintura da Lauren e desvio o olhar.

— Vocês tem certeza que querem fazer aquilo? — Anthony questiona. — Lutar contra o dono daqui é arriscado...

— Foi ele que começou a provocação, nos chamou para lutar contra ele e vamos fazer isso. — Dominic garante.

— O que você acha disso, Emily? — Anthony me pergunta.

— Ótimo. Podem arrebentar o meu irmão.

— Farei isso com todo o prazer. — Oliver informa estralando os dedos de sua mão.

— Se for para fazer isso por você, Lewis... — Prendo a minha atenção no Jensen e ele continua a falar. — Eu prefiro perder para o seu irmão.

— Eu te fiz algum pedido diretamente? Não! Então, faça o que você achar melhor.

— Vamos ganhar dele, mas isso não será por você, Emily. — Dominic avisa.

— Não me importo. — Resmungo e me viro para Anthony. — Tem a minha autorização para marcar essas lutas. Não serão todas no mesmo dia, não é?

— Nós vamos decidir isso com calma. — Anthony responde e se vira para os 5M. — Fiquem à vontade, se precisarem de algo me peçam.

— Obrigado Anthony. — Dominic agradece.

O observo falar com a Lauren, ela sorri e beija os lábios dele. Retiro a minha atenção deles quando Oliver para na minha frente atrapalhando meu campo de visão. Ele coloca uma mecha do meu cabelo atrás, sorri e acaricia a pequena marca em meu rosto.

— Seja verdadeira comigo. Foi o Eduard que te agrediu? — Oliver questiona.

A atenção de todos que estão na sala se prende em mim. Fico com a expressão seria encarando Oliver a minha frente, Allen está parado ao meu lado olhando para baixo e eu me vejo sem saída.

Não quero ninguém se metendo em minha vida, ainda mais Oliver. Somos amigos, mas sei que ele odeia o meu irmão. Se eu negar, ele vai perguntar ainda mais. Se eu afirmar, ele vai querer brigar com o meu irmão. Suspiro e resolvo contar a verdade.

— Sim. — Sussurro.

— Por quê? — Oliver questiona nervoso.

— Depois conversamos. — Dou um beijo em seu rosto e sorrio tentando amenizar a situação. — Vamos, Allen.

Saio da sala sem olhar para trás, Dylan vem atrás de mim e minha segurança dobra. Descemos a escada perto um do outro, passo por algumas pessoas e apresso os meus passos em direção à porta por onde entrei há alguns minutos. Logo saio do *Fight*, uma mulher corre na minha direção e o Dylan fica atento.

— Moça, me ajuda. Eu quero ver os meus filhos. — As mãos um pouco sujas da mulher tocam em meus braços e eu a encaro assustada. — Eles estão lá dentro com os amigos.

— Quem são eles? — Pergunto curiosa.

— Dominic e Penélope.

Oh! O destino deve estar ao meu favor ou brincando comigo. Olho para o Dylan e ele me olha de volta. Não sei o que falar para a mãe deles. Volto olhar para a senhora a minha frente e percebo a sua semelhança com os filhos. Cabelos escuros, pele morena e olhos claros. Tão linda e tão... Viciada. Coitada. E coitados dos filhos também. A mulher a minha frente grita palavras desconexas, franzo o meu cenho e peço calma.

— Eu os conheço, senhora Turner. Eu posso pedir para chamar o Dom...

— Por favor, faça isso. — Ela suplica.

Apenas olho para o Dylan e ele entende o que eu quero. Peço para ele ser discreto, ele se vai e eu fico um pouco mais de um metro distante da senhora Turner. Ela me parece perdida, vulnerável e aflita.

Ela deve estar muito tempo sem ver os filhos, principalmente a Penélope. Dom nunca permitiu que a mãe chegasse perto de sua irmã e agora eu entendo o motivo. O cheiro de álcool e drogas é forte. Dentes amarelados, cabelos emaranhados e o roupas sujas.

Ela deve morar nas ruas, usar drogas e beber o dia inteiro. Ela jamais conseguiria entrar na prisão assim, então isso quer dizer que, ela também não tem contato com o marido.

— Mãe? — Ouço a voz grossa do Dominic e o vejo parar ao meu lado. — O que faz aqui?

— Eu queria te ver e ver a Penny também. — A mulher viciada sorri de forma amorosa e dolorida.

Afasto-me deles, a mãe do Dom me agradece e eu entro no meu carro com Dylan após trocar um olhar profundo com o Turner. A saudade é uma das piores dores. Eu sinto muita falta da minha mãe, ela era minha amiga, companheira e

guardava os meus segredos.

Alguns dias antes dela morrer, tivemos uma conversa muito sigilosa. Eu contei a ela que estava me sentindo atraída pelo Dominic e me pediu para ter muito cuidado, pois eu e o Dominic éramos muito diferentes.

Algo que ela não se importava era sobre a nossa diferença de classe. Ela via nos meus olhos a atração que eu sentia pelo Dom, via que a paixão estava começando a tomar conta de mim e me pediu para ter cuidado. Eu podia acabar me machucando ou atraindo a ira do meu pai por causa desse envolvimento. Todos os dias que eu ia para o antigo apartamento do Dominic minha mãe me dizia que eu deveria ser direta, sincera e decidida.

Direta em me insinuar de forma certa para o Dom, sincera com os meus desejos e decida a fazer o que eu tivesse vontade. No dia que ela foi assassinada, ela estava tristonha, mas não queria deixar transparecer. Eu via a mágoa em seus olhos, eu via que tinha algo de errado.

Ela e o meu pai tinham brigado feio naquele dia, eu a ouvi questionar ele sobre a amante. Meu pai negou e saiu apressado de casa. Eu quero muito descobrir quem assassinou minha mãe, mas não conseguirei fazer isso sozinha. Não mesmo.

Meu irmão jamais me ajudaria, ele com certeza iria dizer que eu estou ficando louca e procurando algo inexistente. Eu preciso de um aliado, preciso que alguém me ajude.

— Senhorita Lewis? — Saio dos meus devaneios quando ouço a voz do Dylan. — Chegamos.

Olho pela janela do meu carro e vejo a minha casa. Na porta tem os dois seguranças noturnos e alguns andando ao redor. Me viro para o Dylan ainda pensando no assunto da minha mãe, peço para ele guardar o carro e ir até o meu quarto. Desço do carro, entro em casa e respiro aliviada sentindo o aconchego do lar.

Não é mais o mesmo sem a minha mãe. Aqui era um ambiente familiar, amoroso e alegre. Não tinha esse monte de seguranças e pessoas da confiança do meu pai. Hoje em dia é uma casa sem amor, sem paz e sem tranquilidade. Não existe mais a família Lewis, pelo menos não a família que éramos quando a minha mãe era viva.

Assim que entro em meu quarto, não demora muito para o Dylan entrar também. Apesar de nunca ter conversado com ele, tenho uma grande confiança nele. Talvez seja pelo modo que ele se prontificou a me ajudar quando o meu irmão me bateu.

Indico a cadeira da minha escrivaninha para o Dylan sentar, assim ele faz e eu me sento em minha cama. Estou tentando pensar como eu posso pedir a ajuda

dele, melhor ser direta e economizar tempo Espero que ele me ajude.

— Eu quero a sua ajuda.

— Em que? — Ele pergunta intrigado.

— Eu sempre soube que o Dom nunca matou a minha mãe e estou disposta a descobrir quem foi.

— A senhorita quer a minha ajuda. É isso?

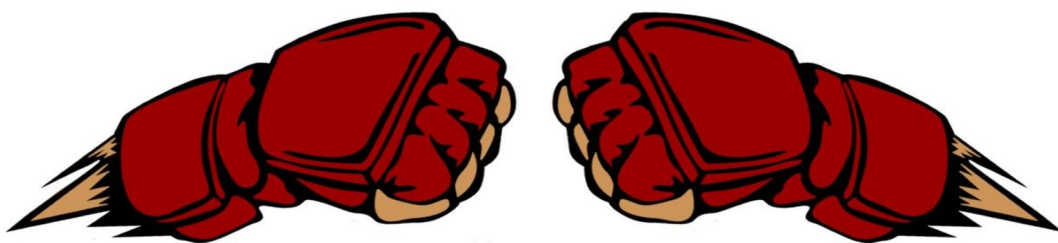
— Sim. Eu preciso de alguém e confio em você. É claro, se você aceitar.

— Eu não sei, senhorita. O seu pai pode descobrir e...

— Ele não vai. Será um segredo nosso. — Garanto o fazendo menear a cabeça para os lados.

Sei que não é uma decisão fácil, ele está colocando o emprego em risco e até mesmo a vida. Os minutos se arrastam enquanto Dylan pensa a respeito do meu pedido.

— Tudo bem, eu a ajudo. — Dylan acaba concordando.



CAPÍTULO 6

*Eu procurei em outros
corpos encontrar você
Eu procurei um bom motivo
pra não, pra não falar
Procurei me manter afastado
Charlie Brown Jr — Só Por Uma Noite*

Dominic

Assisto a luta com os olhos vidrados em cada um dos movimentos. Lauren se mexe inquieta em meu colo enquanto conversa com a minha irmã. Ainda estamos no *Fight*, pois decidi assistir mais uma luta antes de ir embora. Leon já foi embora com a namorada e Noah também já foi. Jensen e Oliver comemoram quando um dos lutadores vai ao chão. A minha irmã se afasta de mim e a Lauren vira o meu rosto em sua direção.

— Podemos ir embora?

— Vamos. — Afirmo olhando no relógio em meu pulso e vejo que já são quase duas da manhã. — Está tarde.

— Vamos embora. — Lauren anuncia chamando a atenção de todos e se vira para mim. — Posso dormir no seu apartamento hoje?

A sua pergunta me pega de surpresa e eu a encaro com o cenho franzido.

— Claro. — Respondo sem muita importância.

Lauren agarra meu braço e seguimos os nossos amigos à saída da sala onde estamos. Encontro Anthony no caminho, eu me despeço dele e continuo o meu trajeto. Gostei muito de hoje, jamais imaginei que me sentiria tão eufórico e com a adrenalina lá em cima quando o Anthony anunciou os 5M.

Vi a felicidade estampada no rosto dos meus amigos, vi o ódio no rosto do Eduard e a marca da agressão no rosto da Emily. Tive vontade de questionar quem fez aquilo com ela, mas eu não podia. Não tinha o direito, mas quando Oliver perguntou fiquei com mais vontade de socar a cara do Eduard.

Como ele teve coragem de agredir a própria irmã? Espero que não tenha sido eu o culpado por aquilo.

Fiquei surpreso quando Emily encontrou minha mãe e ainda teve a preocupação de me chamar sem insinuar algo e sem alarmar ninguém. Não queria que ela tivesse conhecido minha mãe, na verdade, não quero que ninguém a conheça.

Não enquanto ela estiver no mundo das drogas. Ver que minha mãe estava bem, mesmo que ainda no vício, me deu certo alívio. Fiquei sem vê-la por oito anos, com medo que ela encontrasse a Pen... E até mesmo que a minha irmã fosse atrás dela. Conversei rapidamente com a minha mãe, disse que estava tudo bem e que depois eu iria procura-la. Quando voltei para a sala do *Fight* ninguém se preocupou em saber o porquê de eu ter saído.

Apenas respeitaram e se mantiveram quietos. Eu, Penélope e Lauren entramos no carro do Oliver. Sento-me no banco de trás com a Lau e minha irmã se senta na frente ao lado do Oli. O ambiente é preenchido por uma música

animada que sai dos autofalantes do carro, observo as ruas ao nosso redor e coloco a mão na coxa nua da Lauren quando sinto a sua cabeça deitar no meu ombro.

Amanhã será um dia difícil de trabalho para ela e minha irmã. Terão que sair as nove, agora já se passa das duas da manhã e elas irão dormir pouco. Prendo os meus olhos no vão entre os bancos a minha frente, observo Oliver se inclinar na direção da minha irmã e falar algo que só ela consegue ouvir.

Oliver e Penélope se aproximaram muito após a minha prisão e ela até se mudou para o apartamento em frente ao dele. O meu amigo sempre esteve ao lado da minha irmã, na verdade, todos os meus amigos. Se não fosse por eles, eu nem sei o que seria da minha irmã. Ela poderia ter tomado um rumo ruim em sua vida, ter ido atrás da minha mãe e outras coisas pior.

[...]

— Dom, eu quero conversar com você. — Oliver informa.

Percebo minha irmã ficar tensa ao meu lado e eu a encaro. Oliver apenas pediu para conversar comigo, ela não tem motivos para ficar tensa. Lauren acena para Oliver, entra no meu apartamento e minha irmã continua parada ao meu lado.

— O que foi, Penélope? — Questiono.

— *Hã...* Nada. Só estranhei o Oli querer conversar com você justo agora. — Minha irmã fala um tanto nervosa.

— É sobre o *Fight*, Pen. Algumas questões, apenas isso. — Oliver explica.

Vejo Penélope ficar desconfiada, mas manda um beijo para o Oli e entra. Fecho a porta do meu apartamento, sigo o meu amigo até o dele e a porta é fechada após entrarmos.

Ele coloca os seus pertences numa pequena mesa de madeira ao lado da porta, se senta no sofá e apoia os braços nos joelhos. A conversa não tem nada a ver com o *Fight*, pois se fosse mesmo, ele teria falado enquanto estávamos voltando para o prédio.

— O que quer conversar? Sei muito bem que não é sobre o *Fight*.

— É sobre a Emily. — O seu olhar é sério assim como o seu tom de voz e eu me sento. — Eu não tenho nada a ver com a vida de vocês, mas na madrugada de domingo, eu a encontrei em frente ao prédio... Emily estava bem abalada.

— Abalada? — Questiono com o cenho franzido.

— Sim. Ela tinha acabado de sair do seu apartamento.

— A gente... — Coço a garganta.

— Eu sei, ela me contou. E também sobre o que a Pen falou...

— A Penélope fez de propósito, ela sabia que era a Emily que estava comigo. — Suspiro. — Não vai voltar a se repetir com a Emily. Foi a segunda e última vez.

— Você pode achar idiotice o que eu vou dizer, mas vocês se gostam.

— É idiotice. — Informo.

— Você transou com ela antes de ir preso, quando saiu transou com ela. Você teve outras opções, ou melhor, tem outra opção, mas quis transar com a Em. — Oliver joga a verdade na minha cara e eu fico sem palavras. — Você tem a gostosa da Lau, mas quis a Em. Você tem uma explicação para isso?

— Não! Não tenho.

Oliver dá de ombros com um sorriso de *eu estou certo* e eu reviro os olhos. Em termos, ele está certo, mas o que existe entre eu e Emily é atração sexual. Apenas isso. Ela é gostosa, linda e boa de cama. Ah, claro... E não é para o meu bico. Despeço-me do Oliver sem tocar no assunto que estávamos conversando, saio do seu apartamento e vou direto para o meu.

Tranco a porta, deixo as chaves em cima da mesa da cozinha e vou para o meu quarto. Só quero tomar banho e dormir. Fico surpreso ao ver Lauren deitada na minha cama e ela me encara com uma sobrancelha arqueada.

— Não achou que eu ia dormir no quarto da sua irmã, não é?

Pior que sim! Mas apenas nego com a cabeça, pego uma bermuda limpa dentro do guarda roupa e vou para o banho. O que aconteceu no *Fight* está a mil por hora em minha mente. O que eu conversei com minha mãe também e principalmente, o que eu e Oliver conversamos. Tomo um banho rápido somente para tirar o suor, visto a bermuda e volto para o quarto.

Deito-me ao lado da Lauren, ela se aninha em meus braços e eu fico encarando o teto. A lembrança de Emily deitada nessa cama atormenta a minha mente, fecho os olhos com força e penso em milhares de coisas com a intenção de afastar Emily, mas o resultado não é nada bom. Minha mente faz questão de comprar o sexo que tivemos há oito anos e o sexo na madrugada anterior. A Lauren se mexe inquieta em meus braços afastando os meus pensamentos, olho para ela e os seus olhos se fixam nos meus.

— O que foi? Você está inquieta desde o *Fight*.

— Algo está me incomodando... — Lau murmura ao se sentar na cama. — Você voltou para o *Fight* por você ou pelos nossos amigos?

Que pergunta estranha, mas estou aliviado por Emily não ser o foco de sua pergunta.

— Por todos nós. Eu queria voltar, mas não queria no *Fight*. Conversei com minha irmã, ela me aconselhou e eu decidi voltar. Conversei com os rapazes,

pois queria voltar só se eles também voltassem.

— Você não se sente mal estando no lugar aonde a Lewis foi morta?

— Não me sinto, pois não fui eu que a matei.

— Mesmo assim. Você foi acusado de algo que não cometeu.

— Vamos encerra esse assunto. Não gosto de falar sobre isso. — Resmungo e fecho os meus olhos. — Por favor, Lau.

A sinto deitar em meu ombro, eu recebo um beijo em meu maxilar e os nossos corpos ficam grudados cobertos por um edredom. Não gostei das perguntas da Lauren. Não digo pelo teor e sim por não saber aonde ela queria chegar com aquilo.

A mãe da Emily foi morta naquele local, mas tudo passou por uma reforma drástica e nada dali se parece com o que era há oito anos. Em pensar na Emily... Fiquei muito nervoso quando soube que Eduard a agrediu. Estou tentando esquecer aquilo, mas está difícil.

[...]

Lauren e Penélope saíram para trabalhar antes das oito horas da manhã, levantei cedo e preparei o café da manhã para elas. Lauren não tocou no assunto da noite passada, mas o clima entre nós estava um pouco estranho. A Lauren sabe muito bem que falou bobagem e só percebeu quando já tinha feito.

Foi errado e feio, mas não sei se ela se arrependeu. Tudo bem que eu entendo que ela queria saber como eu me sinto em estar de volta ao local aonde a mãe da Emily foi morta. Não é agradável, mas eu tenho a consciência limpa e sei muito bem que eu jamais faria algo do tipo. Não sou como o meu pai...

Eu nunca contei isso para ninguém, mas quando ele foi pego assaltando, ele tinha matado a vítima e um policial a paisana. A minha irmã não sabe disso, muito menos os meus amigos. Não gosto de falar sobre isso, não é nada bonito e nem agradável. Quando eu fui preso, tive medo de me compararem com o meu pai.

Algo que eu repúdio amargamente e intensamente. Eu jamais quero ser parecido com o meu pai em suas atitudes, fisicamente já não posso desejar a mesma coisa. Ando em direção a porta quando ouço a campainha tocar, abro e me surpreendo ao ver Dylan.

— Tenho que te contar uma coisa.

— Entra. — Peço. Assim ele faz, anda até o sofá um pouco tenso e se senta.

— Aconteceu algo?

O temor toma conta de mim só de imaginar algo que tenha acontecido com a Emily.

— A senhorita Lewis... — Minha espinha gela. — Pediu para eu ajudá-la a descobrir quem matou a mãe. Eu não pude negar e muito menos querer falar que você já está tentando fazer isso.

— Por que ela tomou essa decisão? — Questiono intrigado.

— Eu não sei. — Dylan suspira e massageia a pele entre as suas sobrancelhas. — Ela decidiu isso após saímos do *Fight*.

— Eu estou achando estranho ela ter tomado essa decisão depois de tanto tempo.

— Sim, mas algo a estimulou a isso. — Ele comenta pensativo. — Talvez ela tenha se lembrado, encontrado ou visto algo recentemente.

— Pode ser, mas não temos certeza. — Passo as mãos pelo meu cabelo ralo e prendo a minha atenção novamente no Dylan. — Não estamos conseguindo nada tentando mostrar a verdade sobre o pai da Emily...

— O senhor Lewis descobriu que tem alguém o investigando e pediu para a Lewis descobrir.

— Descobriu? Como? — Questiono irritado.

— Não sei. Aquele cara é muito misterioso e aquela namorada dele... — Dylan balança a cabeça de forma negativa. — Eu estou me arriscando fazendo tudo isso.

— Eu sei. Jensen também, mas precisamos de você.

— Eu tive uma ideia. — Ele informa e eu me retraio com milhares de possibilidades. — Você e a Lewis podem se unir para descobrirem algo.

— Não! — Exclamo.

Não mesmo. O que aconteceu entre a gente no último final de semana foi o fim de tudo. Não quero mais me aproximar dela, falar e muito menos repetir a nossa maravilhosa noite. E com certeza Emily deseja o mesmo, a chateação em seu rosto após ela escutar o que a Penélope disse foi o ponto final em nossa história.

E além do mais, é o certo a se fazer e eu não posso ficar usando a Lauren. Tudo bem, que o meu romance com a Lau está no início e não passamos de beijos, mas não é da minha personalidade ficar iludindo alguém.

A porta do apartamento se abre, a minha irmã entra com uma expressão cansada, mas sorri para mim e para o Dylan. Ela coloca a bolsa em cima do braço do sofá e prende o cabelo no alto de sua cabeça.

— Aconteceu algo? — Penélope pergunta preocupada.

— Não, Pen. Dylan estava passando por aqui e decidiu subir. — Minto.

— Isso mesmo. — Dylan concorda.

— Pensei que era alguma coisa daquela lá. — Minha irmã se refere à Emily.

— Penélope. — Repreendo-a.

— Eu já vou indo. Tenho que trabalhar. — Dylan informa.

Dylan se despede da minha irmã com um aceno, o acompanho até a porta e peço para ele não comentar nada com Jensen. Dylan concorda e se vai. Volto para dentro do apartamento e fico tentando entender a atitude da Emily.

Depois de oito anos ela decide investigar por conta própria e ainda pede ajuda do Dylan, justo ele que está me ajudando a provar o lado obscuro do James. Estranho. Muito estranho. Percebo que a minha irmã está me encarando e vou para a cozinha sendo seguido por ela.

— Dylan não veio aqui por nada, Dom. É algo daquela garota. — Penélope fala parando ao meu lado enquanto eu bebo um pouco de água. — Eu percebo quando mentem para mim.

— Não menti para você, Pen. Para de ser paranoica.

— Não sou paranoica. — Ela resmunga ao sair da cozinha.

Preciso saber mais sobre essa decisão da Emily, talvez o Oliver possa saber de algo, já que eles são *amigos*. Está bem, não gostei disso quando soube e não gosto quando os vejo juntos. Oliver é muito canalha, ou melhor, era. Ele mudou, amadureceu e age como um adulto literalmente. Olho no relógio na parede e ainda vai dar cinco horas da tarde.

Há essa hora o Oliver ainda não chegou do trabalho, terei que esperar mais um pouco então. Deixo o copo que bebi água em cima da pia, ando em direção ao quarto da Pen e bato na porta antes de entrar. A encontro deitada em sua cama de barriga para baixo digitando em seu MacBook, me sento ao seu lado e vejo que é a entrevista com a família da Emily.

— Chegou cedo hoje. — Comento.

— Preciso terminar de editar essa entrevista. Emily autorizou a entrevista, mas encontramos um pequeno erro numa das perguntas e ela precisou ser refeita. — Minha irmã comenta cansada.

— Por que você que está fazendo isso?

— Eu era a única livre de trabalho e eu estava na entrevista.

— Entendi.

Deito ao seu lado e fico em silêncio a deixando trabalhar. Olho minuciosamente o rosto da minha irmã observando as mudanças nesses últimos anos. Sempre fiquei sabendo tudo o que acontecia em sua vida, através de suas cartas ou das visitas dos meus amigos. No tempo que fiquei preso sempre estava pensando na minha irmã, tinha medo dela se perder na vida, acontecer algo de ruim com ela ou ela ficar abandonada em algum lugar.

Esse último era quase impossível, por causa dos meus amigos, mas cada um tem a sua vida e sei que a Pen nunca quis dar trabalho para ninguém. Nem

mesmo para mim, algo que era quase impossível. Ela não foi uma adolescente problemática, mas às vezes tinha algumas coisas para que eu resolvesse. Brigas na escola, faltas excessivas, esses tipos de coisinhas.

Eu ia à escola, conversava com a diretora que quase sempre pedia para a nossa mãe comparecer lá, mas isso nunca acontecia. Em pensar na minha mãe, nessa semana irei atrás dela, precisamos conversar, aí posso contar para Penélope depois de encontrar a nossa mãe. Espero que não haja nenhum interesse de sua parte ou até mesmo para falar algo sobre o meu pai.

Aquele babaca vai apodrecer na cadeia e nunca mais verá os filhos. Não quero minha irmã próxima a ele, jamais vou deixar isso acontecer. Meu pai é uma pessoa que não se deve viver entre as pessoas de bom coração como a Penélope.

— Dom... — Meus pensamentos são dispersos quando a minha irmã me chama. — Hoje estava pensando numa coisa...

— O que? — Questiono intrigado.

— Deveríamos procurar a nossa mãe.

[...]

A Penélope abre a porta quando a campainha toca, olho para trás e vejo Oliver entrando na cozinha. A minha irmã vem logo atrás, pergunta se o Oliver quer jantar e ele nega e senta-se à minha frente. Minha irmã se senta ao lado dele receosa e eles se olham por alguns segundos sem dizer nada.

Eles estão agindo estranho desde domingo, ou é coisa da minha cabeça. Durante a tarde liguei para o Oliver para pedir que ele viesse aqui assim que chegasse do trabalho e fiz isso para mudar o assunto que a Penélope queria aprofundar. A nossa mãe não é assunto que eu queira conversar por enquanto.

— Queria ter a sua vida, Dom. Não aguento ir trabalhar todo dia. — Oliver resmunga divertido.

— Larga e volta para as lutas.

— Não posso me arriscar desse jeito. Preciso de um bom emprego para ajudar os meus pais.

— É, eu sei.

— Sua mãe está bem? — Penélope pergunta num tom baixo encarando o prato a sua frente.

— Sim. Falei com ela no sábado e ela perguntou de você. — Oliver informa fazendo minha irmã sorrir.

— Manda um beijo para ela. — Penélope pede.

— Quando nós éramos mais novos, dona Hilary sempre dizia que vocês

casariam. — Comento divertido.

— Garanto que ela ainda não perdeu essa esperança. — Oliver retruca presunçoso.

— Ainda bem que eu sempre deixei muito claro que você e os outros são proibidos tocar um dedo ou tentar algo com a minha irmã. — Relembro.

— Para com isso, Dom. — Penélope reclama.

— Pen já é uma mulher, muito linda por sinal e sabe fazer as suas escolhas. — Oliver fala.

— Não me provoca, Baker.

Oliver gargalha com a minha expressão séria e minha irmã sorri balançando a cabeça de forma negativa. Ele sempre gostou de me provocar quando o assunto é minha irmã, ela é o meu ponto fraco. Penélope é o meu calcanhar de Aquiles.

Minha irmã pede licença, sai da cozinha para nos dar privacidade e vai para o seu quarto. Terminado de beber o refrigerante em meu copo, coloco a louça suja na pia e volto a me sentar-se à mesa.

— Imagino que o assunto é sério. — Oliver comenta antes de soltar um profundo suspiro. — Olha se for algo sobre eu e a Pen...

— É sobre a Emily... — Aviso o interrompendo, mas eu me calo em seguida e encaro o Oliver com uma expressão confusa. — Por que você estava pensando que o assunto era sobre você e a minha irmã?

— Por... Que... — Oli coça a garganta. — Por causa da brincadeira de agora a pouco. — Ele fala levemente nervoso. — Mas o que tem a Emily?

— Ela decidiu investigar a morte da mãe...

— Depois de tanto tempo? — Oliver questiona me interrompendo.

— Sim. — Afirmo antes de continuar a falar. — Dylan veio me contar hoje de manhã, pois a Emily pediu a ajuda dele e ele teve uma ideia idiota.

— Que ideia?

— Que eu me juntasse com a Emily para descobrirmos quem matou a mãe dela.

— Você vai?

— Não!

Oliver franze o cenho pensativo e eu me mantenho quieto. Juntar-me com Emily... Não. Passei sobre isso o tempo todo, mas minha resposta não mudou. Eu sei que seria mais rápido e mais prático, mas não quero me envolver com ela. Se me envolver uma vez foi arriscado, duas mais ainda e uma terceira vez... Seria a prisão perpétua ou a morte.

Emily é o perigo em pessoa, já disse isso milhares de vezes, mas não encaixou em minha cabeça ainda. Sei perfeitamente, mas algo em mim... O desejo insiste em manter Emily por perto. Tocar o seu corpo, beijar os seus

lábios e estar dentro dela. O seu corpo macio, seus lábios carnudos e beijo delicioso.

Não posso me esquecer do seu corpo por completo. Seios lindos no tamanho médio, barriga seca e... Solto um longo suspiro pelos meus lábios ao lembrar-me da delícia que é *guardada* entre as suas pernas.

— Dominic... — Oliver praticamente grita me fazendo sair dos meus devaneios. — Está viajando?

— Um pensamento idiota que estava me dominando.

— O nome disso é mulher. — Ele afirma antes de sorrir debochado. — Lauren ou Emily?

— Para de ser babaca, Oliver. Não quero mais nada com a Emily.

[...]

— Lauren chegou. Está lá na sala. — Penélope avisa.

Concordo com um aceno e ela sai do meu quarto. Minha conversa teve que ser encerrado há alguns minutos, pois precisava me arrumar para sair com a Lau e a deixei na sala de estar com a minha irmã.

Antes da Lauren saiu para ir trabalhar de manhã, ela me pediu para sairmos hoje à noite e eu aceitei. Não imaginava que a Lauren chegaria antes do combinado, queria trocar mais algumas palavras com o Oliver antes dela chegar, mas não vai dá. Passo mais um pouco de perfume, coloco o boné preto que é da mesma cor da minha camiseta e calço o meu tênis de cor preta também.

Além disso, estou usando uma calça jeans e um relógio prata. Saio do meu quarto indo em direção à sala de estar, paro no corredor bem na porta e observo a Lauren de costas para mim. Ela está usando uma calça jeans justa em suas pernas e bunda. Uma camiseta azul bem clara e seus cabelos estão soltos. Minha irmã está sentada no sofá com as pernas em cima do colo do Oliver e ele está sentado ao lado dela massageando os pés da minha irmã.

— Já podemos ir. — Anuncio chamando a atenção de todos.

Lauren se vira lentamente para mim e sorri mordendo o lábio me observando. Ela está linda. Aproximo-me em passos largos, Lauren joga os braços em volta do meu pescoço e damos um rápido beijo casto. Ela entrelaça as nossas mãos, olho para a minha irmã e ela está nos observando atentamente.

— Não vai dar avisos, não é? — Penélope questiona.

— Claro que vou. — Afirmo. — Se eu não fizesse isso, eu não seria...

— Dominic Turner. — Minha irmã tenta me imitar, mas falha drasticamente. — Dom, não é preciso de avisos, eu já sou *grandinha*.

— Eu sei que sim, mas eu cuido muito bem de você, Pen. — Lembro-a.

Minha irmã sorri de forma doce e balança a cabeça de forma positiva. — Tranca as portas e janelas. Eu não vou voltar tarde e qualquer coisa, me liga ou chama o Oliver.

— Não se preocupe e divirta-se com a Lauren.

Solto a mão da Lauren, abraço a Penélope e mando o Oliver levantar do sofá. Ele obedece reclamando, se despede da minha irmã com um beijo estalado na bochecha e vai para a porta. Lauren se despede da minha irmã e saímos do apartamento.

Não gosto de deixar minha irmã sozinha, tenho receio de algo ruim acontecer ou da minha mãe aparecer. Mesmo que ela não saiba onde nós moramos, mas eu não duvido de nada quando o assunto são os meus pais. Oliver caminha em direção ao seu apartamento, abre a porta, mas antes de entrar me chama e eu o encaro.

— Eu vou cuidar da Pen sempre que precisar.

Concordo com um aceno e sigo Lauren em direção ao elevador. Espero que o Oliver honre as suas palavras, senão, haverá consequências. Eu confio nele quando o assunto é minha irmã, ele praticamente a trata como uma e espero que seja assim por muito tempo.

[...]

Chegamos à *Highland Park Bowl*, em Beverly Hills, Lauren insistiu para que viéssemos para cá e eu acabei aceitando. Jogar boliche deveria ser feito numa turma, mas Lauren insistiu em jogarmos um contra o outro e foi bem divertido. Conversamos, rimos, comemos, bebemos e jogamos muito.

Foi muito divertido esse programa com ela. Nunca imaginei que algum dia iria me divertir como aconteceu hoje e ainda mais com uma pessoa que está se tornando cada dia mais especial para mim. Jogamos três rodadas, ela ganhou duas e eu uma. A deixei ganhar por cavalheirismo.

— Mais uma rodada? — Lauren questiona risonha ao sair do meu colo.

— Outra? — Pergunto divertido e ela sorri afirmando. — Outro dia. Agora... — Olho no relógio e já são quase meia noite. — Vamos embora.

— Mas já? — Ela questiona com um bico lindo nos lábios.

Levanto do sofá onde estou sentado, a abraço pela cintura e beijo suavemente os seus lábios. Passo o meu nariz pelo seu pescoço a fazendo arfar e faço uma proposta irrecusável.

— Vamos para o meu apartamento.

Assim que olho nos olhos da Lauren, os vejo brilhando e ela afirma tentando conter um sorriso. Dividimos a conta do nosso consumo no

estabelecimento, saímos do ambiente e andamos em direção aonde deixamos o carro dela estacionado. Hoje tive a oportunidade de saber mais um pouco dos últimos oito anos, Lauren me contou mais sobre si mesma, sobre os seus sonhos, vontades e família.

Confesso que fiquei surpreso quando soube que ela comentou sobre nós dois para sua mãe. Não é que esteja cedo para isso - está cedo mesmo - Mas eu nunca imaginei que ela faria isso, pois ela nunca fez algo do tipo. Talvez comigo ela esteja tentando ser diferente, assim como eu venho tentando. Não quero agir do mesmo jeito, nem falar a mesma coisa quando eu estava com a Emily, mesmo que tenha sido por algumas horas e apenas duas vezes.

[...]

— *Shiu!* — Ela ri ao me mandar ficar quieto quando entramos no meu apartamento.

— Estou quieto. — Rio baixo.

Tranco a porta do apartamento, deixo os meus pertences em cima da mesa da cozinha e ando em direção ao meu quarto após abraçar a Lauren pela cintura. Entramos no meu quarto, fecho a porta e observo a Lauren se jogar na minha cama. Ela retira o salto alto com os pés, eles caem no chão de qualquer jeito e eu me aproximo da minha cama. Deito o meu corpo sobre o seu, beijo o seu colo nu e ela fica passando as mãos nos meus ombros.

— Vamos para *Huntington Beach* no final de semana? — A sua pergunta me pega de surpresa.

— Praia nessa época? — Questiono com o cenho franzido e a encaro.

— Não está tão frio é uma temperatura agradável.

— *Huntington Beach* é um pouco longe. Por que não vamos para *Santa Mônica*?

— Porque *Huntington Beach* é a praia mais linda da Califórnia. — Lauren responde como se fosse óbvio.

Não sei o que responder, pois não sei se irei lutar nesse final de semana e não sei se a minha irmã irá trabalhar. Aviso que irei pensar, ela concorda e cola os nossos lábios. A minha língua explora a sua boca de forma lenta e sensual. Minhas mãos apertam a sua cintura enquanto as dela viajam pelo meu tórax e ombro.

Desgrudo as nossas bocas, retiro a minha camiseta e a Lauren retira a dela. Os meus olhos gulosos se prendem nos seus seios fartos cobertos por um sutiã rendado na cor azul e isso faz o meu *amiguinho* se animar. Beijo, mordo e passo a minha língua em cada parte exposta dos seios da Lauren.

Ela geme baixinho com cada um dos carinhos que recebe, leva as suas mãos por cada um dos meus músculos e os apertam. Volto a colar as nossas bocas, agora de forma rude e mordo o lábio inferior da Lauren quando sinto uma de suas mãos apalparem o meu membro por cima da minha calça jeans.

Afasto as nossas bocas novamente, Lauren me empurra me fazendo deitar na cama e senta no meu colo. O seu cabelo caí como cascatas em seus ombros e cobrem uma parte dos seus seios. Ela dá uma lenta e prazerosa rebolada em meu colo.

Os seus dedos caminham pelo meu tórax nu, vão até o cós da minha calça e entram por dentro da minha cueca. Seus dedos perversos seguram em meu membro e mexe nele lentamente.

— Lau-ren... — Gemo o seu nome e agarro em seu cabelo.

[...]

Confesso que eu nunca imaginei que Lauren seria tão safada e perversa na cama, fiquei bastante surpreso durante nosso momento juntos. Uma literalmente devassa gostosa. Beijo o seu ombro nu, ela geme manhosa e se aninha em meus braços. Já são quase oito da manhã e faz meia hora que eu estou encarando o teto do meu quarto.

A Lauren dormiu agarrada a mim após a nossa transa e eu dormir quase meia hora depois. Faz pouco mais de dez minutos que acordei e estou encarando o teto com a mente a mil, mas estou bem relaxado. Porra! A Lauren é maravilhosa. Fez-me ver estrelas quando o meu membro entrou na sua boca e confesso que quase gozei.

Ela sugou o meu pau de uma forma... Caralho! Impossível explicar. Se eu vi estrelas com a sua chupada, ela não ficou muita atrás quando eu usei e abusei do seu corpo. Olho para baixo, eu passo a mão no cabelo da Lauren e ela resmunga algo baixinho.

Ela tem que acordar, senão, irá se atrasar para o trabalho. Beijo o seu ombro nu novamente, seus pálpebras tremem e em seguida os seus olhos se abrem.

— Dom... — Lauren sussurra e cola o seu corpo ainda mais no meu. — Estou com sono.

— Você vai se atrasar para o trabalho. — Aviso a fazendo formar um bico lindo nos lábios. — Levanta, Lau devassa.

— Lau devassa? — Ela questiona antes de gargalhar. — Adorei.

Recebo um beijo molhado e estalo em meus lábios antes dela se levantar da cama, ou melhor, ela se senta na cama de costas para mim e se espreguiça. Observo as suas costas nua, me estico em sua direção e mordo a parte inicial de

sua bunda.

Lauren geme manhosa e em seguida reclama dizendo que eu estou com a intenção de atrasá-la para o trabalho. Nego rindo, ela revira os olhos divertida e levanta da cama indo em direção ao banheiro. Quando a minha irmã se mudou para cá, fez questão de escolher um apartamento com duas suítes e isso facilita muito as nossas vidas.

Levanto da cama, visto uma bermuda e saio do meu quarto. Vou até o banheiro no final do corredor, escovo os meus dentes e faço o restante da minha higiene pessoal. Vou para a cozinha, encontro a minha irmã já tomando o seu café da manhã e dou um beijo em sua testa.

— Bom dia. Chegou que horas ontem? — Penélope pergunta.

— Um pouco depois da meia noite. — Respondo colocando café na minha xícara.

— Foi aonde? — Ela pergunta curiosa.

— *Highland Park Bowl*.

— Lá é bem legal, já fui com os rapazes enquanto você estava... Preso. — Minha irmã fala baixo.

— Ainda bem que você se divertiu enquanto eu não estava aqui.

É bom saber que a minha irmã viveu, se divertiu e se formou enquanto eu estive preso, ela não podia parar a sua vida por minha causa. Observo a minha irmã sorri de forma doce para mim e franze o cenho quando ouve passos vindos em nossa direção.

Sibilo que é a Lauren, ela semicerra os olhos e fica com a expressão neutra quando a Lauren entra na cozinha. Elas se cumprimentam normalmente e a minha irmã me direciona um olhar sério.

Não entendo essa atitude dela.

[...]

Preciso ir ao *Fight* hoje, ia apenas ao final de semana, mas o Anthony me ligou durante o almoço. Minha irmã vai comigo, mesmo contragosto e reclamações da minha parte. Oliver vai com a gente e eu vi que isso a fez ficar um pouco feliz. A observo pegar a sua bolsa, celular e chaves de casa. Saímos do apartamento e encontramos o Oliver parado diante do elevador.

— Oi Pen. — Oliver cumprimenta a minha irmã e recebe um beijo em sua bochecha. — Falou com o Jensen, Dom?

— Não. Ele está sumido ultimamente.

— É por causa de mulher, cara.

— Jensen sumido por causa de mulher? — Questiono intrigado.

— É estranho, mas é o que eu percebi quando estamos trabalhando. Sempre ligando para ela ou recebendo. Trocando mensagens ou saindo de repente do trabalho.

— Talvez seja uma namorada. — Penélope opina ao entrarmos no elevador.

— Se fosse, ele teria falado.

— Talvez seja uma mulher casada. — Oliver comenta pensativo.

— Parem de cuidar da vida dele, meninos. Vocês são muito curiosos. — Minha irmã resmunga. — Você tem cuidar do seu namoro, Dom.

— Não é namoro.

— Ainda está com a Lauren? — Oliver questiona.

— Sim.

Saímos do elevador, passamos pela portaria e entramos no carro do Oliver. Minha irmã se senta no banco de trás e eu fico na frente com o Oliver. O caminho começa a ser feito em silêncio, cada um absorto em seus pensamentos e os meus voam até a minha noite anterior com a Lauren. Ela adorou o apelido que coloquei nela e ficou sorrindo boba o tempo todo enquanto estavam juntos.

Ela saiu para trabalhar com a irmã após me beijar diversas vezes. A Lauren é uma mulher maravilhosa, linda, sedutora e sorridente. Não posso me esquecer de "*Lau devassa*". Que mulher! Ela é daquelas mulheres que por onde passa chama atenção de todos, os homens olham para o seu corpo, mas ninguém a conhece verdadeiramente. A verdadeira Lauren.

[...]

Chegamos ao *Fight* enquanto acontecia uma luta e o público estava alucinado. Segurei firme na mão da minha irmã e nos guiei em direção ao camarote do Anthony. Oliver queria ficar perto do ringue para assistir a luta mais de perto, mas a Penélope pediu para ele vir conosco e ele veio. Fácil, muito fácil. Se fosse eu, ou qualquer um dos rapazes chamando o Oliver, ele não viria.

Afasto qualquer bobagem que tente dominar a minha mente e entro no camarote do Anthony. Ele está sentado numa poltrona preta perto do grande vidro, sua esposa está sentada em seu colo e no canto encontro a Emily. Nossos olhos se cruzam, a Penélope resmunga um palavrão ao olhar para a Emily e fica no nosso campo de visão.

A mulher sai do colo do Anthony, ele se levanta e nos cumprimenta com um aperto de mão. Emily cumprimenta apenas o Oliver e a Penélope a fuzila com o olhar.

— Pensei que não viriam. — Anthony comenta.

— Hoje eu não viria, mas você pediu para conversarmos.

— Vamos terminar de assistir essa luta e vamos conversar depois.

Sento-me no sofá com a minha irmã, Oliver vai a conversar com a Emily e vejo a Penélope ficar muito incomodada com isso. A mulher do Anthony serve uma garrafa de cerveja para cada um de nós saí do camarote.

Espero que o que o Anthony queira conversar comigo não tenha nada a ver com a Emily ou que seja ela querendo conversar comigo. Sinto o meu celular vibrar em meu bolso, o pego e vejo que é uma nova mensagem da Lauren. Já até mudei o nome do contato, agora é "*Lau Devassa*".

— Já está sendo controlado, Dom? — Oliver questiona divertido ao passar por mim e ver o nome da Lauren no meu celular. — Saiu da cadeia, mas acabou sendo preso por mulher.

— Está preso com mulher, Dominic? — Anthony questiona curioso.

— Não estou preso, Anthony. Oliver fala apenas bobagem. — Resmungo.

— Não! — Oliver debocha ao se sentar ao lado da minha irmã. — A Lauren te mandou mensagem para que? Perguntar onde você está com certeza.

— A Lauren? — Anthony questiona me fazendo afirma com um aceno de cabeça. — Ela é muito bonita, faço gosto de vocês juntos.

— Eu quero muito que o Dom e a Lauren deem certo. — Penélope informa ao encarar a Emily que está parada no vidro olhando para nós.

— Belo casal. — Emily comenta de forma debochada e com um sorriso cínico nos lábios.

— É um belo casal e vai ser melhor ainda se você se mantiver longe do meu irmão. — Minha irmã informa encarando friamente a Emily.

Emily encara a minha irmã do mesmo jeito e nenhuma fica intimidada. Oliver segura no rosto da Penélope, sussurra algo em seu ouvido e a puxa em direção à saída da onde estamos. Foi melhor mesmo. Não quero a minha irmã brigando com a Emily ou algo parecido. Observo o Anthony me encarar e faz a mesma coisa com a Emily em seguida.

— Vocês dois já tiveram um caso no passado...

— No passado. — Enfatizo.

— Duvido muito que não tenha acontecido novamente após a sua saída da cadeia. — Anthony comenta pensativo. — Mas isso não é problema meu. Eu estou aqui apenas para cuidar dos meus 5M.

Tenho vontade de concordar que não é problema dele mesmo, mas me mantendo quieto. A Emily me observa por alguns segundos, volta a sua atenção para o Anthony e avisa que ela vai fazer o que eles combinaram.

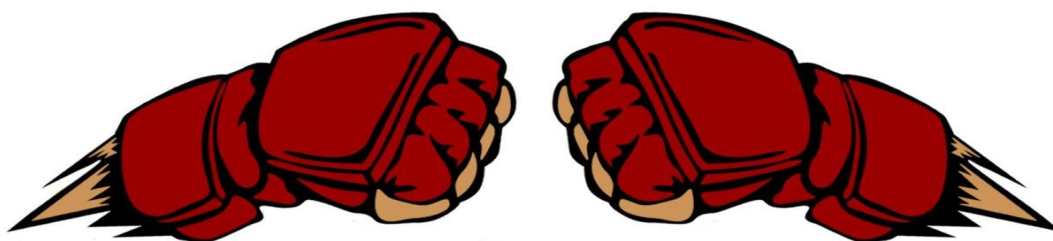
Anthony agradece e prende a sua atenção na luta que ocorre lá embaixo. A Emily se aproxima de mim, apoia os braços no encosto do sofá de cada lado dos meus ombros e as nossas bocas ficam próximas.

— Então vai fazer a vontade da sua irmã? Vai namorar a Lauren e ser feliz?
— Emily questiona num sussurro.

— Cuida da sua vida e eu cuido da minha.

— Certo. — Ela murmura pensativa e sorrir friamente. — Você não vai me esquecer tão fácil assim, mesmo que esteja disposto a ficar com a Lauren.

Emily faz menção de beijar os meus lábios, ri e se afasta. A observo sair pela mesma porta que a minha irmã saiu há poucos minutos e suspiro exausto. Emily gosta de brincar e está querendo que eu seja o seu brinquedo, mas eu não vou ser. Emily é perigosa, em ambos motivos. De forma sexual e social. Ela é a perdição e perigo para qualquer um.



CAPÍTULO 7

*Vamos nos entregar ao amor está noite
Levantar para tocar a luz das estrelas
E iremos saborear cada segundo
Que estivermos suspensos juntos*
Jason Mraz — Love Someone

Emily

Não dormi nada a noite passada, fiquei pesquisando e procurando diversas coisas relacionadas à morte da minha mãe. Quero descobrir quem a matou, pois eu irei matar o assassino com as minhas próprias mãos.

Salvei todas as matérias que saíram na época, fotos e vídeos. Peguei o computador do meu pai e não consegui acessar os arquivos, pois estão protegidos com uma senha nova que não estou ciente.

Conseguir dormir apenas na parte da manhã e mesmo dormindo sonhei que eu estava prestes a descobrir quem matou a minha mãe, mas quando eu acordei e vi que foi apenas um sonho... Chorei. Eu sinto tanta falta da minha mãe.

— Senhorita... — A voz da Lisa espanta os meus pensamentos e eu olho para ela. — O seu irmão pediu para avisar que ele foi para Sacramento.

— Obrigada por avisar, Lisa.

Observo a água da piscina, a quadra um pouco mais ao fundo e me levanto do sofá. Preciso tirar o estresse de cima de mim. Vou para o meu quarto, visto uma calça de ioga junto com um top e vou para o quintal de casa.

Eu costumo treinar com o meu irmão, mas como estamos brigados e ele foi viajar terei de fazer alguma coisa no lugar dos treinos. Mordo o interior da minha bochecha enquanto calço o meu tênis de corrida, amarro os cadarços e começo a correr pelo enorme terreno que cerca a minha casa. Ainda não vi o Dylan até agora, espero que ele não esteja de folga.

Dou cinco voltas correndo ao redor da minha casa até a quadra de tênis, após isso me jogo exausta na piscina apenas de top e calcinha, e fico boiando na água. Confesso que ainda estou um pouco atormentada pelas palavras da Penélope e pelo o que eu vi ontem. Lauren e Dom agindo como um casal normal.

— Se-senhorita Lewis... — Ouço alguém me chamar e nado até a borda da piscina aonde eu encontro o Dylan. — Acabei de chegar. Desculpe a minha demora.

— Aconteceu algo?

— Não. Foi apenas um atraso por causa do meu relógio.

— Tudo bem. — Dou um último mergulho e saio da piscina. — Precisamos conversar sobre aquele assunto.

A Lisa corre em minha direção com uma toalha branca em suas mãos, me entrega e eu me cubro com ela. Ando em direção à minha casa, passo pela sala de estar e subo a escada de madeira caríssima.

O Dylan me segue em passos largos, para na porta do meu quarto e encosta-se à parede. Ouço a porta ser fechada após eu entrar no meu relógio quarto, vou para o banho e deixo a água morna cair sobre o meu corpo nu. Espero que o Dylan tenha algum dia, alguma coisa para me ajudar nas investigações.

Preciso de muita ajuda, sozinha não irei conseguir. Termino o meu banho e vou para o closet. Visto uma lingerie rosa claro, short jeans e uma regata. Abro a porta do meu quarto, passo pelo Dylan e ele me segue até a sala de estar desse andar. Já esperava por essa conversa com o Dylan e deixei tudo aqui para não me esquecer de algo.

O Dylan se senta ao meu lado no sofá, mantendo a sua postura séria e eu sorrio. Nunca conseguiria trabalhar assim, tão séria e com a postura firme. Às vezes sou muito descontraída, apenas quando eu estou me sentindo a vontade em casa.

— Eu tive algumas ideias, senhorita. — Dylan informa.

— Pode me contar, Dylan.

— Deveríamos começar a conversar pelas pessoas que estavam presentes naquele dia no *Fight*. Digo, conversar com o Anthony já que ele era dono do local naquela época e tentar ver o vídeo que ele tem guardado novamente.

— Conversar com o Anthony? — Questiono.

— Sim. Ele é uma testemunha principal.

Na época do ocorrido, o Anthony testemunhou que não viu o Dominic voltando ao *Fight*, pois saiu logo depois do Dom. A filmagem do local externo foi disponibilizada pelo meu pai, mas a filmagem do local interior não foi disponibilizada, pois as câmeras não gravam o vídeo. Então, isso se tornou ainda

mais difícil quando chegou o julgamento do Dom.

O juiz queria a gravação do local interno, mas não existia e isso o deixou intrigado. Como um local de luta não tem as gravações, ainda mais aonde tinha os melhores lutadores? Essa é uma questão que deixa todos com um pé atrás, principalmente a mim.

— É uma boa ideia, Dylan. Nunca conversei com o Anthony sobre isso.

— O quanto antes conversar com ele, será melhor. — Dylan aconselha me fazendo assentir. — E a senhorita poderia conversar com o Dominic.

— Eu preciso me afastar do Dominic, Dylan.

— Não digo que você deve se relacionar com ele, apenas conversar para saber mais sobre aquele dia. — Dylan dá de ombros e cruza os braços em frente ao corpo. — Mas é melhor começar pelas coisas básicas. Conversar com o Anthony pedir novamente a filmagem das câmeras de seguranças.

[...]

Tinha a esperança de ir ao *Fight* hoje à noite, mas não fui. Preferi rever com calma cada trecho minuciosamente de tudo o que salvei. É bom eu ficar essa semana sozinha em casa, assim vou poder organizar as minhas investigações.

Algo que está sendo um pouco cansativo, mas eu me lembro do que aconteceu com a minha mãe e isso me instiga a continuar a investigação. Eu nunca vou acreditar nas matérias dos jornais dizendo que o Dominic foi o assassino.

Nunca! A tela do meu celular se acende roubando a minha atenção da tela do meu MacBook e eu franzo o cenho ao ver o nome da Lola brilhando no visor.

— Lola? Estou surpresa com a sua ligação.

— *Eu imagino.* — Lola ri. — *Liguei para perguntar se você viu que a matéria feita com a sua família foi liberada.*

— Vi. — Minto, pois eu vi apenas o rascunho que me enviaram. — O desenho ficou lindo. Parabéns!

— *Obrigada.* — Ela agradece e a linha fica muda por alguns segundos. — *Posso te perguntar uma coisa?*

— Claro.

— *Você pediu o número do apartamento do Dom naquele dia, isso quer dizer que foi conversar com ele?*

— Você ainda pergunta? — Questiono debochada e a Lola ri do outro lado da linha. — Lola, rolou muito mais que apenas uma conversa.

— *Eu imagino. Estava um clima estranho entre vocês na noite anterior, mas*

eu não quis perguntar nada e a Pen não gosta muita de falar sobre a vida do irmão.

— Nem me fale sobre a Penélope. — Suspiro. — Vamos parar de falar de mim... Você vai casar quando?

— *Não oficializamos o nosso noivado ainda, mas isso vai acontecer em breve. Só estávamos esperando a liberdade do Dom.*

Desde quando eu conheci o Dom, percebi que ele é um importante para todos e isso é incrível. Ele é muito amado pelas pessoas que convivem com ele.

— Fico muito feliz por vocês.

— *Já adianto que te quero no dia do nosso noivado.*

— Não acho que seja...

— *Sem desculpas, Emily.*

— Tudo bem, eu vou. — Concordo.

[...]

Ir à festa de noivado da Lola não está nos meus planos, mas até a data oficial eu arrumo uma desculpa para não ir. Eu sei que se eu for, vou me sentir um peixe fora d'água. Ainda mais com os olhares das pessoas que não gostam de mim. Eu nunca fiz mal a eles, mas o que aconteceu com o Dom foi o suficiente para eles me odiarem.

Infelizmente é assim. Bato os meus dedos no volante do meu carro enquanto espero o semáforo ficar verde. Estou indo até o *Fight* conversar com o Anthony. Não deixei o Dylan vir comigo, ou melhor, o dei folga para ele o dia inteiro hoje e nem disse que ia conversar com o Anthony. Passei o dia me exercitando, não mexi em nada relacionado a minha mãe e preferi apenas me concentrar na conversa com o Anthony.

Tenho receio dele não quer falar nada por causa do meu pai. Acelero o meu carro quando o sinal fica verde e viro na esquina dando de cara com o *Fight*. Após o meu pai entrar para a política, ele deixou esse local na minha responsabilidade e do meu irmão. Durante esses oito anos que se passaram nunca frequentei tanto o *Fight* como estou fazendo nesses últimos dias.

Estaciono o meu carro, desço do mesmo a ando em direção às grandes portas protegidas por dois seguranças. Adentro no ambiente no mesmo segundo que dois lutadores sobem ao ringue, os espectadores gritam os nomes deles e eu me apresso a subir ao camarote do Anthony.

— Que surpresa te ver aqui, Emily. — Anthony fala assim que me vê entrando no seu camarote.

— Precisamos conversar.

Fecho a porta escura atrás de mim, ando até o grande vidro e observo os lutadores por alguns segundos. Volto a minha atenção para o Anthony, me sento no sofá e cruzo as minhas pernas.

— Aconteceu algo? — Ele questiona preocupado.

— Eu quero que essa conversa fique apenas entre a gente. — Aviso o fazendo concordar. — Estou investigando o assassinato da minha mãe...

— Por quê? — Anthony questiona me interrompendo.

— Existem muitas lacunas nessa história e estou tentando preenche-las.

— Entendo. O que você quer saber?

— Eu quero ver novamente a filmagem de quando a minha mãe entra aqui e em seguida o Turner.

— Eu tenho, mas preciso procurar e está na minha casa.

— Eu quero isso até amanhã. — Aviso. — E eu queria saber novamente da sua boca sobre aquela noite.

Vejo o cenho do Anthony se franzir, seu corpo fica tenso e seus dedos das mãos brincam uns com os outros. Eu sei que há muitas verdades escondidas e eu quero saber de cada uma minuciosamente.

— Como você já sabe, o seu pai quis conversar com o Dominic naquela noite... — Assinto e o Anthony continua a falar. — Eles conversaram rapidamente, o Dominic foi embora e eu fui em seguida. Quando eu saí do *Fight* o vi conversando com a mãe e eu fui direto para o meu carro. Quando era um pouco antes da seis da manhã, passei aqui, pois precisava pegar alguns documentos antes de ir para a minha casa e foi quando eu vi o corpo da sua mãe.

— Onde você estava nesse intervalo de tempo? Você saiu daqui e voltou poucas horas depois, um pouco antes das seis da manhã.

— Eu estava no apartamento do meu irmão aqui perto. — Ele olha para os lutadores lá embaixo por alguns segundos e logo volta a sua atenção a mim. — Eu nunca acreditei que o Dominic fez aquilo...

— Todos que o conhecem sabem que ele não seria capaz de matar alguém, ainda mais a minha mãe.

— Não mesmo. Dom sempre foi um ótimo rapaz, de bom coração e faz de tudo para dar o do bom e do melhor para a irmã.

— Ele é tudo isso e muito mais. — Tento esconder um sorriso, mas o Anthony percebe e sorri. — Mas as câmeras de segurança...

— Todas as filmagens estão com o seu pai. Ele que quis ficar responsável por isso junto com o advogado. Eu tenho apenas a câmera externa.

— Eu não consegui acessar os documentos do meu pai no computador dele.

— Tente, pois lá você sai saber de mais coisas.

Eu não sabia que o meu pai quis ficar responsáveis pelas câmeras, ainda

mais sendo as provas da morte da minha mãe. É muito estranho isso. Levanto da onde estou sentada, ando até o grande vidro e observo a luta.

Ouço a porta se abrir, olho para trás por cima do meu ombro e vejo a esposa do Anthony andar na direção dele. O que eu conversei com ele foi o suficiente, percebi que ele não esconde nada e que não sabe de muitas coisas. Ouço a porta se abrir novamente, olho para trás e o meu olhar se cruzam com o do Dominic.

Penélope resmunga um palavrão e ficamos nos encarando, mas logo desvio para cumprimentar o Oliver que vem para perto de mim e recebo outro olhar fuzilador da Penélope. Eu não imaginava que ele viria aqui hoje, ainda mais acompanhado da irmã, mas pelo menos não está com a Lauren.

— O que faz aqui? — Oliver pergunta curioso num tom baixo.

— Precisava conversar com o Anthony. — Respondo e olho rapidamente para a Penélope que está sentada ao lado do irmão no sofá. — Como está você e a Penélope?

— Pergunta num ambiente perigoso. — Oliver me alerta de forma divertida.

— Estou apenas curiosa. — Defendo-me ao ver ele se afastando.

— Já está sendo controlado, Dom? — Oliver questiona divertido ao passar por do Dominic e ver algo no celular do amigo. — Saiu da cadeia, mas acabou sendo preso por mulher.

— Está preso com mulher, Dominic? — Anthony questiona curioso.

— Não estou preso, Anthony. O Oliver fala apenas bobagem. — Dominic resmunga.

— Não! — Oliver debocha ao se sentar ao lado da Penélope. — A Lauren te mandou mensagem para que? Perguntar onde você está com certeza.

— A Lauren? — Anthony questiona fazendo o Dom confirmar com um aceno. — Ela é muito bonita, faço gosto de vocês juntos.

— Eu quero muito que o Dom e a Lauren deem certo. — Penélope informa ao me encarar.

— Belo casal. — Comento debochada e com um sorriso cínico nos lábios.

— É um belo casal e vai ser melhor ainda se você se mantiver longe do meu irmão. — Ela informa me encarando friamente.

Encaro a Penélope do mesmo jeito e nenhuma de nós fica intimidada. Oliver segura no rosto da Penélope, sussurra algo em seu ouvido e a puxa em direção à saída da onde estamos. Observo o Anthony encarar o Dominic e faz a mesma coisa comigo em seguida.

— Vocês dois já tiveram um caso no passado...

— No passado. — Dom enfatiza.

— Duvido muito que não tenha acontecido novamente após a sua saída da

cadeia. — Anthony comenta pensativo. — Mas isso não é problema meu. Eu estou aqui apenas para cuidar dos meus 5M.

Observo o Dominic por alguns segundos, volto a minha atenção para o Anthony e aviso que ela vai fazer o que combinamos. Anthony agradece e prende a sua atenção na luta que ocorre lá embaixo.

Aproximo-me do Dominic, apoio os braços no encosto do sofá de cada lado dos seus ombros e as nossas bocas ficam próximas. Eu não divido nada que ele esteja com a Lauren somente para fazer a vontade da irmã. Ele faz de tudo pela sua Pen.

— Então vai fazer a vontade da sua irmã? Vai namorar a Lauren e ser feliz?
— Questiono num sussurro.

— Cuida da sua vida e eu cuido da minha.

— Certo. — Murmuro pensativa e sorrio friamente. — Você não vai me esquecer tão fácil assim, mesmo que esteja disposto a ficar com a Lauren.

Faço menção de beijar os seus lábios, percebo que ele esperar por isso e rio ao me afastar. Saio pela porta, ando em direção à escada e vejo uma cena bem fofa, pelo menos para provocar a Penélope. Mas é fofa de qualquer jeito.

Ela está encostada na parede, Oliver à sua frente com os corpos colados e conversam com os lábios próximos. Ai se o Dom visse isso... Aproximo-me sorridente e finjo uma tosse bem no segundo que a Penélope faz menção de beijar o Oliver. Eles me encaram assustados, mas isso logo se transforma em raiva pelos olhos da Penélope.

— Tchau casal. — Aceno e começo a descer a escada, mas paro quando ouço a Penélope me chamar e me viro para ela. — Oi?

— Você não ouse aumentar nada que viu aqui somente para fazer fofoca para o Dominic. — Penélope avisa.

— Querida, eu não tenho nada a ver com a sua vida, mas eu poderia muito bem contar a novidade para o Dom... — Fico séria e olho para o Oliver por alguns segundos. — Mas eu não faço isso, pois o Oliver é meu amigo, eu tenho um grande afeto por ele e sei que ele tem a mesma coisa em relação ao seu irmão, já que eles são melhores amigos.

Oliver me agradece, mando um beijo para ele e continuo a descer a escada. Passo entre diversas pessoas que assistem o final da luta e sem querer esbarro num corpo alto. Levanto o meu olhar e reviro os olhos quando vejo quem é. Afasto-me do seu corpo, passo as mãos em minha roupa e o encaro.

— Não deveria ter vindo aqui. — Jensen resmunga.

— Não vá embora por causa da minha presença, eu já estou indo para não ficar no mesmo ambiente que você.

— Pelo menos é sensata. — Jensen provoca antes de sair da minha frente.

Suspiro exausta e contínuo o meu caminho até a saída. Passo pelos seguranças, ando em direção ao meu carro, mas paro quando vejo a mãe do Dom do outro lado da rua. Eu tenho muita pena dela e muita pena dos filhos por terem a mãe num estado assim.

Penso milhares de vezes e tomo a decisão de ir até ela. Atravesso a rua correndo, ela se retrai com a minha aproximação e sorri mostrando os seus dentes amarelados quando me reconhece.

— A senhora por aqui novamente. Está querendo falar com os seus filhos?

— Eu apenas quero ver a Penélope, faz muitos anos que eu não a vejo. — A dor na voz da mulher é palpável e meu coração se aperta. — Dom não me deixa aproximar dela.

— Eu não tenho como ajudar à senhora nisso.

— Eu entendo, querida. Eu apenas vou ficar aqui esperando ela sair.

Eu sinto vontade de ajudar essa mulher, mas não sei como. Dominic jamais iria me ouvir se eu fosse falar sobre a mãe dele. Penélope não me suporta, então jamais conseguiria falar sobre a sua mãe.

Pego o meu celular no bolso da minha calça, entro nos contatos e procuro o nome do Oliver. Peço para a mãe do Dom continuar ali que eu vou dar um jeito dela ver a Penélope. Volto para perto do meu carro e digito uma rápida mensagem para o Oli.

"Vem aqui fora do Fight com a Penélope, por favor. A mãe dela quer vê-la de longe e não podemos negar isso, mas não fala nada para ela."

Oliver responde apenas um *Ok* e eu volto para perto da senhora. Aviso que a filha vai aparecer em alguns segundos, mas peço para ela não se aproximar e ela concorda. Despeço-me, volto para perto do meu carro e fico encostada no mesmo.

Eu apenas quero garantir que a mulher não vá se aproximar da filha. Dominic jamais me perdoaria se isso acontecesse. Em poucos segundos o Oliver saí do *Fight* abraçado com a Penélope e acena com a cabeça para mim. Olho para aonde a senhora está e me emociono ao ver sorrindo em meio as lágrimas.

O amor de uma mãe jamais morre, independente das circunstâncias e dos vícios. Eu entendo a decisão do Dominic, mas ele poderia ver o lado da mãe deles também? A mulher sofre por não ver a filha, não conviver com eles e por não sair do vício.

[...]

A quarta feira se passou tranquila, trabalhei nas pequenas questões do *Fight*, mas não fui lá. Tentei acessar o computador do meu pai, mas falhei drasticamente. Investiguei mais um pouco que pude e acabei ficando sem respostas sobre tudo. Nada leva a lugar nenhum.

Estou muito frustrada em relação a isso e descontei a minha raiva socando o saco de box que fica no porão de casa. Um porão muito equipado por sinal. Têm armas, espadas, chicote, apetrechos de tortura e equipamentos de treinos. O local é amplo, é do tamanho da minha casa em largura e comprimento.

O Dylan ficou comigo a semana inteira, investigando e se exercitando. Hoje, quinta à noite eu estou chegando ao apartamento da Lola. Sim, Lola. Hoje é o noivado dela com o Leon e será uma reunião entre amigos. A reunião entre família ocorreu mais cedo. Por ser a coisa mais informal optei por usar uma saia vermelha justa as curvas do meu corpo, uma regata curta da mesma cor e um salto alto preto.

Por causa de a saia ser cintura alta e a camiseta curta, a minha barriga não fica de fora, apenas dois dedos da minha pele fixa aparecendo. Olho para o GPS mais uma vez na minha frente conferindo o endereço e olho para o prédio a minha frente. A Lola deve morar aqui.

O apartamento fica bem próximo à minha casa, é numa classe média alta e com bastante segurança. Desço do carro, aciono o alarme e ando em direção ao portão de ferro. O porteiro pergunta o meu nome, respondo e explico o que estou fazendo ali.

A minha entrada é liberada, ando em direção ao elevador e entro no mesmo após conferir o número do andar que ela me enviou por mensagem. Aperto o botão do sétimo andar, aperto a minha pequena bolsa em minhas mãos e fico aguardando.

Saio do elevador assim que as portas se abrem, percebo que é apenas dois apartamentos por andar e ando em direção ao apartamento quatorze aonde a Lola mora. Toco a campainha e sou recebida com um par de sorrisos enormes.

— Que bom que veio! — Lola exclama ao me abraçar.

Cumprimento o Leon com dois beijos no rosto e entro no apartamento. Eu até que tentei inventar alguma desculpa, mas vi que estava sendo boba tentando fazer isso. Cumprimento o Anthony com um abraço e sorriso para a sua esposa parada ao seu lado.

Jensen me encara quando entra na sala de estar e eu controlo a minha vontade de revirar os olhos. Os demais não chegaram ainda e isso me deixa um pouco aliviada. Observo o apartamento ao redor e uma sensação de morar num parecido me domina. É bem espaçoso, sala de estar, sala de jantar e cozinha interligadas.

Perto da sala de jantar tem uma ampla varanda. Um pouco perto de mim tem um amplo corredor que leva em direção aos outros cômodos da casa. Lola para ao meu lado, me entrega uma taça de vinho branco e eu sorrio agradecendo.

— Gostou do presente de noivado? — Pergunto antes de dar um gole na minha taça.

— Amei. Quero dizer, amamos. — Ela se corrige. — Muito obrigada.

Como presente de noivado eu dei um dia dos noivos para eles. É um *spa* na região litorânea e bem requisitado por quem vai casar. O *spa* é conhecido como "*spa dos noivos*" e quando eu estava procurando um ótimo presente para o casal me deparei com o anúncio na internet.

Antes que eu possa falar alguma coisa, a voz do Dominic preenche o ambiente e minha boca fica seca. Meu corpo esquenta e meu coração acelera. Lola se afasta de mim rapidamente, cumprimenta o Dom, Penélope e a Lauren que está grudada com o Dom. Parece uma planta trepadeira.

Que horror! Sorrio ao ver o Oliver vindo em minha direção, nos abraçamos rapidamente e troco alguns olhares com o Dominic. Mantenho-me quieta em meu canto perto da bancada da cozinha onde a Lola está e observo todos se enturmando.

— Você por aqui? — Lauren questiona com desdém ao parar ao meu lado de costas para todos. — Não deveria ter vindo.

— Eu fui convidada pela Lola e não por você. — Direciona o meu melhor sorriso para ela e prendo a minha atenção no Dominic.

Ele está de frente para nós conversando com os amigos, reveza entra olhar para os amigos e para a Lauren ao meu lado... *Ou seria para mim?* Não sei. Só sei que ele olha para cá às vezes e logo desvia o olhar.

— Lauren, por favor. — Ouço a Lola pedir num tom baixo antes de suspirar. — Emily é minha amiga há muito tempo e eu a convidei.

— Eu sei, Lola, mas o Dom foi acusado de matar a mãe dela. — Lauren sussurra de forma abismada.

— Eu nunca acreditei nisso, Lauren. Eu sempre soube que o Dominic era inocente. — Informo.

Encaramo-nos em silêncio por mais de dez segundos e ela é a primeira a desviar o olhar quando o Dominic a chama. Bebo todo o vinho da minha taça num gole só e suspiro. Não vou aguentar ficar nem mais um segundo aqui, no mesmo ambiente das provocações e pedras que atiram em minha direção.

Lola me pede para ficar calma e eu apenas balanço a cabeça de forma negativa. Não sou tão fria ao ponto de ignorar essas coisas. Lola enche novamente a minha taça, bebo um grande gole e fico a observando cortar alguns petiscos.

— E-Emily. — Ouço a voz do Dominic e olho para ela por cima do meu ombro. — Me desculpe pela Lauren. Às vezes ela fala algumas bobagens.

— Então segura a boca da sua namorada. — Exijo de forma rude.

— Ui! — Lola sussurra e ri baixinho.

— Ela não é minha namorada e vocês são adultas para ficarem se alfinetando. — Dominic murmura.

— Então eu deveria enfiar a mão na cara dela ou uma faca? — Questiono encarando-o.

— Emily! — Lola exclama assustada. — Você falou brincando, não é mesmo?

Arqueio uma sobrancelha para ela, acompanhado de um sorriso e a Lola balança a cabeça de forma negativa. Encaro o Dominic, ele me observa por alguns segundos e se vai para perto da *não* namorada.

Bebo o restante do vinho em minha taça e me despeço da Lola, mas ela não me deixa ir embora. Não quero mais ficar aqui, mas não posso ir embora ao meio da festa de noivado da Lola. Suspiro frustrada e aviso que daqui meia hora irei embora.

[...]

Lola e o Leon são ótimas pessoas, me trataram muito bem diante de todos. Deixaram-me confortável e eu me senti muito tranquila diante dos olhares de Lauren e Jensen. Ah, claro, não posso me esquecer da Penélope. Disse que ia ficar apenas meia hora, mas desde o aviso já se passou quase duas e eu estou me divertindo muito. Lola, Leon, Oliver e eu estamos conversando diversas besteiras desde o fim do jantar. Noah chegou há pouco tempo e se juntou a nós. Os demais preferiram se manter afastados.

— Lola. — Penélope chama a amiga e todos prendem a atenção nela. — Lauren e eu temos que ir. Vamos cobrir uma reportagem agora.

— Tudo bem. — Lola sorri gentilmente.

Lauren e Penélope se despedem de todos menos de mim e eu agradeço mentalmente por isso. Observo a Lauren se despedir do Dom com um beijo demorado nos lábios dele e sorrio ao ver que elas se vão. Ótimo, agora só falta o chato do Jensen.

Lola volta a se sentar no colo do namorado e prestamos atenção nas sacanagens que o Noah conta sobre uma aventura com um caso que ele teve, mas eu não consigo prestar atenção nele. Os meus olhos estão fixos no Dominic que conversa com o Jensen perto do balcão da cozinha e eu desvio o olhar quando o Oliver toca em meu braço.

— Posso te contar um segredo? — Ele pergunta num sussurro e eu assinto.
— Eu tenho a esperança de vocês ficarem juntos.

— Vocês quem? — Questiono.

— Você e o Dom. — Oliver responde como se fosse óbvio.

— Não viaja, Oliver.

O empurro pelos ombros o fazendo ri levemente e volto a olhar para o Dom. Os nossos olhares se cruzam, desvio olhando para o relógio em meu pulso e percebo que já é a minha hora de ir. Levanto da onde estou sentada, me despeço de todos e caminho um pouco tonta até a porta sendo seguida pelo Oliver junto com a Lola. Ela abre a porta para mim, saio e olho para eles ao me encostar-se à parede.

— Você não me parece bem. — Oliver comenta.

— Eu estou. Talvez esteja com as pernas bambas por causa do remédio que tomei para dor no corpo antes de vir para cá.

— E você bebeu praticamente a garrafa de vinho branco e algumas doses de uísque. — Lola murmura pasma. — Você não pode dirigir.

— Posso sim. Moro há algumas quadras daqui.

Mando um beijo para eles e corro em direção ao elevador antes que as portas se fechem. Aperto o botão do primeiro andar e fico aguardando. Abro a minha pequena bolsa verificando se os meus pertences estão aqui e saio do elevador tentando pegar a minha chave.

Agradeço o porteiro por abrir o portão para mim, tropeço em meus próprios pés e encosto no meu carro ainda tentando pegar a chave. Por que está tão difícil? O álcool em meu organismo está me atrapalhando. Comemoro por dentro quando consigo pregar a chave e abro a boca assustada quando a chave é tirada da minha mão.

— Você não vai dirigir assim. Não está aguentando as próprias pernas. — Dominic resmunga próximo a mim.

Levanto o meu olhar e o encaro a minha frente. Tanta gente para me ajudar porque tem que ser ele? Olho por cima do seu ombro e vejo o Jensen parado há alguns metros de nós junto com o Oliver. Tento pegar a chave do meu carro da mão do Dom, mas ele levanta o braço me fazendo suspirar. Ele é alguns centímetros mais alto que eu e por isso não consigo pegar a chave da sua mão no alto.

— Me deixa. Eu posso dirigir muito bem.

— Não, não pode. Melhor ir embora de táxi.

— Eu moro perto daqui e não vou deixar o meu carro aqui. — Cruzo os meus braços embaixo dos meus seios e os olhos do Dominic observam o meu decote por alguns segundos. — Me dá a chave.

— O Dom está certo, Em. Você não pode dirigir nesse estado. — Oliver opina parando ao lado do amigo.

Observo o Jensen andar até o seu carro que está na frente do meu, volto a minha atenção para os belos rapazes a minha frente e fecho a cara. Eu quero ir embora e não quero ficar perto do Dom. Ele é como se fosse uma droga forte e eu sou viciada nessa droga. O meu corpo chama por ele e isso não é bom.

— Me dá a chave. Eu não vou embora sem o meu carro.

— Você não vai dirigir, menina perigosa.

Vejo o cenho do Dom se franzir ao ouvir o meu apelido saindo da boca do Dom. Coloco a minha bolsa em cima do teto do meu carro. Aproximo-me do Dominic, sorrio para ele e pulo tentando pegar a chave no alto. Oliver ri da minha tentativa e eu fico nervosa. O carro é meu e eles não têm o direito de fazer isso.

— Vamos ficar aqui a noite inteira, então.

— Eu vou embora levando a chave do seu carro, simples assim. — Dom dá de ombros.

— Não! O carro é meu e você não tem esse direito.

— Eu tenho uma solução... — Oliver fala chamando a minha atenção. — Dominic te leva para casa.

— Por que eu? — Dominic questiona.

— Eu vou seguindo vocês no meu carro. — Oliver continua a explicar ignorando a pergunta do amigo. — É isso ou eu deixo os dois aqui.

Oliver só pode estar brincando com a minha cara. Ele troca alguns olhares silenciosos com o Dominic e eu ouço o meu carro ser destrancado. Entro no lado do passageiro após pegar a minha bolsa e logo o Dominic entra no lado do motorista.

Ficamos presos um no olhar do outro por longos segundos até que um suspiro sai da boca do Dom e ele se concentra a dirigir o meu carro. Enquanto ele dirige pelas ruas poucos movimentadas de *Beverly Hills* explico o caminho até a minha casa. Vire e mexe o Dominic olha para o retrovisor do carro para ver se o Oliver continua nos seguindo.

— Qual é a casa, ou melhor, mansão que você mora? — Dominic questiona.

— Sobe a rua à sua direita e vai até o final. Você vai dar de cara com um grande portão prata.

Dominic faz como eu digo e logo damos de cara com o portão enorme da minha casa. Dois dos seguranças abrem o portão, entramos sendo seguidos pelo carro do Oliver e o Dom segue a pequena rua até parar em frente à minha casa. Dylan está na porta me esperando com outros dois seguranças e eu me viro para

o Dominic.

Os seus olhos estão levemente arregalados e sua boca um pouco aberta. É, eu moro aqui. Desço do carro trocando as minhas pernas, Dylan vem apressado em minha direção e me ajuda a sair do carro. Logo o Dominic surge ao meu lado sendo acompanhado pelo Oliver e cumprimentam o meu segurança.

— Está tudo bem, senhorita Lewis? — Dylan questiona.

— Está tudo ótimo, Allen. Os rapazes quiseram me acompanham, pois bebi um pouco mais do que deveria.

— Entendo. — Dylan sussurra. — Vou pedir para o Peter guardar o carro e eu te ajudo a ir para o seu quarto.

— Não preciso de ajuda.

— Está entregue sã e salva, Emily. Já podemos ir embora, Oliver. — Dominic informa.

— É... E-eu posso ir ao banheiro, Emily? — Oliver me pergunta.

— Claro. Vamos entrar.

Dylan se afasta de mim, acena para o outro segurança parado na porta e ele abre-a para nós. Entro na minha casa sendo seguida pelos três, jogo a minha bolsa no sofá da sala de estar e explico para o Oliver aonde é o banheiro. Ele segue pelo corredor que dá no banheiro social, dispenso o Dylan e digo ao Dominic para se sentar no sofá.

Ele se nega e olha ao redor da sala de estar rapidamente. Há essa hora todos os funcionários já estão dormindo e apenas os seguranças do turno da noite estão fazendo a ronda pelo terreno. Deixo o meu salto alto jogado ao lado da mesa de centro, me sento no braço do sofá e observo o Dominic.

— O que eu falei sobre a faca e Lauren, foi bobagem. Espero que você não tenha levado ao pé da letra.

— Eu deveria acreditar no que você disse, mas prefiro fingir que não ouvi aquilo. — Ele resmunga.

— Eu estava irritada com a provocação dela.

— Apenas releve.

Um vento atinge o corpo do Dominic e o cheiro do seu perfume me embriaga. Outro vento atinge apenas o meu corpo levando o meu perfume para o Dominic e vejo-o respirar fundo. Estamos embriagados um com o perfume do outro.

Levanto-me da onde estou sentada, me aproximo do Dom inalando o seu perfume ainda mais e quando me dou conta o meu corpo já está grudado com o do Dominic. Os seus olhos estão fechados, sua respiração profunda e suas mãos estão em minha cintura. Passo as mãos no seu tórax musculoso, aperto o seu peito e as desço para o seu abdômen.

— Você é minha perdição. — Sussurro.

— E você... Emily. — Meu nome sai de forma angustiante de sua boca.

Os seus olhos se abrem se prendendo nos meus, sua boca fica próxima a minha e eu sorrio debochada antes de colar as nossas bocas. Eu sei que deveríamos nos afastar, mas eu juro... Essa é a última vez.

As mãos do Dominic apertam a minha cintura, impulsiono o meu corpo para cima e prendo as minhas pernas ao redor de sua cintura. Suas mãos seguram em minha bunda, o seu corpo se encosta-se ao sofá e relaxo o meu corpo no seu. Nossas línguas se exploram de forma sensual e tranquila. Aperto os seus músculos dos braços, ele morde o meu lábio inferior e eu rebolo em seu colo sentindo o seu membro duro.

Impossível continuar somente nos beijos com o Dom, eu sempre vou querer muito mais e eu quero agora. Uma das mãos do Dominic vai para frente por cima da minha saia, entra por debaixo dela e logo sinto os seus dedos em minha intimidade por cima da minha calcinha. Separo as nossas bocas, beijo e mordo o seu pescoço. Os dedos do Dom afastam a minha calcinha para o lado e antes que possa ter um maior contato uma tossida forçada chama a nossa atenção.

— Eu estou indo embora. — Oliver avisa.

Dominic me ajuda a descer do seu colo com cuidado e se afasta levemente de mim. O seu olhar se prende no meu e fico levemente irritada. Eu entendi esse olhar sem vida dele. Ele vai embora com o Oliver. Balanço a cabeça de forma negativa, cruzo os meus braços em frente ao corpo e olho para o Oliver.

Agora tudo faz sentindo o que aconteceu. Oliver pediu para ir ao banheiro somente para me deixar sozinha com o Dom, pois sabia que algo aconteceria. Sendo ruim ou bom. Descruzo os meus braços para me despedir do Oli com um abraço demorado e apertado. Ele se afasta fazendo o Dominic vir para perto de mim, acaricia o meu cabelo e eu apenas fico encarando-o.

— Me desculpe. Não posso ficar aqui. — Ele fala num tom baixo, somente para eu escutar, mas não é isso o que acontece.

— Você deve ficar, Dom. Eu sei ir embora sozinho. — Oliver informa debochado.

— Cala a boca! — Dominic rosna encarando o amigo e se volta novamente para mim. — Emily... Me desculpe, tá? Mas não podemos ficar brincando um com o outro.

Controlo a vontade de xingá-lo e expulsá-lo da minha casa. Afasto-me do seu toque, chamo o Dylan que aparece em segundos e peço para ele acompanhar os rapazes. Subo para o meu quarto me sentindo quebrada, fecho a porta e me jogo na cama.

Será que se nada daquilo tivesse acontecido com o Dom há oito anos, a gente

teria dado certo juntos? A gente ainda estaria juntos? Namorando? Casados? Com filhos correndo pela casa? Droga! Não quero pensar em algo que é impossível de acontecer. Dominic e eu nunca teremos nada mais que uma transa. Será apenas isso. Uma transa. Uma noite. Apenas isso.



CAPÍTULO 7

*Vamos nos entregar ao amor está noite
Levantar para tocar a luz das estrelas
E iremos saborear cada segundo
Que estivermos suspensos juntos
Jason Mraz — Love Someone*

Emily

Não dormi nada a noite passada, fiquei pesquisando e procurando diversas coisas relacionadas à morte da minha mãe. Quero descobrir quem a matou, pois eu irei matar o assassino com as minhas próprias mãos.

Salvei todas as matérias que saíram na época, fotos e vídeos. Peguei o computador do meu pai e não consegui acessar os arquivos, pois estão protegidos com uma senha nova que não estou ciente.

Conseguir dormir apenas na parte da manhã e mesmo dormindo sonhei que eu estava prestes a descobrir quem matou a minha mãe, mas quando eu acordei e vi que foi apenas um sonho... Chorei. Eu sinto tanta falta da minha mãe.

— Senhorita... — A voz da Lisa espanta os meus pensamentos e eu olho para ela. — O seu irmão pediu para avisar que ele foi para Sacramento.

— Obrigada por avisar, Lisa.

Observo a água da piscina, a quadra um pouco mais ao fundo e me levanto do sofá. Preciso tirar o estresse de cima de mim. Vou para o meu quarto, visto uma calça de ioga junto com um top e vou para o quintal de casa.

Eu costumo treinar com o meu irmão, mas como estamos brigados e ele foi viajar terei de fazer alguma coisa no lugar dos treinos. Mordo o interior da minha bochecha enquanto calço o meu tênis de corrida, amarro os cadarços e começo a correr pelo enorme terreno que cerca a minha casa. Ainda não vi o Dylan até agora, espero que ele não esteja de folga.

Dou cinco voltas correndo ao redor da minha casa até a quadra de tênis, após isso me jogo exausta na piscina apenas de top e calcinha, e fico boiando na água. Confesso que ainda estou um pouco atormentada pelas palavras da Penélope e pelo o que eu vi ontem. Lauren e Dom agindo como um casal normal.

— Se-senhorita Lewis... — Ouço alguém me chamar e nado até a borda da piscina aonde eu encontro o Dylan. — Acabei de chegar. Desculpe a minha demora.

— Aconteceu algo?

— Não. Foi apenas um atraso por causa do meu relógio.

— Tudo bem. — Dou um último mergulho e saio da piscina. — Precisamos conversar sobre aquele assunto.

A Lisa corre em minha direção com uma toalha branca em suas mãos, me entrega e eu me cubro com ela. Ando em direção à minha casa, passo pela sala de estar e subo a escada de madeira caríssima.

O Dylan me segue em passos largos, para na porta do meu quarto e encosta-

se à parede. Ouço a porta ser fechada após eu entrar no meu relógio quarto, vou para o banho e deixo a água morna cair sobre o meu corpo nu. Espero que o Dylan tenha algum dia, alguma coisa para me ajudar nas investigações.

Preciso de muita ajuda, sozinha não irei conseguir. Termino o meu banho e vou para o closet. Visto uma lingerie rosa claro, short jeans e uma regata. Abro a porta do meu quarto, passo pelo Dylan e ele me segue até a sala de estar desse andar. Já esperava por essa conversa com o Dylan e deixei tudo aqui para não me esquecer de algo.

O Dylan se senta ao meu lado no sofá, mantendo a sua postura séria e eu sorrio. Nunca conseguiria trabalhar assim, tão séria e com a postura firme. Às vezes sou muito descontraída, apenas quando eu estou me sentindo a vontade em casa.

— Eu tive algumas ideias, senhorita. — Dylan informa.

— Pode me contar, Dylan.

— Deveríamos começar a conversar pelas pessoas que estavam presentes naquele dia no *Fight*. Digo, conversar com o Anthony já que ele era dono do local naquela época e tentar ver o vídeo que ele tem guardado novamente.

— Conversar com o Anthony? — Questiono.

— Sim. Ele é uma testemunha principal.

Na época do ocorrido, o Anthony testemunhou que não viu o Dominic voltando ao *Fight*, pois saiu logo depois do Dom. A filmagem do local externo foi disponibilizada pelo meu pai, mas a filmagem do local interior não foi disponibilizada, pois as câmeras não gravam o vídeo. Então, isso se tornou ainda mais difícil quando chegou o julgamento do Dom.

O juiz queria a gravação do local interno, mas não existia e isso o deixou intrigado. Como um local de luta não tem as gravações, ainda mais aonde tinha os melhores lutadores? Essa é uma questão que deixa todos com um pé atrás, principalmente a mim.

— É uma boa ideia, Dylan. Nunca conversei com o Anthony sobre isso.

— O quanto antes conversar com ele, será melhor. — Dylan aconselha me fazendo assentir. — E a senhorita poderia conversar com o Dominic.

— Eu preciso me afastar do Dominic, Dylan.

— Não digo que você deve se relacionar com ele, apenas conversar para saber mais sobre aquele dia. — Dylan dá de ombros e cruza os braços em frente ao corpo. — Mas é melhor começar pelas coisas básicas. Conversar com o Anthony pedir novamente a filmagem das câmeras de seguranças.

[...]

Tinha a esperança de ir ao *Fight* hoje à noite, mas não fui. Preferi rever com calma cada trecho minuciosamente de tudo o que salvei. É bom eu ficar essa semana sozinha em casa, assim vou poder organizar as minhas investigações.

Algo que está sendo um pouco cansativo, mas eu me lembro do que aconteceu com a minha mãe e isso me instiga a continuar a investigação. Eu nunca vou acreditar nas matérias dos jornais dizendo que o Dominic foi o assassino.

Nunca! A tela do meu celular se acende roubando a minha atenção da tela do meu MacBook e eu franzo o cenho ao ver o nome da Lola brilhando no visor.

— Lola? Estou surpresa com a sua ligação.

— *Eu imagino.* — Lola ri. — *Liguei para perguntar se você viu que a matéria feita com a sua família foi liberada.*

— Vi. — Minto, pois eu vi apenas o rascunho que me enviaram. — O desenho ficou lindo. Parabéns!

— *Obrigada.* — Ela agradece e a linha fica muda por alguns segundos. — *Posso te perguntar uma coisa?*

— Claro.

— *Você pediu o número do apartamento do Dom naquele dia, isso quer dizer que foi conversar com ele?*

— Você ainda pergunta? — Questiono debochada e a Lola ri do outro lado da linha. — Lola, rolou muito mais que apenas uma conversa.

— *Eu imagino. Estava um clima estranho entre vocês na noite anterior, mas eu não quis perguntar nada e a Pen não gosta muita de falar sobre a vida do irmão.*

— Nem me fale sobre a Penélope. — Suspiro. — Vamos parar de falar de mim... Você vai casar quando?

— *Não oficializamos o nosso noivado ainda, mas isso vai acontecer em breve. Só estávamos esperando a liberdade do Dom.*

Desde quando eu conheci o Dom, percebi que ele é um importante para todos e isso é incrível. Ele é muito amado pelas pessoas que convivem com ele.

— Fico muito feliz por vocês.

— *Já adianto que te quero no dia do nosso noivado.*

— Não acho que seja...

— *Sem desculpas, Emily.*

— Tudo bem, eu vou. — Concordo.

[...]

Ir à festa de noivado da Lola não está nos meus planos, mas até a data oficial eu arrumo uma desculpa para não ir. Eu sei que se eu for, vou me sentir um peixe fora d'água. Ainda mais com os olhares das pessoas que não gostam de mim. Eu nunca fiz mal a eles, mas o que aconteceu com o Dom foi o suficiente para eles me odiarem.

Infelizmente é assim. Bato os meus dedos no volante do meu carro enquanto espero o semáforo ficar verde. Estou indo até o *Fight* conversar com o Anthony. Não deixei o Dylan vir comigo, ou melhor, o dei folga para ele o dia inteiro hoje e nem disse que ia conversar com o Anthony. Passei o dia me exercitando, não mexi em nada relacionado a minha mãe e preferi apenas me concentrar na conversa com o Anthony.

Tenho receio dele não quer falar nada por causa do meu pai. Acelero o meu carro quando o sinal fica verde e viro na esquina dando de cara com o *Fight*. Após o meu pai entrar para a política, ele deixou esse local na minha responsabilidade e do meu irmão. Durante esses oito anos que se passaram nunca frequentei tanto o *Fight* como estou fazendo nesses últimos dias.

Estaciono o meu carro, desço do mesmo e ando em direção às grandes portas protegidas por dois seguranças. Adentro no ambiente no mesmo segundo que dois lutadores sobem ao ringue, os espectadores gritam os nomes deles e eu me apresso a subir ao camarote do Anthony.

— Que surpresa te ver aqui, Emily. — Anthony fala assim que me vê entrando no seu camarote.

— Precisamos conversar.

Fecho a porta escura atrás de mim, ando até o grande vidro e observo os lutadores por alguns segundos. Volto a minha atenção para o Anthony, me sento no sofá e cruzo as minhas pernas.

— Aconteceu algo? — Ele questiona preocupado.

— Eu quero que essa conversa fique apenas entre a gente. — Aviso o fazendo concordar. — Estou investigando o assassinato da minha mãe...

— Por quê? — Anthony questiona me interrompendo.

— Existem muitas lacunas nessa história e estou tentando preenche-las.

— Entendo. O que você quer saber?

— Eu quero ver novamente a filmagem de quando a minha mãe entra aqui e em seguida o Turner.

— Eu tenho, mas preciso procurar e está na minha casa.

— Eu quero isso até amanhã. — Aviso. — E eu queria saber novamente da sua boca sobre aquela noite.

Vejo o cenho do Anthony se franzir, seu corpo fica tenso e seus dedos das mãos brincam uns com os outros. Eu sei que há muitas verdades escondidas e eu

quero saber de cada uma minuciosamente.

— Como você já sabe, o seu pai quis conversar com o Dominic naquela noite... — Assinto e o Anthony continua a falar. — Eles conversaram rapidamente, o Dominic foi embora e eu fui em seguida. Quando eu saí do *Fight* o vi conversando com a mãe e eu fui direto para o meu carro. Quando era um pouco antes da seis da manhã, passei aqui, pois precisava pegar alguns documentos antes de ir para a minha casa e foi quando eu vi o corpo da sua mãe.

— Onde você estava nesse intervalo de tempo? Você saiu daqui e voltou poucas horas depois, um pouco antes das seis da manhã.

— Eu estava no apartamento do meu irmão aqui perto. — Ele olha para os lutadores lá embaixo por alguns segundos e logo volta a sua atenção a mim. — Eu nunca acreditei que o Dominic fez aquilo...

— Todos que o conhecem sabem que ele não seria capaz de matar alguém, ainda mais a minha mãe.

— Não mesmo. Dom sempre foi um ótimo rapaz, de bom coração e faz de tudo para dar o do bom e do melhor para a irmã.

— Ele é tudo isso e muito mais. — Tento esconder um sorriso, mas o Anthony percebe e sorri. — Mas as câmeras de segurança...

— Todas as filmagens estão com o seu pai. Ele que quis ficar responsável por isso junto com o advogado. Eu tenho apenas a câmera externa.

— Eu não consegui acessar os documentos do meu pai no computador dele.

— Tente, pois lá você sai saber de mais coisas.

Eu não sabia que o meu pai quis ficar responsáveis pelas câmeras, ainda mais sendo as provas da morte da minha mãe. É muito estranho isso. Levanto da onde estou sentada, ando até o grande vidro e observo a luta.

Ouçõ a porta se abrir, olho para trás por cima do meu ombro e vejo a esposa do Anthony andar na direção dele. O que eu conversei com ele foi o suficiente, percebi que ele não esconde nada e que não sabe de muitas coisas. Ouçõ a porta se abrir novamente, olho para trás e o meu olhar se cruzam com o do Dominic.

Penélope resmunga um palavrão e ficamos nos encarando, mas logo desvio para cumprimentar o Oliver que vem para perto de mim e recebo outro olhar fuzilador da Penélope. Eu não imaginava que ele viria aqui hoje, ainda mais acompanhado da irmã, mas pelo menos não está com a Lauren.

— O que faz aqui? — Oliver pergunta curioso num tom baixo.

— Precisava conversar com o Anthony. — Respondo e olho rapidamente para a Penélope que está sentada ao lado do irmão no sofá. — Como está você e a Penélope?

— Pergunta num ambiente perigoso. — Oliver me alerta de forma divertida.

— Estou apenas curiosa. — Defendo-me ao ver ele se afastando.

— Já está sendo controlado, Dom? — Oliver questiona divertido ao passar por do Dominic e ver algo no celular do amigo. — Saiu da cadeia, mas acabou sendo preso por mulher.

— Está preso com mulher, Dominic? — Anthony questiona curioso.

— Não estou preso, Anthony. O Oliver fala apenas bobagem. — Dominic resmunga.

— Não! — Oliver debocha ao se sentar ao lado da Penélope. — A Lauren te mandou mensagem para que? Perguntar onde você está com certeza.

— A Lauren? — Anthony questiona fazendo o Dom confirmar com um aceno. — Ela é muito bonita, faço gosto de vocês juntos.

— Eu quero muito que o Dom e a Lauren deem certo. — Penélope informa ao me encarar.

— Belo casal. — Comento debochada e com um sorriso cínico nos lábios.

— É um belo casal e vai ser melhor ainda se você se mantiver longe do meu irmão. — Ela informa me encarando friamente.

Encaro a Penélope do mesmo jeito e nenhuma de nós fica intimidada. Oliver segura no rosto da Penélope, sussurra algo em seu ouvido e a puxa em direção à saída da onde estamos. Observo o Anthony encarar o Dominic e faz a mesma coisa comigo em seguida.

— Vocês dois já tiveram um caso no passado...

— No passado. — Dom enfatiza.

— Duvido muito que não tenha acontecido novamente após a sua saída da cadeia. — Anthony comenta pensativo. — Mas isso não é problema meu. Eu estou aqui apenas para cuidar dos meus 5M.

Observo o Dominic por alguns segundos, volto a minha atenção para o Anthony e aviso que ela vai fazer o que combinamos. Anthony agradece e prende a sua atenção na luta que ocorre lá embaixo.

Aproximo-me do Dominic, apoio os braços no encosto do sofá de cada lado dos seus ombros e as nossas bocas ficam próximas. Eu não divido nada que ele esteja com a Lauren somente para fazer a vontade da irmã. Ele faz de tudo pela sua Pen.

— Então vai fazer a vontade da sua irmã? Vai namorar a Lauren e ser feliz? — Questiono num sussurro.

— Cuida da sua vida e eu cuido da minha.

— Certo. — Murmuro pensativa e sorrio friamente. — Você não vai me esquecer tão fácil assim, mesmo que esteja disposto a ficar com a Lauren.

Faço menção de beijar os seus lábios, percebo que ele esperar por isso e rio ao me afastar. Saio pela porta, ando em direção à escada e vejo uma cena bem

fofa, pelo menos para provocar a Penélope. Mas é fofa de qualquer jeito.

Ela está encostada na parede, Oliver à sua frente com os corpos colados e conversam com os lábios próximos. Ai se o Dom visse isso... Aproximo-me sorridente e finjo uma tosse bem no segundo que a Penélope faz menção de beijar o Oliver. Eles me encaram assustados, mas isso logo se transforma em raiva pelos olhos da Penélope.

— Tchau casal. — Aceno e começo a descer a escada, mas paro quando ouço a Penélope me chamar e me viro para ela. — Oi?

— Você não ouse aumentar nada que viu aqui somente para fazer fofoca para o Dominic. — Penélope avisa.

— Querida, eu não tenho nada a ver com a sua vida, mas eu poderia muito bem contar a novidade para o Dom... — Fico séria e olho para o Oliver por alguns segundos. — Mas eu não faço isso, pois o Oliver é meu amigo, eu tenho um grande afeto por ele e sei que ele tem a mesma coisa em relação ao seu irmão, já que eles são melhores amigos.

Oliver me agradece, mando um beijo para ele e continuo a descer a escada. Passo entre diversas pessoas que assistem o final da luta e sem querer esbarro num corpo alto. Levanto o meu olhar e reviro os olhos quando vejo quem é. Afasto-me do seu corpo, passo as mãos em minha roupa e o encaro.

— Não deveria ter vindo aqui. — Jensen resmunga.

— Não vá embora por causa da minha presença, eu já estou indo para não ficar no mesmo ambiente que você.

— Pelo menos é sensata. — Jensen provoca antes de sair da minha frente.

Suspiro exausta e continuo o meu caminho até a saída. Passo pelas seguranças, ando em direção ao meu carro, mas paro quando vejo a mãe do Dom do outro lado da rua. Eu tenho muita pena dela e muita pena dos filhos por terem a mãe num estado assim.

Penso milhares de vezes e tomo a decisão de ir até ela. Atravesso a rua correndo, ela se retrai com a minha aproximação e sorri mostrando os seus dentes amarelados quando me reconhece.

— A senhora por aqui novamente. Está querendo falar com os seus filhos?

— Eu apenas quero ver a Penélope, faz muitos anos que eu não a vejo. — A dor na voz da mulher é palpável e meu coração se aperta. — Dom não me deixa aproximar dela.

— Eu não tenho como ajudar à senhora nisso.

— Eu entendo, querida. Eu apenas vou ficar aqui esperando ela sair.

Eu sinto vontade de ajudar essa mulher, mas não sei como. Dominic jamais iria me ouvir se eu fosse falar sobre a mãe dele. Penélope não me suporta, então jamais conseguiria falar sobre a sua mãe.

Pego o meu celular no bolso da minha calça, entro nos contatos e procuro o nome do Oliver. Peço para a mãe do Dom continuar ali que eu vou dar um jeito dela ver a Penélope. Volto para perto do meu carro e digito uma rápida mensagem para o Oli.

"Vem aqui fora do Fight com a Penélope, por favor. A mãe dela quer vê-la de longe e não podemos negar isso, mas não fala nada para ela."

Oliver responde apenas um *Ok* e eu volto para perto da senhora. Aviso que a filha vai aparecer em alguns segundos, mas peço para ela não se aproximar e ela concorda. Despeço-me, volto para perto do meu carro e fico encostada no mesmo.

Eu apenas quero garantir que a mulher não vá se aproximar da filha. Dominic jamais me perdoaria se isso acontecesse. Em poucos segundos o Oliver saí do *Fight* abraçado com a Penélope e acena com a cabeça para mim. Olho para aonde a senhora está e me emociono ao ver sorrindo em meio as lágrimas.

O amor de uma mãe jamais morre, independente das circunstâncias e dos vícios. Eu entendo a decisão do Dominic, mas ele poderia ver o lado da mãe deles também? A mulher sofre por não ver a filha, não conviver com eles e por não sair do vício.

[...]

A quarta feira se passou tranquila, trabalhei nas pequenas questões do *Fight*, mas não fui lá. Tentei acessar o computador do meu pai, mas falhei drasticamente. Investiguei mais um pouco que pude e acabei ficando sem respostas sobre tudo. Nada leva a lugar nenhum.

Estou muito frustrada em relação a isso e descontei a minha raiva socando o saco de box que fica no porão de casa. Um porão muito equipado por sinal. Têm armas, espadas, chicote, apetrechos de tortura e equipamentos de treinos. O local é amplo, é do tamanho da minha casa em largura e comprimento.

O Dylan ficou comigo a semana inteira, investigando e se exercitando. Hoje, quinta à noite eu estou chegando ao apartamento da Lola. Sim, Lola. Hoje é o noivado dela com o Leon e será uma reunião entre amigos. A reunião entre família ocorreu mais cedo. Por ser a coisa mais informal optei por usar uma saia vermelha justa as curvas do meu corpo, uma regata curta da mesma cor e um salto alto preto.

Por causa de a saia ser cintura alta e a camiseta curta, a minha barriga não fica de fora, apenas dois dedos da minha pele fixa aparecendo. Olho para o GPS mais uma vez na minha frente conferindo o endereço e olho para o prédio a minha frente. A Lola deve morar aqui.

O apartamento fica bem próximo à minha casa, é numa classe média alta e com bastante segurança. Desço do carro, aciono o alarme e ando em direção ao portão de ferro. O porteiro pergunta o meu nome, respondo e explico o que estou fazendo ali.

A minha entrada é liberada, ando em direção ao elevador e entro no mesmo após conferir o número do andar que ela me enviou por mensagem. Aperto o botão do sétimo andar, aperto a minha pequena bolsa em minhas mãos e fico aguardando.

Saio do elevador assim que as portas se abrem, percebo que é apenas dois apartamentos por andar e ando em direção ao apartamento quatorze aonde a Lola mora. Toco a campainha e sou recebida com um par de sorrisos enormes.

— Que bom que veio! — Lola exclama ao me abraçar.

Cumprimento o Leon com dois beijos no rosto e entro no apartamento. Eu até que tentei inventar alguma desculpa, mas vi que estava sendo boba tentando fazer isso. Cumprimento o Anthony com um abraço e sorriso para a sua esposa parada ao seu lado.

Jensen me encara quando entra na sala de estar e eu controlo a minha vontade de revirar os olhos. Os demais não chegaram ainda e isso me deixa um pouco aliviada. Observo o apartamento ao redor e uma sensação de morar num parecido me domina. É bem espaçoso, sala de estar, sala de jantar e cozinha interligadas.

Perto da sala de jantar tem uma ampla varanda. Um pouco perto de mim tem um amplo corredor que leva em direção aos outros cômodos da casa. Lola para ao meu lado, me entrega uma taça de vinho branco e eu sorrio agradecendo.

— Gostou do presente de noivado? — Pergunto antes de dar um gole na minha taça.

— Amei. Quero dizer, amamos. — Ela se corrige. — Muito obrigada.

Como presente de noivado eu dei um dia dos noivos para eles. É um *spa* na região litorânea e bem requisitado por quem vai casar. O *spa* é conhecido como "*spa dos noivos*" e quando eu estava procurando um ótimo presente para o casal me deparei com o anúncio na internet.

Antes que eu possa falar alguma coisa, a voz do Dominic preenche o ambiente e minha boca fica seca. Meu corpo esquenta e meu coração acelera. Lola se afasta de mim rapidamente, cumprimenta o Dom, Penélope e a Lauren que está grudada com o Dom. Parece uma planta trepadeira.

Que horror! Sorrio ao ver o Oliver vindo em minha direção, nos abraçamos rapidamente e troco alguns olhares com o Dominic. Mantenho-me quieta em meu canto perto da bancada da cozinha onde a Lola está e observo todos se enturmando.

— Você por aqui? — Lauren questiona com desdém ao parar ao meu lado de costas para todos. — Não deveria ter vindo.

— Eu fui convidada pela Lola e não por você. — Direciona o meu melhor sorriso para ela e prendo a minha atenção no Dominic.

Ele está de frente para nós conversando com os amigos, reveza entra olhar para os amigos e para a Lauren ao meu lado... *Ou seria para mim?* Não sei. Só sei que ele olha para cá às vezes e logo desvia o olhar.

— Lauren, por favor. — Ouço a Lola pedir num tom baixo antes de suspirar. — Emily é minha amiga há muito tempo e eu a convidei.

— Eu sei, Lola, mas o Dom foi acusado de matar a mãe dela. — Lauren sussurra de forma abismada.

— Eu nunca acreditei nisso, Lauren. Eu sempre soube que o Dominic era inocente. — Informo.

Encaramo-nos em silencio por mais de dez segundos e ela é a primeira a desviar o olhar quando o Dominic a chama. Bebo todo o vinho da minha taça num gole só e suspiro. Não vou aguentar ficar nem mais um segundo aqui, no mesmo ambiente das provocações e pedras que atiram em minha direção.

Lola me pede para ficar calma e eu apenas balanço a cabeça de forma negativa. Não sou tão fria ao ponto de ignorar essas coisas. Lola enche novamente a minha taça, bebo um grande gole e fico a observando cortar alguns petiscos.

— E-Emily. — Ouço a voz do Dominic e olho para ela por cima do meu ombro. — Me desculpe pela Lauren. Às vezes ela fala algumas bobagens.

— Então segura a boca da sua namorada. — Exijo de forma rude.

— Ui! — Lola sussurra e ri baixinho.

— Ela não é minha namorada e vocês são adultas para ficarem se alfinetando. — Dominic murmura.

— Então eu deveria enfiar a mão na cara dela ou uma faca? — Questiono encarando-o.

— Emily! — Lola exclama assustada. — Você falou brincando, não é mesmo?

Arqueio uma sobrancelha para ela, acompanhado de um sorriso e a Lola balança a cabeça de forma negativa. Encaro o Dominic, ele me observa por alguns segundos e se vai para perto da *não* namorada.

Bebo o restante do vinho em minha taça e me despeço da Lola, mas ela não

me deixa ir embora. Não quero mais ficar aqui, mas não posso ir embora ao meio da festa de noivado da Lola. Suspiro frustrada e aviso que daqui meia hora irei embora.

[...]

Lola e o Leon são ótimas pessoas, me trataram muito bem diante de todos. Deixaram-me confortável e eu me senti muito tranquila diante dos olhares de Lauren e Jensen. Ah, claro, não posso me esquecer da Penélope. Disse que ia ficar apenas meia hora, mas desde o aviso já se passou quase duas e eu estou me divertindo muito. Lola, Leon, Oliver e eu estamos conversando diversas besteiras desde o fim do jantar. Noah chegou há pouco tempo e se juntou a nós. Os demais preferiram se manter afastados.

— Lola. — Penélope chama a amiga e todos prendem a atenção nela. — Lauren e eu temos que ir. Vamos cobrir uma reportagem agora.

— Tudo bem. — Lola sorri gentilmente.

Lauren e Penélope se despedem de todos menos de mim e eu agradeço mentalmente por isso. Observo a Lauren se despedir do Dom com um beijo demorado nos lábios dele e sorrio ao ver que elas se vão. Ótimo, agora só falta o chato do Jensen.

Lola volta a se sentar no colo do namorado e prestamos atenção nas sacanagens que o Noah conta sobre uma aventura com um caso que ele teve, mas eu não consigo prestar atenção nele. Os meus olhos estão fixos no Dominic que conversa com o Jensen perto do balcão da cozinha e eu desvio o olhar quando o Oliver toca em meu braço.

— Posso te contar um segredo? — Ele pergunta num sussurro e eu assinto. — Eu tenho a esperança de vocês ficarem juntos.

— Vocês quem? — Questiono.

— Você e o Dom. — Oliver responde como se fosse óbvio.

— Não viaja, Oliver.

O empurro pelos ombros o fazendo ri levemente e volto a olhar para o Dom. Os nossos olhares se cruzam, desvio olhando para o relógio em meu pulso e percebo que já é a minha hora de ir. Levanto da onde estou sentada, me despeço de todos e caminho um pouco tonta até a porta sendo seguida pelo Oliver junto com a Lola. Ela abre a porta para mim, saio e olho para eles ao me encostar-se à parede.

— Você não me parece bem. — Oliver comenta.

— Eu estou. Talvez esteja com as pernas bambas por causa do remédio que tomei para dor no corpo antes de vir para cá.

— E você bebeu praticamente a garrafa de vinho branco e algumas doses se uísque. — Lola murmura pasma. — Você não pode dirigir.

— Posso sim. Moro há algumas quadras daqui.

Mando um beijo para eles e corro em direção ao elevador antes que as portas se fecham. Aperto o botão do primeiro andar e fico aguardando. Abro a minha pequena bolsa verificando se os meus pertences estão aqui e saio do elevador tentando pegar a minha chave.

Agradeço o porteiro por abrir o portão para mim, tropeço em meus próprios pés e encosto no meu carro ainda tentando pegar a chave. Por que está tão difícil? O álcool em meu organismo está me atrapalhando. Comemoro por dentro quando consigo pregar a chave e abro a boca assustada quando a chave é tirada da minha mão.

— Você não vai dirigir assim. Não está aguentando as próprias pernas. — Dominic resmunga próximo a mim.

Levanto o meu olhar e o encaro a minha frente. Tanta gente para me ajudar porque tem que ser ele? Olho por cima do seu ombro e vejo o Jensen parado há alguns metros de nós junto com o Oliver. Tento pegar a chave do meu carro da mão do Dom, mas ele levanta o braço me fazendo suspirar. Ele é alguns centímetros mais alto que eu e por isso não consigo pegar a chave da sua mão no alto.

— Me deixa. Eu posso dirigir muito bem.

— Não, não pode. Melhor ir embora de táxi.

— Eu moro perto daqui e não vou deixar o meu carro aqui. — Cruzo os meus braços embaixo dos meus seios e os olhos do Dominic observam o meu decote por alguns segundos. — Me dá a chave.

— O Dom está certo, Em. Você não pode dirigir nesse estado. — Oliver opina parando ao lado do amigo.

Observo o Jensen andar até o seu carro que está na frente do meu, volto a minha atenção para os belos rapazes a minha frente e fecho a cara. Eu quero ir embora e não quero ficar perto do Dom. Ele é como se fosse uma droga forte e eu sou viciada nessa droga. O meu corpo chama por ele e isso não é bom.

— Me dá a chave. Eu não vou embora sem o meu carro.

— Você não vai dirigir, menina perigosa.

Vejo o cenho do Dom se franzir ao ouvir o meu apelido saindo da boca do Dom. Coloco a minha bolsa em cima do teto do meu carro. Aproximo-me do Dominic, sorrio para ele e pulo tentando pegar a chave no alto. Oliver ri da minha tentativa e eu fico nervosa. O carro é meu e eles não têm o direito de fazer isso.

— Vamos ficar aqui a noite inteira, então.

— Eu vou embora levando a chave do seu carro, simples assim. — Dom dá de ombros.

— Não! O carro é meu e você não tem esse direito.

— Eu tenho uma solução... — Oliver fala chamando a minha atenção. — Dominic te leva para casa.

— Por que eu? — Dominic questiona.

— Eu vou seguindo vocês no meu carro. — Oliver continua a explicar ignorando a pergunta do amigo. — É isso ou eu deixo os dois aqui.

Oliver só pode estar brincando com a minha cara. Ele troca alguns olhares silenciosos com o Dominic e eu ouço o meu carro ser destrancado. Entro no lado do passageiro após pegar a minha bolsa e logo o Dominic entra no lado do motorista.

Ficamos presos um no olhar do outro por longos segundos até que um suspiro sai da boca do Dom e ele se concentra a dirigir o meu carro. Enquanto ele dirige pelas ruas poucos movimentadas de *Beverly Hills* explico o caminho até a minha casa. Vire e mexe o Dominic olha para o retrovisor do carro para ver se o Oliver continua nos seguindo.

— Qual é a casa, ou melhor, mansão que você mora? — Dominic questiona.

— Sobe a rua à sua direita e vai até o final. Você vai dar de cara com um grande portão prata.

Dominic faz como eu digo e logo damos de cara com o portão enorme da minha casa. Dois dos seguranças abrem o portão, entramos sendo seguidos pelo carro do Oliver e o Dom segue a pequena rua até parar em frente à minha casa. Dylan está na porta me esperando com outros dois seguranças e eu me viro para o Dominic.

Os seus olhos estão levemente arregalados e sua boca um pouco aberta. É, eu moro aqui. Desço do carro trocando as minhas pernas, Dylan vem apressado em minha direção e me ajuda a sair do carro. Logo o Dominic surge ao meu lado sendo acompanhado pelo Oliver e cumprimentam o meu segurança.

— Está tudo bem, senhorita Lewis? — Dylan questiona.

— Está tudo ótimo, Allen. Os rapazes quiseram me acompanhar, pois bebi um pouco mais do que deveria.

— Entendo. — Dylan sussurra. — Vou pedir para o Peter guardar o carro e eu te ajudo a ir para o seu quarto.

— Não preciso de ajuda.

— Está entregue sã e salva, Emily. Já podemos ir embora, Oliver. — Dominic informa.

— É... E-eu posso ir ao banheiro, Emily? — Oliver me pergunta.

— Claro. Vamos entrar.

Dylan se afasta de mim, acena para o outro segurança parado na porta e ele abre-a para nós. Entro na minha casa sendo seguida pelos três, jogo a minha bolsa no sofá da sala de estar e explico para o Oliver aonde é o banheiro. Ele segue pelo corredor que dá no banheiro social, despeço o Dylan e digo ao Dominic para se sentar no sofá.

Ele se nega e olha ao redor da sala de estar rapidamente. Há essa hora todos os funcionários já estão dormindo e apenas os seguranças do turno da noite estão fazendo a ronda pelo terreno. Deixo o meu salto alto jogado ao lado da mesa de centro, me sento no braço do sofá e observo o Dominic.

— O que eu falei sobre a faca e Lauren, foi bobagem. Espero que você não tenha levado ao pé da letra.

— Eu deveria acreditar no que você disse, mas prefiro fingir que não ouvi aquilo. — Ele resmunga.

— Eu estava irritada com a provocação dela.

— Apenas releve.

Um vento atinge o corpo do Dominic e o cheiro do seu perfume me embriaga. Outro vento atinge apenas o meu corpo levando o meu perfume para o Dominic e vejo-o respirar fundo. Estamos embriagados um com o perfume do outro.

Levanto-me da onde estou sentada, me aproximo do Dom inalando o seu perfume ainda mais e quando me dou conta o meu corpo já está grudado com o do Dominic. Os seus olhos estão fechados, sua respiração profunda e suas mãos estão em minha cintura. Passo as mãos no seu tórax musculoso, aperto o seu peito e as desço para o seu abdômen.

— Você é minha perdição. — Sussurro.

— E você... Emily. — Meu nome sai de forma angustiante de sua boca.

Os seus olhos se abrem se prendendo nos meus, sua boca fica próxima a minha e eu sorrio debochada antes de colar as nossas bocas. Eu sei que deveríamos nos afastar, mas eu juro... Essa é a última vez.

As mãos do Dominic apertam a minha cintura, impulsiono o meu corpo para cima e prendo as minhas pernas ao redor de sua cintura. Suas mãos seguram em minha bunda, o seu corpo se encosta-se ao sofá e relaxo o meu corpo no seu. Nossas línguas se exploram de forma sensual e tranquila. Aperto os seus músculos dos braços, ele morde o meu lábio inferior e eu rebolo em seu colo sentindo o seu membro duro.

Impossível continuar somente nos beijos com o Dom, eu sempre vou querer muito mais e eu quero agora. Uma das mãos do Dominic vai para frente por cima da minha saia, entra por debaixo dela e logo sinto os seus dedos em minha

intimidade por cima da minha calcinha. Separo as nossas bocas, beijo e mordo o seu pescoço. Os dedos do Dom afastam a minha calcinha para o lado e antes que possa ter um maior contato uma tossida forçada chama a nossa atenção.

— Eu estou indo embora. — Oliver avisa.

Dominic me ajuda a descer do seu colo com cuidado e se afasta levemente de mim. O seu olhar se prende no meu e fico levemente irritada. Eu entendi esse olhar sem vida dele. Ele vai embora com o Oliver. Balanço a cabeça de forma negativa, cruzo os meus braços em frente ao corpo e olho para o Oliver.

Agora tudo faz sentindo o que aconteceu. Oliver pediu para ir ao banheiro somente para me deixar sozinha com o Dom, pois sabia que algo aconteceria. Sendo ruim ou bom. Descruzo os meus braços para me despedir do Oli com um abraço demorado e apertado. Ele se afasta fazendo o Dominic vir para perto de mim, acaricia o meu cabelo e eu apenas fico encarando-o.

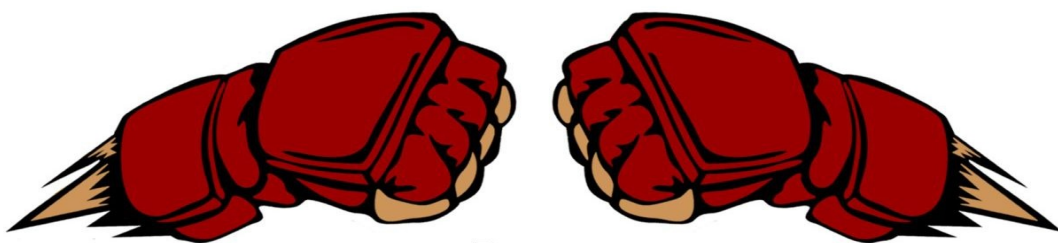
— Me desculpe. Não posso ficar aqui. — Ele fala num tom baixo, somente para eu escutar, mas não é isso o que acontece.

— Você deve ficar, Dom. Eu sei ir embora sozinho. — Oliver informa debochado.

— Cala a boca! — Dominic rosna encarando o amigo e se volta novamente para mim. — Emily... Me desculpe, tá? Mas não podemos ficar brincando um com o outro.

Controlo a vontade de xingá-lo e expulsá-lo da minha casa. Afasto-me do seu toque, chamo o Dylan que aparece em segundos e peço para ele acompanhar os rapazes. Subo para o meu quarto me sentindo quebrada, fecho a porta e me jogo na cama.

Será que se nada daquilo tivesse acontecido com o Dom há oito anos, a gente teria dado certo juntos? A gente ainda estaria juntos? Namorando? Casados? Com filhos correndo pela casa? Droga! Não quero pensar em algo que é impossível de acontecer. Dominic e eu nunca teremos nada mais que uma transa. Será apenas isso. Uma transa. Uma noite. Apenas isso.



CAPÍTULO 8

*Oh, por que você não fica comigo?
Pois você é tudo o que eu preciso
Isso não é amor, está bem claro
Mas amor, fique comigo
Sam Smith - Stay With*

Dominic

Hoje é o jantar de noivado da Lola com o Leon, eles esperaram eu sair da cadeia para oficializar o noivado e eu fiquei extremamente surpreso com isso. Eu nunca quis adiar os planos de ninguém e nem atrasar nada na vida de ninguém. Vim no mesmo carro que a Lauren e a Penélope veio com Oliver, com a desculpa de me dar privacidade com a Lau.

Não achei necessário, tentei questionar, mas não deu em nada. Minha irmã veio com o Oliver nos seguindo e de um modo ou outro, eu tentava os observar. Não gosto que a minha irmã fique sozinha, ainda mais com um cara.

Oliver é meu amigo, mas eu me preocupo com a minha irmã. Saímos do elevador, andamos em direção ao apartamento da Lola e a Lauren gruda em mim. A porta é aberta pelo Leon e eu o cumprimento parabenizando pelo noivado.

— Boa noite.

Olho para o lado para cumprimentar a Lola, Lauren não se desgruda de mim nem para cumprimentar a amiga e eu franzo o cenho ao ver o Oliver se afastando. Ele abraça uma moça que não consigo ver quem é e o meu olhar se cruza com o dela em seguida. Emily. Lauren olha na mesma direção que eu e resmunga um palavrão.

Eu não imaginei que a Emily viria aqui, eu sei que ela conversa com a Lola, mas vir aqui... Não imaginei que seria capaz disso. Afasto-me da Lauren para cumprimentar o Anthony e a esposa. Vou para perto do Jensen, o meu amigo acena para trás de mim e eu observo a Lauren ir até onde a Emily está.

— Fiquei surpreso quando eu a vi entrando aqui. — Jensen comenta sobre Emily.

— Ela e a Lola são próximas?

— Sim. — Leon responde parando ao meu lado junto com o Oliver.

— Não imaginei a encontrar aqui.

— Tem algum problema, Dom? Eu posso falar com a Lola sobre...

— Não! Pode ficar tranquilo.

Continuo a conversar com os rapazes sobre os *Fight* e às vezes levo o meu olhar para a Lauren e Emily. Não quero nenhuma desavença entre elas, não pelo menos aqui e justo no jantar de noivado. Percebo a Emily ficar tensa e sua expressão seria.

Não consigo ter certeza se a Lauren disse algo, pois está de costas para mim, mas eu não duvido nada. Afasto-me rapidamente dos rapazes quando vejo a Emily cerrar os punhos e chamo a Lauren. Ela vem até a mim bem tranquila,

como se nada tivesse acontecido.

— O que foi, Dom?— Lauren pergunta mansa olhando a minha expressão séria.

— Você estava provocando a Emily? — Questiono.

— Não. Eu apenas disse que ela não deveria ter vindo...

— Você não tem nada a ver com isso. Ela e a Lola são próximas, por isso que a Emily está aqui.

— Eu não gosto dela no mesmo ambiente que nós.

— Apenas ignore, Lauren. — Ordeno. Saio de perto dela e ando até a Emily. Não é justo a Lauren a fazer se sentir mal, por motivos idiotas e inapropriados no momento. — E-Emily. — Chamo-a e ela me olha por cima do seu ombro. — Me desculpe pela Lauren. Às vezes ela fala algumas bobagens.

— Então segura a boca da sua namorada. — Ela exige de forma rude.

— Ui! — Lola sussurra e ri baixinho.

— Ela não é minha namorada e vocês são adultas para ficarem se alfinetando. — Murmuro.

— Então eu deveria enfiar a mão na cara dela ou uma faca? — Ela questiona me encarando e a minha espinha gela.

— Emily! — Lola exclama assustada. — Você falou brincando, não é mesmo?

Eu não duvido nada dessa nova Emily.

[...]

O jantar foi bem tranquilo e o casal da noite fez de tudo para a Emily se sentir confortável entre nós. O jeito que ela se comunicava, gesticulada e sorrio me fez lembrar muito daquela Emily doce que conheci. Oliver, Anthony Lola e Leon conversavam bastante com ela e eu fiquei aliviado por isso.

Eu imagino que ela deva sentir falta de serem próximas às meninas. Uma vez a Emily me contou que nunca teve amigas verdadeiras ao seu lado e se sentia muito bem ao ter conhecido a minha irmã, Lola e até a Lauren. Só que elas se afastaram quando eu fui preso, isso deve a ter deixado muito chateada, mas pelo menos a Lola voltou a falar com a Emily.

Lauren se levanta do meu colo quando vê uma mensagem em seu celular, a minha irmã se levanta da onde está sentada e conversam entre si. Eu, Jensen e as duas preferimos nos manter afastados do demais. Não queríamos participar da conversa que eles estão tendo desde o jantar.

— Tenho que ir trabalhar. — Lauren me informa.

— Nós temos que ir. — Penélope a corrige. — Vamos cobrir um furo de

reportagem agora.

— Você vai para casa que horas?

— Não sei, mas te mantenho informado. — Penélope avisa.

Despede-se de mim com um abraço apertado, assim como no Jensen e vai para perto dos outros. Observo elas se despedirem de todos menos da Emily e o meu cenho franze ao ver o abraço da minha irmã com o Oliver.

Lauren entra no meu campo de visão, me levanto da onde estou sentado e me despeço da Lauren com um beijo simples, mas demorado e em seguida elas se vão. Observo o Jensen digitar no celular com um pequeno sorriso nos lábios e eu bato levemente em seu ombro.

— O que está acontecendo?

— Curioso, em. — Jensen resmunga e guarda o celular em meu bolso. — Estou conhecendo uma garota, mas é bem complicada.

— Por quê? — Questiono curioso.

— Outro dia eu te conto mais sobre ela.

Concordo com um aceno e o meu olhar se cruza com o da Emily. Ela desvia o olhar olhando para o relógio em seu pulso e se levanta da onde está sentada. Encaro o balcão da cozinha e fico apenas ouvindo ela se despedir de todos, menos de mim e do Jensen. Nunca entendi o porquê deles não se gostarem, mas o Jensen é assim mesmo.

É um cara de poucos amigos, muito ao contrário do seu irmão. Ouço o Oliver me chamar para irmos embora, Jensen informa que também já vai embora e nós despedimos dos outros. Saímos do apartamento, entramos no elevador de serviço por pressa do Oliver, pois ele não quer esperar o social e logo chegamos ao pequeno lobby do prédio.

Há alguns metros de nós a Emily anda em direção ao seu carro trocando as pernas e um alerta se acende em mim. Ela não pode dirigir assim. Apresso os meus passos e pego a chave da sua mão a fazendo abrir a boca assustada.

— Você não vai dirigir assim. Não está aguentando as próprias penas. — Resmungo.

Emily levanta o olhar e me encara por alguns segundos. Ela olha por cima do meu ombro encarando o Jensen e o Oliver que está há alguns metros de nós, e logo volta a sua atenção em mim. Tenta pegar a chave da minha mão, mas eu levanto o braço e ela suspira.

— Me deixa. Eu posso dirigir muito bem.

— Não, não pode. Melhor ir embora de táxi.

— Eu moro perto daqui e não vou deixar o meu carro aqui. — Emily cruza os braços embaixo dos seios e os meus olhos observam o pequeno decote por alguns segundos. — Me dá a chave.

— Dom está certo, Em. Você não pode dirigir nesse estado. — Oliver opina parando ao meu lado.

— Me dá a chave. Eu não vou embora sem o meu carro.

— Você não vá dirigir, menina perigosa.

Franzo o meu cenho ao ouvir o que o Oliver acabou de falar. Que porra é essa de *Menina Perigosa*? A Emily coloca a pequena bolsa em cima do seu belo carro e pula tentando pegar a chave da minha mão.

Oliver ri da Emily e ela fica nervosa. Ela não pode dirigir e não entende isso. Além de correr risco de vida, pode acabar com o seu belo carro. É um camaro preto fosco. Esse carro é maravilhoso e no dia que ela me deixou dirigir ele... Que carro!

— Vamos ficar aqui a noite inteira, então. — Emily informa.

— Eu vou embora levando a chave do seu carro, simples assim. — Dou de ombros.

— Não! O carro é meu e você não tem esse direito.

— Eu tenho uma solução... — Oliver fala chamando a nossa atenção. — O Dominic te leva para casa.

— Por que eu? — Questiono.

— Eu vou seguindo vocês no meu carro. — Oliver continua a explicar ignorando a minha pergunta. — É isso ou eu deixo os dois aqui.

Oliver só pode estar brincando com a minha cara. Trocamos alguns olhares sérios em silêncio e eu me vejo sem saída. Destranco o carro da Emily, ela entra no lado do passageiro após pegar a bolsa em cima do carro e logo entro no lado do motorista.

Ficamos presos um no olhar do outro por longos segundos até que um suspiro sai da minha boca e eu me concentro á dirigir. Durante o trajeto olho diversas vezes para o retrovisor tendo a certeza que o Oliver está no seguindo. Espero que ele não esteja aprontando nada para cima de mim e dá Emily. Já disse milhares de vezes que preciso me afastar da Em.

— Qual é a casa, ou melhor, mansão que você mora? — Questiono quando chegamos á parte de mansões do bairro.

— Sobe a rua à sua direita e vai até o final. Você vai dar de cara com um grande portão prata.

Faço o que ela fala e logo damos de cara com um enorme portão prata. *Caraca!* Parecem aqueles portões de mansões de filmes. Dois seguranças abrem o portão, sigo uma pequena rua até a casa e minha boca se abre ao ver aonde a Emily mora.

É uma bela mansão. Emily desce do carro com um pouco de dificuldade, o Dylan corre para ajudá-la e eu desço do carro em seguida. Oliver aparece ao

meu lado e cumprimentamos o segurança da Emily. Dylan me contou que Emily está próxima a ele por causa da investigação que estão fazendo em relação ao assassinato da senhora Lewis.

— Está tudo bem, senhorita Lewis? — Dylan questiona.

— Está tudo ótimo, Allen. Os rapazes quiseram me acompanhar, pois bebi um pouco mais do que deveria.

— Entendo. — Dylan sussurra. — Vou pedir para o Peter guardar o carro e eu te ajudo a ir para o seu quarto.

— Não preciso de ajuda.

— Está entregue sã e salva, Emily. Já podemos ir embora, Oliver. — Informo.

— É... E-eu posso ir ao banheiro, Emily? — Oliver me pergunta.

— Claro. Vamos entrar. — Emily aponta para a porta.

O outro segurança que está na porta abre a mesma, seguimos a Emily e fico boquiaberto com o luxo dessa casa. A Emily explica para o Oliver aonde é o banheiro, ele se vai e ela dispensa o Dylan. Diz para eu me sentar no sofá, mas eu nego e olho a sala ao redor.

Tem uma escada de madeira luxuosa no meu lado esquerdo, no centro do ambiente tem dois sofás enormes de cor clara, uma mesa de centro e um tapete felpudo escuro. No final dessa sala de estar tem uma lareira bem moderna. Emily deixa o salto alto jogado perto da sala de centro e se senta no braço do sofá ao me observar.

— O que eu falei sobre a faca e Lauren, foi bobagem. Espero que você não tenha levado ao pé da letra.

— Eu deveria acreditar no que você disse, mas prefiro fingir que não ouvi aquilo. — Resmungo.

— Eu estava irritada quando ela me provocou.

— Apenas releve.

Um vento me atinge levando o meu perfume para a Emily a fazendo inspirar o cheiro, outro vento atinge somente a Emily e em trás o seu perfume. Respiro fundo de olhos fechados sendo embriagado pelo seu cheiro, sinto o corpo da Emily colar no meu e deixo as minhas mãos na sua cintura. As mãos da Emily passam pelo meu tórax apertando o meu peito e descem para o meu abdômen.

— Você é minha perdição. — Ela sussurra.

— E você... Emily. — O seu nome saí de forma angustiante da minha boca.

Os meus olhos se abrem se prendendo nos seus, minha boca fica próxima da sua e ela sorri debochada antes de colar as nossas bocas. Eu sei que deveríamos nos afastar, mas eu juro... Essa é a última vez. As minhas mãos

apertam a sua cintura, impulsiona o seu corpo para cima e prende as minhas pernas ao redor da minha cintura.

Minhas mãos seguram em sua bunda, o meu corpo se encosta-se ao sofá e ela relaxa o corpo no meu. Nossas línguas se exploram de forma sensual e tranquila. Ela aperta os meus músculos dos braços, mordo o seu lábio inferior e ela rebola em meu colo sentindo o meu membro duro. Impossível continuar somente nos beijos com a Emily, nós sempre vamos querer muito mais.

Uma das minhas mãos vai para frente por cima da sua saia, entra por debaixo dela e logo os meus dedos tocam na sua intimidade por cima da sua calcinha. Nossas bocas se separaram, ela beija e morde o meu pescoço. Os meus dedos afastam a calcinha para o lado e antes que possa ter um maior contato uma tossida forçada chama a nossa atenção.

— Eu estou indo embora. — Oliver avisa.

Oliver foi a minha salvação! Ajudo a Emily descer do meu colo com cuidado e me afasto levemente dela. O meu olhar se prende no dela e fica levemente irritada ao entender o que o meu olhar diz. Preciso ir embora. Balança a cabeça de forma negativa, cruza os meus braços em frente ao corpo e olha para o Oliver.

Por mais que eu queria ficar aqui, não posso. Não é certo. Emily e eu nunca vamos passar de uma transa. De um momento. De uma noite. Ela descruza os braços para se despedir do Oli com um abraço demorado e apertado. Ele se afasta me fazendo ir para perto da Em, acaricio o seu cabelo e ela apenas fica me encarando.

— Me desculpe. Não posso ficar aqui. — Falo num tom baixo somente para ela ouvir.

— Você deve ficar, Dom. Eu sei ir embora sozinho. — Oliver informa debochado.

— Cala a boca! — Rosno encarando-o e me volto novamente para a Emily. — Emily... Me desculpe, tá? Não podemos ficar brincando um com o outro.

Vejo a raiva dominar os seus olhos, ela se afasta do meu toque, chama o Dylan que aparece em segundos e pede para ele nos acompanhar. A observo subir a escada e logo ela some das nossas vistas. Oliver e Dylan me encaram como se eu tivesse feito algo de errado. Cruzo os meus braços em frente ao corpo e fico sem entender eles.

— Qual é, Dominic... Simplesmente você vai embora? — Oliver questiona.

— O que você quer que eu faça? Eu não posso ficar com a Emily. Nunca vamos ficar juntos.

— Vocês se gostam. — Dylan responde como se fosse obvio.

— Aquele dia que vocês passaram a noite juntos. Ela estava quebrada,

muito quebrada quando saiu do seu apartamento. Só você consegue fazer florescer a doce Emily que existe dentro dela quando estão juntos, caso ao contrário, é aquela mulher fria. — Oliver abre os meus olhos.

— Eu sei, Oliver, mas eu não posso.

— Pode sim! — Oliver e Dylan exclamam ao mesmo tempo.

Dylan chama o Oliver para ir até a sala onde ele fica enquanto eu me entendo com a Emily e eu me vejo sozinho. O quão difícil é entender que não posso ficar com a Emily? Olho para um lado e para o outro em busca de alguma solução. Eu sei que eu vou dizer agora é mentira, mas... Essa é a última vez.

Subo a escada por aonde a Emily subiu, tento não reparar na luxúria à minha volta e tento encontrar o quarto da Em. Tem diversas portas nesse corredor, mas somente uma está fechada. Ando até a mesma, seguro na maçaneta e giro-a. Vejo o corpo quase nu da Emily deitada na cama, entro no quarto e fecho a porta.

— Lisa, eu não quero conversar. Me deixa sozinho.

— Não é essa tal de Lisa.

O seu corpo fica tenso, mas ela não olha para mim. Continua deitada de bruços na cama e o seu rosto está virado para o outro lado. Meus olhos passeiam pelo seu corpo quase nu e o meu membro volta a se animar. A Emily está usando apenas uma lingerie de cor clara e isso atiza a minha imaginação.

Passo a minha mão em suas costas e ela se mexe inquieta com o meu toque. Eu não sei o que falar para ela, eu sei que ela está chateada comigo, mas está tudo tão confuso dentro de mim. Eu estou tentando fazer dar certo com a Lauren, mas o universo não colabora, assim como os meus amigos.

Eu gosto da Emily, ela é uma boa pessoa, mas o que eu mais sinto por ela é atração e isso atrapalha e muito o meu desejo de vingança. Eu sempre acreditei que tem dedo do pai dela sobre a minha prisão, e se isso for mesmo verdade... Não sei se vou continuar com o meu desejo de vingança se eu tiver algo a mais com a Em.

— É melhor você ir embora. Não somos bons o suficiente um para o outro.

— Eu... Você também sabe que isso... Essa atração entre a gente mexe demais com o nosso interior. — Suspiro. — Cara... Em, você é incrível, mas não damos certo.

— Por sermos pessoas diferentes? — Ela questiona.

— Não. Eu acho... Eu sempre achei que o seu pai tem a ver com a minha prisão. E me envolver com você, novamente... Não vou conseguir.

Ela se senta na cama rapidamente de frente para mim com o seu cenho está franzido, mas a chateação continua nos seus olhos. Eu nunca disse isso para ninguém, a não ser para mim mesmo no tempo que estou sozinho refletindo no

que aconteceu.

— Por que você acha isso do meu pai?

— Porque sim, Em. Não tenho uma explicação melhor.

— Você quer se vingar dele? — A sua pergunta me pega de surpresa e eu apenas afirmo com um aceno de cabeça. — Eu te juro, Dominic... — Ela respira fundo antes de continuar a falar. — Se ele tem alguma coisa a ver, eu nunca soube e desejo vingança, assim como você.

— Ele é o seu pai, Em.

— Foda-se! Ele destruiu qualquer coisa duradoura que poderia nascer entre a gente. Eu...

Ela se cala, fecha os olhos e balança a cabeça de forma negativa. O que a Emily acabou de dizer é verdade. O pai dela conseguiu destruir algo firme que poderia surgir entre nós. Não podemos saber se nada daquilo tivesse acontecido se estaríamos juntos. Impossível saber. Em abre os olhos marejados, eu a puxo para o meu colo e a abraço. Impossível odiá-la ou desejar algo de ruim contra ela.

Eu sei que ela sofreu com a minha prisão. Oliver me contou. Seguro o seu rosto entre as minhas, seco a única lágrima que escorre pelo seu rosto e sorrio amenizando o clima. Ou melhor, tento amenizar o clima, mas ele muda drasticamente com os olhares profundos que trocamos. A temperatura se eleva, nossas respirações ficam profundas e as nossas intimidades estão coladas uma na outra.

— Em...

— Por que não paramos de pensar na consequência e vamos focar no agora. Na nossa vontade. — Emily sussurra.

Merda! Eu penso demais, porque é certo, ainda mais com a Emily. Ela é a minha perdição. A atração entre nós nunca vai desaparecer. Nunca! Nunca! Essa é a única certeza que eu tenho. Deito o corpo da Emily na cama, um sorriso de satisfação surge em seus lábios e eu controlo a vontade de sorrir.

Beijo o seu colo nu, enquanto Emily passa as mãos em meu cabelo ralo e empurra a minha cabeça para baixo. Eu sei o que ela quer. Ouço cada parte do seu corpo me chamar, e acontece a mesma coisa com o meu corpo que chama ela.

Faço uma trilha de beijos do vão entre os seus seios até o elástico da sua calcinha rendada. Umedeço os meus lábios, passo o meu nariz pela sua intimidade e dou uma leve mordida na mesma fazendo a Em gemer. Somente agora eu percebo uma coisa. Emily está sozinha aqui.

— Você está sozinha?

— Sim. Meu pai, a namorada dele e o meu irmão foram para Sacramento

no início da semana.

— Ótimo.

Subo a minha boca pelo seu corpo, me sento entre as suas pernas e a observo. Ela é tão linda, feminina e... Frágil apenas na aparência. Mas tem um defeito é impaciente e isso me faz ri. Ela se senta na cama, retira o sutiã e o joga em qualquer canto do quarto.

Os seus seios ficam expostos fazendo a minha boca salivar e eu caio de boca neles. Brinco com o seu mamilo direito com os dentes e língua enquanto no outro são apenas dedos. O seu corpo vai caindo para trás quando a sua libido começa a subir rapidamente e eu fico sob o seu corpo me deliciando.

Dou a atenção merecida para cada um, desço a boca para a sua calcinha e a Em se mexe inquieta embaixo de mim. Mas antes de me deliciar para valer, levanto da cama a fazendo ficar em alerta, retiro toda a minha roupa de cima e fico apenas de cueca boxer preta.

Volto para os meios das pernas da Em, retiro a sua calcinha e passo dois dedos em sua entrada. Emily empurra a intimidade em direção aos meus dedos e eu os afasto a fazendo bufar.

— Dom-minic... — Ela me chama num sussurro.

Ela é muito apressada e isso me diverte. Beijo o interior de sua coxa, ela geme baixinho causando em enorme efeito em meu membro. Abaixo o meu rosto em direção ao meio de suas pernas, passo a língua por toda a extensão e brinco levemente com o seu clitóris. Em tenta fechar as pernas, mas eu seguro em cada uma de suas coxas e abro um pouco mais as pernas.

Afasto-me rapidamente apenas para observar a sua expressão. Olhos fechados, dedos brancos de tanto que aperta o lençol a sua volta e mordendo o lábio inferior. Volto a minha boca para o meio de suas pernas e, uso e abuso dela. Passo a língua por todos os cantos, uso dedos para provoca-la um pouco mais e só paro, quando a sinto derreter na minha boca e dedos.

Eu sei que ela precisa de mim dentro dela, eu também preciso e muito. Estou a ponto de explodir, mas estou conseguindo me segurar ao máximo. Seguro no meu membro, posiciono na entrada da intimidade da Em e ela leva o corpo em minha direção me fazendo entrar um pouco. É como se eu estivesse no paraíso. Entro mais um pouco e começo a me mexer lentamente. As pernas da Em se passam em minha cintura me fazendo entrar mais fundo e isso me dar total liberdade para acelerar o meu ritmo.

[..]

— Fica aqui. — Emily pede me observando.

— Não posso, Emily. — Informo ao terminar de vestir a minha camiseta.

— Por que não? Por causa da Lauren?

É isso mesmo que eu percebi? A Emily está com ciúmes da Lauren. Seguro a vontade de ri debochado. É tão inusitado isso. Aproximo-me da Emily que continua sentada na cama com o corpo coberto por apenas um lençol. Seguro em seu cabelo e percebo ela ficar em alerta. Isso sempre acontece quando eu toco em seu cabelo.

— Não, Em. É por causa minha irmã, não gosto de deixa-la sozinha.

— Sua irmã já é adulta, Dom.

— Não gosto dela já ser adulta. — Brinco a fazendo sorrir.

— Mas tem que gostar. Um dia ela vai namorar, casar e ter filhos. Ah, não posso me esquecer de que ela pode se mudar algum dia.

— Vai demorar muito. — Comento num resmungo. — Ela nem namorando está.

— Será? — A pergunta da Emily me deixa em alerta.

— Tenho que ir. — Informo encerrando o assunto.

Despeço-me da Emily com um beijo demorado e saio do seu quarto. Cara, ela é maravilhosa! Confesso que estou sorrindo bobo, mas não posso ficar assim. Não quero dar gosto para as artimanhas do Oliver. Começo a descer a escada e consigo ver o Oliver vindo em direção á sala de estar conversando com o Dylan e não percebe a minha aproximação.

— Vamos, Oliver. — Chamo-o assim que termino de descer a escada.

— Pensei que você ia ficar aqui. — Oliver comenta com ironia.

Apenas o ignoro, nos despedimos do Dylan e logo entramos no carro do Oliver. Assim que prendo o cinto de segurança o Oliver acelera com o carro para fora da casa da Emily. Vamos jogar a verdade na mesa. É errado eu ter transando com a Emily novamente, mesmo eu ter tentando negar, eu não fui forte o suficiente para resistir.

Eu desperto o melhor nela e ela desperta algo desconhecido em mim. Não sei explicar o que é. Ouço algo vibrar, olho para o compartimento perto do câmbio do carro e vejo o nome da minha irmã brilhando no visor do celular do Oliver. É uma nova mensagem.

— Minha irmã te mandou mensagem. — Aviso o fazendo desviar o olhar da rua ao me encarar por alguns segundos. — Quer que eu veja?

— N-não precisa. Eu vejo.

Por sorte ou por azar o Oliver para o carro no semáforo vermelho, pega o celular rapidamente e lê a mensagem. O que a Emily disse sobre o possível namoro da Penélope está me deixando muito... *Preocupado?* Sim, preocupado. Ela não deve esconder isso de mim, preciso muito saber com quem a Penélope

se relaciona.

Não pode ser qualquer um. Oliver devolve onde o celular estava e acelera com o carro quando o semáforo fica verde. Estou incomodado pela Penélope ter mandado mensagem para o Oliver e não para mim.

— Aconteceu alguma coisa? — Questiono impaciente.

— *Hã...* Não. Ela perguntou se estávamos chegando em casa já, pois ela acabou de chegar com a Lauren.

— Lauren está lá?

A pergunta sai de forma aflita da minha boca e suspiro ao ver o Oliver confirmar com a cabeça. Ela deveria ter ido para a casa dela, simples assim. Eu não vou ser o mesmo olhando para ela depois do que aconteceu agora há pouco.

Eu tive uma puta de transa gostosa com a Em e agora tenho que olhar para a cara da Lauren dentro do meu apartamento. Não posso me esquecer que, com certeza iremos dormir na mesma cama.

— Cara, eu posso te perguntar uma coisa? — Meu amigo pergunta e eu aceno. — Por que ainda vai ficar com a Lauren, tendo a Emily?

— Eu gosto da Lauren e estou dando uma chance para ela. E já com a Em... — Suspiro encarando as ruas em que passamos. — Não podemos ficar juntos. Eu estou investigando o pai dela, tentando descobrir quem é o assassino da mãe dela e nunca daremos certos juntos.

— Você não tem certeza disso.

— Certeza do que? De que nunca daremos certo juntos? — Questiono o fazendo assentir. — Simplesmente sei.

— Talvez você também não dê certo com a Lauren.

— Talvez.

[...]

Abro a porta do meu apartamento, ouço a voz da Penélope e da Lauren. Certo. Eu tenho que enfrentar isso! Aceno para o Oliver, fecho a porta do meu apartamento assim que entro e olho em volta da sala de estar.

A minha irmã sentada num sofá, Lauren no outro e cada uma bebendo cerveja. Elas percebem a minha presença e se calam. Sento-me ao lado da Lauren sem olhar para ela e encaro a mesa de centro tentando afastar a Emily dos meus pensamentos.

— Onde você e o Oliver estavam? — Minha irmã questiona.

— Num lugar. — Respondo encarando-a.

— Dominic... — Ela me repreende, ou melhor, tenta. — Isso não foi uma resposta.

— Foi rápido a trabalho de vocês. — Comento mudando de assunto.

— Era para cobrir uma reportagem de um cara que tinha invadido a casa numa área nobre e tinha ficado preso na janela. Tão idiota. — Lauren resmunga.

— E precisava ir as duas?

— Eu fui para a casa do acontecido e a Pen na delegacia, por isso fomos as duas.

— Entendi. — Falo em meio ao bocejo. — Vou ir dormir. Boa noite.

Levanto-me do sofá, dou um beijo na testa da minha irmã e vou para o meu quarto. A minha vontade é cair na cama, mas preciso tirar esse suor de sexo do meu corpo. Vou direto para um banho rápido, após visto apenas uma bermuda de tecido leve e me jogo na cama.

Não demora muito para a Lauren entrar no quarto, a ouço trocar de roupa e em seguida se deita ao meu lado na cama. Seu corpo se alinha no meu, apoio o meu queixo na sua cabeça e reflito na minha escolha de algumas horas.

Eu devo esquecer o que aconteceu entre Emily e eu, quando eu estou com a Lauren. Eu sei que essas minhas perversidades com a Lauren não vai muito longe, mas nem por causa disso vou terminar esse pequeno caso.

— Dom? — Lauren me chama e eu prendo a minha atenção nela. — Quando você não me quiser aqui é só falar, tá bom? Eu só vim pra cá, pois trouxe a sua irmã e seria perigoso eu ir para casa sozinha há essa hora.

— Pode ficar aqui quando quiser, Lau. — Tranquilizo acariciando o seu cabelo.

— Posso perguntar uma coisa? — Ela pergunta ressabiada.

— Sim.

— Você e a Lewis já tiveram um lance no passado e tal. Você sente algo por ela? Pois ela sente algo por você sim.

— Não! — Exclamo.

— *Hum...* Certo. — Ela sussurra. — Emily era uma boa amiga para todas nós... — Lauren fala se referindo si própria, minha irmã e a Lola. — Era bom ter a amizade dela e a Penélope sentiu muito quando teve que se afastar da amiga.

— Minha irmã sentiu? — Questiono surpreso e olho nos olhos da Lauren.

— Muito, mas se você perguntar ela nunca irá assumir. Você conhece a sua irmã.

Pior que é verdade. Eu nunca imaginei que a Penélope tivesse sentindo algo triste por causa do fim da amizade com a Em. Será que a Emily sentiu a mesma coisa? Isso eu consigo perguntar para a Emily, já que eu sei que vamos nos ver em breve. O assunto se encerra quando a Lauren começa a contar com mais detalhes a reportagem que ela foi fazer com a minha irmã. Rio em certos momentos, mas acabo dormindo no meio da conversa.

[...]

Três semanas depois...

Hoje é sexta feira e a minha luta contra o Eduard será amanhã. Sim, amanhã. Não estou nem um pouco nervoso, estou ansioso para quebrar a cara dele, isso sim. Estou a caminho do *Fight*, pois pretendo treinar um pouco, já que estou *enferrujado*, mas estou confiante.

Treinei um pouco na tarde de quarta e ontem. Hoje será a última vez, pois amanhã não podemos. É a regra. Não podemos treinar no dia da nossa luta. Sinto o meu celular vibrar no bolso, o pego e vejo uma nova mensagem da Lau.

"Bom treino ♥"

Dormimos juntos á noite passada, isso todos sabem, mas ninguém sabe o quão incomodado eu fiquei. Lauren ficou agarrada em mim a noite inteira e isso foi um pouco sufocante, algo que não ocorreu nas duas primeiras vezes que dormimos juntos. Talvez o incomodo tenha sido por causa da minha transa com a Emily. Ou melhor, dessas ultimas três semanas que venho transando com a Emily, quase todos os dias.

Aceno com a cabeça para o único segurança na porta do *Fight* e adentro no ambiente. Está silencioso, vazio e isso não me trás lembranças boas. Ouço um pequeno barulho, olho para o lado e vejo duas faxineiras limpando a arquibancada. Sigo pelo corredor lateral e logo entro na última porta.

Aqui é uma sala bem equipada para os treinos. Tem barras de ferro para de exercitar, pesos e um saco de boxer. Fecho a porta atrás de mim, coloco a minha pequena mochila em cima do sofá que fica no canto perto da porta do banheiro e troco de roupa aqui mesmo.

Fico apenas com uma bermuda preta de tecido leve, coloco as ataduras em minhas mãos e vou para perto do saco de boxer. Dou alguns socos, mas antes que eu possa fazer qualquer outro movimento com o corpo, a porta se abre e eu franzo o cenho ao ver a Emily. Ela sorri, tranca a porta e joga a bolsa no sofá vindo em minha direção.

— O que você veio fazer aqui? — Questiono curioso.

— Vim... *Hum...* Te visitar? — Soa mais como uma pergunta do que uma afirmação. — Vou falar a verdade. Queria um segundo *round*. Aliás, esse segundo *round* demorou, né? Pois era para ter acontecido ontem.

— Um segundo *round*? — Gargalho e me aproximo dela. — Estou

treinando, Em e daqui a pouco um dos meninos ou o meu treinador chegam para me ajudar.

— Vai me negar? — Ela questiona divertida. — Esse não é o Dominic que eu conheço.

— Você conhece esse daqui, não é?

Não dou tempo para ela responder, pois a derrubo no colchonete que está jogado no chão, sorrio ao ouvir a gargalhada gostosa sair de sua boca e os nossos olhos ficam presos um no outro. As nossas bocas se aproximam lentamente, o beijo se inicia calmo e doce. As mãos da Emily se mantêm ao redor do meu pescoço, uma das minhas mãos em sua cintura e a outra ao lado de sua cabeça.

A sua língua brinca com a minha de forma mais sensual nesse momento e sabemos muito bem aonde isso vai parar. O nosso beijo vai se torna mais intenso, fazendo com que as peças de roupas comecem a serem tiradas de nossos corpos e logo estamos nus um grudado no outro. Desço a minha boca pelo seu colo, mordo cada centímetro da sua pele a fazendo gemer e chamar por mim extremamente excitada.

— Você gosta de me provocar, né? — Emily questiona num sussurro.

— Muito. — Respondo a fazendo ri.

Passos os meus braços pela sua cintura, puxo o seu corpo de encontro ao meu e nos levanto do chão. Emily me encara intrigada, deixo o seu corpo encostado na parede e ela passa as pernas pela minha cintura. Olho dentro dos seus olhos vendo o brilho de excitação em ambos, eu entro com o meu membro em sua intimidade e um suspiro de alívio escapa dos lábios da Emily.

Minhas estocadas começam devagar, acostumando os nossos corpos nessa posição. Logo a Em começa a gemer arranhando os meus ombros, deixo as minhas estocadas mais fundas e brutas a fazendo gritar pelo meu nome. Sua cintura começa a se mexer lentamente do jeito que pode, caio de bocas nos seus seios e acelero o meu ritmo dentro dela.

[...]

— Agora pode treinar em paz. Tenho um compromisso. — Emily avisa antes de beijar suavemente os meus lábios.

A observo abaixar a saia do seu vestido azul, ela prende o seu cabelo num rabo de cavalo e volta a colocar o salto alto. A Em percebe que estou observando-a, para na minha frente e coloca as mãos na cintura. O questionamento por eu estar a observando surge, levando do sofá aonde acabamos de transar e acaricio o seu cabelo a fazendo se retrair.

— Por que você se retrai quando toco em seu cabelo?

— Eu apenas não esperava por esse seu toque.

— Isso não é a primeira vez que acontece.

— Esqueça isso, Dom. — Emily pede me fazendo concordar de mau agrado. — Quando vamos nos ver?

— Vamos nos ver sempre que nos esbarramos por aí. — Respondo dando de ombros e me afasto dela.

— Eu não vou apenas querer te ver e você sabe disso. — Ela sorri de forma sapeca.

— Eu também não, mas não podemos nos encontrar sempre.

— Eu sei. — Ela resmunga. — Por causa da sua irmã ou por causa da Lauren?

— Por causa da minha irmã. — Respondo me lembrando do que a Lauren disse. — Depois quero conversar um assunto importante com você.

— Sobre?

Antes que eu possa responder a sua pergunta, ouço alguém bater na porta de onde nós estamos e eu informo que já vou. A Emily gruda as nossas bocas de forma suave e rápida novamente, e eu a acompanho até a porta. Assim que abro-a e dou de cara com a minha irmã. Ela arqueia uma sobrancelha encarando a Emily ao meu lado e eu fico sem reação enquanto as observo.

— O que faz aqui? — Minha irmã questiona.

— Eu vim treinar.

— Não perguntei para você, Dom. — Minha irmã informa ainda encarando a Emily. — Vou melhorar a minha pergunta. O que vocês dois faziam sozinho aqui?

— Você é muito ciumenta em relação ao seu irmão. Cruzes! — Em ri e se vira para mim. — Nos vemos por aí, Turner.

Ela se vai e a Penélope me empurra para dentro da sala onde estava com a Emily. Ela fecha a porta tranquilamente, se senta no sofá e eu estalo os meus dedos enquanto observo o seu olhar perfurador. Preciso inventar alguma desculpa, não posso simplesmente dizer que eu estava transando com a Em.

— A Emily veio me lembrar das regras das lutas. Amanhã vou lutar e é a primeira luta depois de anos.

— Entendo. Ainda bem que ela é bem profissional e você não se esqueça que está com a Lauren.

— Não é nada sério. — Informo a fazendo franzir o cenho. — Entre eu e a Lauren.

— Ainda não.

— Que seja. — Minha irmã resmunga. — Estava treinando?

— S-sim.

— Posso te ajudar? Você sabe que eu gosto de praticar.

— Apenas praticar para se exercitar. — Lembro-a fazendo sorrisos. — Vai trocar de roupa para nós treinar um pouco.

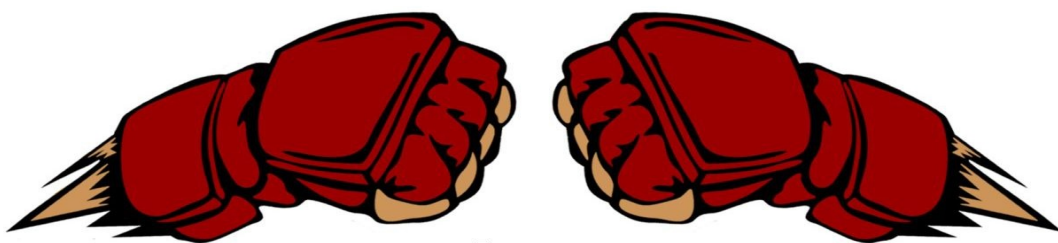
Penélope corre em direção ao banheiro da sala, dou uma rápida verificada no ambiente para ter certeza que não tem nenhum resquício de provas do que acabei de fazer com a Emily aqui e me assusto quando a minha irmã volta para perto de mim. Ela arruma as ataduras em minhas mãos, prende o cabelo num rabo de cavalo e me encara um tanto desconfiada. Mando-a se afastar de mim, assim ela faz e se posiciona.

Posiciono-me também, dou um chute em sua perna a surpreendendo e ela me encara boquiaberta não acreditando no que acabei de fazer. Provoca-a debochando dela, a observo vim para cima de mim e me defendo dos seus socos. Seguro a sua mão esquerda quando ela tenta de dar um *jab*, chuto a sua canela esquerda e ela cai no chão.

— Te odeio! — Ela exclama nervosa.

— Levanta e vem lutar como eu te ensinei.

Penélope bufa de raiva, se levanta do chão e sem que eu espere chuta a minha costela esquerda. Merda! Ela tem um chute forte. Ela percebe que doeu, ri debochada e direciona mais socos em minha direção.



CAPÍTULO 9

*Eu não quero mais brigar
Eu não quero mais esconder
Eu não quero mais chorar
Volte, preciso que você me abrace
(Você é o motivo)*
Calum Scott — You Are The Reason

Emily

Meus olhos se arregalam levemente quando vejo a Penélope parada na porta da sala de treinamento, ela nos encara com a sobancelha arqueada e eu a encaro de volta. Não imaginava encontra-la aqui, logo agora. Acabei de ter mais uma transa fantástica com o Dominic e para completar tenho que disfarçar a cara de quem foi perfeitamente realizada sexualmente.

— O que faz aqui? — Penélope questiona.

— Eu vim treinar. — Dominic responde como se a pergunta tivesse sido direcionada a ele, mas não foi.

— Não perguntei para você, Dom. — Ela informa ainda me encarando. — Vou melhorar a minha pergunta. O que vocês dois faziam sozinho aqui?

— Você é muito ciumenta em relação ao seu irmão. Cruze! — Rio debochada e me viro para o Dominic. — Nos vemos por aí, Turner.

Passo pela Penélope e sigo em direção à saída do *Fight*. Eu procurei saber da Penélope antes de vir aqui. A Lola me disse que ela tinha saído com a chefe e que iria demorar a voltar, mas do nada a Pen surgiu aqui.

Entro no meu carro, jogo a minha bolsa no banco ao meu lado e sigo em direção ao galpão. Faz tempo que eu não vou lá, preciso de mais algumas informações sobre o pai do Dominic. Eu pensei muito nisso nesses dias que se passaram e eu decidi tentar arrancar alguma informação do Dom discretamente.

Ele não pode nem sonhar que eu estou investigando o pai dele. Eu não quero nem imaginar que possa haver alguma possibilidade do Dom estar sabendo sobre as tramoias do seu pai e até mesmo que possa estar ajudando.

[..]

Assim que chego ao galpão vejo uma grande movimentação no local, os cinco seguranças de costume estão conversando entre si em frente à porta aonde somente o meu pai tem acesso e o Dylan logo vem em minha direção. Todos se calam quando percebem a minha presença e mantêm a postura séria.

— O que está acontecendo? — Questiono.

— Chegou uma encomenda para o senhor Lewis e ele ordenou deixa-las dentro daquela sala. — Dylan informa.

— Encomenda? Eu não estava sabendo disso. — O meu tom de voz sai rude e ele se retrai. — Que encomenda chegou?

— Não temos autorização para falar. — O segurança mais velho de todos me avisa o fazendo encarar com frieza. — Desculpe, senhorita Lewis.

— Abre a merda dessa porta agora, ou terão consequências.

— Desculpe, mas não podemos. — O segurança negro, forte e alto me informa.

— Não pode é o caralho! Abre essa merda. — Ordeno num tom alto.

— Senhorita... — Dylan chama a minha atenção e eu o fuzilo com o olhar. — Foram ordens extremas do seu pai e não podemos descumpri-las.

Encaro cada um dos cinco bem devagar os fazendo engolir em seco e ando em direção à sala onde o verme está. Sua aparência está bem abatida, magro e olhos profundos. Faz pouco mais de três semanas que ele está aqui e hoje pretendo liberta-lo, mas tenho diversas coisas em mente sobre essa libertação. Coloco a minha bolsa em cima da mesa de equipamentos, me aproximo da pequena cela improvisada e sorrio.

— Não gosto quando sorrir. É um sorriso frio. — Ele resmunga me encarando.

— É o meu jeito, meu bem. — Debocho e volto para perto da mesa de equipamentos. — Vou te soltar. Você vai poder ir.

— Sêrio? — Ele questiona surpreso.

Eu apenas afirmo com a cabeça enquanto me mantenho de costas para ele preparando o microchip localizador que irei colocar nele. Pego a pistola de injeção, me aproximo novamente da cela com as mãos para trás e paro perto da sua nuca. Não posso deixa-lo ir livre, sem eu poder seguir os seus passos. Aproximo a pistola de sua nuca e injeto o microchip rapidamente o fazendo pular para frente de surpresa.

— À noite você vai estar bem longe daqui e espero não ter que te encontrar novamente tentando acabar com os negócios do meu pai. Senão, te garanto que não sairá vivo.

— O que você injetou em mim? — Ele questiona ignorando as minhas informações.

— Não é nada ruim. É apenas uma garantia minha.

[...]

— O serviço foi feito, senhorita. — Dylan informa chamando a minha atenção.

Levanto o meu olhar para ele e apenas faço um sinal positivo com a cabeça. Isso significa que o verme foi solto no deserto perto de *Las Vegas* e ele está bem debilitado para conseguir ir para algum lugar rapidamente, ainda mais bem no meio da madrugada. Volto a minha atenção para o meu MacBook em meu colo, meus olhos analisam algumas notícias sobre o governo do meu pai e a minha atenção é roubada.

A notícia que prende totalmente a minha atenção é sobre o ótimo governador que James Lewis é. *Um ótimo governador!* É aquele famoso ditado "Quem não conhece, que te compre". Quando a verdadeira máscara do meu pai for revelada, será chocante para todos. O seu governo caíra por terra, mas eu tenho medo de uma coisa.

Quem o ajuda, como por exemplo, eu e o meu irmão, podemos ser acusados junto com o meu pai. Eu não quero ir para a prisão, eu apenas quero ser livre. Ter a minha vida de volta, sem esses assuntos todos que nos rodeia há muito tempo. Eu não quero ser considerada a sua cúmplice, eu apenas o ajudo por que ele sempre ameaçou a mim e ao meu irmão.

— *Você irá me ajudar por bem ou por mal!* — *Meu pai exclama nervoso. — Eu sempre dei de tudo do bem e do melhor pra você e agora eu recebo isso em troca?*

— *Eu não quero me envolver nas suas coisas ilegais.*

— *Não quer?* — *Uma risada fria e debochada sai de sua boca me causa um enorme calafrio. — É dessas coisas ilegais da onde vem as suas joias, roupas de grife, sapatos, carros e viagens.*

— *Eu...*

— *Você o que?* — *Ele questiona num grito. — Nunca pediu nada disso? Não! Claro que não! Antes mesmo de você nascer eu já tinha tudo isso. A máfia é herança de família e você simplesmente não pediu isso, mas sempre gostou de viver no luxo. Ter o do bom e do melhor.*

— *Sim, eu sempre gostei. Nasci no meio de tudo isso e jamais vou negar que eu não goste dos meus carros, viagens, roupas, joias e tudo mais. Mas eu não quero me envolver nesse lado sujo. É somente seu.*

— *Você vai mudar de ideia, Emily. Mais cedo ou mais tarde. — Meu pai avisa antes de se retirar do porão de casa e me deixar trancada.*

Isso aconteceu alguns meses antes da minha mãe ser morta. Eu fui liberada do porão pela minha mãe quase duas horas depois. Ali eu vi que o meu pai faria de tudo para fazer eu me aliar a ele. Deixava-me trancada em alguns cômodos da casa, me batia, me ameaçava e até mesmo me levava para os locais de tortura só para me amedrontar.

Eu via que estava sem saída a cada dia que passava, e ainda mais quando o Eduard se aliou ao meu pai. A pressão se tornou mais, a minha mãe tentava me proteger, mas não tinha como. Meu pai sempre nos colocou muito medo. Quando eu decidi enfrentar tudo e me aliar a ele, fiquei surpresa ao ver que não era tão ruim quanto eu imaginava. Isso não quer dizer que eu goste ou me orgulhe do que eu faço. De forma alguma, ainda mais quando o meu pai fala que eu já matei pessoas.

Matei três caras que tentaram atirar no meu pai. Isso aconteceu quando a gente estava indo para o galpão e surgiu os três elementos. Eles tentaram atirar no meu pai, mas eu fui mais rápida e consegui atirar nos três em alguns segundos de diferença. Mas ninguém sabe que eu já matei outras duas pessoas.

Um ex-namorado e a amante dele. Eu os peguei no seu apartamento e simplesmente matei os dois. Enfiei uma barra de ferro pontuda neles, sem dar tempo para se defenderem. Foi errado? Sim, mas ele sabia do perigo que corria. Ele era segurança do meu pai, a gente estava namorando e eu desconfiava que ele me traía. Esperei o momento certo para flagrar eles e fiz o que foi necessário.

— Emily? — Um arrepio ruim percorre o meu corpo todinho ao ouvir a voz do meu pai. Olho para trás por cima do meu ombro e o vejo parado a alguns metros de mim. Ele está usando um dos seus caríssimos ternos, mas a gravata está frouxa e uma expressão cansada domina o seu rosto. — Como você está?

— Bem e você? — Pergunto de volta.

— Cansado. — Ele suspira. — Precisamos conversar.

— Pode ser amanhã? Já está tarde.

— Hoje, Emily. — Ele rosna e anda em direção ao seu quarto.

Olho rapidamente para o Dylan e o seu olhar cruza com o meu. Eu tenho medo do meu pai, mesmo que eu esconda isso de todos e quase sempre de mim mesma. Dylan avisa que vai ir comigo e eu apenas concordo com um aceno. Passos chama a minha atenção, vejo a Quinn e ela acena para mim antes de ir na mesma direção que o meu pai.

Não imagina que o *casal* voltaria hoje também, sabia apenas do meu irmão e em falar nele, ainda não o vi. Era para eles terem ficado apenas uma semana em Sacramento, mas preferiram ficar três e isso foi ótimo. Tive muito encontros com o Dom nessas últimas semanas e sinto algo muito bom nascendo entre nós.

Fecho o meu MacBook, ando em direção ao meu quarto sendo seguida pelo Dylan e suspiro. Eu sei que o meu pai quer conversar sobre a minha briga com o Eduard, mas eu não quero. Eu sei que o meu pai me culpar pelo o que aconteceu, sempre estou brigando com o meu irmão, mas desta vez eu não fiz nada. Aliás, eu fiz sim. Transei com o Dominic.

Dylan fica parado na porta do meu quarto enquanto eu organizo os papéis da minha investigação. O meu pai não pode nem sonhar que eu estou fazendo isso. Meu pai entra no meu quarto chamando a minha atenção, se senta na poltrona perto da janela do meu quarto e apoia o tornozelo no joelho. Sento-me na minha cama e encaro o meu pai.

— E o verme? — Meu pai questiona.

— Mandeí solta-lo no deserto. Ele era um imprestável.

— Pelo menos descobriu quem é o chefe dele?

— Não. — Respondo fazendo o meu pai ficar raivoso. — Quero dizer, mais ou menos. Sei apenas o primeiro nome.

Não vou contar que é o pai do Dominic. Não quero aumentar o ódio que o meu pai sente pelo Dom, e nem que ele pense que o filho possa estar ajudando o pai.

— Descubra quem é e apenas me avise quando souber tudo sobre o chefe. — Meu pai avisa e coça a garganta. — Sobre a sua briga com o Eduard...

— Não! Não venha me culpar como sempre faz, para você eu sempre que sou a errada. O Eduard me atacou sem eu ter feito nada e ele foi extremamente agressivo.

— Não fez nada? — Meu pai rir sem humor e se levanta da onde está sentado vindo em minha direção. — Allen, nos de licença.

— Senhor... — Dylan tenta questiona, mas sai quando o meu pai direciona um único olhar para ele.

Eu não quero ficar sozinha com o meu pai, ainda mais ele sabendo o motivo da minha briga com o Eduard. O meu pai vai ser agressivo comigo, ainda mais do que o meu irmão. Observo a mão do meu pai vir em minha direção, fico em alerta e me afasto quando a sua mão toca no meu braço.

— Fale a verdade, Emily. — Ele exige.

— Não aconteceu nada! — Exclamo nervosa.

— Eu quero a verdade. — Sua mão segura no meu braço e aperta levemente. — Você está se envolvendo novamente com aquele desgraçado do Turner?

— Se eu me lembro bem, não era para o nome dele ser citado aqui em casa.

— Eu vou ter que perguntar novamente? — Ele questiona ainda mais nervoso. — Emily, você está de brincadeira com a minha cara.

Eu não tenho tempo de falar nada, pois sou puxada pelos pés e caio de costas no chão. Bato a cabeça, os braços, costas e bunda fortemente me fazendo gemer de dor. A minha cabeça dói muito, assim como o restante do meu corpo. Meu pai é maior e bem mais forte que eu, e isso me causa muito medo.

Ele é extremamente agressivo quando está com raiva. Sua mão tenta atingir o meu rosto, mas eu levanto os meus braços me protegendo dos seus tapas e encolho as minhas pernas quando chutes começam a me atingir. Eu não vou gritar, eu não vou chorar e nem falar. Não vai adiantar nada disso.

Sinto o corpo do meu pai se aproximar do meu, uma de suas mãos segura em meu cabelo e puxa a minha cabeça em sua direção. Antes que eu menos espere a sua outra mão atinge o meu rosto e meus ouvidos começam a zunir. Minha cabeça lateja ainda mais, lágrimas inundam os meus olhos e sou atingida com outro tapa dessa vez.

Seus tapas são fortes, a dor começa a se tornar insuportável e não consigo segurar as minhas lágrimas. Ouço a porta do meu quarto se abrir num baque, mas nem por isso as sessões de tapas cessam.

— Para, pai. — Ouço a voz do Eduard.

— Sai daqui. — Meu pai rosna.

— Você vai deixá-la muito machucada. — Sinto a preocupação na voz do meu irmão.

Um gemido alto de dor escapa da minha boca quando sinto a minha cabeça ser batida no chão e em seguida recebo mais um chute na minha costela. O meu pai sai de perto de mim, olho para ele chorando de dor e o vejo enxugar o suor que escorre em seu rosto.

Ele sai do meu quarto pisando duro, meu irmão se aproxima de mim e tenta me ajudar, mas eu nego. Consigo chamar o Dylan num filete de voz, ele logo entra no meu quarto e me ajuda a levantar do chão. Tudo em meu corpo dói, mas isso não vai me impedir de sair daqui. Sento-me em minha cama com a mão em minha costela, olho para o meu irmão e o vejo aflito.

— Não era para acontecer isso... Eu...

O meu irmão se cala sem saber o que falar, Dylan pede para ele sair e assim ele faz. A dor é muita, estou me segurando para não chorar copiosamente e respiro fundo.

— Pega a minha mochila, coloca algumas roupas dentro junto com as minhas folhas da investigação e pega a minha bolsa.

— Para aonde a senhorita vai?

— Não sei. Apenas quero sair daqui. — Falo num tom baixo.

Dylan faz o que eu falo rapidamente, pega a minha bolsa e passa o braço pela minha cintura me ajudando a andar, o que está difícil. Descemos a escada bem devagar sem fazer barulho algum e logo entramos no meu carro. Deito o meu banco sentindo o meu corpo gritar de dor e deixo algumas lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

Eu já levei surras bem piores do que essa, mas eu sei que se o Eduard não tivesse chegado, eu estaria desmaiada de tanto apanhar. Fecho os meus olhos tentando controlar a dor em meu corpo enquanto sinto o meu carro se mover.

— Eu poderia levar a senhorita para o meu apartamento, mas a minha namorada não ia gostar muito disso. — Dylan sussurra o final em tom de desculpa. — Ainda mais que ela está de resguardo.

Não sabia que ele namorava e muito menos que tinha um bebê recém-nascido, mas vamos deixar esse assunto para outro dia.

— Me leva para... — Me calo sem saber para aonde eu vou. Eu não sei para aonde posso ir. — Eu não...

— Deve ir para o apartamento do Oliver ou do Dominic.

— Não. Não quero atrapalha-los.

Sinto o carro parar, olho para a janela e vejo que estamos na esquina de um posto de gasolina. O Dylan digita rapidamente em seu celular e logo acelera com o meu carro.

— Vou deixa-la com os meninos. É melhor e o seu pai não irá procurar a senhorita lá.

— Volte com o meu carro para casa, após me deixar com o Oliver, por favor. Não quero o meu pai ou irmão me rastreando.

— Então vai mesmo ficar com o Oliver? — Dylan me pergunta levemente surpreso.

— É o único lugar que eu tenho. — Dou de ombros e em seguida gemo de dor.

[...]

Uma... Duas... Três... Quatro... Cinco vezes que eu já toquei a campainha do apartamento do Oliver e nada de ninguém abrir a porta. Dylan me deixou aqui com os meus pertences e se foi. Ele precisa voltar com o meu carro o mais rápido possível, não quero ser localizada.

Sento-me no chão do jeito que posso, no mesmo segundo ouço a porta do elevador se abrir e em seguida a Penélope entra no meu campo de visão. Ela não me viu, pois está procurando algo dentro de sua bolsa, talvez seja a chave do apartamento.

— Emily? — Questiona ao perceber a minha presença e logo o seu semblante fica preocupado. — O que aconteceu? Meu Deus! Você está está muito machucada.

— Você sabe se o Oliver vai demorar ou onde ele está? — Pergunto ignorando a sua pergunta e ela franze o cenho. — Preciso ficar aqui, se ele deixar.

— Ele foi para o *Fight* com o Dominic, mas eles já devem estar chegando. — Ela avisa e me agacha na minha frente. — Você foi ataca novamente?

— Não necessariamente. — Sussurro. — Não precisa me ajudar, sei que não gosta de mim.

— Não é porque eu não goste de você, que eu serei desumana.

Penélope se levanta do chão, mexe no seu molho de chaves e logo abre a porta do apartamento do... Oliver. Vou nem perguntar o porquê dela ter a chave do apartamento dele. Ela pega a minha bolsa junto com a minha mochila do chão, me ajuda a levantar e entramos.

Espero que o Oliver me deixe ficar aqui, ou melhor, eu sei que ele irá deixar. Sento-me no sofá com a mão na minha costela esquerda, massajeio a minha têmpora com a intenção de parar o latejar e me volto para a Penélope. Ela está de costas para mim e com o celular no ouvido.

[...]

Se passa uns dez minutos até a porta do apartamento ser aberta e os meninos entrarem. Os dois têm expressões bem preocupadas, mas eu vejo que o Dominic se segura para não vir até a mim. O Oliver se agacha na minha frente, acaricia a minha perna e me dá um sorriso confortável.

— Foi o Eduard novamente? — Oliver questiona com raiva nos olhos.

— Meu pai.

Um suspiro pesada sai da boca do Dom me fazendo encara-lo. Ele anda na minha direção, se agacha na minha frente fazendo o Oliver se afastar e segura em minhas mãos.

— Foi por minha causa, não foi?

A sua pergunta me pega de surpresa e eu franzo o cenho para disfarçar. Não quero falar que a agressão foi porque nós estamos juntos novamente, não quero afasta-lo de mim, pois eu sei que se eu afirmar, ele irá se afastar para sempre.

— Não. Ele estava irritado, nós discutimos e ele acabou me batendo. — Suspiro.

— Você...

— Precisa ir para o hospital. — Penélope fala interrompendo o irmão.

— Não. Eu vou ter que fazer boletim de ocorrência e não quero isso.

— Você precisa ser examinada. — Oliver murmura ao me encarar.

Nego com a cabeça, ele semicerra os olhos e volta a se aproximar de mim junto com a Penélope. Oliver me avisa que vai me levar para o seu quarto, mas o Dominic não deixa, fazendo a irmã encara-lo.

— A Emily pode ficar lá em casa. — Dominic sugere.

— Não, Dom. Alguém pode vir procura-la e não podemos te prejudicar. E além do mais, a Lauren pode aparecer em qualquer momento, assim como os outros. — Penélope o lembra.

Dominic resmunga algo que eu não entendo, me pega em seus braços com cuidado e vai rumo ao quarto do Oliver. Meu corpo é deitado na cama, Dom se senta ao meu lado e coloca a mão sobre a minha em minha costela me fazendo gemer de dor. Oliver e Penélope entram no quarto em seguida, Dominic levanta a minha camiseta e fecha a cara quando ver o estrago no meu corpo.

Costela com uma enorme vermelhidão, manchas por todo o meu corpo e

pela minha expressão sabe que estou com muita dor. Oliver me dá um comprimido, agradeço e bebo com um pouco da água que está no copo em cima do criado mudo.

— Seu pai é um babaca! Como ele é capaz de agredir a própria filha? — Oliver questiona irado.

— Já levei surras piores, Oli. Hoje não foi muito pior, pois o meu irmão me ajudou.

— Já que você não quer ir para o hospital, precisamos cuidar do seu machucado. — Penélope informa.

— Penélope, não precisa se preocupar comigo.

— Eu me preocupo sim!

— Ok. — Sussurro.

Oliver franze o cenho surpreso e o Dominic sorri. É um sorriso de forma orgulhosa. Ela manda os meninos saírem do quarto, eles obedecem e ela suspira ao olhar para a pequena caixa de primeiros socorros. Sento-me na cama com dificuldade, levanto e ando até em frente ao espelho.

Retiro a camiseta que estou usando, fico apenas de sutiã e analiso o estrago. Dói muito, mas não sinto magoa do meu pai, por ele ter feito isso. Posso dizer que sou acostumada com esses tipos de coisas. Eu não me sinto muito bem estando perto da Penélope. Eu estou transando com o irmão dela há quase um mês e estamos escondendo muito bem, ainda.

Eu sei que está dando certo, pois ele nem está fica com a Lauren mais. O possível relacionamento deles está igual a gelo de tanto frio que está. Já o nosso... Ah, esse está mais quente que o inferno.

— Mais cedo ou mais tarde você vai precisar fazer um raio-x. Precisa ver se a sua costela não está quebrada, mas acho que está trincada.

— Eu vou, mas não hoje.

Fico de costas para o espelho, olho por cima do meu ombro e vejo algumas manchas vermelhas cobrindo a minha pele. A Penélope pega uma pomada dentro da maleta, me entrega e eu passo levemente em cima da vermelhidão em minha costela. Dói somente de encostar levemente, mas eu sei que ela não está quebrada.

Senão, não conseguiria andar e nem ficar com o tronco reto. Passo um pouco mais de pomada nas manchas que consigo, a Penélope me ajuda em minhas costas e a percebo extremamente pensativa. Nesse tempo que se passou, eu não tive a oportunidade de conversar com o Oliver sobre eles dois.

— Acho melhor enfaixar a sua costela e você ter o máximo de cuidado possível.

— Talvez seja apenas uma dor e que logo passe. — Comento esperançosa,

pois não quero ir ao hospital.

— Torça para que seja.

Penélope enfaixa a minha costela com cuidado, pega um vestido longo dentro da minha bolsa e me ajuda a vestir. Já é a segunda vez que ela me ajuda e eu sou muito grata a isso. Eu sinto muito falta da sua amizade, das nossas conversas, das nossas risadas e dos nossos passeios.

Sento-me na cama, prendo o meu cabelo no alto de minha cabeça e encaro a Penélope. Nunca conversamos sobre tudo o que aconteceu, ela é muito arisca e eu não sei por onde começar.

— Obrigada por me ajudar novamente.

— Não precisa agradecer. — Ela murmura encarando a maleta. — Espero que você melhore.

— Espero que seja logo.

— Eu s-sei sobre vocês. — Seu olhar encontra o meu e eu fico sem reação.

— O que?

— Você e o Dominic. — Ela responde dando de ombros. Fico sem saber o que falar e a Penélope rir. É um riso leve, curto e descontraído. — Mesmo que eu seja contra, a vida é dele, mas... — Ela suspira e cruza os braços ao me encarar. — Eu quero que ele seja feliz, só que eu não tenho certeza que isso será com você. Ele merece muito mais que um romance escondido, um romance perigoso, um romance que são apenas transas...

— Eu entendo o que você quer dizer com isso. Você tem medo que ele seja preso novamente...

— Sim! Eu morro de medo que ele seja preso e que nunca mais eu o veja. Ele pode até ser condenado á morte, dependendo da armação que fizerem.

— Eu quero que você entenda uma coisa...

Calo-me quando a porta do quarto se abre e o Dominic entra junto com o Oliver. Não posso simplesmente ficar aqui e pronto. Tenho que pedir para o Oliver, conversar com ele e... Decidir o que eu vou fazer muito em breve.

— Está tudo bem? — Oliver questiona nos encarando.

— Sim e nós já podemos ir embora, Dominic. — Penélope informa.

— Me espera lá fora, eu quero dar uma palavra com a Em-Emily. — Dom avisa.

Penélope não fala nada e sai do quarto, acompanhada do Oliver. Dominic se senta ao meu lado, inalo o sei delicioso perfume e sorrio levemente. Eu vejo em seus olhos o tanto que ele está preocupado comigo, mas eu não quero contar a verdade. Ele nunca vai ser o culpado de algo ruim em minha vida vindo de terceiros, tipo as agressões do meu pai.

— Sua irmã disse que sabe sobre a gente. — Um sorriso fraco toma conta

dos meus lábios.

— S3rio? — Dom questiona surpreso e eu afirmo com um aceno. — Bom, depois eu converso com ela. Mas agora quero conversar com voc3... — Ele passa uma de suas m3os em seu rosto. — Estou com uma puta raiva do seu pai. Caralho! Que filho da puta! Ele n3o deveria ter feito isso com voc3.

— N3o 3 a primeira vez e n3o vai ser a...

— Foi 3 3ltima, Emily. Voc3 n3o pode mais aceitar isso.

— Dom...

— N3o! Voc3 n3o pode mais aceitar isso, Emily. Caralho! Ele 3 extremamente covarde.

— Eu sei, Dom. Mas aquele 3 o jeito dele. Ele sempre nos botou medo, e era a minha m3e que me defendia.

— Mas voc3 j3 3 adulta e sabe muito bem se defender...

— Ele 3 maior, mais forte e sempre me pega desprevenida.

A conversa n3o se estende muito e logo ficamos em sil3ncio. Dominic n3o entende, ou ele n3o quer entender, mas eu n3o vou falar que eu tenho medo do meu pai, jamais vou revelar isso.

— Voc3 n3o prefere ficar no meu apartamento, pelo menos essa noite? — Dom pergunta, mas com um tom de pedido. — Amanh3 o Oliver vai ir visitar os pais, s3 vai voltar 3 noite na hora da minha luta e vai direto para o *Fight*.

— Dom...

— L3 voc3 n3o vai ficar sozinha, a minha irm3 vai estar l3 e ela n3o vai ir assistir a luta.

Mordo o interior da minha bochecha pensando no pedido, sim foi um pedido. O Dominic sorri, se aproxima de mim e distribui beijos molhados em meu rosto. 3 imposs3vel resistir a isso. Nessas semanas que se passaram, 3 incr3vel o que vem rolando entre a gente, mas aquele medo sempre est3 presente tamb3m.

Sabemos que est3 tudo tranquilo por enquanto, mas em algum momento tudo vai desmoronar em cima de nossas cabe3as e ir3 acabar com essa paz. Eu adoro ficar com o Dom, dormir com ele — algo que fizemos muito nesses 3ltimos dias em minha casa — mas hoje, eu quero ficar um pouco sozinha. Digo, sem ele.

— Eu adoro dormir com voc3, estar com voc3, mas eu quero ficar hoje um pouco longe de voc3. — A minha resposta o pega de surpresa e ele se afasta levemente, mas eu seguro em suas m3os. — N3o 3 nada com voc3, eu que n3o sou uma boa companhia para ti e voc3 tem que conversar com a sua irm3.

— Certo. Certo.

Recebo um beijo casto, mas demorado em meus l3bios e ele se vai em

seguida. Contínuo sentada na cama, olhando para o nada e sem eu perceber um choro compulsivo me domina. Por que tem que ser assim? Tudo poderia ter sido diferente.

Minha mãe poderia estar viva, eu definitivamente com o Dominic, meu pai sendo um homem honesto e o meu irmão um ótimo médico, algo que ele sonha ser, mas não é assim.

Tudo é ao contrário e se depender do meu pai, só irá piorar tudo. Sinto braços ao redor do meu corpo, encosto a minha cabeça no ombro do Oliver e choro tudo que tenho vontade, e direito.

— Vai ficar tudo bem. — Oliver garante sussurrando contra o meu cabelo.

— E se não ficar? — Questiono num filete de voz.

— Vamos fazer o possível para que fique.

[..]

— Mas, então, conseguiu algo na investigação? — Oliver questiona antes de morder o pedaço de pizza que está em suas mãos.

— Ainda não tenho muita coisa. Preciso acessar o computador do meu pai.

— E você acha que lá pode achar alguma coisa?

— Tenho certeza que sim. — Respondo com a boca cheia de pizza. — Desculpa.

— Não se desculpe. — Oliver ri.

Oliver e eu conversamos bastante sobre o que aconteceu comigo, ele me disse que eu posso ficar aqui o tempo que quiser e fazer daqui a minha casa. Concordei me sentindo muito querida por ele e meus olhos ficaram marejados quando ele disse que me considerava como sua irmã. Ou melhor, uma delas. Já que ele tem duas irmãs de sangue.

— Me conta uma coisa, algo que eu já venho querendo saber um bom tempo.

— Ih, lá vem coisa. — Ele resmunga divertido.

— Não seja chato. — Repreendo-o. — Me conta sobre você e a Penélope.

— Não tenho nada para contar. — Ele dá de ombros e eu fico o encarando.

— Você que está sendo chata agora.

— Oli, eu vejo que rola algo muito profundo entre vocês.

— Você pode estar certa, mas... Cara, mas é a Penélope! Irmã do Dominic. A princesinha que todos amam, a menina que conquista a todos e uma linda de uma gostosa que mexe com a minha imaginação.

— Só com a imaginação? — Arqueio uma sobrancelha.

— Eu não sou perdidamente apaixonado por ela. Sentimos atração um pelo

o outro...

— Dominic e eu dizemos a mesma coisa e você não acredita. É apenas atração.

— Entre vocês não.

Reviro os olhos com a sua provocação e pego outra fatia de pizza. Oliver me encara surpreso e eu dou de ombros. Qual é? Uma garota também pode comer três fatias. Apenas jantei há algumas horas, mas foi pouco e agora já são quase quatro da manhã.

A fome chega para todos e uma leoa faminta aflora em mim. O silêncio predomina entre nós enquanto comemos. Se o Oliver não quer assumir que é apaixonado pela Penélope, não quer dizer que eu tenha que assumir algo também.

— *Hum...* — Oli limpa a boca com o guardanapo e aponta para o quarto. — Você pode dormir no meu quarto tranquilamente.

— E você vai dormir aonde?

— Tem um quarto de hóspedes, que está mais para quarto de trabalho, mas lá tem uma cama pelo menos.

— Não quero tirar a sua privacidade.

— Não se importe com isso. Pelo menos a casa agora vai ter um perfume feminino.

— Ah, o meu é o segundo, já que a Penélope sempre está aqui e tem a chave.

— Caralho, menina perigosa! — Ele exclama antes de gargalhar com o meu atrevimento. — Vá dormir. O seu sono já está atrapalhando o seu raciocínio.

[...]

O relógio do meu MacBook indica que daqui a pouco irá dar sete horas da manhã e eu ainda não dormir. Não consegui, ou melhor, ainda não consigo. Eu passei esse tempo todinho investigando um pouco mais sobre o meu pai, marquei coisas que eu não tinha visto antes e isso me deixou muito intrigada.

Principalmente sobre a gravação do dia da morte da minha mãe. No vídeo tem uma pequena falha, quase imperceptível, mas que me chamou muita atenção. O vídeo mostra a minha mãe entrando no *Fight* pelos fundos, bem no local aonde marca a hora e o dia tem uma falha mostrando que aquele vídeo é do mesmo dia, mas é muitas horas após a entrada e saída do Dominic.

Guardo tudo que está jogado em cima da cama, vou até o banheiro e jogo água no meu rosto. Volto para o quarto, ouço bater na porta e logo ela se abre revelando o Oliver.

— Bom dia, Em. Está melhor?

— Sim. A dor passou um pouco e a minha costela já não dói tanto.

— Ainda bem. — Oli sorri. — Estou indo visitar os meus pais. Nos vemos apenas a noite e se sinta em casa.

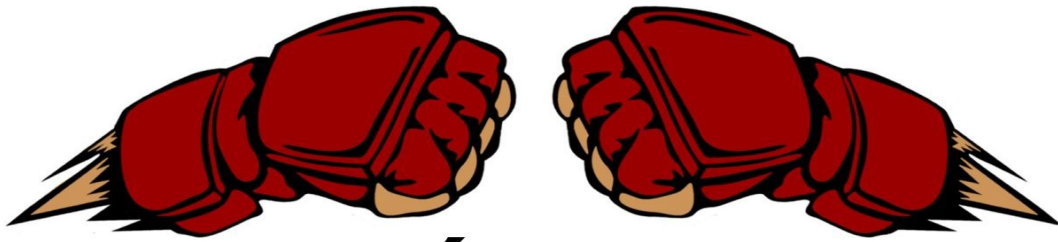
— Obrigada, Oli. Por tudo.

— Não precisa me agradecer. — Ele deposita um beijo no topo de minha cabeça. — Mas não quebre nada e nem mude nada de lugar. E muito menos transe na minha cama.

— Não vou fazer nada, Oliver. Credo!

— Acho bom. — Ele comenta divertido e se vai.

Ele sempre está de bom humor e isso é incrível. Incrível para quem convive sempre com ele e para quem irá viver eternamente com ele, pois nunca precisará ficar estressada com o mau humor do companheiro, vulgo, Oliver.



CAPÍTULO 10

*Mas você nunca
ficará sozinha
Ficarei com você do
anoitecer até o
amanhecer
Ficarei com você do
anoitecer
até o amanhecer
Amor, estou bem aqui
Eu te segurarei quando tudo der errado
Zayn Ft. Sia — Dusk till Dawn*

Dominic

Ver a Emily machucada fez o meu ódio crescer ainda mais, espero que o James pague por tudo e que nunca mais encoste um dedo na minha Em. Sinto que estou sendo encarado, fecho a porta do apartamento e olho para a minha irmã.

Ela está encostada no balcão da cozinha, braços cruzados em frente ao corpo e uma expressão preocupada toma conta do seu rosto. Eu sei que ela também está preocupada com a Emily e isso só me faz ter mais coragem para conversar sobre a amizade deles. Eu queria conversar primeiro com a Em, mas devido às circunstâncias, terá que ser a minha irmã.

— O que foi, Pen?

— Estou aqui pensando. Como ele foi capaz de agredi-la daquele jeito? Ele foi extremamente covarde.

— Muito covarde e nunca foi um pai para ela.

— Agredir a própria filha é demais. — Pen sussurra abismada. — Não é somente nós que temos pais ruins.

— Não, Pen, mas pelo menos não temos contato com eles.

Vejo a tristeza tomar conta dos olhos da minha irmã, eu ando até ela e a abraço. Afago o cabelo da minha irmã, ela se afasta levemente de mim e me olha de um jeito que eu não gosto. O seu olhar é daqueles; *"Eu sei o que você fez no verão passado"*, mas na realidade é *"eu sei o que você vem fazendo nessas últimas semanas"*. Afasto-me por completo dela, ando até a cozinha e bebo um grande gole de água.

— Não minta mais para mim. Eu sei sobre você e a Emily.

— Não seja boba, Pen. Eu estava preocupado com ela. — Murmuro ainda de costas para ela.

— Você que não seja bobo. Pare de mentir e seja verdadeiro sobre vocês, se abre comigo, porra. — A minha irmã pede da mais forma verdadeira possível.

Viro-me de frente para ela, cruzo os meus braços em frente ao corpo e ficamos nos encarando. Eu prefiro ser cem por cento verdadeiro com a minha irmã, mas quando o assunto é a Emily eu fico com um pé atrás. Eu nunca sei o que esperar dela sobre esse assunto. Não sei se é bom ou ruim. Felicidade ou ódio. Pode vim de tudo e eu não quero desavença entre minha irmã e eu.

— Você está com raiva? — Pergunto devagar.

— Não, apenas... *Hum...* Chateada? — Soa mais como uma pergunta do que afirmação. — Eu desconfiei que pudesse rolar algo desde aquele dia que a ajudamos. Vocês estavam se olhando como há oito anos, mas havia muito mais

nesse olhar, mas a desconfiança passou um pouco quando eu soube sobre você e a Lauren.

— Pen...

— Ainda não terminei. — Ela avisa me interrompendo. — Mas quando eu cheguei aqui em casa e a vi na sua cama... *Caraca, Dom! Por que ela?* Foi a primeira coisa que se passou em minha mente, mas eu não quis aprofundar o assunto e tentei acreditar que era apenas desejo de momento entre vocês, mas não foi... — Ela sorri de forma debochada. — Você começou a sair muito durante as noites desde o noivado da Lola, aonde você reencontrou a Emily novamente. Passava noites foras, chegava de manhã ou no meio da madrugada. Sempre inventado desculpas bobas que eram difíceis acreditar.

— E porque você tem certeza que estou mesmo com ela?

— Você fica diferente quando vocês se encontram e ficam juntos. Todos percebem, menos vocês.

— Todos quem? — Questiono intrigado.

— Oli e eu. — Pen dá de ombros e o cenho franze. — Ah, Lola também. E isso só aumentou quando eu vi o gelo que está formado entre você e a Lauren.

— Gelo é apelido. — Rio sem humor fazendo a minha irmã concordar. — Eu não quis contar antes sobre a Em, pois não sabia como você iria reagir.

— A vida é sua.

Minha irmã dá de ombros e sai das minhas vistas indo em direção ao seu quarto. Espera! Precisamos conversar um assunto muito sério e delicado. Amizade entre Emily e Penélope. Vou atrás da minha irmã em seu quarto, a encontro sentada em sua cama, olhando para a tela do seu celular e sorrindo.

— Pen... — Chamo-a fazendo ficar assustada e ela guarda o celular rapidamente. — Precisamos conversar um assunto sério.

— Qual? — Ela questiona curiosa.

— A sua amizade com a Em...

— Não somos amigas e nem nada. — Ela resmunga me interrompendo.

Balanço a cabeça de forma negativa, ando até a janela do seu quarto e me sento. A vista é para o prédio do lado e é um prédio residencial, assim como o nosso. Volto-me para a minha irmã que me encara atentamente e eu suspiro.

— Seja verdadeira comigo também, você sofreu com a perda da amizade, mas a Emily não teve culpa do que aconteceu.

— Jensen me disse que ela sabia de toda a armação que fizeram contra você.

— Você não deveria ter acreditado. O Jensen nunca gostou da Emily.

— Mas ela nem se quer se defendeu e provou ao contrário. — Minha irmã reclama.

— E você deixou? Assim que ela foi falar com você, você a atacou.
— Eu tive os meus moti...
— Não! — Exclamo interrompendo-a. — Vocês eram amigas, você simplesmente acreditou no Jensen e a odiou. Eu sei que as duas sofreram e sente falta de serem aquelas amigas que eram.
— Éramos. O tempo passou, a gente mudou e eu não quero mais falar sobre isso. Quero apenas dormir. — Ela informa encerrando o assunto.
— Amanhã você vai ficar com ela amanhã enquanto eu vou para o *Fight*.
— Não sou babá. — Ela resmunga.
— Por favor, Penélope. Não a deixe sozinha e a ajude no que for necessário.

Saio da janela do seu quarto, dou um beijo em sua testa e vou rumo ao meu quarto. Eu queria que a Emily tivesse vindo para cá, eu ia cuidar dela e fazer tudo que fosse necessário, mas eu entendi a sua decisão.

Ela deve estar precisando de um tempo sozinha para processar tudo o que aconteceu e eu espero que eu não tenha sido culpado pela agressão. O seu irmão soube de nós, pode muito bem ter contato para o pai e aquele maldito bateu na minha Em.

[...]

Odeio acordar com a campainha tocando, isso me trás uma sensação muito ruim. Levanto da cama a contra gosto, saio do meu quarto e vou rumo a porta do meu apartamento. Olho ao redor e não vejo sinal da Penélope. Ela deve estar dormindo ainda.

Abro a porta, coçando um dos meus olhos e um sorriso leve surge em meus lábios quando eu vejo Emily. Sua aparência está um pouco melhor e isso é muito confortante. Ela sorri de forma doce, ela dá um passo na minha direção e levanta o corpo levemente deixando os seus lábios próximos aos meus.

— Te acordei? — Em questiona preocupada.

— Sim, mas eu não me importo ser acordado por você.

Passo o braço em sua cintura e a puxo de encontro ao meu corpo sem pressionar muito. Dou um rápido beijo em seus lábios, a guio para dentro do meu apartamento e fecho a porta.

Seguro em sua mão, andamos em direção ao meu quarto e logo deitamos em minha cama. Acaricio o seu corpo de forma leve e devagar. Não quero machuca-la ainda mais e nem tocar num lugar que esteja doendo.

— Oliver já foi. — Ela comenta e ri levemente em seguida. — Claro que deixou avisos.

— Avisos? — Questiono curioso.
— Sim. Não mexer em nada, não mudar nada de lugar e não transar na cama dele.
— Babaca. — Resmungo a fazendo ri ainda mais. — E você está melhor?
— Sim, um pouco, na verdade.
— Posso te levar num hospital...
— Não. Está tudo bem. — Emily fala me interrompendo. — Somente não dormi a noite, minha cabeça estava a mil.
— Eu imagino. — Acaricio o seu cabelo a fazendo fazer uma carinha de dor. — Me desculpe.
— Tudo b-bem. — Ela boceja e se aconchega em meus braços.

[...]

Estou terminando de fazer o café da manhã quando a Penélope entra na cozinha toda descabelada e bocejando. Ela prende o cabelo num coque, arruma a alça da regata do conjunto de dormir e se senta em frente a mesa. Ela apoia o queixo nas mãos e sorri para mim.

— Bom dia.
— Bom dia, Dom. — Ela sussurra. — Quem tocou a campainha de manhã?
— A Emily.
— Aconteceu algo? — Minha irmã pergunta preocupada.
— O Oliver saiu e ela veio para cá. — Respondo colocando um pouco de café em sua cabeça do leitão, personagem do desenho animado ursinho Pooh. — Está dormindo no meu quarto.
— Hum... — Ela bebe um gole do café e faz uma expressão estranha. — Está sem açúcar.
— Não está. — Nego.
— Está sim. Que horror!

Reviro os olhos e empurro o pequeno pote de açúcar para ela. Saio da cozinha indo em direção ao meu quarto, abro a porta devagar e entro sem fazer barulho. Emily está dormindo profundamente, seus braços agarrados ao meu travesseiro e um grosso cobertor está em cima do seu corpo.

Hoje a temperatura está baixa, e ela deve estar com muito mais frio de qualquer pessoa daqui. O seu sistema imunológico está baixo, corpo ferido e isso diminui o calor natural. Sento-me do seu lado na cama, passo a mão em suas costas e as suas pálpebras tremem. Faz quase duas horas que ela está dormindo e eu não queria acordá-la, mas ela precisa comer.

— Emily. — Sussurro a fazendo abrir os olhos e revelando o seu olhar

perfurante. — Você precisa comer.

— Meu estômago está embrulhado. — Emily sussurra.

— Quer um remédio? — Pergunto a fazendo negar com a cabeça. — Então, dorme mais um pouco e não sai daqui enquanto eu não autorizar. Alguém pode chegar e com certeza o Jensen deve estar vindo para cá.

— Tudo bem, Dom.

[...]

Ajudo a Penélope arrumar a cozinha, enquanto a Emily ainda dorme. Ela não dormiu nada a noite passada e deve estar extremamente cansada. Seco a minha mão no pano de prato, a Pen coloca uma nova toalha colorida em cima da mesa e passa as mãos no cabelo bagunçado.

Enquanto lavávamos a louça ela me pediu para fazer o almoço hoje, isso significa que ela quer a sua comida preferida e como eu sou um ótimo irmão mais velho, irei fazer. O toque da campainha toca preenchendo o ambiente, eu mando a Penélope ir para o quarto dela, pois ela ainda está com q roupa de dormir e vou até a porta.

Abro e não fico nem um pouco surpreso ao ver o Jensen. Cumprimentamos, ele entra e se senta no sofá. Ele ficou sumido nessas últimas semanas e o Leon disse que o motivo era a mulher misteriosa que ele está se relacionando.

— Esteve sumido. — Comento me sentando no outro sofá.

— Tive que viajar por alguns dias. — Jensen informa.

— O seu irmão disse que você estava sumido por causa de uma mulher misteriosa.

Jensen revira os olhos, cruza os braços em frente ao corpo e encosta as costas no sofá. O meu amigo sempre foi muito discreto em tudo sobre a sua vida e ainda mais quando algo era sobre algum relacionamento.

— Em certo termo foi por causa dela, fui encontra-la num lugar que tive que ir a trabalho.

— Quanto segredo em relação a ela. — Resmungo. — Você pode confiar em mim.

— Algum dia desses, você fica sabendo.

O assunto se encerra quando passos chamam a nossa atenção e eu peço internamente que seja a minha irmã. Ela cumprimenta o Jensen com um rápido abraço, avisa que vai ao mercado e sai em seguida. Não gosto quando a minha irmã sai sozinha, tenho medo dela encontrar a nossa mãe ou acabar acontecendo algo com ela.

Desde o dia que ela pediu para a gente ir atrás da nossa mãe, eu fui apenas

empurrando o assunto para depois e ainda estou fazendo isso. Eu sei que teremos que resolver esse assunto mais cedo ou mais tarde, mas eu simplesmente não quero. A minha mãe precisa de ajuda, mas eu não sou a pessoa que pode ajudá-la. Um barulho vindo do meu quarto chama a nossa atenção, o Jensen franze o cenho e me encara.

— Penélope deve ter deixado à janela aberta e algo caiu. — Comento dando de ombros e ele acredita.

— Como passei esse tempo fora não continuamos a investigação contra James. O Dylan está ajudando a Lewis em alguma coisa, não está podendo ajudar muito, mas me informou que ontem chegou novas mulheres no galpão.

— Mulheres? — Questiono.

— Sim, ele trafica mulheres. As vendem para diversos países.

— Tinha me esquecido disso. — Resmungo. — Esse cara é muito desumano. Vende mulheres no mercado negro, finge ser um exemplar governador e espanca a filha.

— Espanca a filha? — Jensen questiona intrigado.

— Sim. Na noite passada ele deu uma surra na Emily. — Informo.

— Como você sabe?

— Eu apenas sei. — Dou de ombros o fazendo semicerrar os olhos. — Precisamos de provas concretas desse bandido. Eu tenho certeza que ele tem algo haver com a morte da senhora Lewis.

Sussurro a última parte com receio de que a Emily ouça e Jensen concorda com a cabeça e encara a mesa de centro pensativo. Não sei se é por causa da mulher em sua visa ou das questões do James. Outro barulho chama a nossa atenção, Jensen me encara desconfiado e eu finjo não perceber. Puxo assunto falando sobre a luta e ele se mostra empolgado.

Lutar com o Eduard é a minha vontade desde quando eu o conheci e a minha raiva por ele só aumentou quando soube que ele atacou a Emily há algumas semanas. Assim que o Jensen vai embora, tranco a porta de entrada/saída e vou até o meu quarto. Emily está deitada na cama, mas está desperta e com uma expressão bem melhor do que mais cedo.

— Vocês estão investigando o meu pai? — O questionamento surge antes que eu possa falar algo. — Ele sabe que alguém está o investigando, pediu para eu descobrir e eu não imaginava que era você junto com o Jensen.

— E-Emily... — Suspiro, eu encosto-me à porta fechada do meu quarto e cruzo os meus braços. — O seu pai faz muitas coisas erradas, não sei se você sabe de todas ou participa, mas eu sei que ele tem haver com a minha prisão.

— O que você está querendo descobrir sobre ele?

— Quero provas sobre ele ser o culpado pela minha prisão.

— Você acha que ele matou a minha mãe? — Ela pergunta incrédula. — Ele não faria isso. Ela é a minha mãe, esposa dele... Dom... Isso é um absurdo!

— Eu não quis dizer isso. Eu apenas quis dizer que ele possa saber que eu não a matei, mas quis colocar a culpa em mim para me afastar de você. — Explico.

— Ele pode ter ajudado nesse assunto e eu estou tentando descobrir, mas isso não é motivo para você investigar os negócios dele.

Emily não está com a mente totalmente aberta e os seus olhos não está enxergando a verdade. Aproximo-me dela, me sento na ponta da cama e apoio os meus braços em meu colo. A Em continua sentada encostada na cabeceira e me encarando de forma fria.

— Por que você ajuda o seu pai? — Pergunto a pegando de surpresa.

— Porque ele pediu. — Vejo o temor tomar conta dos seus olhos. — Eu não faço nada de errado. Contabilizo as drogas e armas que chegam ao galpão. Protejo o seu lado obscuro e faço a sua segurança de forma informal.

— Apenas isso?

— Sim.

— O seu pai trafica pessoas. — Cuspo a verdade em sua cara e a vejo ficar pálida.

— Não! Ele... Não! — Emily balança a cabeça de forma negativa diversas vezes, pula para fora da cama e anda de um lado para o outro. — Você tem noção do que está falando?

— É a verdade, Emily. Eu tenho um informante entre os seguranças...

— Dylan!

— Sim e ele informou que o seu pai faz isso. Ontem chegou algumas mulheres ao galpão...

— Chegou uma encomenda, eu não pude entrar na sala para ver o que era... O meu pai... — Ela sussurra pasma. — Desgraçado! Ele não pode fazer isso, é desumano.

— O seu pai é um monstro.

[...]

Fiz o almoço com a ajuda da minha irmã enquanto a Emily nos observava atentamente. Fiz a carne que a minha irmã mais gosta enquanto ela fez o restante. Costela ao molho de cerveja com legumes assados. A minha irmã adora isso e sempre que tem vontade me pede para fazer.

Eu amo cozinhar, é tipo como se fosse um hobbie e fazer isso me relaxa. A minha conversa com a Emily foi ruim para ambos, nos deixou num clima

totalmente estranho e nos afastou um pouco.

Almoçamos em quase completo silêncio, somente não foi total, por causa das poucas palavras que saiam da boca da minha irmã. Emily se limitou a dizer menos de dez palavras e isso somente fez o estresse aumentar.

— Quer ajuda, Penélope? — Emily pergunta devagar olhando a minha irmã organizar a louça suja na pia.

— Não, Emily. — Minha irmã nega de forma suave.

Saio da cozinha, ando até o meu quarto e começo a arrumar a minha bolsa para o *Fight*. Preciso está lá em pouco mais de três horas, tenho que estar tranquilo e preparado para a luta. Vai acontecer às nove horas da noite e estou bastante ansioso.

Por um lado aliviado por a minha irmã não ir, não a quero assistindo a minha luta contra o Eduard. Sinto que não será nem um pouco leve e nem tranquila. É a minha volta ao ringue, ao mundo das lutas e eu vou voltar com tudo. Todos esperam isso de mim e eu não quero decepcionar ninguém.

— Você vai demorar a voltar? — Ouço a Emily perguntar.

— Não sei, mas espero que não. — Respondo olhando para ela por cima do meu ombro.

— E que horas você vai sair daqui?

— Daqui a pouco. Preciso estar lá às cinco.

Fecho a minha mochila quando coloco tudo que preciso dentro da mesma, deixo-a no canto do quarto no chão e me viro para a Emily. Ela fecha a porta, se aproxima de mim mordendo o interior de sua bochecha e para centímetros do seu corpo. Inalo o seu perfume e ele me embriaga. Sinto a necessidade de tocar o seu corpo, mas me controlo.

— Eu não gostei do que você disse, mas sei que pode ser verdade. Isso não quer dizer que eu não acredite em você, pois eu acredito, mas entenda uma coisa. Eu preciso ver com os meus olhos.

— Eu entendo, Emily. Mais cedo ou mais tarde a máscara do seu pai vai cair.

— Eu sei. Eu sei. — Ela murmura. — Eu vou continuar investigando com a ajuda do Dylan e vou confrontar o meu pai quando eu tiver com as provas em minhas mãos.

— Você não vai confronta-lo, Em. Ele é perigoso.

— Eu fui treinada, machucada e ensinada por ele. O que ele é, eu sou também.

— Não. Você é uma boa moça, mas tem uma armadura de gelo em sua volta. É fria, calculista e insensível, mas verdadeira Emily não é assim.

— Só você enxerga a verdadeira Emily, Dom. — Ela dá de ombros e

suspira em seguida. — Com você eu volto a ser aquela Emily, mas longe de você... — Ela balança a cabeça de forma negativa.

— Você é boa, Em. Sempre vai ser, independente se esteja comigo ou não. — Acaricio o seu rosto. — Você é especial para todos que te adoram.

Ela sorri, é um sorriso de alívio e cheio de esperança. A puxo para os meus braços, nossas bocas se colam e iniciamos um beijo calmo. Suas mãos seguram em meus braços de forma possessiva, desço as minhas mãos por suas costas e aprofundamos o beijo.

Emily guia os nossos corpos para trás, sinto os meus joelhos baterem na cama e logo caio no colchão a levando junto comigo. Uma das minhas mãos segura em seu cabelo de forma leve para não machucá-la e gemo contra a sua boca quando a sua cintura rebola em cima do meu membro ereto.

[...]

Assim que cheguei ao *Fight*, vim me aquecer um pouco junto com o meu treinador, acalmei o meu pequeno estresse e me concentrei. Lutar contra o Eduard não vai ser fácil, mas eu não estou com medo e sim, bastante confiante. Não estou com medo e nem preocupado com receio de alguma coisa acontecer se eu ganhar do *almofadinha*.

Os meus amigos já chegaram aqui faz algum tempo, o Anthony já veio ver como eu estava e avisou que os Lewis já chegaram. Isso quer dizer que James Lewis também está aqui e o meu ódio cresce ainda mais. Prendo a minha atenção na porta que está sendo aberta, Oliver entra sorridente como sempre e nos cumprimenta.

— Já está na hora. — Ele avisa.

— Eu sei.

— Vamos para o camarote. — Jensen informa chamando os rapazes e se vira para mim. — Arrebenta ele.

— Nem precisava falar isso.

Bato o meu punho no dele, faço a mesma coisa com Leon e Noah. O meu treinador me avisa que vai me esperar no corredor, olho para o Oliver e prendo a minha atenção nele. Quero saber se ele falou com a minha irmã ou com a Emily, não entrei em contato com elas desde que sai de casa e espero que elas não estejam brigando.

— Se concentra na luta, apenas isso. Penélope e Emily estão bem, e a Lola estava lá.

— Você ligou para elas ou foi por mensagem?

— Liguei. — Oliver responde intrigado. — Acredite, elas estão bem e

querem que você ganhe essa luta.

Concordo com um aceno, bato o meu punho no do Oliver e saio da sala de treino. Hoje a minha luta é a principal e era para ser a última, mas eu pedi para o Anthony deixar que fosse às nove horas. Não quero sair daqui no meio da madrugada, não quero ter sensações ruins novamente.

Oliver vai para o camarote, sigo o meu treinador até o ringue quando ouço me chamarem e sou ovacionado pela plateia. Todos aguardam isso daqui desde quando o Eduard nos confrontou há três semanas. Eu vou fazer ele se arrepender muito de ter me desafiado.

Anthony queria deixar a minha luta com ele por último, mas eu entrei em acordo com os rapazes e decidimos que eu seria o primeiro. Eu quero ter o prazer de arrebenta-lo e não vou ouvir nenhuma desculpa sobre ele ter lutado com outros antes.

Subo no ringue, cumprimento o juiz com um aceno de cabeça e encaro o Eduard. Ele já está devidamente pronto para a luta e eu apenas termino de colocar as ataduras em minhas mãos. Coloco o protetor bucal e encaro o Eduard.

— Lutem seguindo as regras. Qualquer infração a luta será cancelada. — O juiz nos informa e concordamos. — Se cumprimentem e comecem assim que o sinal for tocado.

— Vou te derrubar no primeiro *round*. — Sussurro uma pequena provocação para o Eduard.

— Se você conseguir esse feito, eu te dou cinquenta mil. — Eduard informa presunçoso. — No segundo *round* é a metade.

— Já separa o dinheiro então, babaca.

Eduard e eu batemos as nossas mãos, nos afastamos e aguardamos o sinal. Olho rapidamente para o camarote onde os meus amigos estão e eles estão com os olhos fixos em mim. Meus olhos vagam até fixar no camarote ao lado e minha mandíbula fica tensa. O meu olhar cruza com o do James e ele faz um sinal para mim.

O seu polegar passa por sua garganta e eu desvio o olhar quando ouço o sinal. Começamos a rodar pelo ringue, mas estamos perto um do outro e o Eduard é o primeiro a tentar acertar um soco, mas erra. Sorrio o provocando e vejo a raiva tomar conta dos seus olhos.

Dou um pequeno passo em sua direção, finjo que vou acertá-lo com o meu punho esquerdo e ele se distrai me dando total liberdade para acertá-lo com o meu punho direito. Ele dá alguns passos para trás desnorteadado e eu aproveito para ir pra cima. Direciono diversos socos em sua direção, ele se protege de alguns, mas não de todos.

Eduard consegue me empurra, acertar um chute em minha costela esquerda e

eu seguro a sua perna o derrubando no chão. Subo em cima dele, acerto um *jab* em seu maxilar e um direto em seu olho direito.

[...]

Assim que entro no camarote uma pequena comemoração me recepciona. Oliver me entrega uma garrafa de cerveja, levanto a mesma e gargalhamos. Eduard sai carregado do ringue após o segundo *round* e eu fui declarado vencedor.

Jensen, Leon, Noah e Oliver me elogiam pela luta. Anthony me elogia e me chama para o canto da sala. Hoje as apostas foram altíssimas e quase cem por cento dos apostadores ficaram a favor do Eduard, mas apostaram errado.

— Começou muito bem, Dom. — Anthony comenta. — E está com o bolso recheado.

— O melhor de tudo isso foi ver o Eduard sair carregado e o ódio nos olhos do pai dele. O dinheiro é apenas consequência, ou melhor, bonificação do meu bom ato.

— O seu dinheiro de hoje já está aqui... — Ele me entrega um envelope pequeno de carta e eu seguro firme em linhas mãos. — Se continuar desse jeito, vamos faturar muito.

— Obrigado, Anthony. Eu vou ficar ainda melhor.

— Assim espero.

Deixo a minha cerveja de lado e conto a grana que está dentro do envelope. Dez mil dólares. Muito bom para o meu primeiro dia. Coloco o dinheiro dentro da minha mochila pendurada em meu ombro, pego a minha cerveja e vou para perto dos meus amigos. Tenho o total direito de comemorar isso aqui.

Sento-me no sofá, bebo um grande gole e prendo a minha atenção no ringue lá embaixo. Tem duas mulheres limpando os resquícios de sangue e sorrio vitorioso mais uma vez. Confesso que o Eduard me acertou forte algumas vezes, mas isso não é nem cinquenta por cento do que eu fiz com ele.

— Dominic. — Um arrepio ruim percorre o meu corpo quando ouço a voz do James. Levanto da onde estou sentado, me viro de frente para ele e o encaro. — Arrebentou o meu filho...

— Ele que escolheu isso. — Meu tom de voz é irônico e debochado.

— O dinheiro que ele te prometeu está aqui. Apenas vinte e cinco mil. — James indica a maleta em sua mão esquerda e eu apenas aceno. — Mas não pense que isso ficará barato...

— Está me ameaçando? — Questiono. — Eu apenas quero resolver as coisas lutando. Eu sou um lutador, um dos melhores e o seu filho me

subestimou.

— Eu quero que vocês lutem novamente, agora valendo o dobro desse dinheiro.

— É só marcar. — Informo.

James deixa a maleta com o Anthony e saí do camarote batendo a porta. Meus amigos estão me encarando de uma forma que eu não consigo explicar e o Anthony me entrega a maleta. Sento-me no sofá com a maleta no colo, abro e contabilizo o dinheiro. Está certo. Confesso que estou com um pé atrás após esse conversa com James, ele não é de deixar as coisas baratas.

[...]

Chego em casa um pouco antes da meia noite, encontro a minha irmã deitada num sofá e a Emily está sentada no outro. A televisão ligada num filme, eu fecho a porta chamando a atenção delas e os olhos da Penélope vão diretamente para o Oliver ao meu lado.

Coloco a maleta em cima da mesa de centro, me sento ao lado da Emily e os seus olhos me analisam. Seu polegar pressiona levemente o machucado em minha sobranalha, depois o da bochecha e por último do canto do meu lábio.

— Eu estou bem, mas não posso dizer o mesmo do seu irmão. — Informo debochado e ela franze o cenho. — Ele saiu carregado.

— E eu não vi isso? — Penélope questiona antes de gargalhar. — Meu Deus... Desculpa, Emily.

— Não ligo. — Emily sorri fraco e se vira novamente para mim. — Está mesmo bem?

— Sim. — Afirmo e dou um beijo casto em seus lábios. — Como você está?

— Melhor.

— Bom... — Sussurro e me olho para a minha irmã que está sentada no outro sofá ao lado do Oliver. — Ganhei um ótimo dinheiro hoje.

— Ótimo? — Oliver questiona antes de ri. — Eu espero ganhar o mesmo quando lutar contra ele.

— Quanto você ganhou? — Penélope questiona.

— Dez mil das apostas e vinte e cinco do Eduard.

— Meu irmão te deu dinheiro? — Emily questiona.

— Sim. Ele disse que se eu o derrubasse no primeiro *round* seria cinquenta mil, mas não quis humilha-lo tanto assim e o derrubei no segundo valendo metade.

— Como é modesto. — Minha irmã ironiza, de repente não consegue se

controlar e começa a gargalhar. — Eu precisava presenciar isso.

— Para Pen. — Oliver pede e olha para a Em. — Você está melhor, menina perigosa?

— Sim, Oli... — Emily tenta completar a frase, mas a minha irmã a interrompe.

— Quer porra de apelido é esse? — Minha irmã questiona furiosa encarando o Oliver.

— É um apelido idiota que o Oli inventou há alguns meses. — Emily resmunga.

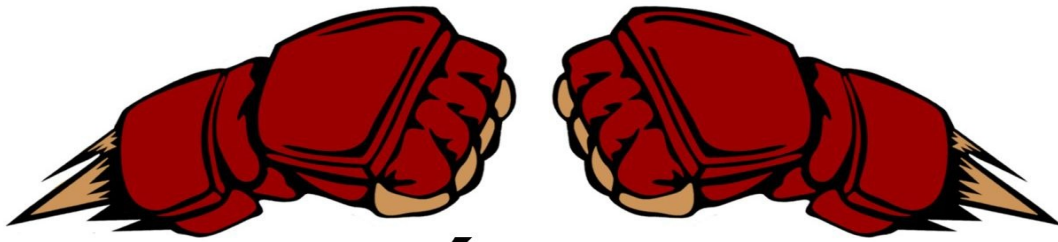
— Por que está desse jeito, Penélope? — Questiono. — Você e a Emily estavam brigando?

— Não para a sua última pergunta. — Minha irmã resmunga de braços cruzados em frente ao corpo.

Retiro a minha atenção dela, olho para a Em quando ela avisa que eu preciso cuidar desses machucados e eu apenas concordo com um aceno. Pego a maleta de dinheiro, seguro na mão da Em e andamos em direção ao meu quarto. Entramos, fecho a porta e coloco a maleta dentro do meu guarda roupa.

Emily se senta na cama com os primeiros socorros, me sento e a puxo para o meu colo. Enquanto ela cuida dos meus pequenos machucados eu conto para ela como foi a minha luta contra o seu irmão. Em pensar nele... Ele deve estar com ódio de mim. O fiz passar o maior vexame, mas ninguém o mandou me provocar.

Confesso que eu quis bater nele muito mais que já tinha batido, mas o juiz não deixou e eu também quis parar, pois não queria ficar mal com a Emily depois. Eu sei que eles brigaram e que continuam sendo irmãos, mas ele agrediu ela há algumas semanas atrás. Dois babacas, Eduard e James Lewis.



CAPÍTULO 11

*Você nunca vai conhecer o
psicopata sentado ao seu lado
Nunca vai conhecer o assassino
sentado ao seu lado
Você vai pensar, como fui
parar sentado ao seu lado?
Heathens – Twenty One Pilots*

Emily

Faz algum tempo que o Dominic já foi para o *Fight*, e eu estou no apartamento dele com a Penélope. Até estamos nos aturando, quase não trocamos palavras e isso é um pouco desconfortante. A televisão está ligada no noticiário e a Lauren é a repórter que fala sobre um caso de um cara que foi preso tentando invadir uma casa na área nobre da cidade. Os olhos da Penélope estão fixos na televisão e ela morde o lábio com um pouco de... *Raiva*? Porque ela estaria com raiva?

— Você... Faz reportagens para jornais televisivos também? — Pergunto puxando assunto.

— Quase nunca. — Os olhos da Penélope se fixam em mim e ela suspira chateada. — Eu sou boa, não estou me gabando, mas sou melhor que a Lauren. Não entendo o porquê dela sempre aparecer nos jornais mais que eu.

— Estranho. — Sussurro. — Será que ela esteja passando a perna em você?

— Você está tentando me jogar contra a minha amiga? — A pergunta da Penélope me deixa assustada e eu fico sem reação. — Foi brincadeira, Emily.

Ela ri e eu respiro aliviada. Ainda bem que ela disse brincando, mas foi de mau gosto. O celular da Penélope toca fazendo o nosso assunto se encerrar, ela sorri e digita. Tenho certeza que é o Oli. Em falar nele, ele anda muito arisco quando pergunto sobre ele e a Penélope.

Noite passada ele me *mandou* ir dormir e cortou o assunto, mas hoje ele não me escapa, isso se eu dormir no apartamento dele. Dormir no apartamento dele ou aqui... Até quando será que isso vai ter que acontecer. Eu estou decidida a sair da cidade por algum tempo após eu desvendar a morte da minha mãe.

Vou precisar ficar um tempo longe de tudo isso, eu quero ficar em paz por algum tempo e isso vai servir para cortar qualquer relação com o meu pai. A campainha toca chamando a minha atenção, eu olho para a Penélope e ela avisa que é a Lola antes de ir abrir a porta.

— Oi. — Lola fala animada entrando no apartamento e coloca uma sacola em cima da mesa de centro antes de olhar para mim. — Eu quero matar o seu pai.

— Lola...

— Não literalmente, pois eu não seria capaz, mas é a minha vontade.

— Eu entendo. — Dou um meio sorriso para ela a fazendo se sentar ao meu lado e segurar a minha mão. — Eu estou bem, Lola. Meu pai foi um babaca mais uma vez, mas eu estou aqui.

— Ainda bem e... — O seu olhar vai até a Penélope que está nos

observando. — Que bom que ainda estão vivas, uma na presença da outra.

— Não seja chata, Lola. — Penélope resmunga encarando a amiga. — Estamos nos dando bem, na medida do possível. Ainda mais agora que a Emily e o Dom...

— Estão juntos novamente? Tipo, algo fixo? — Lola me questiona interrompendo a Penélope.

— Não é algo sério. Nos apenas estamos...

— Transando. — Penélope fala me interrompendo e eu a encaro. — Não é isso ou eu estou enganada?

— Em certos momentos você é bem desagradável, Penélope. — Reviro os olhos a fazendo sorri debochada. Ela sempre foi assim e é esse jeitinho chato que existe nela que encanta todos, pelo incrível que pareça. — Eu também sei ser.

— Você não ouse. — Ela rosna diante da minha provocação e agora é a minha vez de sorri debochada.

Penélope sabe muito bem do que eu insinuei em falar. Oliver. Mas não farei isso por causa do meu amigo. Lola muda de assunto quando resolve nos contar sobre os seus planos para o casamento e eu fico surpresa em saber que eles querem casar ainda esse ano. Lola namora Leon já tem quase dez anos, mas eles acabaram de noivar.

Eu nunca tive o sonho de casar ou ter uma família, talvez isso tenha se fixado em minha mente após tudo que eu sempre vi acontecer entre os meus pais. Lembro quando eu era mais nova, mais ou menos eu tinha dez anos, foi quando as brigas entre os meus pais ficaram constantes, mas eles não brigavam na minha frente e do meu irmão.

Quando eu e ele já estávamos adolescentes, meu pai não se importava em insultar a minha mãe na nossa frente e o meu irmão sempre defendeu a nossa mãe. Eu tentava defender, mas o meu pai me insultava também e isso me fazia ficar mal. Ele sempre dizia que eu seria uma vadia igual a ela, mas eu nunca acreditei que a minha mãe teria atitudes como tal.

Hoje em dia, o meu pai já não me insulta mais, só que eu vejo o seu olhar quando estamos pertos um do outro. O olhar é o mesmo de quando ele insultava a minha mãe. É um olhar de nojo. Não sei o que a minha mãe fez para o meu pai ter agir com ela daquele jeito, mas eu não faço nada de errado para ele me tratar do mesmo jeito.

[...]

— Oliver ligou. — Penélope me informa entrando na cozinha.

Termino de beber a água que está em meu copo, lavo o mesmo e o deixo

secando em cima da pia. Viro-me para a Penélope e a observo. Seu cabelo escuro está molhado, no seu corpo tem um vestido com um grande decote e um claro batom marca os seus lábios.

— Dominic já lutou?

— Vai começar agora.

Espero que ele fique bem. Eu conheço o meu irmão e sei que ele vai com tudo para cima do Dominic, mas o Dom é mais forte e mais experiente. Eu quero acreditar que a luta irá empatar, nenhum ganhará ou perderá, mas ambos não sairão quebrados. Penélope está apreensiva assim como eu.

Eu não quero que o meu irmão ganhe do Dom, mas também não quero que perca, pois se ele perder, ele não deixará barato e o meu pai pode interferir em algo. Meu pai não vai gostar nem um pouco se o Eduard perder, ainda mais para o Dominic. Percebo a Penélope me encarando, encosto na pia e cruzo os meus braços em frente ao meu corpo.

— O que foi?

— Dominic conversou comigo ontem sobre vocês.

— Você ficou chateada com ele, por a gente estar ficando?

— Sim, por ele não ter me contado. Não fiquei chateada por vocês estarem juntos. — Ela dá de ombros. — Ele sabe o que faz da vida, mas ele sabe os riscos de estar com você.

— Eu não quero que nada de ruim aconteça novamente com ele. Eu fiquei muito mal. — Suspiro com os olhos marejados lembrando aquele dia ruim. — Eu tentei visita-lo na prisão, mas ele nunca deixou e isso me machucava muito.

— Ele também não me deixou ir visita-lo. Eu enviava cartas. — Uma lágrima escorre pelo seu rosto e ela se apressa em enxuga-la. — Eu briguei com você por causa do Jensen, eu acreditei que você era a culpada, mas...

Ela se cala e encara o chão.

— Mas? — Questiono.

— No fundo eu não queria acreditar que você era culpada, não queria mesmo, pois éramos amigas. Você estava se envolvendo com o meu irmão, parecia tão verdadeiro e eu estava muito feliz, mas quando ele foi preso... Tudo desmoronou. Eu chorei de raiva, muita raiva e chorei também por perder uma amiga.

— Eu também, Penélope. Nossa, eu fiquei devastada. Eu perdi um possível amor e uma ótima amiga.

— Hoje em dia eu consigo entender e ver melhor toda a situação. Acredito que você não teve culpa na prisão dele, acredito também que você sofreu, mas ainda existe uma grande questão... — O seu olhar volta a ficar frio. — Por que você não tentou ajuda-lo?

— Eu tentei, eu juro, mas não sabia como. Eu falei com o meu pai, advogados e até mesmo com o delegado, mas eles queriam provas que o Dom não tinha feito aquilo e eu não tinha.

— Quem você acha que matou a sua mãe? — Penélope questiona sem rodeios.

— Eu não sei, mas estou atrás. Esses dias quando eu conheci e conversei um pouco com a sua mãe... — Me calo lembrando que o Dominic não gosta que falem de sua mãe com a sua irmã. — Por favor, esqueça isso. Eu me esqueci que o Dom não gosta que falem da sua mãe...

— Você conversou a minha mãe? — Ela pergunta quase num sussurro.

Eu não posso ser mais uma que esconde as coisas da Penélope, não é certo. Puxo uma cadeira da mesa da cozinha, me sento e ela se senta ao meu lado. Penélope está bem ansiosa para saber mais e eu entendo a sua reação. Ela deve sentir muita falta da mãe.

— Sim, foi aquele dia que você chegou no *Fight* com o Dom e eu estava lá conversando com o Anthony. Eu saí do *Fight* e ela me pediu ajuda. Ela queria ver vocês, principalmente você.

— Eu lembro que o Oli me pediu para sairmos um pouco do *Fight*, foi logo depois dele receber uma mensagem.

— Fui que eu enviei a mensagem pedindo para ele levar você para a rua. — Explico. — Um dia antes, na apresentação do 5M, foi quando eu a conheci. Ela pediu para eu chamar o Dominic.

— Eu lembro que ele ficou um tempo fora do camarote e quando voltou estava um pouco estranho.

— Ele foi conversar com a sua mãe. — Informo e a vejo suspirar. — Eu imagino que você sinta muita falta dela... — Seguro em suas mãos e olho em seus olhos. — Eu sinto muita falta da minha e daria tudo para ter ela de volta, mas entendo a decisão do Dom em manter a sua mãe afastada de você. Ela é uma viciada e isso não é bom.

— Emily...

— Você tem uma carreira promissora na televisão ou em qualquer jornal, mas se ela tiver contato com você, pode acabar te distraindo e até te atrapalhando. Se você a quer como sua mãe, ajude ela. A coloque numa clínica de reabilitação...

— Eu já pensei nisso, mas o Dom nunca me deixa terminar o assunto quando é sobre a nossa mãe.

— Eu posso tentar conversar com ele.

— Por favor. — Ela pede chorosa e eu não me seguro. A abraço como sempre fiz quando éramos amigas e a Penélope retribuí. — Não vou dizer para

voltarmos a ser melhores amigas, mas vamos tentando.

— Vamos tentando.

[...]

Os ponteiros do relógio na parede indicam que é quase meia noite e o Dom ainda não chegou. Estou tão preocupada. Estou sentada num sofá enquanto a Penélope está deitada em outro. A televisão está passando um filme sobre baleias ilhadas no Alasca e é a nossa distração enquanto aguardamos ansiosamente a chegada de Dominic. Em falar nele, a porta se abre e ele entra acompanhado do Oliver.

Meu amigo acena para mim e vai para perto da Penélope, que já estava olhando para ele há alguns longos segundos. Dom coloca uma maleta preta em cima da mesa de centro e os meus olhos analisam os pequenos machucados em seu rosto. Meu polegar pressiona levemente o machucado em sua sobrancelha, depois o da bochecha e por último do canto do seu lábio.

— Eu estou bem, mas não posso dizer o mesmo do seu irmão. — Informa debochado me fazendo franzir o cenho. — Ele saiu carregado.

— E eu não vi isso? — Penélope questiona antes de gargalhar. — Meu Deus... Desculpa, Emily.

— Não ligo. — Direciono um sorriso forçado para ela e me volto para o Dom. — Está mesmo bem?

— Sim. — Afirma e dá um beijo casto em meus lábios. — Como você está?

— Melhor.

— Bom... — Sussurra e olha para a irmã que está sentada no outro sofá ao lado do Oliver. — Ganhei um ótimo dinheiro hoje.

— Ótimo? — Oliver questiona antes de ri. — Eu espero ganhar o mesmo contra lutar com o Eduard.

— Quanto você ganhou? — Penélope questiona.

— Dez mil das apostas e vinte e cinco do Eduard. — Dominic responde.

— Meu irmão te deu dinheiro? — Questiono.

Para isso ter acontecido... Foi uma grande luta.

— Sim. Ele disse que se eu o derrubasse no primeiro *round* seria cinquenta mil, mas não quis humilha-lo tanto assim e o derrubei no segundo valendo metade.

— Como é modesto. — Penélope ironiza, de repente não consegue se controlar e começa a gargalhar. — Eu precisava presenciar isso.

— Para Pen. — Oliver pede e olha para mim. — Você está melhor, menina

perigosa?

— Sim, Oli... — Penélope me interrompe furiosa.

— Quer porra de apelido é esse? — Ela questiona encarando o Oliver.

— É um apelido idiota que o Oli inventou há alguns meses. — Resmungo.

Ah não! Não quero brigar com a Penélope logo agora que nos acertamos. Tá, eu entendo que ela ficou um pouco com ciúmes por causa da intimidade que o Oli tem comigo, mas somos AMIGOS.

— Por que está desse jeito, Penélope? — Dom questiona. — Você e a Emily estavam brigando?

— Não para a sua última pergunta. — Penélope resmunga de braços cruzados em frente ao corpo.

Dominic olha para mim, aviso que ele precisa cuidar dos machucados e ele apenas concorda com um aceno. Pega a maleta em cima da mesa de centro, segura na minha mão e vamos em direção ao seu quarto. Entramos e eu vou direto pegar os primeiros socorros. Sento-me em sua cama, ele se senta perto da cabeceira e me puxa para o seu colo.

Começo a cuidar dos machucados bem devagar enquanto ele conta mais sobre a luta. Imagino o quão acabado o meu irmão está. O Dom disse que ele saiu carregado... Eu estou preocupada, mas por um lado bem aliviada por isso não ter acontecido com o Dom. Imagino também a raiva que o meu pai deve estar sentindo.

Eduard perdeu feio para o *inimigo* e ainda perdeu uma boa grana. Pelo menos o Dom precisa desse dinheiro e vai saber usar muito bem. Termino de limpar e cuidar dos machucados do Dom, eu levo a maleta de primeiros socorros para o banheiro e volto para o seu colo.

— Você e a minha irmã brigaram? — Ele pergunta preocupado.

— Não, Dom. Nós conversamos, nos entendemos e até nos abraçamos. — Informo o fazendo sorrir. — Eu conversei um assunto sério com ela e fiquei sabendo que você nunca deu atenção totalmente á isso.

— O que? — Dominic questiona.

— A sua mãe. — A minha resposta o faz balançar a cabeça de forma negativa e tenta me tira de cima do seu colo, mas eu não deixo. — Você tem que parar de fugir desse assunto.

— Você não tem nada a ver com esse assunto. — Sua voz sai rude me fazendo ficar nervosa.

— Não tenho nada a ver mesmo, mas eu vejo o sofrimento da sua irmã em não ter contato com sua mãe. Eu sinto muita falta da minha e daria tudo para ter ela de volta, mas não dá. Infelizmente. — Lágrimas inundam os meus olhos, saio do seu colo e fico se costas para ele. — Eu convenci a Pen em focar em sua

carreira e ter contato com sua mãe somente quando ela não tiver mais vício. Vocês deveriam colocar ela numa clínica de reabilitação e a Penélope concorda, mas nunca conseguiu conversar com você sobre isso.

— Eu sei que a minha irmã sofre com a ausência da minha mãe, mas eu não quero que elas tenham contato.

— Sua irmã que decide isso! — Me viro de frente para ele e o encaro. — Sua irmã já é adulta e sabe muito bem qual decisão tomar. Se ela quiser, eu a ajudo colocar a mãe de vocês numa clínica...

— Depois eu acerto isso com a minha irmã. — Ele avisa me interrompendo e anda na minha direção. — Não quis ser rude com você, me desculpe.

— Mas foi. — Murmuro.

Dominic abre a boca para falar algo, mas a fecha em seguida. Seus olhos fecham por alguns segundos e quando se abrem eu vejo o arrependimento tomar conta deles. Eu sou fraca quando é algo relacionado ao Dom, muito fraca, mas eu não posso pular no colo dele agora e o desculpa-lo, mesmo que isso esteja me dominando. Ele pede desculpas novamente, eu apenas balanço a cabeça de forma positiva e dou um meio sorriso para ele.

— Não quero ficar mal com você, Em. — Dom acaricia o meu cabelo e a sua mão desce pelo meu braço até parar na minha cintura. — Eu falei sem pensar. Você sabe que eu não gosto de falar da minha mãe.

— Tá, Dom. Eu entendi. — Minha voz sai num tom baixo.

— É sério, me desculpe. — Ele retorna a pedir e eu simplesmente dou um beijo casto em seus lábios. — Quero ficar numa boa contigo.

— Eu também.

[...]

Dominic foi para o banho após a nossa longa conversa sobre diversas coisas, mas o assunto da mãe dele não foi tocado novamente. Aproveito que ele acabou de entrar no banheiro, saio do quarto e ando em direção à cozinha. Está tudo silencioso e isso é estranho. Vejo que a Penélope não está na sala, mas a luz da cozinha está acesa.

Assim que entro no ambiente presencio o final do beijo ardente entre Penélope e Oliver. Eles percebem a minha presença, me encaram assustados e eu finjo que não vi nada. Nesses momentos eu fico imaginando a reação do Dom. *Meu Deus!* Ele ficaria louco e com certeza brigaria com o Oliver. Lembro-me muito bem que ele sempre ordenou os amigos a serem apenas amigos da sua irmã.

— Já vou indo. — Oliver informa sem jeito. — Você vai ir para o meu *apê*?

— Dom pediu para eu ficar aqui, se você não se incomodar Penélope.

— Pode ficar. — Penélope fala num tom baixo. — Prefiro você aqui com o Dom...

— Do que com o Oliver. — Completo antes de ri.

— Trato e cuido da Em como se ela fosse a minha terceira irmã, Pen. Não se preocupe. — Oliver informa acariciando o cabelo da Penélope. — Boa noite para vocês e até amanhã.

— Boa noite. Oli.

Penélope manda um beijo para Oli e ele se vai em seguida. Ando até o fogão, abro o forno e pego o prato de comida que a Pen deixou preparado para o Dom. Coloco na mesa junto com talhares e copos. Percebo que a Penélope me observa atentamente, paro ao lado do armário e olho para ela. É fofo ver ela com o Oli. Ah, eles precisam contar para o Dom logo e eu quero saber mais dessa história.

— Cuidou dos machucados do meu irmão? — Penélope questiona desviando o possível assunto: Oliver.

— Sim. Ele está tomando banho agora.

— É possível que o seu irmão queira se vingar do Dom?

— Acho que não, mas eu vou conversar com ele em breve. Não quero acontecendo nada de ruim contra o Dom novamente.

Passos arrastados chamam a nossa atenção, nos calamos e o Dominic entra na cozinha bocejando. Ele beija a testa da irmã, se senta em frente ao prato e passa a mão na minha coxa nua me agradecendo. Penélope faz um aceno para mim, eu a sigo em sua direção e vamos até o final do corredor para o Dom não nos escutarmos. É bom ter essa aproximação novamente com a Penélope, me sinto tão bem e leve.

— O que você presenciou... Eu e o Oliver... Não vai acontecer mais. — Penélope sussurra.

— Ei, não precisa se preocupar comigo. Eu quero a felicidade de vocês.

— Mas...

— Depois conversamos mais sobre isso, pode ser? Quero saber mais e te aconselhar.

Penélope concorda com um aceno e suspira. Dou um sorriso tranquilo para ela, voltamos para a cozinha e o Dom não fala uma palavra se quer. Amanhã pretendo ir atrás do meu irmão e ir ao médico. Preciso ver como eu estou e convencer o meu irmão não se vingar do Eduard, mas por enquanto não quero conversar com o meu pai.

Não me sinto segura e nem preparada. Eu sei que essa conversa/encontro vai ter que acontecer em algum momento, mas eu quero que aconteça quando o

meu irmão for o meu aliado, algo que não vai ser fácil, mas vai ser preciso. Ter ele ao meu lado vai ser muito mais fácil descobrir a verdade do assassinato da minha mãe e nos afastarmos do nosso pai.

Ah, também preciso conversar com o Dylan, tenho certeza que ele continuou a investigação sem mim, ou pelo menos tentou. Depois que tudo isso estiver resolvido, vou ficar um tempo fora da cidade colocando a minha vida e carreira em ordem. Preciso contar para todos sobre a minha decisão, mas só posso fazer isso após as conversas que preciso ter amanhã. Que Deus me ajude e me proteja.

— Vou ir deitar...

— Está tudo bem, Penélope? — Dom questiona interrompendo a irmã.

— Sim, por que não estaria? — Ela questiona dando de ombros.

— Não sei. Você está um pouco estranha. — Dom responde como se fosse obvio.

— É apenas cansaço. Trabalhei de casa enquanto você esteve fora. — Ela mente e beija a bochecha do irmão. — Boa noite para vocês.

— Boa noite.

Dominic observa a irmã sair da cozinha, balança a cabeça de forma negativa e volta a comer. Será que ele está desconfiado da irmã com o Oliver? É difícil saber sobre isso, ele não demonstra nada. Sento-me na frente do Dom, apoio o meu queixo em minhas mãos e ele olha para mim rapidamente. Ainda estou um pouco chateada com o que aconteceu há pouco entre a gente, eu apenas quero ajuda-lo e ele veio para cima de mim com quatro pedras nas mãos.

— Fala o que está te incomodando. — Dom pede num resmungo.

— Por que você não gosta de falar sobre os seus pais? — Questiono o surpreendendo.

— Porque eu sinto vergonha das pessoas que eles se tornaram.

— Me conta mais sobre eles. — Peço.

— Aqui não, a Penélope pode escutar e eu não quero isso.

— Tudo bem. — Concordo.

Creio que todos que convivem com o Dominic e Penélope têm essa curiosidade de saber sobre os pais deles. Dom logo acaba de comer, coloca a louça suja na pia e me puxa em direção ao seu quarto. Entramos, ele fecha a porta e se senta ao meu lado na cama.

Estamos juntos, mesmo que não tenhamos um rotulo, não devemos esconder as coisas um do outro. Eu não vou contar sobre o pai do Dom estar tentando acabar com os negócios do meu pai, não é necessário e eu nem tenho provas concretas sobre isso.

— Há muitos anos o meu pai foi preso após assaltar uma loja, matou um

policial e pegou prisão perpétua. Minha mãe já se envolvia com drogas muito antes disso acontecer e quando o meu pai foi preso, ela simplesmente se jogou de cabeça nesse mundo.

— Eu não sabia dessa história toda. Sabia que sua mãe era usuária de droga, mas não imaginava o resto...

Estou muito surpresa com tudo isso. Eu não sabia que o pai do Dom tinha matado um policial.

— Penélope não sabe sobre o meu pai ter matado um policial, nem quero que ela saiba.

— Meu Deus. Estou até sem palavras.

— É por isso que eu não gosto de falar sobre eles.

Sussurro que entendo, peço desculpas e ele me abraça fazendo os nossos corpos deitarem na cama.

— Você fez bem em não contar isso a sua irmã.

— Ela não merece conviver com isso e muito menos com eles. — Dom comenta num tom baixo e aperta os braços ao redor do meu corpo. — Eu tive muito medo da Penélope me odiar quando eu fui preso e até mesmo me comparar com os nossos pais. Eu jamais serei igual a eles, e jamais vou deixar eles destruírem a vida dela.

— Você é um irmão incrível. Penélope tem orgulho de você.

Um lindo sorriso toma conta dos lábios do Dom e recebo um beijo demorado em minha testa. Jimmy Turner não é uma pessoa melhor que o meu pai e nem pior que ele. Os dois se merecem e merecem terem um fim logo. Dominic fez e ainda faz bem em esconder algumas coisas da Penélope, ela é uma pessoa incrível e não merece pessoas ruins ao seu redor ou por perto.

[...]

Desço do meu carro, aceno para alguns dos seguranças e entro em casa acompanhada do Dylan. Ontem à noite eu consegui falar com ele para ir me buscar hoje cedo e assim ele fez. Antes mesmo de dar dez horas ele já tinha chegado, me despedi do Dom após ele me dar milhões de recomendações e me pedi para voltar cedo.

Penélope não estava em casa e eu agradei mentalmente. Eu sei que se ela soubesse da minha ida à casa do meu pai, ia falar um monte. Entro em casa sendo seguida pelo Dylan, ouço vozes e sigo em direção ao segundo andar.

Encontro a Quinn fazendo exercícios físicos olhando fixamente para a tela do seu MacBook que está em cima da mesa de centro e não vejo o meu irmão por perto.

— Emily? — Quinn questiona me encarando e eu apenas sorrio diabolicamente para ela. — Não imaginei que você iria aparecer aqui tão cedo.

— Cadê o meu irmão? — Questiono sem dar muita atenção para ela.

— Está todo machucado no quarto.

Não espero ela falar mais nada e ando em direção ao quarto do meu irmão. Seguro na maçaneta, eu giro devagar e abro a porta. Meus olhos se fixam no meu irmão deitado em cima de sua cama usando apenas uma bermuda escura e tem diversos curativos espalhados pelo seu corpo.

Entro mais no quarto chamando a sua atenção, Dylan também entra e fecha a porta. Os olhos do meu irmão encontram o meu, me sento ao seu lado na cama e seguro em sua mão. Ele não está tão destruído assim, mas precisa de repouso.

— Está mal.

— Fui eu que provoquei o Turner, mas não imaginava que acabaria assim. — A voz do meu irmão sai bem baixa e um sorriso forçado banha os seus lábios. — E como você está?

— Bem, vou ao médico assim que eu sair daqui. E você teve atendimento médico?

— Os paramédicos do *Fight* cuidaram de mim assim que sai do ringue. — Ele responde sem dar muita importância. — E onde você está ficando por esses dias?

— Estou por perto. — A minha resposta faz a sua expressão ficar séria. — Cadê o pai?

— Foi no galpão.

— Você... — Coço a garganta tomando coragem para perguntar. — Sabia que o nosso pai trafica pessoas?

— Para de falar bobagem, Emily. — Ele me repreende e se esforça para se sentar na cama. — O nosso pai não seria capaz... — Arqueio uma sobrancelha e Eduard fica com a expressão assustada. — Não, Emily.

— É a verdade. Eu também não quis acreditar, mas...

— Allen... — Meu irmão chama o Dylan e ele vem para perto de nós. — É verdade?

— Sim, senhor Lewis. — Dylan afirma.

Se fosse possível, nesse exato momento, estaria saindo fogo pelas narinas do meu irmão. Eu vejo o ódio tomar conta dos seus olhos e isso me faz ter mais esperanças que o Eduard irá me ajudar. Meu irmão se levanta da cama com muita dificuldade, anda até a sacada do seu quarto e apoia as mãos na sacada. Ando em sua direção, toco em suas costas e ele me olha com os olhos marejados.

— Me conta a verdade sobre tudo.

— Eu tenho medo de descobrir a verdadeira face dele e a gente acabar sendo prejudicado por ele. — Eduard confessa.

— Eu também tenho, mas eu pretendo passar um tempo longe daqui, apenas para me afastar de tudo que é dele. — Informo o fazendo me encarar. — Você deveria fazer a mesma coisa. Siga as suas vontades, se forme em medicina e fique longe dessas coisas erradas do nosso pai.

— Vai ser muito difícil se livrar dele. — Ele comenta.

— Sim, eu sei. — Suspiro. — Eu estou atrás de provas para descobrir quem matou a nossa mãe...

— Foi o Turner. — Eduard rosna.

— Não, não foi! — Exclamo. — Eu estou atrás faz algumas semanas e não tive muitas provas ou informações novas. Aconselharam-me olhar o computador do nosso pai, lá tem mais provas que não foram mostradas para delegados e juízes.

— Emily... — Eduard me repreende balançando a cabeça de forma negativa. — Pare enquanto é tempo.

— Não vou. Eu quero que você me ajude. Por favor, Eduard. Precisamos descobrir a verdade.

— Não sei, Emily.

Dylan chama a minha atenção avisando que o meu pai acabou de chegar e eu olho para o meu irmão assustada. Espero que o meu pai não venha aqui, não quero ter que brigar novamente, mas não vou fugir se ele vier atrás de mim. Eduard pede para eu me acalmar, assinto e olho para água da piscina.

Amo tanto essa casa e as lembranças que tenho aqui. Quando era pequena, Eduard e eu corríamos por toda a extensão do quintal. Sempre rindo, brincando e nos divertindo. Lembro que a minha mãe sempre nos observava sorrindo e às vezes até brincava conosco.

— Lembra quando corríamos felizes por aqui, a nossa mãe sempre nos observando sorrindo. — Comento fazendo o Eduard sorri.

— Às vezes nós a deixávamos, nervosa com a nossa correria. — Eduard ri.

— Sinto tanta falta dela. — Um nó se forma em minha garganta e lágrimas inundam os meus olhos.

— Eu também. — Eduard me abraça bem apertado e eu permito que algumas lágrimas escorram pelos meus olhos.

Ouçó a porta do quarto se abrir, me afasto do meu irmão secando as minhas lágrimas e vejo que o meu pai está parado na porta da sacada, bem perto de nós. Ele está de terno, sua barba aparada e cabelo perfeitamente no lugar. Esse homem nunca foi um pai, nunca mostrou o seu amor paterno. Meus olhos vagam pelo ambiente e vejo os três seguranças particulares do meu pai em volta do

Dylan.

— Resolveu aparecer, Emily? — Meu pai questiona presunçoso.

— Vim apenas ver o meu irmão.

— Ficou sabendo que o seu namoradinho arrebentou o seu irmão?

— Primeiro, eles estavam lutando, seguindo todas as regras. Segundo, o Dominic não é meu namorado. — Informo com raiva e o meu pai ri.

— Onde você está passando esses dias? — Ele questiona curioso.

— Não vou falar. Eu estou muito melhor lá, do que estar aqui com você.

— Garota... — Meu pai rosna dando um passo na minha direção e o Eduard fica na minha frente. — Vai defendê-la, Eduard?

— Sim. Você é um covarde quando bate nela. Emily é mulher, sua filha e você não deveria fazer isso. — Meu irmão fala num tom rude enfrentando o nosso pai. — Você tem que ser consciente. Cara, ela é sua filha e você há espancou esses dias atrás.

— Apenas bati. Tentei dar uma lição nela. — Meu pai dá de ombros.

— Qual foi o resultado? Nenhum. Ela saiu de casa por sua culpa! — Eduard exclama nervoso.

— Lição? — Rio sem humor. — Você é um babaca, James.

— Some da minha casa e esqueça que é minha filha. Você já é adulta para ficar em baixo da minha asa. — Meu pai aponta para a porta com um sorriso debochado nos lábios. — Pegue o restante de suas coisas e suma.

— Com todo o prazer.

Saio de trás do meu irmão, passo pelo meu pai e sinto um puxão no meu cabelo antes de ser arremessada em cima da cama. Solto um gemido agonizante por causa da dor que ainda sinto em meu corpo, ouço o Eduard gritar com o meu pai, mas não consigo entender o que é.

Consigo pular para fora da cama e não espero mais nenhum segundo para ir pra cima do meu pai. Acerto um soco no seu tórax, ele arregala os olhos e me derruba com um simples chute. Droga! Não vou apanhar novamente. Ele vem para cima de mim, consigo ser mais rápida e dou um soco em seu olho. Meu pai rosna e acerta três tapas, seguidos em meu rosto.

Filho da puta!

— Eu vou te dar mais um e último aviso. Você vai ficar longe do vagabundo Turner ou eu vou matar ele. — Meu pai avisa próximo ao meu rosto.

— Você não ouse encostar um dedo nele. — Rosno antes de cuspir o sangue que está em minha boca.

— Eu não preciso fazer nada, apenas mandar. Já ferrei com ele uma vez, a segunda vai ser ainda mais fácil.

A sua fala fica ecoando em minha mente e em estalo me faz entender tudo.

— Você foi o culpado...

Agora tudo faz sentido. O meu pai fez de tudo para manter o Dom longe de mim e o resultado foi apenas acusa-lo do assassinato.

— Demorou para perceber. — Ele fala debochado e aproxima o seu rosto ainda mais do meu. — Aquele idiota não é capaz nem de matar uma mosca. — A sua risada fria me causa arrepios e eu mordo o meu lábio inferior tentando controlar as minhas lágrimas. — Eu até que fui bom com ele, conversei com as pessoas que iam fazer parte do jure e paguei uma boa quantia para inocentarem aquele idiota.

— Pelo menos fez algo sensato. — Ouço Eduard ironiza. — E eu sempre acreditei que o Turner era o assassino, mas eu estava enganado.

— Quem matou a minha mãe? — Questiono num grito.

Consigo chuta-lo de cima de mim, ele sai e me encara friamente. Levanto-me do chão, vejo um dos seguranças segurando o meu irmão e os outros dois estão segurando o Dyaln. Meu pai passa os dedos no seu supercílio secando as pequenas gotas de sangue que escorre do corte.

— Aquela vadia que você diz ser sua mãe, me traia com o amigo do seu namoradinho e ainda por cima ela queria me entregar para a polícia.

Minha mãe. Lembranças dela começam a passar em minha mente como um filme. Cada riso, cada conselho, cada lágrima, cada bronca, cada toque e simplesmente cada presença.

— Você... — As palavras somem da minha boca e eu já não consigo segurar as minhas lágrimas.

— Você acha que eu não seria capaz de mata-la? Enganou-se, querida filha. A sua mãe me traia, usava e abusava da mordomia que eu dava para ela. E você acha que eu deixaria isso barato? Eu não nasci para ser otário muito menos corno. Sua mãe sempre foi uma vadia, mas sabia me satisfazer na cama muito bem. Eu sempre tive outras mulheres, ela sabia, mas ficava quieta, pois não queria perder tudo que eu dava para ela. Só que conheceu, não sei aonde, o Jensen Brown e começou a ter um caso com ele.

— Não! — Grito. — Minha mãe nunca foi uma vadia. Você que sempre foi um filho da puta, não dava o valor merecido para ela. Se ela te traiu com o Jensen é porque ela cansou de você e porque você mereceu. Talvez se ela tivesse tido coragem antes, ela poderia ter se separado de você e estaria viva nesse momento. — Dou um passo em sua direção e aponto um dedo para ele. — Você é nojento, hipócrita, babaca e desumano. Você matou a minha mãe. Ela era tudo para mim.

— Matei e mataria de novo se fosse preciso. Ela sabia o risco quando começou o caso com o Brown. — Meu pai dá de ombros e se aproxima de mim.

— Você é uma vadia igual a ela.

Acerto um tapa em sua cara e recebo de volta um soco bem no meio do meu rosto. Caio zonha no chão, o teto branco do quarto gira de forma lenta e destorcida. Sinto uma mão segurar em meu pulso e sou puxada para cima dando de cara com o Dylan. Ele me guia para fora do quarto, ando trocando as pernas e antes que eu possa chegar dar mais um passo minha visão fica turva.

[...]

— Ele a agrediu novamente? — Ouço a voz do Oliver longe. — Filho da puta.

— Não adianta ficar nervoso. — Agora é a voz do meu irmão. — Ela só precisa ficar bem.

Sinto que estou deitada num lugar muito confortável e é calmo á minha volta. Mexo o meu corpo e um gemido rouco escapa da minha boca. Abro os olhos devagar, olho ao redor e vejo que estou num quarto de hospital. Meus olhos encontram o Oliver e o meu irmão. Os dois veem em minha direção com as expressões preocupadas e passo a minha mão direita em meu rosto. Olho para o meu braço esquerdo e vejo que estou tomando soro.

— Chame a enfermeira e a mande tirar essa droga do meu braço. — Ordeno.

— Você precisa descansar agora. — Oliver informa me fazendo revirar os olhos.

— Tenho que concordar com o Baker. — Meu irmão resmunga.

Fico quieta pensando no que aconteceu e começo a chorar de ódio. Como o meu pai teve coragem de matar a minha mãe? Eu a amava. Precisava dela comigo, mas ele apenas pensou somente sem si mesmo. A matou por ódio, pois não queria ser corno, mas ele sempre a traiu.

Ódio puro é o que eu sinto de James Lewis. Meu irmão se senta na poltrona ao meu lado, deita a cabeça para trás e fecha os olhos. Oliver para ao meu lado, oposto ao meu irmão e acaricia o meu cabelo.

— O seu irmão contou sobre a sua mãe. Como você está sentindo em descobrir a verdade?

— Estou com ódio dele. — Sussurro.

— Eu imagino. Quem iria desconfiar do seu pai? Meio impossível. — Oliver suspira. — Ainda não contei para o Dom, vou deixar você mesma contar.

— Cadê ele? — Questiono.

— Foi atrás da mãe junto com a Penélope, mas ele já está chegando.

— Você vai precisar ficar um tempo longe daqui, Em. — Meu irmão

informa de olhos fechados e na mesma posição ainda. — Vai ser preciso até a poeira abaixar a ele nos esquecer. Eu também vou ficar um tempo fora daqui.

— Vai ser bom e necessário. — Acabo concordando.

[...]

Já faz quase uma hora que eu acordei e somente agora o Dominic entra no quarto sendo seguido pela sua irmã. Meu irmão não está aqui e agradeço por isso. Não os quero se reencontrando, não pelo menos por enquanto.

Dom se aproxima de mim, acaricia o meu rosto e vejo que ele se controlar para não falar trilhões de xingamentos. Penélope acena para mim e vai para perto do Oli. Ela está com uma expressão tranquila e isso me deixa curiosa para saber se eles encontraram a mãe.

— Eu sabia que ele faria alguma coisa com você. — Dominic murmura. — Não era para você ter ido lá.

— Eu precisava ir e acabei descobrindo toda a verdade.

— O que? — Ele questiona.

Calo-me quando a porta se abre e uma enfermeira de cabelos brancos entra no quarto. Ela sorri para mim, retira a agulha do meu braço e coloca um pequeno curativo. Ela me informa que a doutora logo irá vir conversar comigo e sai do quarto em seguida. Percebo o Dominic apreensivo ao meu lado, seguro em sua mão e aperto levemente.

Hoje é a última vez que vamos ficar juntos, a próxima vez eu não sei quanto tempo irá demora a acontecer. A doutora de cabelos castanhos entra no quarto, pede para todos saírem e eles obedecem.

— Senhorita Lewis, sou a doutora April Moor e fui eu que a te atendi assim que chegou aqui.

— Como eu estou?

— Bem, pelo incrível que pareça. Fizemos alguns exames em você, todos estão bons e eu estou esperando apenas o exame de sangue para eliminar qualquer outra suspeita.

— Sairá ainda hoje? — Questiono.

— Infelizmente não. Apenas na quarta feira, mas você pode ver o resultado na internet se quiser.

— Eu quero que agilizem esse exame. Preciso saber do resultado até amanhã.

— Não acho que será possível. — Dra. April informa suavemente. — Recomendo que a senhorita descanse e não se estresse.

— Meio impossível. — Murmuro a fazendo me encarar. — Irei tentar e

peço que você agilize esse resultado. Vou sair da cidade amanhã mesmo.

— Vou pedir pressa e você pode ver o resultado pela internet, mas eu vou precisar que você retorne aqui o quanto antes se der alguma alteração.

— Tudo bem.

Troco mais algumas palavras com a doutora, saio do quarto e encontro todos parados no corredor. Meu irmão avisa que já pagou a conta do hospital, informa que vai até a nossa casa pegar a minha mala e eu o agradeço com um abraço. Seguro no braço do Dominic, andamos para o estacionamento do hospital em silêncio e a Penélope nos segue ao lado do Oliver.

Agora que eu sei da verdade, parece que tudo está errado. Tem algo faltando nessa história ainda e eu sei exatamente o que é. Como o meu pai conseguiu manter o Dominic preso por todo aquele tempo e fazer tudo aquilo para que ele fosse acusado do assassinato. Entro no carro do Oliver, me sento no banco de trás com o Dom e o Oliver dirige em direção ao prédio onde eles moram.

— O que a doutora disse? — Oliver pergunta quebrando o silêncio.

— Que estou bem, mas ela precisa ver o exame de sangue para eliminar qualquer suspeita.

— Suspeita? — Agora é a vez da Penélope questionar.

— Sim, também não entendi o que ela quis dizer, mas pedi pressa no resultado.

— Conta o que aconteceu. — Dom pede chamando a minha atenção.

— Eu fui conversar com o meu irmão, ver como ele estava e o nosso pai chegou. Nós discutimos novamente, ele começou a me agredir enquanto os seguranças seguravam o Eduard e o Dylan. Eu o deixei com muita raiva, assim como eu estava e ele contou a verdade sobre o assassinato da minha mãe.

— Meu Deus. Eu nem quero acreditar no que a minha mente acabou de inventar. — Penélope fala num tom baixo e agonizante.

— Se você está pensando que foi o meu pai que matou a minha mãe, você está certa.

— Filho da puta! — Dominic exclama nervoso.

— Ele a matou porque ela ia denuncia-lo e porque ela estava tendo um caso com o Jensen.

— Sua mãe tinha um caso com o Jensen? — Oliver, Penélope e Dominic questionam no mesmo segundo.

— Sim, segundo o meu pai. — Deito a minha cabeça no ombro do Dom e suspiro segurando as lágrimas. — Vou precisar ficar um tempo longe da cidade.

— Em...

— É preciso e vai ser bom. — Informo interrompendo o Dom.

[...]

Chegamos ao apartamento do Dominic um pouco antes das três da tarde, a Penélope disse que ia ficar no apartamento do Oliver para nos dar privacidade e o irmão concordou. Eu sei que ele não gostou sobre eu passar um tempo fora da cidade, mas é preciso. Sento-me no sofá, exausta, apoio os meus braços em meu joelho e coloco as mãos em meu rosto.

Por quê?

É a pergunta que está rondando a minha cabeça desde o segundo que eu descobrir o verdadeiro assassino da minha mãe. Sinto o Dom se sentar ao meu lado, seu braço passa pelos meus ombros e eu me permito chorar contra o seu peito.

Por anos todos acreditaram, quem não conhece o Dom, que ele foi o verdadeiro assassino da minha mãe, mas o culpado é o meu pai. Eu quero saber mais sobre isso. Quero saber quem fez o serviço por ele e porque ele colocou a culpa no Dom.

— Eu não quero que você suma daqui. — Dom sussurra contra o meu cabelo.

— Vai ser preciso e vai ser uma segurança para você. Meu pai ameaçou novamente ferrar com você e desta vez não existe cadeia nessa ameaça.

— Ele ameaçou me matar? — Dom questiona e eu apenas afirmo com a cabeça. — Ele não vai fazer isso. Ele apenas quis te deixar fora de si.

— Eu não sei, Dom. Eu espero de tudo que venha do meu pai, mas tente entender... — Seguro o seu rosto entre as minhas mãos. — Eu preciso ficar algum tempo longe daqui. Preciso colocar a minha cabeça no lugar, esquecer o meu pai e só depois, quem sabe, voltar.

— E a gen... — Dominic se cala quando ouve a campainha tocar, se levanta do sofá e abre a porta. — Oi Lauren.

Observo a Lauren entrar no apartamento, nossos olhares se cruzam e ela se vira para o Dom. Não era para ela aparecer logo agora aqui. Que droga! Percebo que o Dominic fica sem reação com a presença da Lauren e eu fico na minha.

Talvez eles ainda tenham algo a conversar, mas... Calma. Eles não terminaram o pequeno lance que eles tinham ou se terminaram o Dom não me contou nada. Tá, eu sei exatamente que eles não tinham nada sério, assim como nós, mas o certo é ele ficar apenas com uma.

— Eu vim conversar com a Penélope, ela não está? — Lauren pergunta de forma sutil.

— Ela está no apartamento do Oliver. — Dominic informa.

— Vou lá, então. Depois conversamos, Dom. — Lauren dá um beijo na bochecha do Dom e sai do apartamento em seguida.

Dominic fecha a porta e se vira para mim. Isso foi bem estranho. Do nada a Lauren apareceu aqui e fingiu que nada estava acontecendo, mas prefiro deixar isso quieto. Quero apenas aproveitar os meus últimos segundos com o Dominic. Levanto da onde estou sentada, ando na direção do Dominic e colo as nossas bocas de forma urgente.

Suas mãos vão para a minha cintura, meus braços passam pelo seu pescoço e eu impulsiono o meu corpo para cima. Prendo as minhas pernas ao redor da sua cintura, as mãos do Dom vão para a minha bunda e apertam de forma nada sutil.

Estou triste por ter que ir embora, mas tenho a esperança de voltar em breve e voltar para ficar definitivamente com o meu Dom.



CAPÍTULO 12

*Sim, eu preciso de você agora.
Então não me deixe, não me deixe,
não me deixe para baixo
Eu acho que estou perdendo
minha mente agora
Está na minha cabeça, querida,
eu espero que você estaria aqui
quando eu mais preciso de você*

The Chainsmokers — Don't Let Me Down

Dominic

Ontem, após a minha conversa não tão agradável com a Emily sobre a minha mãe, decidi que vou atrás da minha mãe hoje. Estou fazendo isso pela minha irmã, pois se fosse por mim não faria. Minha mãe não merece. Ela já mostrou diversas vezes que eu e a minha irmã não somos o suficiente para ela largar os vícios. Hoje mais cedo a Emily decidiu ir na casa dela conversar com o irmão, tenho medo de ela encontrar o pai e ele agredi-la novamente, mas prefiro pensar que isso não vai acontecer. Não pode.

— Ai, Dom e se nós não a encontrarmos? — Minha irmã questiona pela milésima vez enquanto andamos pelas ruas do nosso antigo bairro.

— Vamos procurar outros dias, se não a acharmos hoje.

Penélope suspira e concorda de mau agrado. Paramos na beira da calçada enquanto aguardamos o semáforo dos pedestres ficar verde e encaro a minha irmã quando a sinto tocar em meu braço. Olho na mesma direção que ela e vejo a nossa mãe andando em nossa direção, mas a sua cabeça está baixa e duvido muito que ela já tenha nos visto.

A minha irmã segura em meu braço e andamos em direção à nossa mãe. Confesso que já estava sem esperanças de encontra-la hoje, pois já faz quase duas horas que estamos procurando por cada canto desse bairro.

— Mãe... — Penélope a chama quando chegamos perto.

Minha mãe levanta o rosto para nós e sorri com lágrimas nos olhos. Ela faz menção de nos abraçar, mas eu nego com um aceno de cabeça e ela abraça o próprio corpo.

— Oh, meus amores. Que saudade eu sinto de vocês. — A voz da minha mãe está embargada por causa de sua emoção e ouço a Penélope soluçar ao meu lado. — Filha, você está tão linda.

— Obri-Obrigada. — Penélope gagueja.

— Polly, nós viemos atrás da senhora, pois queremos ajudá-la. Somente se você quiser. — Informo a fazendo franzir o cenho. — Queremos te colocar numa clínica de reabilitação.

— Ai, Dom. Eu não posso. — Ela suspira e lágrimas começam cair dos seus olhos. — Essas clínicas são caras e vocês não podem gastar dinheiro comigo.

— Estamos te dando essa chance, pois queremos a nossa mãe de volta. — Penélope informa.

— Eu... — As palavras somem da boca da minha mãe e ela abaixa a cabeça.

Eu não procurei nada de clínicas de reabilitação, mas quero fazer isso somente se a minha mãe quiser ser ajudada. Não irei obrigá-la e muito menos vou voltar a procurá-la se ela não aceitar. Não quero uma mulher viciada perto de mim e da minha irmã. Eu sei que ela é a minha mãe, a mulher que me deu a luz, mas eu não posso suportar os seus vícios.

Minha irmã troca algumas palavras com a nossa mãe, mas eu não presto atenção, pois o meu celular vibra em meu bolso e eu franzo o cenho ao ver o nome do Oliver no visor. Estranho. Essa hora era para ele estar trabalhando. Abro a mensagem e o meu coração falha uma batida.

"Dom, não tenho uma notícia boa. O pai da Emily bateu nela de novo e o Dylan a trouxe para o hospital Exel More em Beverly Hills. Vem para cá o mais rápido possível."

Eu sabia que ia acontecer algo. Sabia! Droga! Guardo o meu celular em meu bolso e chamo a atenção da minha irmã.

— Preciso ir para Beverly Hills.

— O que aconteceu? — Minha irmã questiona preocupada.

— Emily está no hospital.

— Vão e amanhã nós conversamos sobre a minha internação. Eu vou querer. — Minha mãe avisa chamando a nossa atenção e eu fico surpreso. — Eu quero ser livre desses vícios.

— Que bom, mãe. — Um suspiro de alívio sai da boca da minha irmã e ela seca a última lágrima que escorre por sua bochecha. — Amanhã eu volto. Me encontre aqui e no mesmo horário.

— Vou esperar vocês. — Minha mãe sorri mostrando os seus dentes amarelados.

[...]

Estou a ponto de explodir se raiva quando entro no quarto da Em e a vejo deitada na cama de hospital. Aproximo-me da cama, acaricio o seu rosto e aperto os meus lábios tentando controlar os xingamentos que quero dizer. Percebo que apenas o Oliver está aqui e agradeço mentalmente por não ter que ver a cara do Eduard.

— Eu sabia que ele faria alguma coisa com você. — Murmuro. — Não era para você ter ido lá.

— Eu precisava ir e acabei descobrindo toda a verdade.

— O que?

Emily se cala quando uma enfermeira entra no quarto e eu nem faço questão de prestar atenção na senhora. Estou tão puto com o pai da Emily. Só quero entender o porquê de mais uma agressão.

A sinto apertar a minha mão me trazendo conforto e em seguida saio do quarto com os demais quando a doutora responsável pelo caso da Emily entra no quarto pedindo para deixarmos elas a sós. Fico encostado na parede ao lado da porta e vejo o irmão da Emily vindo em nossa direção. Até que a sua aparência está melhor.

— Cadê a minha irmã? — Ele questiona.

— A médica está conversando com ela e pediu para deixa-las a sós. — Oliver responde sem olhá-lo.

A porta do quarto se abre, Emily sai, o Eduard avisa que já pagou a conta do hospital e informa que vai até a casa deles pegar a mala da irmã. Emily o agradece com um abraço e eu estranho essa atitude. Se eu me lembro eles estavam brigados, mas isso não é assunto meu.

Emily segura em meu braço, andamos em direção ao estacionamento e a minha irmã nos segue ao lado do Oliver. Percebo que ela está estranha, talvez tenha descobrindo algo e ainda esteja digerindo a notícia. Entramos no banco de trás, a minha irmã se senta na frente ao lado do Oliver e ele dirige em direção ao nosso prédio.

— O que a doutora disse? — Oliver pergunta quebrando o silêncio.

— Que estou bem, mas ela precisa ver o exame de sangue para eliminar qualquer suspeita. — Emily responde.

— Suspeita? — Penélope questiona.

— Sim, também não entendi o que ela quis dizer, mas pedi pressa no resultado.

— Conta o que aconteceu. — Peço chamando a sua atenção.

— Eu fui conversar com o meu irmão, ver como ele estava e o nosso pai chegou. Nós discutimos novamente, ele começou a me agredir enquanto os seguranças seguravam o Eduard e o Dylan. Eu o deixei com muita raiva, assim como eu estava e ele contou a verdade sobre o assassinato da minha mãe.

— Meu Deus. Eu nem quero acreditar no que a minha mente acabou de inventar. — Penélope fala num tom baixo e agonizante.

— Se você está pensando que foi o meu pai que matou a minha mãe, você está certa.

— Filho da puta! — Exclamo nervoso.

Claro, agora tudo começa a se encaixar, não devidamente, mas começa. O pai dela fez de tudo para me deixar trancafiado acusado de algo que ele mesmo

cometeu.

— Ele a matou porque ela ia denuncia-lo e porque ela estava tendo um caso com o Jensen.

— Sua mãe tinha um caso com o Jensen? — Oliver, Penélope e eu questionamos no mesmo segundo.

São muitas informações juntas. O James Lewis é o verdadeiro assassino de Margareth Lewis. Jensen, meu amigo, tinha um caso com a mãe da Emily... *Caraca!*

[...]

Eu não gostei nem um pouco de saber que a Emily vai embora. Eu sei que não será por pouco tempo e isso me quebra por dentro. Eu entendo que ela precisa de um tempo, *mas longe de mim?* É o questionamento que ronda a minha mente. Eu não sou capaz de compreender o que a se passa na mente da Emily, mas eu sei que ela está confusa e cheia de questionamentos.

Fecho a porta, me viro para a Emily. Isso foi bem estranho. Do nada a Lauren apareceu aqui e fingiu que nada estava acontecendo, mas prefiro deixar isso quieto por enquanto. Depois eu pergunto para a minha irmã o que a Lauren conversou com ela. Emily se levanta do sofá, anda na minha direção e em segundos cola a nossa boca de forma urgente.

Minhas mãos vão para a sua cintura, seus braços passam pelo meu pescoço e ela impulsiona o meu corpo para cima. Prende as minhas pernas ao redor da minha cintura, as minhas mãos vão para a sua bunda e apertam de forma nada sutil. Eu não quero nem pensar na decisão que ela tomou de ir embora, mas eu vou precisar entender a sua decisão.

Ando em direção ao meu quarto mantendo a Emily firme contra o meu corpo e logo deito os nossos corpos em minha cama. As mãos da Emily passam de forma despertada pelo meu corpo tentando tirar a minha roupa, mas eu não quero pressa nesse momento. Pode ser o nosso último.

— Calma, Em. Vamos aproveitar esse momento...

— Pois pode ser o último. — A sua voz sai carregada de tristeza e eu vejo lágrimas nos seus olhos.

— Não vai ser o último. — Aviso de forma possessiva.

Beijo o seu colo devagar, subo para o seu pescoço e mordo o lóbulo de sua orelha. As mãos da Emily passam pelos meus braços, chegam na barra da minha camiseta e puxa a peça para cima deixando o meu tórax nu.

As marcas em seu corpo chamam a minha atenção, e eu tento não estragar o nosso momento por causa disso.

Por mais que eu seja mais forte do que a Em, ela consegue virar os nossos corpos e fica montada em meu colo. Seu cabelo cai como cascata pelos seus ombros e seios. Observo cada mínimo detalhe do seu rosto e acaricio a sua bochecha. Ela beija a palma da minha mão e uma lágrima escorre pelo seu rosto.

— Eu vou voltar. Voltar por nós e para você. — A sua voz sai sussurrada e eu a puxo para os meus braços.

[...]

Observo a Emily dormir tranquilamente debaixo do edredom que esconde o seu corpo nu. Ouço a campainha tocar, beijo a suas costas nuas e sigo para fora do quarto. Assim que abro a porta me surpreendo ao ver o Eduard. Ele está segurando uma mala grande e ao seu lado no chão tem outra mala de rodas. Dou passagem para ele entrar e assim faz.

— Como você descobriu o meu endereço? — Questiono.

— Dylan me trouxe para cá. — Eduard responde sem dar muita atenção e procura a irmã pelo ambiente. — Cadê a Emily?

— Está dormindo.

— Preciso conversar com ela...

— Mas ela precisa descansar. — Informo o interrompendo.

Eduard assente, ele deixa as malas no canto da sala e se senta no sofá. Sento-me no sofá oposto e o encaro. Ter o Eduard aqui é estranho, ainda mais depois de tudo o que aconteceu e da nossa luta na noite passada.

— Meu pai armou tudo para a sua prisão. Ele soube fazer tudo certo e com diversos aliados. Emily e eu nunca ficamos sabendo e nem íamos se ela não tivesse o confrontado. — Eduard faz uma pausa para respirar fundo e os seus olhos encontram os meus. — Eu sempre acreditei no que o meu pai dizia, eu acreditava que você era o assassino, mas nunca consegui entender o motivo para você ter feito aquilo.

— Seu pai é desumano. Mata a esposa, coloca uma pessoa inocente na cadeia e ainda espanca a filha. — Cruzo os meus braços em frente ao corpo. — Não posso esquecer de mencionar a máfia.

— Meu pai é perigoso e somente agora eu tenho ciência disso. Cara, a coisa que eu mais quero é me mandar daqui junto com a minha irmã.

— Não acho certo ela sair daqui...

— É o certo a se fazer. — Eduard me corrige de forma rude. — Eu vou proteger minha irmã custe o que me custar.

— Mas...

— Mas o que, Turner? — Eduard questiona irritado. — Nós dois

precisamos de proteção por algum tempo. Se tudo se acalmar, minha irmã irá voltar e vocês se resolvem. Droga! Pense na segurança dela.

Tá, eu entendo. Faria a mesma coisa com a minha irmã, mas eu não sei se consigo aceitar essa decisão. Porque quando tudo entre nós tem para dar certo, vem uma avalanche arrastando tudo.

A porta do apartamento se abre, a minha irmã entra um pouco descabelada e vai rumo ao seu quarto rapidamente. Balanço a cabeça para os lados ignorando as atitudes estranhas da minha irmã e me volto para o Eduard.

— Para onde vocês pretendem ir? — Questiono.

— Não sei ainda, mas não será para fora do estado ou da cidade.

— E por quanto tempo vocês pretendem ficarem longe?

— Não sei, Turner. Vai ser o tempo que for necessário.

Cara, eu não quero isso! Mas eu não posso interferir muito na decisão. Ouço passos se aproximando, olho para trás por cima do meu ombro e vejo Emily, vindo em minha direção. Meus olhos passeiam pelo seu corpo e queimo de raiva ao ver as marcas em algumas partes expostas do seu corpo.

Ela se senta ao meu lado bocejando, passa uma das mãos no rosto e encara as malas. Eu sei que ela também não quer se afastar, mas... Balanço a cabeça de forma negativa.

Vou para a cozinha a deixando a sós com o irmão e apoio os meus braços na pia. Que mundo difícil e cruel. Fiquei anos preso injustamente, meu pai está preso há anos e minha mãe é uma viciada.

Tinha tudo para a minha vida ser uma merda, mas eu fiz as minhas escolhas e rumos da minha vida. Quero apenas ter uma vida tranquila, sem essas merdas e sem o desgraçado do Lewis.

[...]

— Dom... — Ouço a voz da Emily e olho na direção da porta de entrada do apartamento do Oliver. — Não vi você saindo.

Vim para cá logo depois que a deixei conversando com o irmão na sala do meu apartamento, eles precisavam de privacidade e eu não queria mais ouvir sobre eles se mudarem. Observo a Emily fechar a porta do apartamento ao entrar, ela se senta ao meu lado e cruza os braços em frente ao seu corpo.

Oliver oferece uma cerveja para ela, mas ela nega. Nesse pouco tempo que estou aqui no apartamento do Oliver, disse tudo que estava sentindo em relação à mudança da Emily. Ele também não quer que ela se vá, mas... Não podemos fazer nada.

— Decidiram quando vocês vão embora? — Oliver pergunta.

— Hoje à noite. — Emily responde.
— Já?
— Sim, Dom. O quanto mais cedo vai ser melhor.
— Não gosto da ideia de você ir para outra cidade. — Oliver murmura.
— É por pouco tempo e será para proteger a todos. — Ela suspira e abaixa o olhar. — Eu não queria ir, mas não posso arriscar mais nada.
— Podemos arrumar outro jeito... — Suponho dando de ombros.
— Não, Dom. Esse será o melhor jeito.
— Mas eu não aceito isso!
— Não aceito isso também, mas é para o bem de todos, Dominic!

Calo-me encerrando o assunto, senão, podemos brigar e eu não quero isso. Bebo um grande gole da minha cerveja, passo a minha mão sobre a minha boca em seguida e encaro o chão. Quando eu saí da cadeia há pouco mais de dois meses, eu não queria aproximação com a Emily e muito menos voltar a lutar no *Fight*, mas mudei de opinião em pouco tempo.

Estou de volta no *Fight* disposto a mostrar o meu melhor a cada dia... E principalmente não perder a Emily.

Vejo pelo canto do meu olho Oliver ir rumo ao seu quarto para atender o celular, deixo a minha garrafa quase vazia em cima da mesa de centro e puxo a Emily para os meus braços. Há oito anos essa menina me atrai e eu me sinto bem estando com ela.

— Espero que você volte logo.
— Eu também. — Ela solta ao final da frase e deita a cabeça em meu peito. — Vou sentir muito a sua falta.
— Eu também, Em.— Beijo o topo de sua cabeça e os seus braços se apertam ao redor da minha cintura, mas ela se afasta em seguida e me encara. — O que foi?

— Você não ouse ficar com qualquer vagabunda nesse tempo que eu estiver fora, principalmente com aquela Lauren. Eu não me esqueci do casinho de vocês não.

— Emily... — Gargalho. — Isso tudo é ciúmes da Lau?
— Lau?— Ela questiona incrédula e eu rio ainda mais. — É melhor você para, Dominic.

— Ei, não precisa se preocupar com nada disso. — Acaricio o seu cabelo e seguro em sua nuca. — Você é a única mulher que eu quero e eu vou esperar você voltar. Temos uma história para continuar ainda.

— Temos uma história a continuar. — Emily afirma contra os meus lábios e em seguida recebo um beijo casto. — E vamos ter uma longa história juntos ainda.

Sorrio afirmando, aprofundo o nosso beijo e as suas mãos seguram de forma possessiva em minha camiseta. Uma tossida forçada acaba com o nosso momento e a Emily ri olhando para trás de mim. A porta do apartamento se abre novamente, minha irmã entra e se senta no outro sofá.

Ela e a Emily começam a conversar tranquilamente, e isso é muito bom. Nunca quis que a amizade delas tivesse acabado, mas estou vendo que essa amizade irá voltar ainda mais forte. Minha irmã sempre foi ciumenta quando eu me relacionava com qualquer garota, mas quando ela soube de mim e da Emily há oito anos, eu não vi o ciúmes ali e sim, a felicidade.

— É até que vai ser chato em não ter você por perto. — Minha irmã comenta de forma indiferente olhando para as suas unhas.

— Você vai sentir a minha falta que eu sei. — Emily fala cheia de presunção.

— Você que pensa, cunhadinha. — O tom de voz da minha irmã é irônico e faz a Emily rir.

— Cunhadinha? Eu vivi para ouvir isso. — Oliver comenta antes de gargalhar. — Vocês duas...

— Desde quando se conheceram se provocam deste jeito. — Comento.

— A gente era tão novinha, né? — Minha irmã comenta pensativa. — Naquela época as coisas eram tudo mais difíceis, ainda mais quando tudo desmoronou.

— Ei, sem assuntos tristes. — Oliver pede acariciando o cabelo da minha irmã.

[...]

Observo o abraço da minha irmã com a Emily e respiro fundo sentindo o nó formado em minha garganta. A minha Em abraça o Oliver, fala algumas coisas para ele o fazendo assentir. Seu olhar profundo cruza com o meu e lágrimas atrapalham a sua visão. Abro os meus braços, Emily se joga entre eles e a aperto contra o meu corpo.

Marcando pela última vez em minha memória o seu cheiro, o seu toque, o seu perfume... A marcando por completa em mim. Ouço-a soluçar e em seguida lágrimas molham o meu ombro. Estou me controlando muito para não chorar junto com a Em, mas estou no limite já.

— Se cuida e entre em contato comigo. — Peço em seu ouvido.

— Se cuida também e eu vou entrar em contato às vezes. — Emily avisa.

— Não suma, senão, irei ficar louco.

— Não vou e, por favor... — Ela suspira novamente e o seu choro se torna

mais intenso. — Não se esqueça de nós e me espere.

— Eu vou te esperar e jamais vou te esquecer.

— Eu vou voltar.

Seguro o seu rosto entre as minhas mãos, seco as suas lágrimas e os nossos lábios se chocam. É um beijo demorado, cheio de saudade já e de sentimentos. Termino o beijo com diversos selinhos, retorno a secar as suas lágrimas e nos abraçamos a última vez antes da Emily sair do meu apartamento. Antes que o seu irmão também saia, peço para ele cuidar dela e ele concorda.

Minha irmã fecha a porta e olha para mim chorando. É não está sendo e nem vai ser fácil para ninguém aqui. Vou até a janela da sala de estar, me apoio na mesma e fico esperando até a Emily aparecer em minha direção. Não demora muito e eu a vejo se encostar-se ao carro antes de ser abraçada pelo irmão.

— Volta logo. — Peço internamente.

[...]

Já faz dez dias que a Emily se foi e só tive uma notícia dela até hoje, estou aflito para saber informações, mas não tenho como entrar em contato com ela. Ela enviou uma simples mensagem para a minha irmã há cinco dias dizendo que estava bem e que estava morrendo de saudade. Eu também estou, mas tento não transparecer isso na frente de todos.

Hoje seria um dia que eu deveria estar feliz e comemorando o meu aniversário de trinta anos, mas não é isso que está acontecendo. Minha irmã inventou de fazer um jantar para comemorarmos o meu aniversário, mesmo com eu negando essa ideia. Não posso me esquecer que também faz nove dias que a minha mãe foi para um clínica de reabilitação e que está disposta a se livrar dos vícios.

— Coloque um sorriso em seu rosto, senão, irei te jogar por aquela janela.

— Minha irmã ameaça me fazendo dá um pequeno sorriso.

— Pen, você sabe que eu não queria isso...

— Eu sei, mas fiz apenas para te tirar dessa *bad*.

— Não estou nesse negocio aí. — Resmungo a fazendo ri.

— Tá, senhor Turner, mas colabore com a minha ideia do jantar de aniversário.

Assinto diante do seu pedido e ela vai rumo á cozinha. Observo os meus amigos ao redor e vejo o quão sou sortudo por tê-los ao meu lado. Jensen fala algumas palavras relacionadas a mim, levantamos as nossas garrafas de cerveja para cima num brinde e agradeço a presença deles. Penélope volta correndo para a sala com o celular em mãos, ela sorri e me entrega o mesmo. É uma nova

mensagem da Emily.

"Parabéns, Dom. Muitos anos de vida, paz e amor. Seja feliz nesse mais um ano e espero que você ainda esteja me esperando. Se divirta muito hoje, você merece. Beijos."

Como sempre é uma mensagem curta, mas muito significativa. Digito uma rápida mensagem e envio antes de devolver para a Penélope.

"Obrigado, Em. Quero você de volta logo e seria um ótimo aniversário se você estivesse aqui. Espero que você esteja bem."

Percebo a minha olhando para o nada e sua atenção está em outro mundo. Apesar da minha irmã ainda não ter voltado a sua amizade cem por cento com a Emily, sei que ela também sente falta, mas a Em não pode voltar por enquanto. James está atrás dela e de seu irmão, não posso me esquecer de mencionar a minha quase certeza que ele esteja me monitorando.

Confesso que está sendo difícil conviver com a saudade que existe dentro de mim, mas pelo menos consigo me distrair com as minhas lutas. Sinto uma mão pequena tocar em meu ombro, olho para o lado e vejo que a Lauren acabou de chegar. A cumprimento com um abraço, ela me parabeniza e me entrega um envelope.

— Não precisava.

— Como não?— Ela sorri. — Abre e me diz se gosta.

Faço o que ela pede e sorrio ao ver que é um ingresso para eu ir assistir um jogo dos Vikings. Amo futebol americano e esse é o time para qual eu torço. Dou um beijo demorado na bochecha da Lau agradecendo novamente e aviso para ela ficar a vontade.

Os meus amigos perguntam o que eu ganhei e assim que eu conto o que é, eles começam a pedir ingressos para a Lauren. Ela ri debochada com os pedidos e vai ajudar a minha irmã na cozinha. Dou mais um gole na minha cerveja e tento conversar com os meus amigos, mas está muito difícil tirar a Emily dos meus pensamentos.

— Teve notícias dela?— Noah pergunta num tom baixo para que somente eu possa escutar.

— Somente uma. Ela apenas me disse que estava bem.

— Complicada essa vida dela, em. — Ele comenta pensativo.

— Cara, quem dera se fosse apenas complicada. — Suspiro a fazendo

assentir. — Mas ela vai voltar em breve.

— É, Dom. Vocês merecem ficarem juntos, ainda mais depois de tudo que se passou entre vocês.

Ouçõ a Lauren me chamar, me levanto do sofá e vou até a porta da cozinha. Daqui eu consigo ver a minha irmã e a Lola terminando de preparar do jantar desta noite. Volto a minha atenção para a Lau e ela olha em meus olhos. Ela é maravilhosa, mas não consigo deixar a Emily de lado por causa dela. O rápido romance que tivemos foi bom, mas eu estava usando-a para preencher o local aonde a Emily abita em mim.

— Podemos conversar sobre nós? — Lauren pergunta.

— Temos que conversar mesmo.

— Eu não vou te cobrar explicações sobre eu ter visto a Emily aqui, eu nem devo fazer isso, mas é bom conversamos sobre nós. — Ela suspira antes de voltar a falar. — Gosto muito de você, mas talvez o nosso romance não dê certo, ou melhor, não deu certo como pensávamos que ia. Melhor sermos bons amigos, se tivermos benefícios nesse meio, não me importo, mas não vou ficar de segunda opção ou sendo traída.

— Lau, eu entendo perfeitamente. Quero que você saiba que eu nunca tive a intenção de engana-la ou qualquer outra coisa.

— Eu sei que sim, Dom. Você não é de fazer esses tipos de coisas.

— Mas você pode ter pensado isso, que eu sei. — Reflito e ela mania a cabeça para os lados. — Vamos ficar numa boa, Lau. Gosto de você.

— Eu sei. Também gosto de você e quero ficar numa boa contigo também. — Ela me direciona um lindo sorriso.

Minha irmã passa entre a gente apenas para atrapalhar a nossa conversa, sorri de forma cínica para a amiga e vai rumo aos demais. Essa questão de gostar da Lauren é apenas uma simples amizade. O que eu disse para a Emily é a verdade, eu vou esperar ela voltar independente do tempo que demorar. Penélope avisa que o jantar está pronto, nos reunimos na pequena mesa na cozinha e eu fico em pé apenas para dar algumas palavras.

— Agradeço a todos vocês por virem e por fazerem parte da minha vida. Sou muito grato a todos pela amizade e principalmente por ter cuidado da minha irmã nesses anos que eu estive preso... — Vejo que a minha irmã me observa com os olhos marejados e pisco para ela. — Não tenho muito a dizer, apenas ser grato eternamente por cada um de vocês e... Obrigado.

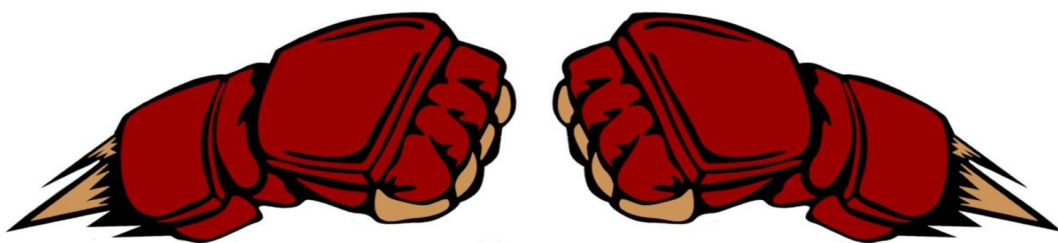
— Vou falar também. — Penélope informa ao ficar ao meu lado. — Esses oito anos que se passaram foi extremamente difícil sem ter o meu irmão comigo, mas considero todos aqui como irmãos também. Não somos de sangue, mas somos uma grande e bela família. Esse jantar é o mínimo que eu posso estar

fazendo para comemorarmos mais um ano de vida do Dom e agradecer por nós temos vocês.

— A nós... — Oliver fala e levanta a sua garrafa.

— A nossa... — Jensen fala levantando a sua.

— Família. — Todos falam juntos e com as garrafas de cerveja para o alto.



EPÍLOGO

*Não quero ser alguém que
vai embora facilmente
Estou aqui para ficar e fazer
a diferença que posso fazer
Nossas diferenças, elas fazem muito
nos ensinando a usar
As ferramentas e os dons que temos,
sim, há muito em jogo
Jason Mraz — I Won't Give Up*

Emily

Outubro 2018...

Há pouco mais de um ano e meio eu saí fugida de Los Angeles, sim já faz todo esse tempo e eu me sinto mal a cada dia que passa. Só não estou toda acabada por causa da saudade por um motivo muito especial. O anjinho que dorme em meus braços nesse exato momento. Dois dias após a minha despedida de Los Angeles, vim para *Solvang* e descobrir que estava grávida de um mês e pouco.

Não tive a oportunidade de contar para o Dominic, não me comunico com ele porque quero mantê-lo seguro e protegido. Estou aqui há tanto tempo que eu não sinto mais vontade de nada. Meu irmão e eu estamos sobrevivendo com a pouca herança que a nossa mãe nos deixou. Estamos morando num quarto de hotel e isso é tão incomodo. Tá, não é somente um quarto. Tem uma pequena cozinha e uma minúscula sala.

Fico aqui vinte e quatro horas por dia. Respiro e vivo por causa do meu filho, sem ele hoje em dia eu não seria nada e com certeza já teria feito besteira. Andrew já está com quase nove meses e é muito parecido com o pai. Eu sinto tanta vontade de contar para o Dominic sobre o seu filho, mas não posso arriscar. Sei que o meu pai ainda nos procura e monitora o Dom a cada segundo que pode.

A porta do apartamento se abre e o meu irmão entra após mais um dia de trabalho. Aqui nessa cidade estamos usando nomes falsos e tive que mudar um pouco a minha aparência. Meu cabelo está mais curto, acima dos ombros e sua cor está quase num vermelho bordo. Meu irmão esta com o cabelo ralo e sem barba. Isso tudo por pura proteção a nós. As pessoas que nos vê quase diariamente acha que Eduard e eu somos casados, e isso no inicio foi muito cômico.

— Já jantou? — Eduard questiona ao deixar a sua mochila em cima da mesa de centro.

— Já. Deixei o seu prato dentro do forno, acho que ainda está quente.

— Alguma novidade? — Ele pergunta se sentando no outro sofá e eu balanço a cabeça de forma negativa. — Também não tenho. Conversei com o Dylan mais cedo e ele disse que Torres ia ligar hoje á noite para contar como estão as coisas em Los Angeles.

— Eu quero voltar para lá. Não aguento mais ficar aqui.

— Eu também não. A vida é tão monótona aqui, é chato. Quero ação, quero

lutar novamente...

— E eu quero apresentar o Andrew para o pai dele.

— Ele vai pirar por causa de você não ter contado antes. — Meu irmão informa debochado.

— Eu sei das consequências, mas foi para protegê-lo.

— Ele terá que entender, mas... — Ele se levanta e vem na minha direção para acariciar a cabeça do sobrinho. — Quando ele ver esse moleque, vai te perdoar.

Dou um sorriso sincero para o meu irmão, levanto do sofá e ando em direção ao meu quarto. Coloco o Andrew deitado no meio de nossa cama, me sento na janela e abro a agenda do meu celular. Quero muito conversar com o Dom, com o Oliver e principalmente com a Penélope. Todos os dias eu tento imaginar como ser a reação deles ao ver que tive um filho com o Dom, e principalmente se vão me odiar ou não.

Dois meses após a nossa fuga de Los Angeles, meu pai deu uma entrevista e os reportes perguntaram por mim e pelo meu irmão. O meu pai colocou um sorriso falso nos lábios e disse que nós dois tínhamos viajado para outro país com a intenção de estudar. Claro que eu o xinguei, o amaldiçoei e chorei de ódio. Nesse tempo que se passou o Dylan sempre vem nos mantendo informados, ele também teve que se mudar com a mulher e com a filha para cá.

Não podia os deixar correndo risco também. Sumimos do mapa e dos olhos do meu pai. Dylan tem um aliado entre todos os seguranças do meu pai e sempre é informado uma vez por semana do que acontece lá. Em algumas dessas informações fiquei sabendo que o Dom voltou com tudo para as lutas e está sendo muito cotado por diversos empresários. A cada dia que passa ele se torna melhor, mais experiente e praticamente invencível.

Sinto muito orgulho e aliviada por ele não ter sido prejudicado cem por cento por causa da prisão. Meus dedos passam pela tela do celular a procura do número da Penélope e logo o encontro. Eu não posso me arriscar sempre, mas quando eu posso eu envio uma mensagem curta avisando que estou bem. É raro eu enviar mensagens para ela ou para qualquer outra pessoa, mas hoje eu quero muito poder conversar com alguém que não seja o meu irmão.

"Oi Pen. Sei que não entro em contato há alguns meses, mas é por motivo de segurança. Estou com saudade de vocês. Espero que vocês também estejam e que vocês não me odeiem. Fala para o Dom que estamos bem. Beijos."

Assim que aperto o botão de enviar uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto. Saudade dói, nunca imaginei que poderia ser uma dor tão grande assim. A porta do meu quarto se abre, meu irmão entra com o seu prato de comida e se senta na ponta da minha cama. Sempre fomos muito próximos, mas nesses últimos meses estamos ainda mais, como se fosse possível.

Deixo o meu celular em cima do criado mudo, me sento na cama e acaricio as perninhas do meu filho. Alana, mulher do Dylan, me ajudou muito no início em cuidar do Andrew, eu não sabia cuidar de um bebê e ela foi uma ótima pessoa em me ensinar. Eu ficava desesperada quando o meu anjinho chorava, pois eu não sabia o que fazer e o meu irmão muito menos. Dois adultos que nunca tinham cuidado de um bebê e ficávamos desesperados com qualquer mínima coisa.

— Seu celular. — Eduard avisa chamando a minha atenção e eu saio do meu devaneio. — Pra quem você mandou mensagem?

— Pra a Penélope. — Respondo pegando o meu celular e abro a mensagem.

— Emily... — Eduard me repreende.

— Eu preciso avisar que estou bem. É raro quando eu falo com ela.

"Ainda bem que mandou notícias, estávamos todos preocupados. Não te odiamos, estamos com saudade também. O Dom está muito preocupado com você, esperamos que volte logo."

Eles não me odeiam. É um alívio grande saber disso. Deixo o meu celular de lado quando ouço a campainha tocar e o Eduard, se apressa em ir abrir a porta. Talvez seja o Dylan com notícias boas. Pego o Andrew em meus braços, coloco ele dentro do carrinho e arrumo a cama. Deixo diversas almofadas em cima da mesma, coloco o meu filho no meio delas e saio do quarto deixando a porta aberta. Ando em direção a sala, encontro o Dylan sentado no sofá e ele conversa com o meu irmão. Aceno com a mão para ele e me sento no braço do sofá onde Eduard está.

— Notícias boas? — Questiono.

— Depende da reação de vocês. — Dylan informa.

— Conta logo. — Peço ansiosa.

— Ontem à noite, quando o senhor Lewis saia do seu gabinete em Sacramento, ele foi vítima de um assalto.

— E? — Eduard questiona.

— Levou um tiro bem no peito e foi levado as pressas para o hospital.

— Ele morreu? — Que Deus me perdoe, mas espero que sim. Se ele

morrer vamos poder voltar para Los Angeles e vivemos em paz novamente. Dylan não responde e eu fico irritada. — Dylan...

— Ainda não, mas está nas últimas.

— Se ele morrer, nós podemos voltar. — Comento para mim mesma e sinto a mão do meu irmão tocar em meu braço. — Vamos voltar, Eduard.

— Ainda não. Vamos esperar mais alguns dias, se ele morrer mesmo. — Eduard avisa.

— Os médicos duvidam muito que ele passe dessa noite. A Quinn está desesperada e está tentando descobrir onde estamos. — Dylan informa e o Eduard ri debochado.

— Aquela vaca deve estar com medo de morar na rua e ela vai, pois tudo o que era da minha mãe e do nosso pai, é meu e da Emily.

— Eu não quero me envolver com mais nada ruim que venha do nosso pai.

— Eu também não, mas vamos dar um jeito nisso tudo. — Meu irmão garante.

[...]

Não dormir praticamente nada à noite passada, minha mente estava a mil e a ansiedade me dominando. O meu irmão saiu cedo para trabalhar e eu garanti que ia esperar ele voltar à tarde para termos notícias do nosso pai, mas não aguentei esperar e liguei para o Dylan pedindo para ele vir para cá.

Dependendo da notícia que o Dylan nos der, eu vou voltar para Los Angeles ainda hoje. Estou andando de um lado para o outro no meu quarto, Andrew está sentado na cama brincando com um chocalho e um mordedor. Aproximo-me do meu anjinho, seguro nos seus pés e ele sorri para mim.

— Você vai conhecer o seu pai logo, meu amor.

A campainha toca, pego o meu filho no colo e corro em direção a porta. Abro a mesma, cumprimento a Alana e logo depois o Dylan. Eles se sentam no sofá, me sento no outro e deixo o Andrew sentado em minha perna. A filha do Dylan com a Alana já tem um ano e meio, é uma graça e a cara de sua mãe.

— Eu ia vim quando o seu irmão chegasse. — Dylan comenta.

— Não vou aguentar esperar, Dylan. Faz meses que eu quero voltar para Los Angeles e quero fazer isso ainda hoje dependendo do que eu mais anseio.

— Seu pai está em coma. Está em estado vegetativo, pois bateu a cabeça muito forte no chão antes de rolar por uma escadaria e os médicos querem os filhos lá para autorizar deligar os aparelhos.

Eu simplesmente não consigo dizer uma palavra se quer, apenas lágrimas escorrem pelo meu rosto e a Alana corre para me abraçar. Ela foi a minha

confidente, amiga e irmã nesses meses. Já perdi as contas de quantas vezes chorei na sua frente, de quantas vezes ela foi o meu ombro amigo.

Ela sussurra contra o meu cabelo que tudo vai ficar bem e eu apenas afirmo com a cabeça. Abraço o meu anjinho, beijo a sua bochecha e sorrio com imensa felicidade. Peço para o Dylan ligar para o meu irmão avisando da notícia enquanto eu arrumo as nossas coisas para a nossa viagem de volta.

Deixo o Andrew sentado na cama, pego as nossas malas e guardo todas as peças de roupas. Alana pega uma mala menor para guardar as pequenas coisas do meu bebê e é impossível explicar o tamanho da minha felicidade.

— Você e o Dylan também vão voltar? — Pergunto chamando a atenção da Alana.

— Acho que não. A minha família está aqui e eu quero ficar perto deles.

— Entendo. — Dou um meio sorriso para ela. — Eu quero voltar logo. Quero os meus amigos de volta e principalmente apresentar o Andrew para o pai dele.

— Dominic vai ficar tão feliz.

— Espero que sim.

[...]

Pouco mais de uma hora que o meu irmão voltou para o nosso pequeno apartamento, eu consegui convence-lo a voltar para Los Angeles ainda hoje e é isso que estamos fazendo nesse exato momento. Estamos quase chegando ao *Glendale* e a cada vez que vejo que estamos chegando perto do apartamento do Dom, meu coração acelera mais.

Antes de sairmos de *Solvang*, Eduard pediu para ser demitido de onde ele trabalhava e desfez o contrato que tínhamos com o dono do minúsculo apartamento. Meu irmão e o Dylan enfiaram todas as nossas coisas no carro do meu irmão, nos despedimos deles e caímos na estrada.

— Ansiosa? — Eduard pergunta chamando a minha atenção.

— Demais. — Sorrio parecendo uma criança de cinco anos que está na Disney pela primeira vez.

— Eu ainda acho que deveríamos ter ido para o hospital primeiro.

— Não. Temos coisas mais importantes primeiro.

— Tudo bem, mas vamos lá ainda hoje. — Meu irmão informa.

Passa-se mais ou menos cinco minutos até o Eduard estacionar em frente ao prédio aonde o Dominic ainda mora. Desço do carro, abro a porta de trás e pego o Andrew da cadeirinha. Ele dormiu o caminho todinho e ainda dorme tranquilamente. Desde pequeno ele nunca deu trabalho, quase não chora e muito

menos faz birra.

Ajeito-o em meus braços, meu irmão coloca o cobertor em cima dele o cobrindo do frio da noite e ando em direção a porta do prédio. O porteiro me reconhece assim que abre a porta e me avisa que não tem ninguém nos apartamentos.

Isso quer dizer que Dominic, Penélope e Oliver devem estarem no *Fight*. Volto para o carro, aviso o meu irmão e ele avisa que vamos primeiro no hospital.

[...]

Andamos pelos corredores do hospital seguindo um enfermeiro e logo vejo a Quinn parada em frente ao CTI. Os seus olhos vagam pelo ambiente até se fixarem em mim e no meu irmão. Sua expressão é cansada, olhos cheios de olheiras e lágrimas. Paro em frente ao vidro do quarto e vejo o meu pai deitado numa cama de hospital todo entubado.

Eu nunca acreditei naquele ditado sobre a vida cobrar tudo de errado que a pessoa fez, mas olhando agora para o meu pai, eu acredito. Ele já fez mal para tantas pessoas e principalmente para a família.

— Que bom que vieram. Os médicos não podem desligar os aparelhos. — A voz da Quinn sai baixa e sofrida de sua boca. — O seu pai pode acordar.

— É isso que vamos autorizar os médicos a fazerem. — Eduard informa.

— Não podem fazer isso. Ele vai acordar. — Quinn choraminga.

— Ele está pagando todo o mal que fez. — Encaro-a e desvio o olhar do dela para olhar para o meu anjinho.

Que bom que o meu pai não vai conhecê-lo.

— De quem é esse menino? — Ela questiona.

— Meu filho. — Respondo apenas isso e saio de perto dela.

Ouç o Eduard avisar que vamos voltar amanhã cedo para conversar com o médico e assinar o que for necessário para o desligamento dos aparelhos. Meu irmão me segue para fora do hospital e eu consigo respirar aliviada. Quero ir ver o Dominic o mais rápido possível, quero resolver a minha vida e esquecer definitivamente que o meu pai existe.

Não tenho a preocupação de colocar o Andrew na cadeirinha, pois logo vou tira-lo de lá, então me sento no banco de trás com ele em meu colo e o Eduard dirige em direção ao *Fight*.

Não estou cem por cento preparada para reencontrar o Dominic, tenho receio de ele ter uma reação ruim ou algo do tipo. Quero apenas me acertar com o Dom e viver em paz com ele. Eu estou disposta a me envolver com ele,

enfrentar tudo e construir a nossa família.

— Se chegarmos lá e ele não estiver? — Eduard pergunta chamando a minha atenção.

— Voltamos para o apartamento dele. Simples assim.

Não liguei para a Pen ou para o Oliver, pois no caminho o meu celular descarregou e não trouxe nenhum carregador. Mas tenho certeza que vou encontra-los lá. Retiro o cobertor de cima do meu ombro e observo o rostinho do meu anjinho. O Dom vai amar saber de sua existência, e a Penélope ainda mais.

Nesse tempo que se passou não tive muitas informações sobre a vida pessoal do Dominic, mas tenho certeza que ele não está se relacionando com qualquer pessoa. Ele disse que ia me esperar, ele disse que quando eu voltasse íamos ficar junto e é essa esperança que faz o meu coração se aquecer.

O caminho é percorrido rapidamente e em silêncio. Quando me dou conta já estamos em frente ao *Figth*, cubro novamente o rosto do meu pequeno e desço do carro com ajuda do meu irmão. Antes que possamos entrar no local, Eduard coloca um protetor de ouvido no sobrinho e entramos.

Os espectadores estão gritando e ovacionando os dois lutadores que estão no... Octógono. Anthony deve ter substituído o ringue por esse octógono... Ficou bem melhor. Atravesso o local rapidamente, subo a escada e vou rumo ao camarote dos 5M. Não me preocupo em bater na porta, apenas abro-a e vejo algumas pessoas aqui. Meus olhos vagam pelo ambiente até se fixarem no Dominic.

Ele está de pé perto do vidro e está de costas para mim. Penélope está sentada no sofá conversando com a Lola e com a Lauren. Aproximo-me devagar, Oliver percebe minha presença e solta um riso gostoso de felicidade. Os olhos dos demais se voltam para mim e eu paro no meio do caminho quando os olhos do Dom encontram os meus.

— Emily... — A sua voz sai quase num sussurro.

Penélope é a primeira em vir em minha direção e ela coloca uma das mãos na boca quando percebe que eu seguro um bebê em meus braços.

— Seu sobrinho. — Informo num tom baixo e ela me abraça.

— Por que não avisou que ia voltar hoje? Você deveria ter avisado. — A sua voz sai embargada por causa do seu choro preso. — E por que não contou... — Ela não termina a frase e olha para o Andrew coberto em meus braços.

— Eu estava apenas nos protegendo. — Uma lágrima solitária escorre do pelo meu rosto, mas sorrio em seguida ao ver a felicidade em seus olhos. — Pega ele enquanto falo com o Dom.

Penélope pega o Andrew em seus braços, me afasto dela e percebo que as

outras pessoas que eu não conhecia que estavam aqui, não estão mais. Aceno para o Oliver, Lola, Leon e até mesmo para a Lauren antes de eu me aproximar do Dom. Ele está me encarando sem nenhuma expressão e isso me faz ficar receosa.

Queria pular no colo dele e o abraçar por longos minutos, mas eu não posso fazer isso sem entender o que está passando em sua mente nesse momento. Observo a sua língua umedecer os seus lábios carnudos, nos seus olhos existem poucas lágrimas presas e eu respiro fundo olhando em seus olhos.

— Por quê? — FRANZO o cenho sem entender diante de sua pergunta e ele continua. — Por que não me contou?

— Eu queria muito, mais que qualquer coisa, mas eu não podia colocar ninguém em risco. O meu pai estava te monitorando e estava atrás de mim.

— É meu? — Ele pergunta de repente e aponta com o queixo em direção ao nosso filho.

— É nosso filho, Dominic. — Afirmo irritada diante de sua pergunta.

Ele balança a cabeça para os lados, anestesiado com a notícia, sai de perto de mim me fazendo segurar o choro e vai até o filho que está nos braços de sua irmã. Oliver vem na minha direção e eu me jogo em seus braços. Um choro compulsivo toma conta de mim e eu me vejo frágil diante dessa situação.

Eu percebi o desapontamento na voz do Dominic, entendo que ele esteja chateado por descobrir da existência do filho somente agora, mas não ia colocar todos nós em risco. Oliver afaga o meu cabelo e me abraça mais apertado.

— Ele é a sua cara, Dom! — Ouço a Penélope exclamar de forma amorosa.

— Não é tanto assim, Pen. — Dom opina e eu percebo o sorriso em sua frase. — Em-Emily... Precisamos conversar.

Afasto-me do Oliver e todos saem do camarote, menos a Penélope. Sento-me no sofá, ele se senta ao meu lado e não toca em mim. Eu quero sentir o seu toque, a sua pele e os seus lábios nos meus. Meu irmão não está aqui, pois ele disse que ia conversar com o Anthony. Apoio os meus braços em meus joelhos e abaixo a minha cabeça.

— Quando você voltou? — Penélope me pergunta.

— Acabei de chegar. Eu saí de *Solvang* hoje no final da tarde e fui direto para o prédio de vocês, mas não tinha ninguém. Eduard e eu resolvemos ir ao hospital apenas para ter certeza da notícia que recebemos sobre o nosso pai, e em seguida viemos para cá.

— Nós não imaginávamos que você ia voltar de repente.

— Eu só estava esperando uma oportunidade e ela surgiu. Dylan nos contou que o meu pai está praticamente morto numa cama de hospital e os médicos queriam os filhos aqui.

— Você veio só por causa do seu pai? — Dominic questiona me fazendo encara-lo.

— Não. Eu vim porque eu queria voltar e voltar para você. Contar tudo o que aconteceu, te apresentar o seu filho, mas você não me recebeu da forma que eu esperava. Acho que nem gostou da minha volta.

— Estou chateado porque eu só fiquei sabendo agora que tenho um filho.

— Temos. — Corrijo-o.

— Qual o nome dele? — Penélope pergunta.

— Andrew e tem nove meses.

— Um filho. — Dom sussurra olhando para o nosso filho.

Meu pequeno anjinho começa a chorar bem baixinho, Penélope me entrega ele e eu passo os dedos entre as suas sobrancelhas. Isso o acalma. O braço do Dom roça no meu, ele segura na mão do filho e o meu pequeno olha diretamente para o pai. Seu nariz, boca e olhos são iguais ao do Dominic.

O meu anjinho só tem a pele da mesma cor que a minha e os cabelos. Ouço a porta se abrir, eu olho para trás por cima do meu ombro e sorrio para o Anthony. Ele anda na minha direção junto de sua esposa ao lado do meu irmão e sorri ainda mais quando vê o Andrew nos meus braços.

— Estou vendo uma miragem ou é um bebê? — Anthony pergunta divertido.

— Não sabe mais o que é um bebê, Anthony? — Meu irmão pergunta num deboche e acena com a cabeça para o Dominic.

— Não. Preciso de mais um filho. — Anthony informa fazendo a sua esposa olhar para ele horrorizada.

— Não, querido. Já chega. — Marly informa ao marido e se vira para mim. — Ele é lindo, Emily. Parabéns.

— Obrigada.

Andrew olha para todos com os seus olhinhos curiosos enquanto os demais conversam a nossa volta, a sua pequena mão puxa a minha camiseta e eu entendo o que ele quer. Sempre que ele está com fome ele faz isso. Pego o cobertor das mãos da Penélope, cubro o meu anjinho e o meu ombro antes dele começar a mamar em meu seio.

Logo o Anthony se despede de nós junto com a esposa e se vão em seguida. Eduard senta ao meu lado no sofá, deito a minha cabeça em seu ombro e suspiro. Somente agora o meu corpo reclama de cansaço e eu preciso de uma cama urgente. Bocejo chamando a atenção de todos e olho para a Penélope parada na minha frente.

— Você... Quero dizer, vocês tem onde ficarem? — Ela pergunta.

— Vamos para a nossa casa. — Eduard responde.

— *Hum...* — Ela sussurra. — Se você, Emily, quiser ficar lá em casa...

Ela dá de ombros e eu nego a fazendo me encarar irritada.

— Melhor não, Pen.

— Dominic. — Ela chama a atenção do irmão e vejo-o encara-la.

— A Emily que escolhe o que é melhor para ela. — Dom se pronuncia diante do assunto.

Retiro a cabeça do ombro do meu irmão, ele sai para atender a ligação da Quinn e eu prendo a minha atenção totalmente no meu anjinho. O descubro quando ele termina de mamar, olho para o Dom e percebo que ele quer pegar o filho. Dou um meio sorriso para ele e coloco o nosso anjinho em seus braços.

Saio de perto, vou até o pequeno frigobar e pego uma latinha de refrigerante. A Penélope se aproxima de mim e antes que possa falar algo fica com a expressão séria encarando o Oliver entrar no camarote. O meu amigo passa direto por nós e vai até o Dominic falar algo.

— Aconteceu algo entre vocês?

— Mais ou menos. — Penélope murmura. — Não temos mais nada faz algum tempo e mal conversamos.

— Por quê? — Questiono preocupada.

— Ele queria abrir o jogo com o Dom, eu não, o resultado foi que brigamos feio bem no segundo que o Dominic chegou em casa. Claro que ele quis explicações e o Oliver contou tudo.

— E como o Dom reagiu?

— Melhor do que eu esperava após o ocorrido. No início brigou comigo e principalmente com o Oliver, mas depois até comentou que não se importava.

— E você não quer mais nada com o Oliver?

— Não. Ele não respeitou a minha decisão em não ter contato para o Dom e acabou acontecendo uma avalanche.

— De quem é esse bebê? — Ouço a voz do Jensen e os nossos olhos se encontram.

Não tinha visto que ele tinha entrado aqui, mas é bom que ele tenha aparecido. Não tivemos oportunidade de conversar sobre eu ter ficado sabendo que ele era amante da minha mãe.

Aproximo-me lentamente, Oliver aparece na minha frente e tenta me impedir. Eu preciso conversar com ele. Quero saber o real motivo para ela nunca ter gostado de mim e o como ele conseguiu se envolver com a minha mãe. Jensen faz menção de tocar no meu filho, mas para quando percebe o meu olhar raivoso.

— Não toca no meu filho. — Rosno.

— É meu filho. — Dom fala orgulhoso. — Fiquei sabendo e conhecendo

ele hoje.

— Vocês têm um filho juntos? — Jensen questiona surpreso e se vira para mim. — Não vou tocar nele, Emily. Não se preocupe.

— Temos que conversar, não acha? — Vou direto ao ponto fazendo a sua expressão ficar séria. — Imagina a minha surpresa em saber que você era amante da minha mãe? Foi chocante.

— Fui e não me arrependo. A sua mãe me deu total liberdade e só depois de eu estar extremante envolvido com ela, descobrir que ela era sua mãe.

— Emily, não é o momento para isso. — Dominic intervém. — Vamos embora e depois vocês conversam.

— Não! — Exclamo.

— Sim. O Andrew está aqui e não quero meu filho presenciando isso.

Balanço a cabeça de forma negativa, me aproximo dele e pego o meu filho dos seus braços. Ele está certo. O meu filho não deve presenciar isso, ainda mais que os seus olhinhos curiosos analisa cada um que está aqui.

Despeço-me da Pen com dois beijos em seu rosto e saio do camarote dando de cara com o meu irmão. Aviso que quero ir embora, ele olha para algo atrás de mim e apenas concorda com um aceno.

— Vem comigo, Em. — A voz do Dom soa atrás de mim.

Descemos a escada do *Fight*, atravessamos o local das lutas e em seguida os meus pés tocam a calçada do *Fight*. Observo o meu irmão pegar a mala do Andrew junto com a minha e entrega para o Dom. Que merda eles estão fazendo? Resolvo não questionar e sigo o Dominic. Ele abre a porta de um carro prata, entro sem dizer nada e logo ele se senta no banco do motorista.

[...]

Suspiro, aliviada ao sentir aquela sensação de estar em casa. Acabei de entrar no apartamento do Dom, o ouço colocar as malas no chão e eu o encaro. Não entendo o motivo para ele ter me trazido para cá. Não temos o que conversar, hoje e agora. Ele está chateado com as minhas decisões e eu estou cansada. Meu corpo está exausto, preciso dormir e não conversar.

— Você voltou diferente. Não está questionando tanto e nem tentando ser do contra. — Dom comenta divertido e se aproxima de mim para tocar no filho. — Quero que fique aqui, pelo menos hoje. Quero ficar perto do meu filho.

— Eu não vou tirar o seu direito de pai, não se preocupe com isso. — Informo o fazendo assentir. — E em estar mudada é por causa desse anjinho aqui. Ele foi tudo para mim nesses meses.

— Eu imagino e entendo também a sua decisão em não ter contato antes,

mas isso não quer dizer eu tenha aceitado cem por cento tudo o que aconteceu.

— Eu entendo, Dom, mas eu fiz isso pensando em nós. Pensando em algum dia voltar para cá e aqui estou agora.

— E eu estou feliz por isso.

Seu rosto se aproxima do meu, nossas bocas ficam próximas e eu fecho os meus olhos. Seus lábios tocam o meu de forma suave e rápida. Um sorriso toma conta dos seus lábios e isso me faz sorrir de forma que me alivia. Dominic pega o nosso filho em seus braços, me avisa que eu posso ficar a vontade e tomar um banho.

Concordo com um aceno e vou rumo ao seu quarto. Não sei como rotular a nossa relação. Não é um namoro, nunca foi, mas não tenho aquela mesma sensação de antes. Aquela sensação de que algo que podia nos atrapalhar. Dessa vez é diferente. Sinto alívio e paz.

[...]

Ando em direção à cozinha a procura do Dom com o nosso filho e os encontros sentados na mesa da cozinha. O Andrew está sentado sobre a mesa, Dom sentado a sua frente e a Penélope em pé ao lado deles dando uma papinha para o meu anjinho. Abraço o meu corpo e me aproximo devagar chamando a atenção deles.

— Acho que está um pouco tarde para ele comer.

— Não vai fazer mal, Emily. — Penélope resmunga.

— Sei que não, mas ele mamou quando estávamos no *Fight*.

— Mas comeu tudo. — Penélope me mostra o pequeno frasco e o joga fora em seguida. — Vou cuidar dele por essa noite enquanto vocês conversam.

Ela não esperava nem eu e o Dom falarmos nada, pega o sobrinho e vai rumo ao seu quarto. Olho para o Dominic com o cenho franzido, ele dá de ombros e se aproxima de mim, numa postura alucinante e cheio de si.

Eu sou louca por ele e não tenho medo de assumir isso. Descruzo os meus braços quando ele se aproxima de mim e acaricia o meu rosto após colocar uma mecha do meu cabelo atrás de minha orelha.

— Ficou linda de cabelo curto, mas os prefiro compridos e naturais.

— Prefere? — Questiono surpresa.

— Sim. — Ele afirma. — Precisamos conversar muito, mas hoje eu apenas te quero.

— Eu também te quero. — Assumo.

— Você sabe que essa história entre a gente é complicada e longa demais, não é? — Afirmo diante de sua pergunta. — Mas eu estou disposto a tentar.

— Eu também estou.
— Não vou te pedir em namoro, casamento ou...
— Qualquer outro rótulo. — Falo o interrompendo e ele concorda. — Não precisa disso. Precisamos apenas nos acertar e tentar ficarmos juntos novamente.
— E vamos ficar juntos, independente de qualquer coisa.

A sua afirmação faz meu coração se aquecer e nenhuma outra palavra precisa ser dita. Sua mão vai até a minha nuca, segura o meu cabelo e cola as nossas bocas. Minhas mãos sobem pelo seu tórax, entrelaço-as atrás de sua nuca e prendo as minhas pernas ao redor de sua cintura.

Dominic nos guia em direção ao seu quarto, nossos corpos logo se deitam na cama e ele desgruda as nossas bocas. Os seus olhos me analisam por longos segundos, acaricio o seu rosto e noto uma pequena cicatriz na sua bochecha esquerda.

— Você não tinha essa cicatriz... — Comento.
— Ganhei numa luta recente. — Dom informa e beija suavemente os meus lábios. — Estava morrendo de saudade de você. Saudade de te olhar, te tocar, te beijar e principalmente de transar com você, mas hoje eu quero apenas observá-la.

[...]

— Não vai levar ele, não é? — Penélope questiona me encarando.
— Não, mas eu volto para busca-lo depois.
— Você não vai voltar para busca-lo. — Dominic avisa e eu olho para ele através do espelho.

Passo as mãos nos fios rebeldes do meu cabelo e os prendo. Pego a minha jaqueta em cima da cama, visto e vou até o meu anjinho que está no colo do pai. Nunca o deixei sozinho com ninguém e isso me deixa um pouco perturbada, mas eu sei que ele vai ficar bem aos cuidados do pai e da tia. Dou um beijo em sua bochecha, seus bracinhos esticam em minha direção e eu o pego no colo.

Ele está acostumado a ficar apenas comigo e hoje eu vou ter que deixá-lo, pois vou ao hospital com o meu irmão. Eu imagino que o Andrew tenha dado um pouco de trabalho para a Penélope durante a madrugada, mas ela não disse nada sobre o assunto.

— Eu vou, Dom. Mas antes eu vou montar o quarto dele lá em casa...
— Por que você não mora aqui? — Penélope questiona me interrompendo.
— Não, Pen.
— Você não concorda comigo, Dom? — Ela pergunta ao irmão. — É o certo a se fazer.

— Emily e eu ainda não conversamos sobre esse assunto, mas ela é livre para escolher as coisas. — Dom informa olhando para a mim e logo prende a sua atenção em mim. — Mas ainda vamos conversar sobre isso.

Concordo com um aceno, pego a minha bolsa e sigo para a saída do apartamento quando ouço a campainha tocar. Dom abre a porta e o meu irmão entra. Ele pega o sobrinho no colo, morde a sua mãozinha o fazendo ri e eu vejo o incomodo nos olhos do Dominic.

Entendo que eles não se gostam, mas isso terá que melhorar, pois eles vão conviver muito. Dou um último beijo na bochecha do meu anjinho, Penélope o pega dos braços do meu irmão e vai rumo ao seu quarto. Antes que eu possa sair do apartamento, Dominic me puxa pela cintura e dá um beijo casto em meus lábios.

— Não demore, quero conversar coisas importantes com você o quanto antes.

— Eu não vou demorar.

Dou mais um beijo em seus lábios e vou atrás do meu irmão. Ouço a porta do apartamento ser fechada, apresso os meus passos e entro no elevador antes que as portas se fechem. Percebo o meu irmão digitando no celular com um pouco de rispidez e eu franzo o cenho imaginando que seja a Quinn.

Logo saímos do elevador, saímos do prédio e me surpreendo ao ver o Jensen encostado no carro do meu irmão. Aproximamo-nos rapidamente, paramos a centímetros dele e o encaramos.

— Posso conversar com vocês? — Jensen pergunta de forma suave.

— Sobre? — Meu irmão questiona.

— Preciso esclarecer algumas coisas com vocês.

— Está mais que na hora.

— Podemos conversar? — Ele retorna a pedir.

O seguimos em direção a cafeteria em frente ao prédio do Dominic e eu me lembro do dia que eu pedi para conversar com o Dom. Nós conversamos pouco naquele dia, mas ele acabou me surpreendendo quando me ajudou com aqueles dois caras.

Entramos no ambiente e percebo que continua a mesma coisa. Sentamos numa mesa no fundo do ambiente, o Jensen fica de frente para nós e apoia o queixo nas mãos. A garçonete vem até nós, pedimos apenas um café e ela se retira em seguida.

— Seja rápido e objetivo, estamos com pressa. — Meu irmão informa.

— Eu conheci a Maggie... — O encaro por causa do apelido da minha mãe e ele coça a garganta.

— Não fala tão intimamente da nossa mãe. — Meu irmão rosna e Jensen o

ignora.

— Eu não sabia que ela era casada e tinha filhos. Ela era amiga da minha mãe e quase sempre estava lá em casa. Mesmo que eu seja anos, mais novo que ela, idade para ser filho, eu acabei me envolvendo com ela, mas acabamos com tudo quando você, Emily, começou a se envolver com o Dominic e vocês tomarem conta do *Fight*.

— Isso foram quinze dias antes dela morrer. — Comento.

— Eu sei, me lembro perfeitamente. — Ele afirma.

— Ela foi morta porque meu pai descobriu que vocês tinham um caso e porque ela ia denuncia-lo.

— Eu sei, mas não sabia o que de errado o pai de vocês faziam.

Calamo-nos quando a garçonete se aproxima da nossa mesa com os nossos pedidos, nos serve e sai em seguida. Dou um pequeno gole no meu café, levanto o meu olhar e vejo o Jensen brincando com a xícara em sua mão.

A melhor decisão que ele tomou foi em vir conversar conosco, ele nos devia uma bela explicação, mesmo que não seja tão confortável de ouvir. A minha mãe nunca demonstrou que ela tinha outro homem em sua vida, muito menos que era infeliz. Certo, ela era infeliz no casamento, mas sempre tentava ao máximo em não deixar transparecer isso para mim e para o meu irmão.

— Por que você nunca gostou de mim? — Questiono o surpreendo.

— Por que você é esperta e poderia descobrir mais cedo ou mais tarde do meu caso com a sua mãe, mas não descobriu. Ah, não posso me esquecer que eu também estava preocupado com o Dominic e estava certo que algo poderia acontecer com ele.

E infelizmente ele estava certo. Meu pai colocou o assassinato nas costas do Dominic apenas para nos afastar e isso quebrou com a gente, mas estamos tentando em reconstruir um possível relacionamento. O celular do meu irmão toca em cima da mesa, vejo o nome da Quinn brilhando no visor e o meu irmão anuncia que precisamos ir.

Ele joga uma nota de dez dólares em cima da mesa, pego a minha bolsa e vamos em direção ao seu carro. Talvez eu acredite que o Jensen tenha sentido muito com a morte da minha mãe, mas ele e principalmente ela, sabiam dos riscos que estavam correndo.

[...]

Estou sentada no corredor em frente ao quarto do meu pai esperando o meu irmão. Ele está conversando com o diretor do hospital sobre os procedimentos de desligamento de aparelhos. Queremos fazer isso, mas não é por raiva ou

qualquer coisa do tipo e sim por não termos mais que fugimos de suas ameaças.

Eu quero apenas viver em paz, meu irmão quer a mesma coisa e só vamos conseguir isso se o nosso pai não estiver aqui. Quinn se senta ao meu lado chamando a minha atenção, ouço um soluço de choro sair de sua boca e eu reviro os olhos. Entendo que ela esteja sofrendo com isso, mas ela não pode tomar a decisão por mim e pelo meu irmão.

— Por favor, Emily. Pensem melhor. — Ela pede.

— Não temos mais nada para pensar, a decisão já foi tomada.

— Não, Emily. Eu também tenho direito em escolher.

— Eu sei, mas você é a única que não quer que desliguem os aparelhos.

— Porque eu o amo! — Ela exclama. — Eu tenho esperança que ele acorde...

A sua voz falha por causa do seu choro e eu saio de perto dela. Não sou obrigada a mudar a minha decisão por causa dela, não depois que eu soube quem era de verdade James Lewis. Encaro o meu pai através do vidro do quarto e balanço a cabeça de forma negativa.

Eu não quero que ele viva por mais tempo. Ele não deu qualquer outra chance para a minha mãe, a matou cruelmente, mas duvido muito que ela faria a mesma coisa com ele. Ela sempre soube que o meu pai a traía, mas mesmo assim quis continuar com ele e não consigo entender o porquê.

— Desde quando você está com o meu pai? — Questiono sem olhar para a Quinn.

— O que?

— Responde a minha pergunta! — Exclamo a encarando.

— Dois meses antes da sua mãe morrer.

— Ela sabia sobre vocês.

— Sim, mas quis continuar com o seu pai mesmo sabendo que ele estava comigo.

— Você não se sente uma vadia por isso? Eles eram casados. — Dou um passo em sua direção e ela se retrai. — Tenho uma pergunta melhor. Você não teve medo do meu pai te matar quando ele se cansasse de você?

— Emily...

— Você o ajudou na morte da minha mãe?

Minha respiração está rápida e pesada fazendo o meu peito subir e descer rapidamente. Lágrimas presas nos olhos da Quinn me incomodam, eu nunca gostei dela e nunca vou acreditar que ela é inocente na história.

— Jamais eu seria capaz de algo assim, Emily. Eu sempre soube que o seu pai era o verdadeiro culpado, mas eu sou cega em relação às coisas ruins que ele faz.

— Nunca mais ele vai fazer alguma coisa.

Passos se aproxima de nós, meu irmão me entrega uma folha e eu assino autorizando o desligamento. Observo os médicos desligarem os aparelhos do meu pai e vou rumo ao estacionamento do hospital quando ouço o seu último batimento.

Meu irmão me segue deixando a Quinn para trás. A única coisa que eu mais quero é pegar o meu anjinho em meus braços e sentir o seu toque. Encosto no carro do meu irmão, ele me abraça e conseguimos respirar aliviados depois de tanto tempo.

— Agora podemos viver em paz. — A sua voz sai num sussurro, mas carregada de alívio.

— Sim. — Concorde. — Vamos para casa.

[...]

Por que eu não me sinto em casa estando no lugar aonde nasci e cresci? Com certeza aquele ditado é verdade. Talvez a casa não seja um lugar e sim uma pessoa, e eu sei exatamente quem é a minha pessoa. Senti falta de estar em Los Angeles, mas não dessa casa.

Aqui me trás lembranças felizes e tristes, principalmente decepções. No caminho para cá eu tentei convencer o meu irmão de vendermos a casa e comprarmos outra, mas ele não quis.

Ele que acabou me convencendo a reformar e eu concordei. Sento-me cansada em minha cama, passo as mãos pelo meu rosto e suspiro ao me lembrar da última vez que eu estive aqui.

— Você e o Dominic se entenderam? — Ouço o meu irmão perguntar e vejo-o parado na porta do meu quarto. — Pois se eu vi bem, me parece que sim.

— Não cem por cento, ainda temos muito que conversar.

— E principalmente conversar sobre vocês morarem separados e com quem o Andrew vai ficar.

— Ele vai ficar comigo e não vamos morar juntos. Não temos nada sério...

— Um filho é uma coisa séria.

— Eu sei. — Suspiro. — Mas vamos tentando aos poucos novamente.

— Vou concordar com qualquer decisão que você tomar, mas você vai ter que ficar com ele por algum tempo, pois vou mandar reformar essa casa.

— Vou resolver isso essa semana.

— O mais breve possível, vou ir atrás de um arquiteto segunda feira, ou seja, amanhã.

— Tá, Eduard. — Resmungo num bico e ele sorri antes de me esticar um

papel. — O que é isso?

— É do nosso pai. Acabei de achar. Leia.

Pego o papel em minhas mãos, abro o envelope branco que contém o meu nome e o meu irmão me deixa a sós. Encosto minhas costas na cabeceira da minha cama, estico as minhas pernas e começo a ler a carta escrita a mão, com direito a assinatura.

"Emily, minha menina.

Sei que fui um péssimo pai, aquela frase bem clichê, mas é a verdade. Você me odeia e não é novidade, mas eu posso muito bem conviver com isso. Se essa carta chegou às suas mãos é porque eu me liberei deste mundo e com essa carta todas as suas dúvidas serão resolvidas.

Eu não matei a sua mãe com as minhas próprias mãos, mas eu vi o momento que ela foi morta ao meu comando. Acusei o Dominic Turner falsificando o vídeo externo de segurança e fiz isso, pois não queria você se tendo uma paixão avassaladora logo no momento que eu iria precisar de sua ajuda em meus negócios.

Eu sabia o que estava fazendo quando tomei essas decisões, não me arrependo e jamais vou me arrepender. Se você me odiar eternamente... Bom, não posso fazer mais nada. Deixo tudo que é meu e foi de sua mãe, para você e para o seu irmão. Façam o que bem entender e, por favor, não deixem a Quinn desamparada. Esse é o meu único pedido.

Assinado James Lewis."

Com essa carta o Dominic fica livre de todas as acusações e isso é maravilhoso. Não me importo mais com as outras coisas, quero apenas viver como se isso nunca tivesse acontecido. Pulo para fora da cama, eu jogo a carta dentro da minha bolsa e corro em direção à garagem após gritar para o meu irmão que vou sair. Preciso provar para todos que o Dominic sempre foi inocente e sei muito bem quem vai fazer isso.

[...]

— Emily, que surpresa! — Candice exclama a me ver parada em frente à porta da sua casa. — Entre.

— Eu vim apenas te fazer um pedido, você precisa jogar essa carta da mídia e eu pago o que for necessário.

— Que carta é essa?

— Apenas faça o mais rápido possível e o dinheiro vai estar na sua conta

logo em seguida.

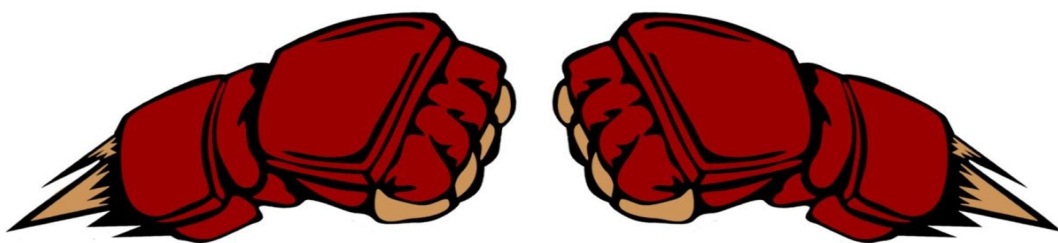
Entro a cópia da minha carta para a Candice, aceno e volto para o meu carro. Eu sei que a Candice vai fazer isso o quanto antes, pois ela tem os seus contatos e ainda mais, ela é chefe de um departamento de jornalismo num canal e jornal impresso/digital diário muito contado na cidade.

Mais especificamente, é aonde a Penélope, Lola e Lauren trabalham. Acelero com o meu carro e vou rumo ao apartamento do Dom. Ele tem que saber por mim antes, do que ver a carta sendo exposta nos canais de televisão.

Ligo o som do meu carro num ótimo volume e a voz de *Jason Mraz* preenche o ambiente. Balanço o meu corpo e cabeça para os lados quando a energia da música domina o meu corpo. Meus dedos batem no volante no mesmo ritmo da batida e um amplo sorriso se fixa no meu rosto. Eu vou conseguir provar a inocência do meu amor. Sim, Dominic Turner...

— É o homem que eu amo.

FIM.



CENA EXTRA

*Quando os dias são frios
E as cartas todas se abaixam
E os santos que vemos
São todos feitos de ouro
Quando todos os seus sonhos falham
E aqueles que saudamos
São os piores de todos
E o sangue fica seco
Quero esconder a verdade
Quero abrigar você
Mas com a fera dentro
Não há onde nos escondermos
Imagine Dragons — Demons*

Dominic

Cadeia - Em 2009...

Já faz um mês que eu estou aqui no presídio de São Francisco, ainda não recebi nenhuma visita, pois não tinha sido permitido ninguém além do meu advogado, mas tenho esperanças de ver alguém hoje. A cela onde estou tem mais dois caras, mas é muito ruim ficar num ambiente com criminoso de verdade.

Um está preso por matar dois polícias, o outro por entrar num supermercado e atirar em quase todas as pessoas que estavam lá. Encaro o chão da cela e fecho os olhos com força. Estou aqui injustamente, eu não matei a mãe da Emily e seria incapaz de algo do tipo.

— Turner? — Ouço o carcereiro Kevin me chamar e eu olho para a porta da cela. — Você tem visita.

Pulo para fora da cama de ferro e saio pela porta aonde o carcereiro acabou de abrir após ele algemar as minhas mãos. O sigo pelo extenso corredor de celas, descemos uma pequena escada e passamos por outros corredores ainda mais extensos. Logo entro numa sala com vidro que separa os visitantes dos presos. Vejo o Jensen sentado ao lado do Austin, me sento na frente deles e pego o telefone ao lado.

— Cara, como você está? — Jensen pergunta preocupado.

— Não estou num inferno, mas é quase. — Respondo o fazendo ficar ainda mais cabisbaixo. — E a Penélope? Me odeia?

— Ela não te odeia, Dom. Ela está bem na medida do possível e todos nós estamos cuidado dela.

— Onde ela está ficando ou quem está ficando com ela?

— Ela passou alguns dias na casa da Lola, mas quis voltar para o apartamento de vocês.

— Não a deixe sozinha ou desamparada. — Peço com a voz embargada.

— Não vou. Vou cuidar dela como uma irmã, tentar cuidar do jeito que você sempre cuidou.

— Obrigado. — Agradeço deixando uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Peço para o Jensen passar o telefone para o meu advogado e assim ele faz. — Alguma novidade, Austin?

— Infelizmente não. Vamos ter que esperar o seu julgamento. — Austin avisa.

— Vai demorar muito tempo.

Austin afirma com um aceno, olha rapidamente para o Jensen que está de

costas para nós há alguns metros e volta a sua atenção para mim. Eu sei que ele está tentando agilizar as coisas, mas alguém está atrapalhando esse processo e com certeza são os Lewis.

— Fui informado que a senhorita Lewis quer te visitar...

— Não! — Nego de forma rude o interrompendo. — Eu não quero a Emily aqui. A proíba de vir me visitar.

— Vou avisar isso na diretoria do presídio.

Pra que ela quer vir me visitar? Zombar ou ter dó? Não. Obrigada. Não preciso disso dela e muito menos qualquer outra pessoa. Tento prestar atenção nas informações que o Austin me passa sobre o meu caso e concordo com a maioria das coisas.

Jensen volta para perto de nós, se senta e encolhe os ombros. Eu sei que ele vai tentar ao máximo proteger, ajudar e cuidar da minha irmã. Após o Austin me dizer tudo o que preciso saber, volto a falar com o meu amigo e ele me conta como tem sido esses últimos dias.

— Penélope quer vim te visitar. — Jensen informa me fazendo encara-lo.

— Não, Jensen. Eu não a quero aqui, isso daqui não é lugar para ela.

— Eu sei, mas você sabe como a sua irmã é teimosa... — Vejo o Austin falar algo para o meu amigo, mas eu não escuto por causa do vidro e o Jensen concorda com um aceno. — Ela pode te mandar cartas, então. É melhor que nada.

— Cartas... — Sussurro pensativo. É melhor que nada mesmo e assim eu sei que a minha irmã vai se aquietar um pouco. — Sempre que você ou alguém vier me visitar, peça para ela enviar cartas e eu irei respondê-las.

— Vou tentar convencê-la, mas você a conhece melhor que todos.

— Oh, se conheço. — Debocho o fazendo ri.

Ouçoo Kevin avisar que o meu tempo se esgotou, reforço os meus pedidos para o meu amigo e volto para a minha cela. Não receber visitas é ruim, mas receber também é ruim, pois a pessoa vai e você fica.

Não vou perder a minha esperança de sair em breve daqui. Quero estar de volta a minha verdadeira vida e principalmente cuidar da minha irmã. Meu Deus, eu nem quero imaginar que ela possa ter me odiado em algum momento quando soube que eu tinha sido preso mesmo.



CENA EXTRA

Você disse que se importaria

*Você disse que estaria lá
(na verdade)*

Você disse que estaria aqui

Então como é que você não está aqui?

Gnash — Lonely again

Emily

Visita - Em 2009...

Estou decidida, hoje eu vou entrar naquele presídio e vou visitar o Dominic. Temos muito que conversar e preciso contar para o Dom o que aconteceu nesses últimos dias. Já faz quase dois meses que tudo aconteceu e eu não consigo ficar um dia se quer sem chorar.

Penso no Dominic todos os dias, penso no único momento íntimo que tivemos e eu choro porque tudo desmoronou na manhã seguinte. Choro também com saudade da minha mãe, ela faz muita falta aqui. Meu pai vive como se não sentisse falta de sua esposa e eu não duvido nada que ele não esteja mesmo.

Desço do meu carro, aciono o alarme e ando em direção ao presídio do outro lado da rua. Aperto a minha mão ao redor da alça da minha bolsa. Entro na pequena portaria, me identifico e a minha entrada é liberada.

Conheço o diretor desse presídio, ele jamais vai contar para o meu pai que eu estou vindo aqui. Um policial me acompanha até a sala do Jordan e eu interrompo os meus passos quando vejo o advogado do Dominic conversando com o Jordan.

— Emily! — Jordan exclama surpreso a me ver e o advogado do Dom se vira para mim. — Não estava esperando te ver logo hoje.

— Você sabe para que eu vim.

— Sim, eu sei, mas temos um problema. — Jordan informa e se vira para o advogado do Dominic. — Conta para ela.

— Senhorita Leiws, o meu cliente proibiu que as suas visitas. — O advogado fala me encarando e eu tenho vontade de voar em seu pescoço, mas eu me controlo. — Ele não quer as suas visitas e quero que você respeite a decisão dele.

— Eu preciso falar com o Dominic.

— Não será possível. — Jordan informa. — Me desculpe, Emily.

— Eu preciso ver ele, Jordan! — Exclamo nervosa.

Dominic não pode me proibir, não pode. Droga! Eu quero vê-lo, falar com ele e até mesmo tocar nele. Eu preciso muito disso. Quero contar que eu não acredito que ele matou a minha mãe, não acredito naquelas provas e que eu vou tentar ajuda-lo a sair daqui.

Sigo o Jordan em direção a sua sala junto com o advogado do Dom, fecho a porta num baque e jogo a minha bolsa em cima do sofá escuro que está no canto da sala.

— Tenta entender...

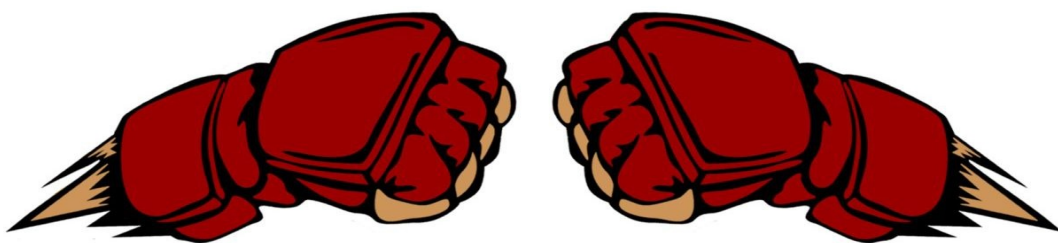
— Não! — Grito interrompendo o Jordan. — Eu preciso contar para ele que eu não acredito naquelas acusações e que ele é inocente.

— Ele não quer as suas visitas. — O advogado retorna a dizer.

— Eu não aceito isso.

Lágrimas pinicam os meus olhos, encaro o teto da sala e tento me acalmar. Eu estou sofrendo com tudo isso, mas eu sei exatamente o porquê do Dom não querer as minhas visitas.

Ele não quer que eu sinta pena ou qualquer coisa parecida, mas eu não sinto isso. Eu vou tentar tirar ele daqui e ele vai me agradecer muito em breve. Junto de agradecimentos terá um belo pedido de desculpas também.



CENA EXTRA

*Assim como fogo,
queimando o caminho
Se eu pudesse iluminar o
mundo por apenas um dia
Veja esta louca e colorida charada
Ninguém pode ser igual a mim
de qualquer forma
Assim como mágica, eu voarei livre
Pink — Just Like Fire*

Dominic

Julgamento - Em 2017...

Sete anos, onze meses e dezenove dias. Esse é o tempo que eu aguardei ansiosamente por este momento. O meu julgamento. Estou sentado ao lado do Austin em frente ao juiz, do outro lado tem os três advogados dos Lewis e atrás de nós a minha família.

Após esses anos todos separados deles, eu apenas olhei para cada um por alguns segundos e mandei um beijo para a minha irmã. Não queria que ela estivesse aqui, mas é teimosa. Ela está tão diferente, tão mulher e tão linda. Nesses anos que estou preso, sempre recebo suas cartas e respondo. A saudade sempre me acompanhando em cada letra lida e escrita naquelas cartas.

O juiz sempre está questionando os outros advogados porque da minha acusar e ainda mais, porque estão sem provas concretas. Austin está muito confiante que eu serei inocentado. Também estou confiante, mas preciso fincar os meus pés no chão antes de qualquer resultado.

— Vamos ser sinceros, eu não vejo nenhuma prova muito forte para essa acusação seguir adiante e muito menos o porquê do senhor Turner ter ficado tanto anos preso esperando o julgamento. — O juiz Hampton fala olhando demoradamente para os advogados dos Lewis. — Apenas duas *provas* do que o senhor Turner cometeu o assassinato de Margareth Lewis é o suficiente? Provas fracas. Um único vídeo do circuito de segurança do *Fight* e as digitais na arma do crime.

— Nós e o nosso cliente não tem duvidas sobre o verdadeiro assassino ter sido o senhor Turner. — O advogado de meia idade informa para o juiz. — Sabemos que são provas fracas, mas são únicas.

— A mesma ladainha de sempre. — Austin sussurra ao meu lado e se levanta. — Senhor juiz, ressalto. O meu cliente é inocente e essas provas são forjadas. Como um estabelecimento daquele porte não tem circuito interno de segurança e muito menos seguranças noturnos? Impossível. O meu cliente tem todo o perfil de inocente.

— Então porque a arma do crime tem as digitais do seu cliente? — O advogado mais jovem questiona o Austin.

— Pelo simples fato de que, a arma do crime era usada pelos lutadores e principalmente pelo meu cliente. Era uma faca que estava disponível ao alcance dele antes e depois de suas lutas.

— Eu já estou com a minha sentença decidida, mas o júri precisa se reunir e decidir. — O juiz informa chamando a atenção de todos. — Voltamos em uma

hora.

[...]

Bato os meus dedos descontroladamente em cima da mesa a minha frente e Austin me pede para ficar calmo pela milésima vez. Que demora! Não sei quando tempo exatamente já se passou, mas tenho quase certeza que faz mais de uma hora.

Todos aqui nesse tribunal estão aflitos pelo resultado, e a demora só nos deixa ainda mais nervosos. Levantamo-nos quando o júri volta para o seu lugar e em seguida o juiz. Deixo os meus braços em frente ao meu corpo e olho diretamente para o juiz aguardando a minha sentença.

— O júri já tomou a decisão? — O juiz questiona, um guarda pega o envelope das mãos de uma senhora do júri e leva até o juiz. Ele olha para o júri por alguns segundos, abre o envelope e lê. — Senhor Turner, o júri tomou a mesma decisão que eu. E eu tenho o prazer de decretar a sua inocência.

Ele bate o martelo anunciando a minha liberdade e eu fico estático. Austin bate em meu ombro comemorando a nossa vitória e eu apenas me contenho enquanto o juiz está aqui. Ele fala mais algumas coisas, mas não consigo prestar atenção, pois eu só tenho vontade de gritar aos quatro ventos que estou livre.

Eu estou livre!

O juiz se retira, me viro para aonde a minha família está e a minha irmã pula em meus braços. Que saudade dela. Infelizmente não vou poder ir para casa agora, tenho que voltar para o presídio pelo menos por hoje e somente amanhã eu vou poder ser considerado livre cem por cento.

Agradecimento

Tenho a agradecer primeiramente á Deus por me permitir há escrever mais uma história, por me possibilitar esse maravilhoso dom da escrita e sempre estar ao meu lado. Agradeço a cada um (a) de vocês que leram, por se apaixonaram e que amam o Dominic assim como eu.

Obrigada por cada palavra de incentivo que me falaram por mensagens, áudios e tudo mais. Fênix foi um livro muito gostoso de escrever e muito mágico, pois as palavras foram se encaixando sozinhas, as ideias e trechos se uniram de tal forma fazendo esse resultado maravilhoso.

Não posso me esquecer de agradecer a minha maravilhosa Júlia Cordeiro da Silva, minha amiga, leitora, beta e revisora que me ajudou muito enquanto desenvolvia essa bela história. Peço que continuem me acompanhando e acompanhando os outros livros da série que virão. Obrigada a todos.

Com muito amor,

Gislaine Souza

Playlist

Imagine Dragons – Believer
Demi Lovato — Stone Cold
Passenger — Let Her Go
Ariana Grande – Into You
Bruno Mars — Grenade
Rihanna — Love On The Brain
Charlie Brown Jr — Só Por Uma Noite
Jason Mraz — Love Someone
Sam Smith — Stay With
Calum Scott - You Are The Reason
Zayn Ft. Sia — Dusk till Dawn
Heathens — Twenty One Pilots
The Chainsmokers — Don't Let Me Down
Jason Mraz — I Won't Give Up
Imagine Dragons — Demons
Gnash — Lonely again
Pink — Just Like Fire

Próximo Livro

SÉRIE LUTADORES

ROUND

ELE A DESEJA DESDE SEMPRE. ELA NÃO QUER SE ENVOLVER
UM AMOR IMPOSSIVEL DE SER CONTROLADO

GISLAINE SOUZA

Sinopse

Penélope Turner é a princesinha que conquista a todos. Uma moça de vinte e seis anos, considerada a nova promessa no mundo do jornalismo, é focada em sua carreira e família.

Oliver Baker, é o rapaz mais bem humorado do grupo de 5 amigos, conhecidos como os 5M's. Um homem de vinte e oito anos, empresário do mundo da construção. Filho de pais que gostam de ter uma boa vida e que vivem as custas de outras pessoas, Tem duas irmãs mais novas que ainda são dependentes dele.

Penélope é uma moça intocável, mas Oliver não quis mais seguir essa regra após beijá-la sem querer durante uma festa. Após esse beijo proibido, o desejo se acende entre os dois e é quase impossível negar o que sentem um pelo o outro.

Ele a deseja desde sempre.

Ela não quer se envolver.

Um amor Impossível de ser controlado.

Table of Contents

<u>Índice</u>	
<u>Prefácio</u>	
<u>Prólogo</u>	
<u>Capítulo 1</u>	
<u>Capítulo 2</u>	
<u>Capítulo 3</u>	
<u>Capítulo 4</u>	
<u>Capítulo 5</u>	
<u>Capítulo 6</u>	
<u>Capítulo 7</u>	
<u>Capítulo 8</u>	
<u>Capítulo 9</u>	
<u>Capítulo 10</u>	
<u>Capítulo 11</u>	
<u>Capítulo 12</u>	
<u>Epílogo</u>	
<u>Cena Extra 1</u>	
<u>Cena Extra 2</u>	
<u>Cena Extra 3</u>	
<u>Agradecimento</u>	
<u>Playlist</u>	
<u>Próximo Livro</u>	